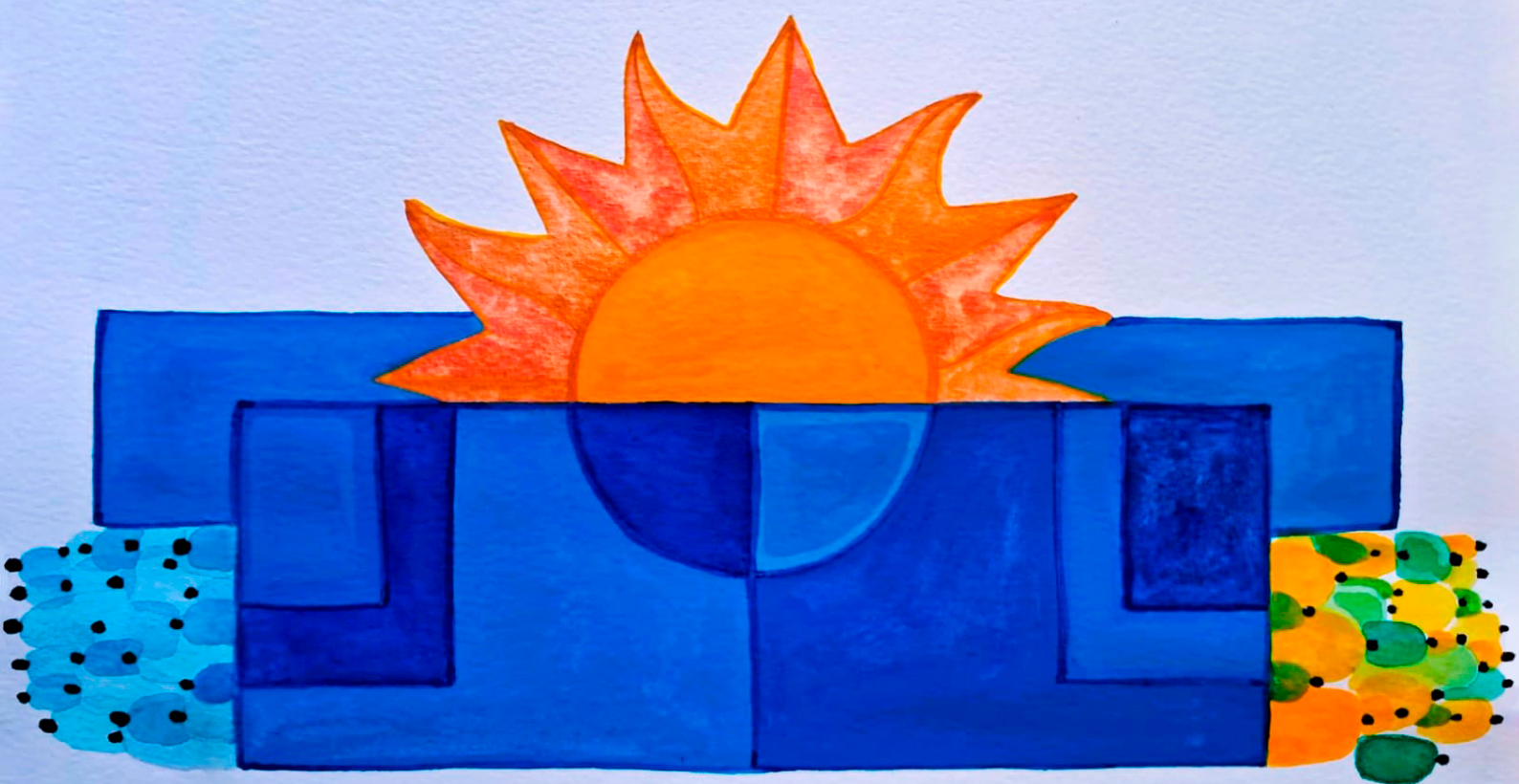


FUTEBOL: CULTURA, POLÍTICA E SOCIEDADE

Ciencias sociales y fútbol – intercambio y perspectivas sudamericanas

*Ciências sociais e futebol – intercâmbio
e perspectivas sulamericanas*

ORG. CARMEN RIAL, FÁBIO MACHADO PINTO, LIBER BENÍTEZ
E LUIZ CARLOS RIGO



ABA PUBLICAÇÕES

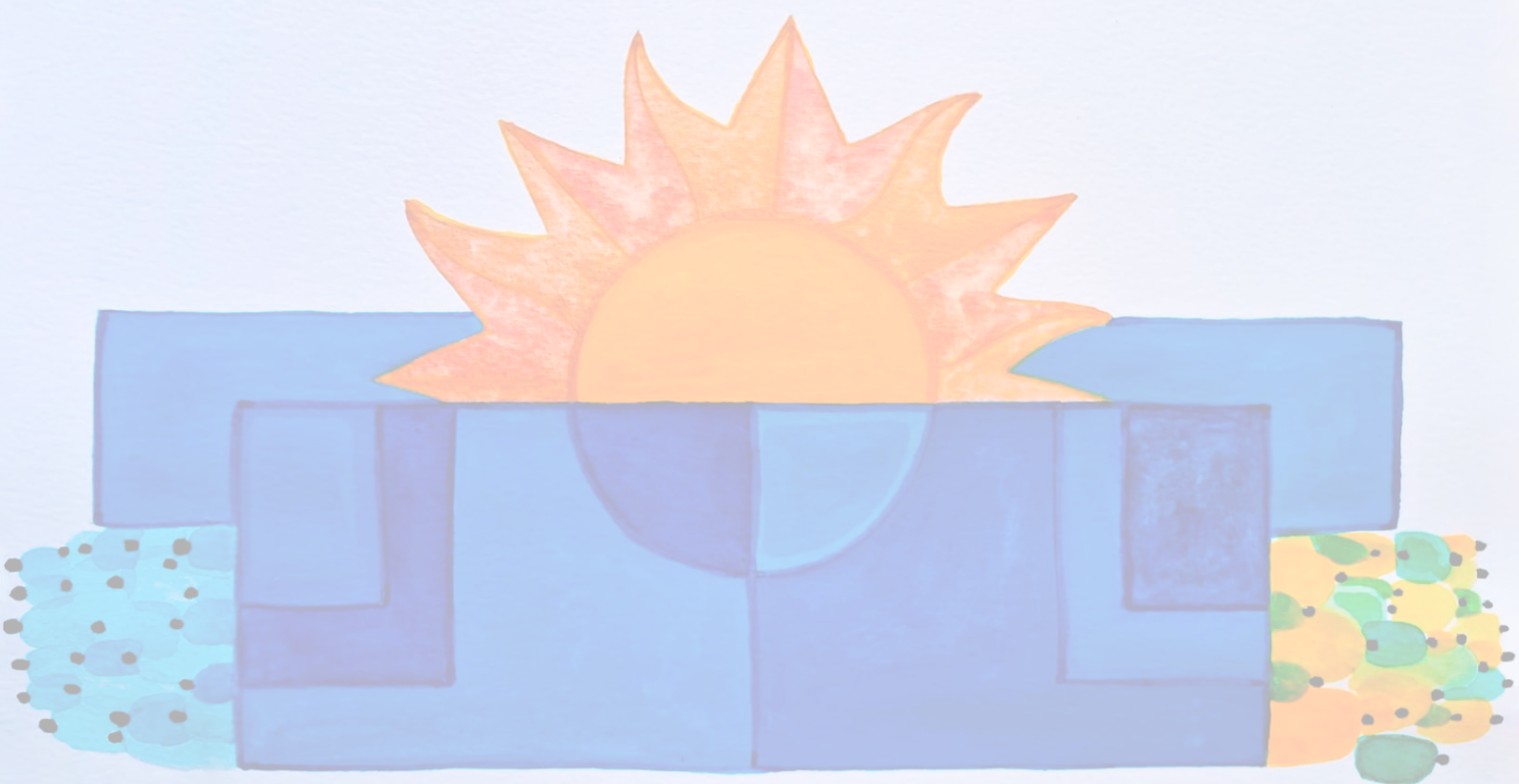


CNPq

Ciencias sociales y fútbol – intercambio y perspectivas sudamericanas

*Ciências sociais e futebol – intercâmbio
e perspectivas sulamericanas*

ORG. CARMEN RIAL, FÁBIO MACHADO PINTO, LIBER BENÍTEZ
E LUIZ CARLOS RIGO



**CONSELHO EDITORIAL DE LIVROS CIENTÍFICOS DA
ABA CELCA (GESTÃO 2023-2024)**

Coordenador

Carlos Alberto Steil (UFRGS, Unicamp)

Vice-Coordenadora

Tânia Welter (Instituto Egon Schaden)

Integrantes

Edimilson Rodrigues (FAMES)

Eva Lenita Scheliga (UFPR)

Marcelo Moura Mello (UFBA)

Martina Ahlert (UFMA)

Nathanael Araújo de Silva (Unicamp)

Conselho Editorial

Andrea Zhouri (UFMG)

Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp)

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)

Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)

Cynthia Andersen Sarti (Unifesp)

Fabio Mura (UFPA)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPE)

Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)

María Gabriela Lugones (Córdoba/Argentina)

Maristela de Paula Andrade (UFMA)

Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPA)

Patrícia Melo Sampaio (UFAM)

Ruben George Oliven (UFRGS)

Wilson Trajano Filho (UnB)

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
DIRETORIA (GESTÃO 2023-2024)**

Presidenta

Andréa Luisa Zhouri Laschefski (UFMG)

Vice-Presidenta

Sônia Maria Simões Barbosa Magalhães
Santos (UFPA)

Secretária Geral

Deborah Bronz (UFF)

Secretária Adjunta

Alexandra Barbosa da Silva (UFPA)

Tesoureiro Geral

Guilherme José da Silva e Sá (UnB)

Tesoureiro Adjunto

Gilson José Rodrigues Junior (IFRN)

Diretores

Flávia Melo da Cunha (UFAM)

Osmundo Santos de Araújo Pinho (UFRB)

Tonico Benites (CEFPI-MS)

Denise Fagundes Jardim (UFRGS)

COMITÊ EDITORIAL INCT FUTEBOL

Carmen Rial (UFSC)

Caroline Soares De Almeida (UFPE)

Cristhian Caje Rodriguez (VU/Países Baixos)

Fábio Machado Pinto (UFPE)

Lia Ferrero (UBA/Argentina)

Luiz Carlos Rigo (UFPE)

Mariane Pisani (UFPI)

Rubens George Oliven (UFRGS)

Vanrochris Vieira (UFMG/UFSC)

INTERNATIONAL ADVISORY COMMITTEE

Pablo Alabarces (UBA/Argentina)

Lia Ferrero (UNLP)

Veronica Moreira (UBA/Argentina)

Igor Martinache (UPN/ França)

Jean-Michel De Waele (ULB/Bélgica)

Francisco Manuel de Jesus Pinheiro (UC/Portugal)

Roger Magazine (IBERO/México)

Richard Giulianotti (LU/Reino Unido)

EXPEDIENTE

Projeto Editorial: INCT Futebol | **Coordenação:**

Fábio Machado Pinto | **Edição:** Pedro Haase Filho

| **Design Gráfico:** Manoela Haase | **Revisão:** Iria

Pedrazzi e Chuchi Silva | **Tradução do Francês:**

Júlia da Rosa Simões

PRODUÇÃO EXECUTIVA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciencias sociales y fútbol : intercambio y perspectivas
Sudamericanas = Ciências sociais e futebol :
intercâmbio e perspectivas Sulamericanas / org.
Carmen Rial [et al.]. – Brasília : ABA
Publicações, 2025.

369 p. : il. color. ; 21 x 29 cm. – (Futebol :
cultura, política e sociedade)

Obra bilingue em espanhol e português.

Disponibilizado, também, em formato digital.

ISBN: 978-65-87289-49-6

ISBN: 978-65-87289-48-9 (PDF)

ISBN: 978-65-87289-50-2 (EPUB)

DOI: 10.48006/978-65-87289-48-9 (PDF)

DOI: 10.48006/978-65-87289-50-2 (EPUB)

1. Ciências sociais – América do Sul. 2. Futebol
– América do Sul. 3. Cultura. 4. Sociedade. I.
Ciências sociais e futebol : intercâmbio e perspectivas
Sulamericanas. II. Rial, Carmen.

CDU 316:796.334(8)

Futebol: Cultura, Política e Sociedade

Em novembro de 2024, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) propôs à Associação Brasileira de Antropologia (ABA) a publicação da série *Futebol: Cultura, Política e Sociedade*. A proposta aprovada, com selo ABA, vai ao encontro da sua política editorial de apresentar livros temáticos, de caráter teórico e etnográfico, que resultam de projetos de pesquisa, de teses e dissertações, de redes de pesquisa, de eventos científicos, como os organizados pelo INCT Futebol, bem como de outros projetos de pesquisas e atividades do instituto, financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). As temáticas dos livros têm origem nos estudos e debates das quatro linhas de pesquisa do instituto: futebol de mulheres, de indígenas, paralímpico e LGBTQIAPN+; clubes, formação, carreira e migração de futebolistas; futebol de várzea e comunitário; e mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol.

A coordenação executiva deste projeto é da professora doutora Carmen Silva de Moraes Rial, membro da ABA e coordenadora do INCT Futebol, em colaboração com os pesquisadores Fábio Machado

Pinto (UFPel) e Caroline Soares de Almeida (UFPE). Fazem parte do Comitê Editorial pesquisadores de diversas universidades brasileiras e do exterior. A série tem como objetivo promover a reflexão sobre os estudos, abordagens e experiências de pesquisa e extensão universitária no campo das ciências sociais sobre futebol no Brasil e exterior.

A promoção do debate entre perspectivas de investigação interdisciplinares, a internacionalização dos estudos sobre o futebol e a formação de pesquisadores estão entre os nossos desafios. O futebol é tomado como objeto de estudo e reflexão em diferentes países e culturas, abordagens e disciplinas, um fenômeno que nos permite melhor compreender o mundo atual e suas impactantes transformações econômicas, políticas, sociais e culturais. A série pretende alcançar cursos de pós-graduação, graduação, bem como pesquisadores e estudiosos do tema, influenciar políticas esportivas e culturais, propor e promover avanços para o futebol em suas diferentes possibilidades.

Sumário

07 Apresentação

17 Presentación

28 Prefácio

PARTE I

48 O futebol no campo das ciências humanas e sociais

49 La importancia de estudiar la Historia del Fútbol en Uruguay:
de las crónicas iniciales a los abordajes historiográficos
Capítulo 1 | Arnaldo Gomensoro e Gastón Laborido

76 Futebol português, uma historiografia
Capítulo 2 | Francisco Pinheiro

105 El Fútbol uruguayo en el campo de los estudios sociales y
culturales: revisión de las producciones académicas
Capítulo 3 | Liber Benítez e Diego Alsina

139 Futebol nas Humanidades: trajetória, corpos, abordagens
Capítulo 4 | Alexandre Fernandez Vaz

PARTE II

168 Atos subversivos: enfrentamentos dentro e fora do campo de futebol

169 Futebol e política: uma relação realmente fora do jogo?
Capítulo 5 | Igor Martinache

198 O Futebol entre Brasil e Uruguai: a formação e a pesquisa na periferia do futebol

Capítulo 6 | Fábio Machado Pinto, Ari Lazzarotti Filho e Gabriel de Leão Caldart

234 La Nuestra Fútbol Feminista: colectivo por la equidad en el deporte

Capítulo 7 | Verónica Moreira

259 Um futebol persistente: notas sobre o futebol de lazer no Brasil e no Uruguai – de São José do Norte e de Rivera

Capítulo 8 | Luiz Carlos Rigo, Leonardo Costa da Cunha e Luciano Jahnecka

284 Afonsinho: um craque em vários campos

Capítulo 9/Entrevista | Alvaro Vicente Cabo

PARTE III

304 Gênero e futebol de mulheres

305 Mulheres e futebol no Brasil: invisibilidades e resistências históricas

Capítulo 10 | Caroline Soares de Almeida

326 Picaditos Etnográficos para reflexionar: disputas y conciliaciones en el fútbol femenino en Uruguay

Capítulo 11 | María Pía Echenique Marrero e Martina Pastorino Barcia

351 Futebol, gênero e resistência: apontamentos desde Brasil e Uruguai

Posfácio | Mariane da Silva Pisani

360 Os autores

Apresentação

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Fábio Machado Pinto

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Liber Benítez

Universidad de la República, Uruguay

Luiz Carlos Rigo

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

O Uruguai foi o país escolhido pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) para sediar seu primeiro colóquio internacional, em outubro de 2024. Brasil e Uruguai fazem fronteira entre si, ao sul da América Latina, e têm em comum uma história de identidade cultural e de paixão pelo futebol. O esporte bretão, que surgiu em meados do século XIX, encontrou nestes países um lugar de destaque, assimilando as características culturais, miscigenadas, e, ao mesmo tempo, contribuindo em atividades sociais e de lazer, desde as elites alcançando às camadas populares. Também, teve impacto no âmbito econômico e político dos dois países, seja como um instrumento para anestesiar as massas em regimes ditatoriais ou ávidos em promover desigualdades, seja como um meio de mobilizar as classes trabalhadoras no processo de resistência em sua luta eterna por mudanças sociais e melhores condições de vida.

O futebol tem sido considerado, na literatura, um “fato social total”, tal como a dádiva, segundo Marcel Mauss, um fenômeno universal-singular que revela as estruturas profundas das nossas sociedades. O INCT Futebol surgiu da necessidade de se adensar os estudos e ampliar as redes de pesquisa sobre esse esporte, no Brasil e no mundo, tomando-o como objeto de estudo, de reflexão e de produção de conhecimento.

Este é o primeiro livro da série *Futebol: Cultura, Política e Sociedade*, com selo da Associação Brasileira de Antropologia, e resulta das apresentações e dos debates ocorridos no *I Coloquio Internacional Ciencias Sociales y Fútbol - Intercambio y Perspectivas Sudamericanas*, evento realizado em Montevideu, de 12 a 14/10/2024, organizado pelo INCT Futebol, com participação de inúmeras entidades do Brasil e do Uruguai. A comissão organizadora foi dirigida pela coordenadora do instituto, a professora Carmen Rial, da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, e composta pelos professores Fábio Machado Pinto e Luiz Carlos Rigo, da Universidade Federal de Pelotas, Brasil; e pelos professores Liber Benítez, Rodrigo Piriz e Luciano Jahnekca, da Universidad de la República, Uruguay.

O livro pretende promover a socialização de estudos, pesquisas e atividades de extensão universitária no campo das ciências sociais sobre o futebol na América do Sul e na Europa. Bem como, busca ampliar o debate entre perspectivas de investigação interdisciplinares que visa fomentar e estreitar as relações entre pesquisadores e grupos de pesquisa sobre futebol na América Latina. No primeiro momento, realizamos um evento com duas conferências, quatro mesas-redon-

das, visitação ao Estádio Centenário e ao seu Museu do Futebol, lançamento de três livros sobre futebol, atividades esportivas e culturais no Estádio Martínez Monegal, em Canelones, no âmbito do projeto Inter-Periferias do Futebol, além da oportunidade de assistir e contemplar o jogo entre Uruguai e Equador pelas eliminatórias da Copa do Mundo. Foram inúmeras as resenhas compartilhadas com camaradas do Uruguai, do Brasil, da Argentina, da Colômbia, da França, de Portugal, da Holanda e de outros países, em encontros que ocorreram após cada atividade, em ambientes diversos, envolvidos por uma atmosfera futebolística uruguaia, e que enriqueceram nosso repertório, ampliaram nossa visão do jogo e da pesquisa sobre o futebol, promovendo a integração e a aproximação entre pesquisadores e outros interessados no esporte mais popular do mundo.

Fizeram parte deste esforço coletivo: o INCT Futebol, que financiou o evento; o Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Ciências Humanas, PPGICH/UFSC – Brasil; o Programa de Pós-Graduação em Educação Física, PPGEF/UFPel – Brasil; o *Instituto Superior de Educación Física*, ISEF/Udelar – Uruguay; o *Grupo de Estudios Sociales y Culturales sobre Deporte*, ISEF/Udelar – Uruguay; o *Grupo de Estudios Culturales y Sociales sobre el Juego y lo Lúdico*, ISEF/Udelar – Uruguay; o *Grupo de Estudios de Fútbol del Uruguay*, GREFU/FHCE/Udelar – Uruguay; o *Laboratorio interdisciplinario para estudios sobre prácticas corporales, recreativas, deportivas, ambientales y alimentarias*, LINTER/CENUR/Udelar – Uruguay; o Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem, NAVI/UFSC – Brasil; a *Mutual Uruguaya de Futbolistas Profesionales*

(MUFP); *la administración municipal del Estadio Martínez Monegal (Canelones)*; *la administración del Museo del Fútbol y del Estadio Centenario e a Liga Master de Canelones*. O evento contou com a participação de pesquisadores e de estudantes em atividades como a organização, a mediação de mesas-redondas, as conferências, as exposições, os lançamentos de livros, entre outros. Destacamos a presença virtual de Afonsinho – Afonso Celso Garcia Reis, RJ, Brasil, ex-jogador profissional –, além do comparecimento dos pesquisadores: Arnaldo Gomensoro (*Universidad de la República, Uruguay*), Alexandre Fernandez Vaz (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil), Alvaro Vicente Cabo (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil), Ari Lazzarotti Filho (Universidade Federal de Goiás, Brasil), Caroline Soares de Almeida (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil), Diego Alsina (*Universidad de la República, Uruguay*), Dirnei Bonow (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Brasil), Francisco Manoel de Jesus Pinheiro (*Universidade de Coimbra, Portugal*), Gabriel de Leão Caldart (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil), Gastón Laborido (*Universidad de la República, Uruguay*), Igor Martinache (*Université Nanterre, França*), Leonardo Costa da Cunha (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Brasil), Mariane da Silva Pisani (Universidade Federal do Piauí, Brasil), Martina Pastorino Barcia (*Universidad de la República, Uruguay*), Niko Besnier (*La Trobe University Melbourne, Austrália*), María Pía Echenique Marrero (*Universidad de la República, Uruguay*), Suzana Rostognol (*Universidad de la República, Uruguay*) e Verónica Moreira (*Universidad de Buenos Aires, Argentina*).

Este livro é composto por capítulos que resultam destas atividades e expressam o conteúdo das apresentações e dos debates que tiveram lugar neste contexto de produção acadêmica. Os primeiros quatro capítulos promovem diversas reflexões em torno das produções acadêmicas, interdisciplinares, no campo das ciências humanas e sociais, sobre futebol, cultura, sociedade e política, em três países que participaram do colóquio, nomeadamente, Uruguai, Brasil e Portugal. No primeiro capítulo, os historiadores Arnaldo Gomensoro e Gastón Laborido apresentam *La importancia de estudiar la Historia del Fútbol en Uruguay: de las crónicas iniciales a los abordajes historiográficos*. Discutem aspectos da chegada do futebol no Uruguai na segunda metade do século XIX, junto com as coletividades de comerciantes ingleses, que introduziram e mantiveram a sua prática até o esporte ser popularizado no território nacional. Assim como no Brasil, tornou-se um fenômeno de grande relevância para a sociedade uruguaia, articulando-se a outras esferas da vida cotidiana. Esta breve apresentação sobre a história do futebol uruguaio, suas principais etapas e sucessos significativos, também, analisou a importância deste esporte ser estudado.

O historiador português Francisco Pinheiro, no segundo capítulo, discorre sobre *Futebol português, uma historiografia*. O texto oferece um panorama das pesquisas e das obras mais importantes relacionadas à história do futebol em Portugal. Trata-se de uma reflexão historiográfica, tomando o tema do futebol como um elemento central da cultura popular portuguesa. Sua análise abordou desde obras generalistas até as mais restritas, como

biografias e autobiografias, ou histórias de clubes e de instituições, por exemplo. Parte dos estudos apresentados utilizam fontes primárias e secundárias para “fazer história do futebol” em Portugal, correlacionando questões e espaços de investigação, especialmente, bibliotecas e arquivos.

Liber Nicolás Benítez González e Diego Alsina, no terceiro capítulo, apresentam *El Fútbol uruguayo en el campo de los estudios sociales y culturales: revisión de las producciones académicas*, uma revisão bibliográfica de 330 estudos e pesquisas, sendo 150 deles trabalhos de conclusão da graduação, e outros 13 dissertações de mestrado. A origem do futebol no Uruguai é mais antiga do que no Brasil, já a produção acadêmica de estudos sociais e culturais é recente no país vizinho, em que pese a grande preocupação do estado em tratar do fenômeno esportivo, que ganhou destaque ao sediar a primeira Copa do Mundo, vencida pelo próprio Uruguai. O desenvolvimento incipiente dos estudos configura-se num desafio a ser superado, que exige maior organização e sistematização da criação de grupos de estudos e pesquisas sobre o tema, como exemplo o *Grupo de Estudios del Fútbol Uruguayo* (GREFU-Udelar).

O pesquisador Alexandre Vaz analisa o *Futebol nas Humanidades: trajetória, corpos, abordagens*, no quarto capítulo, e trata de aspectos relacionados às abordagens, corpos e ficções. O olhar de Vaz detém-se no campo da literatura de ficção e do cinema, como possíveis fontes de pesquisa no âmbito das ciências humanas, na busca de maior adensamento e de um posicionamento mais sólido nas diferentes disciplinas do conhecimento, embora considere que os estudos

sejam interdisciplinares. No texto de Vaz, ganha destaque a atenção dada aos corpos dos atletas como veículos de alto rendimento, como oportunidade de redescobrir o jogo.

Do quinto ao nono capítulo, estão reunidos textos que refletem os diversos temas tratados na mesa *Atos subversivos: enfrentamentos dentro e fora do campo de futebol*. O sociólogo francês Igor Martinache apresenta *Futebol e política: uma relação realmente fora do jogo?*, no quinto capítulo, que nos oferece uma reflexão sobre os pontos de intersecção entre o futebol e a política, com influências recíprocas, circulação de agentes e representações. Utiliza diversos exemplos que comprovam a transgressão da fronteira Futebol e Política, e posiciona-se a favor da importância de considerar o futebol como espaço político, por meio do estudo das suas intersecções na prática e dos efeitos recíprocos que cada um tem sobre o outro. No sexto capítulo, os pesquisadores Fábio Machado Pinto, Ari Lazzarotti Filho e o mestrando Gabriel de Leão Caldart analisam o Projeto InterPeriferias do Futebol, que teve seu XIII intercâmbio realizado, simultaneamente, ao *I Coloquio Internacional Ciencias Sociales y Fútbol*, organizado pelo INCT Futebol. Este ensaio, *O futebol entre Brasil e Uruguai: a formação e a pesquisa na periferia do futebol*, problematiza as relações entre a pesquisa e o jogo, o pesquisador e o jogar, tomando as atividades do projeto como um laboratório de formação e de pesquisa, cenário em que pesquisador e pesquisados interagem em relações que buscam preservar a alteridade e promover reciprocidades.

A antropóloga argentina Verónica Moreira analisa a equidade no esporte por meio do estudo *La Nuestra Fútbol Feminista*, for-

mado por crianças, jovens, mulheres e pessoas LGBTQI+ que praticam e ensinam futebol em Buenos Aires. O sétimo capítulo expõe os diversos desafios relacionados ao futebol feminista, comunitário e vileiro, bem como a formação do sentido que atravessa sua identidade. Os pesquisadores Luiz Carlos Rigo, Leonardo Costa da Cunha e Luciano Jahnecka, no oitavo capítulo, *Um futebol persistente: em notas sobre o futebol de lazer no Brasil e no Uruguai – de São José do Norte e de Rivera*, apresentam e comparam as reconfigurações do futebol na fronteira entre Brasil e Uruguai. Finalmente, Alvaro Cabo conduz e comenta a entrevista *Afonsinho: um craque em vários campos*. Em diálogo com o jogador, discute aspectos da sua história e suas contribuições ao esporte, que mudaram a história do futebol brasileiro e a sua legislação.

Nos décimo e décimo primeiro capítulos, as pesquisadoras Caroline Soares de Almeida, Martina Pastorino Barcia e María Pía Echenique Marrero trazem o tema *Gênero e Futebol de Mulheres*. No posfácio, textos e reflexões são comentados pela antropóloga Mariane Pisani. A antropóloga Caroline Almeida traz um estudo em andamento e problematiza o que denomina “gênero da bola”, conceito emprestado de Pisani. A apresentação *Mulheres e futebol no Brasil: invisibilidades e resistências históricas* promove a reflexão sobre a participação das mulheres no futebol brasileiro ao longo do século XX, com destaque para os desafios de pesquisar fontes históricas em um campo de disputa que é, hegemonicamente, dominado por homens. Já são mais de 40 anos de regulamentação do futebol feminino e mais de 80 anos desde que ele esteve proibido em solo nacional, mas

a violência contra as mulheres ainda permanece. Elas são as menos escutadas, recebem menos, sofrem agressões durante as transmissões, diariamente, são vítimas de ataques diversos.

O décimo primeiro capítulo, intitulado *Picaditos Etnográficos para reflexionar: disputas y conciliaciones en el fútbol femenino en Uruguay*, analisa narrativas sobre o futebol uruguaio que contribuíram para que o campo fosse reservado às masculinidades hegemônicas, produtor de dinâmicas excludentes sobretudo em relação à participação das mulheres. As autoras, María Pía e Martina, apresentam algumas reflexões sobre possíveis relações entre futebol e feminismo a partir das teorias feministas e de gênero. *Picaditos etnográficos* é uma experiência de extensão universitária sobre futebol e mulheres no Uruguai e consiste em um *Espacio de Formación Integral* (EFI), pertencente ao grupo de *Estudios Sociales y Culturales sobre Deporte* (GESOCUDE) do *Instituto Superior de Educación Física* (ISEF) criado em 2019, diante do crescimento do futebol feminino no Uruguai e no mundo. As autoras denunciam a escassa produção sobre esse esporte quando praticado por mulheres no Uruguai. O projeto busca dar maior visibilidade e produzir narrativas das próprias protagonistas do futebol. Martina e Pía questionam como o feminismo pode contribuir com o futebol, nas formas de projetar o mundo, de organizar, coletivamente, as mulheres.

O comentário de Mariane Pisani contribui com o debate ao problematizar as apresentações das pesquisadoras brasileiras e uruguaias, bem como analisar as diferentes violências de gênero que derivam das práticas masculinizadas, resultantes de uma sociedade que mantém e reproduz as estruturas masculinas por meio das relações

sociais e institucionais. Pisani traz uma reflexão sobre a importância de pensar o gênero no futebol, não como um detalhe, nem um tema periférico, mas como um eixo central para compreender as disputas contemporâneas por reconhecimento, autonomia e justiça social. Ao mesmo tempo, confirma a inspiração que pesquisadoras(es), militantes, atletas e docentes continuam a despertar, construindo pontes entre campos que, historicamente, foram mantidos separados: futebol e mulheres. Também destaca a mercantilização do esporte, especialmente, do futebol, ao mesmo tempo que indaga: é possível uma profissionalização que não seja mercantilizada? Como equacionar mercantilismo e feminismo? É possível criar um futebol de mulheres que não seja a cópia do de homens? É possível jogar com técnicas que não sejam masculinizadas? Existe algo que seja particularmente feminino? É futebol... E reformula a questão, o que o futebol feminino pode aportar ao feminismo?

O *Coloquio Internacional Ciencias Sociales y Fútbol*, em Montevideu, contou com uma diversidade de atividades que reuniu pesquisadores, estudantes, participantes de projetos de extensão e interessados no tema do futebol. O evento promoveu o debate no campo das ciências sociais sobre futebol na América do Sul e na Europa, mas também proporcionou aos participantes uma imersão na cultura futebolística uruguaia, inovando no estilo e forma de se fomentar o intercâmbio científico/acadêmico. Um agradecimento especial ao CNPq, pelo apoio, pelo financiamento do evento e desta publicação, assim como aos pesquisadores que se reuniram para apresentar e debater seus estudos, estreitar as relações e compor uma rede de pesquisa latino-americana de estudos sobre o futebol.

Presentación

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Fábio Machado Pinto

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Liber Benítez

Universidad de la República, Uruguay

Luiz Carlos Rigo

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Uruguay fue el país elegido por el Instituto Nacional de Ciencia y Tecnología de Estudios del fútbol brasileiro (INCT Futebol) como sede de su primer Coloquio Internacional realizado en octubre de 2024. Brasil y Uruguay son dos países que mantienen frontera al sur de América Latina y tienen una historia de identidad cultural y la pasión por el fútbol en común. Este deporte de origen británico encontró en estos dos países un lugar de destaque, que a la vez asimiló sus características culturales misóginas. Primero se fue consolidando como actividad social y de ocio de las elites y llegando más tarde a las clases populares. El fútbol también impacta el ámbito económico y político de los dos países, ya sea como instrumento para anestesiar a las masas en regímenes dictatoriales o ávidos por fomentar desigualdades, o como un medio para movilizar la resistencia de las clases trabajadoras en su lucha eterna por cambios sociales y mejorías en sus condiciones de vida.

El fútbol ha sido considerado en la literatura académica como un “hecho social total”, tal como se presenta en Marcel Mauss, un fenómeno universal singular que revela las estructuras profundas de nuestras sociedades. El INCT Futebol surgió de la necesidad de ahondar en los estudios y las redes de investigación y producción de conocimiento sobre el fútbol en Brasil y en el mundo, reconociéndolo como objeto de estudio, reflexión y producción de conocimiento.

Este es el primer libro de la serie *Fútbol: Cultura, Política y Sociedad*, con el sello de la Associação Brasileira de Antropologia y es el resultado de presentaciones y debates ocurridos en el *I Coloquio Internacional Ciencias Sociales y Fútbol - Intercambio y Perspectivas Sudamericanas*. Evento realizado en Montevideo, del 12 al 14 de octubre, organizado por INCT Futebol y el Instituto Superior de Educación Física (Udelar), con participación de diversas entidades de Brasil y Uruguay. La comisión organizadora fue dirigida por la coordinadora del instituto, la Profesora Carmen Rial de la Universidad Federal de Santa Catarina y estuvo compuesta por los profesores Fabio Machado Pinto y Luis Carlos Rigo de la Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Brasil; y los profesores Liber Benítez, Rodrigo Píriz y Luciano Jahnekca de la Universidad de la República, de Uruguay.

El libro busca promover la socialización de estudios, investigaciones y actividades de extensión universitaria en el campo de las Ciencias Sociales sobre el Fútbol en América del Sur y Europa, y ampliar así el debate entre perspectivas de investigación interdisciplinaria, con vistas a fomentar y estrechar relaciones

entre investigadores y grupos de investigación sobre fútbol en América Latina. En un primer momento se realizó un evento con dos conferencias centrales, cuatro mesas redondas, y contó con la visita al Estadio Centenario (Montevideo, Uruguay) y a su Museo del Fútbol. Se realizó el lanzamiento de tres libros sobre fútbol, así como actividades deportivas y culturales en el Estadio Martínez Monegal (Canelones, Uruguay) en el marco del proyecto InterPeriferias do Futebol, y algunos participantes pudieron participar en el partido entre Uruguay y Ecuador en el contexto de las eliminatorias de la Copa Mundial. Se compartieron diversas reseñas con colegas de Uruguay, Brasil, Argentina, Colombia, Francia, Portugal, Holanda y otros países en encuentros que ocurrieron después de cada actividad, en varios ambientes y en una atmósfera futbolística uruguaya que enriquecieron nuestro repertorio, ampliaron nuestra visión del deporte y la investigación sobre fútbol. Todo esto promovió la integración y la aproximación de investigadores, deportistas y practicantes de uno de los deportes más populares del mundo.

Formaron parte de este esfuerzo colectivo, el INCT Futebol, que financió el evento, el *Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Ciências Humanas*, PPGICH/UFSC – Brasil, el Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Educação Física, PPGEF/UFPel – Brasil, el Instituto Superior de Educación Física, ISEF/Udelar – Uruguay, el Grupo de Estudios Sociales y Culturales sobre Deporte, ISEF/Udelar – Uruguay, el Grupo de Estudios Culturales y Sociales sobre el Juego y lo Lúdico, ISEF/Udelar – Uruguay, el Grupo de Estudios de Fútbol del Uruguay, GREFU/FHCE/

Udelar – Uruguay, el Laboratorio interdisciplinario para estudios sobre prácticas corporales, recreativas, deportivas, ambientales y alimentarias, LINTER/CENUR/Udelar – Uruguay, el *Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem*, NAVI/UFSC – Brasil, la Mutual Uruguaya de Futbolistas Profesionales (MUFP), la administración municipal del Estadio Martínez Monegal (Canelones), la administración del Museo del Fútbol y del Estadio Centenario y la Liga Master de Canelones. Participaron estudiantes e investigadores involucrándose en diferentes actividades organizativas tales como, coordinación de mesas redondas, conferencias, exposiciones, lanzamiento de libros, entre otros. Destacamos la presencia virtual de Afonsinho – Afonso Celso Garcia Reis, RJ, Brasil, exjugador profesional, Arnaldo Gomensoro (Universidad de la República de Uruguay, Uruguay), Alexandre Fernandez Vaz (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil), Alvaro Vicente Cabo (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil), Ari Lazzarotti Filho (Universidade Federal de Goiás, Brasil), Caroline Soares de Almeida (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil), Diego Alsina (Universidad de la República de Uruguay, Uruguay), Dirnei Bonow (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Brasil), Francisco Manoel de Jesus Pinheiro (Universidade de Coimbra, Portugal), Gabriel de Leão Caldart (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil), Gastón Laborido (Universidad de la República de Uruguay, Uruguay), Igor Martinache (Université Nanterre, França), Leonardo Costa da Cunha (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Brasil), Mariane da Silva Pisani

(Universidade Federal do Piauí, Brasil), Martina Pastorino Barcia (Universidad de la República do Uruguay, Uruguay), Niko Besnier (La Trobe University Melbourne, Australia), María Pía Echenique Marrero (Universidad de la República de Uruguay, Uruguay), Susana Rostognol (Universidad de la República de Uruguay, Uruguay) y Verónica Moreira (Universidad de Buenos Aires, Conicet, Argentina).

Este libro está compuesto por capítulos que fueron el resultado de esas actividades y expresan el contenido de las presentaciones y debates que tuvieron lugar en ese contexto de producción académica. Los primeros cuatro capítulos promueven diversas reflexiones alrededor de las producciones académicas interdisciplinarias en el campo de las ciencias humanas y sociales sobre fútbol, cultura, sociedad y política en tres de los países que participaron en el coloquio: Uruguay, Brasil y Portugal. En el primer capítulo, los historiadores Arnaldo Gomensoro y Gastón Laborido presentan *La importancia de estudiar la Historia del Fútbol en Uruguay: de las crónicas iniciales a los abordajes historiográficos*. En este texto se discuten aspectos de cómo llegó el fútbol a Uruguay en la segunda mitad del siglo XIX, por medio de colectividades de comerciantes ingleses que introdujeron y mantuvieron la práctica de este deporte hasta que se popularizó en el territorio nacional. Así como sucedió en Brasil, se volvió un fenómeno de gran relevancia para la sociedad uruguaya, articulándose también en varias esferas de la vida cotidiana. Esta breve presentación sobre la historia del fútbol uruguayo, analiza las principales etapas y los hechos significativos, así como también reflexiona sobre la importancia de sus estudios.

En el segundo capítulo, el historiador portugués Francisco Pinheiro nos ofrece *Futebol português: uma historiografia*, texto que presenta un panorama sobre las investigaciones y obras más importantes relacionadas a la historia del fútbol en Portugal. Se trata de una reflexión historiográfica, tomando el tema del fútbol como un elemento central de la cultura popular portuguesa. Su análisis abordó desde las obras generalistas hasta las más restrictas, como biografías o autobiografías, o la historia de clubes e instituciones. Parte de los estudios presentados abordan el fenómeno utilizando fuentes primarias y secundarias para “hacer historia del fútbol en Portugal”, correlacionando, a su vez, aspectos y espacios de investigación, especialmente bibliotecas y archivos.

En el tercer capítulo, Liber Benítez y Diego Alsina presentan *El Fútbol uruguayo en el campo de los estudios sociales y culturales: revisión de las producciones académicas*, una revisión bibliográfica de 330 estudios e investigaciones entre los que constan 150 trabajos de fin de grado y 13 tesis de maestría. El origen del fútbol en Uruguay es más antiguo que en Brasil, sin embargo, la producción académica de estudios sociales y culturales a su respecto es reciente, incluso con la preocupación del Estado en abordar el fenómeno deportivo que fue destaque sede de la primera Copa Mundial, vencida por el mismo seleccionado uruguayo. El desarrollo incipiente de los estudios se configura como un desafío a ser superado, lo que exige una mayor organización y sistematización. La creación de grupos de estudios y de investigación sobre el tema se presenta como una vía, algo que ha iniciado el Grupo de Estudios del Fútbol Uruguayo (GREFU-Udelar). El trabajo ordena en categorías la producción recuperada.

El investigador Alexandre Vaz, analiza *el Futebol nas Humanidades* y toca los aspectos relacionados a abordajes, cuerpos, ficciones. La mirada de Vaz, trabajando en la interdisciplinariedad de los estudios sobre fútbol, se concentra en el campo de la literatura de ficción y el cine como posibles fuentes de investigación en el ámbito de las Ciencias Humanas, buscando una mayor densidad y una postura más sólida en las diferentes áreas del conocimiento. En el texto se destaca la atención que se les da a los cuerpos de los atletas como vehículos del alto rendimiento, al tiempo que se propone como oportunidad de redescubrir el juego.

Del quinto al noveno capítulo reunimos textos que presentan los diversos temas tratados en la mesa de trabajos académicos *Actos subversivos: enfrentamientos en el campo de fútbol*. El sociólogo francés Igor Martinache, presenta el trabajo denominado *Futebol e política: uma relação realmente fora do jogo?*, en el que ofrece una reflexión sobre los puntos de intersección entre el fútbol y la política, sus influencias recíprocas y la circulación de agentes y representaciones. Utiliza diversos ejemplos que comprueban la transgresión de fronteras entre fútbol y política y se posiciona a favor de la importancia de considerar el fútbol como espacio político, a partir del estudio de sus intersecciones en la práctica y sus efectos recíprocos. En el sexto capítulo, los investigadores Fabio Machado Pinto, Ari Lazzarotti Filho y el maestrando Gabriel de Leão Caldart, analizan el *Projeto InterPeriferias do Futebol* en su XIII intercambio realizado simultáneamente al *I Coloquio Internacional Ciencias Sociales y Fútbol*, organizado por el INCT Futebol. Este ensayo sobre fútbol, la

formación y la investigación de y en la periferia del fútbol, busca problematizar las relaciones entre la investigación y este deporte o del investigador y la práctica de este deporte, tomando las actividades del proyecto como un laboratorio de formación e investigación. Escenario en el que investigador e investigados interactúan en relaciones que buscan preservar la alteridad y promover la reciprocidad.

La antropóloga Verónica Moreira analiza la equidad en el deporte por medio del estudio del colectivo La Nuestra Fútbol Feminista, formado por niñas y niños, jóvenes, mujeres y miembros del colectivo LGTBIQ+ que practican y enseñan fútbol en Buenos Aires. Este séptimo capítulo expone los diversos desafíos relacionados al fútbol feminista, comunitario y villero, así como la formación de sentido que implica su identidad. Los investigadores Luis Carlos Rigo, Leonardo Cunha y Luciano Jahnecka, en el octavo capítulo, *Um futebol persistente, em Notas sobre o futebol de lazer no Brasil e no Uruguai – de São José do Norte e de Rivera*, presentan y comparan reconfiguraciones del fútbol en la frontera entre Brasil y Uruguay. Finalmente, Alvaro Cabo trae la entrevista *Afonsinho: unas em varios campos*. En diálogo con el jugador, discute aspectos de su historia de vida y sus contribuciones a este deporte con las que cambiaron la historia del fútbol brasileiro y su legislación.

Del décimo al doceavo capítulos, las investigadoras Martina Pastorino, María Pía y Caroline Almeida, abordan el tema de *Gênero y Futebol de Mulheres*. En el epílogo, la antropóloga Mariane Pisani comenta textos y reflexiones. Almeida presenta un estudio en curso y problematiza lo que denomina "género del balón", un concepto

tomado de Pisani. La presentación *Mulheres e futebol en Brasil: invisibilidades y resistências históricas* invita a la reflexión sobre la participación femenina en el fútbol brasileño a lo largo del siglo XX, destacando los desafíos de la investigación de fuentes históricas en un ámbito hegemónicamente dominado por los hombres. El fútbol femenino ha estado regulado durante más de 40 años y prohibido en Brasil durante más de 80, pero la violencia contra las mujeres persiste. Son las menos escuchadas, las que reciben los salarios más bajos y sufren agresiones durante las transmisiones a diario.

El décimo primer capítulo, titulado *Picaditos etnográficos para reflexionar: disputas y conciliaciones en el fútbol femenino en Uruguay*, analiza narrativas del fútbol uruguayo que han condicionado que el campo esté previsto, cuando no reservado, para las masculinidades hegemónicas, causales de dinámicas excluyentes, sobre todo en relación a la participación de las mujeres. Las autoras presentan algunas reflexiones sobre posibles relaciones entre fútbol y feminismo, a partir de teorías feministas y de género. *Picaditos etnográficos* es una experiencia de extensión universitaria sobre fútbol y mujeres en Uruguay que consiste en un Espacio de Formación integral (EFI) que es parte del Itinerario de Formación Integral (IFI) Deporte y Sociedad, creado en 2019 en el marco del desarrollo del fútbol femenino en Uruguay y el mundo. Las autoras denuncian la escasa producción académica sobre el fútbol practicado por mujeres en Uruguay. Este proyecto busca darle mayor visibilidad y producir nuevas narrativas que emerjan de las propias protagonistas de este deporte. Martina y Pía abordan los aspectos con los que el feminismo

puede contribuir en el fútbol, en las formas de proyectar el mundo, de organizar colectivamente a las mujeres y las resistencias emergentes.

El comentario de Mariane Pisani contribuye con el debate al problematizar la presentaciones de las investigadoras brasileras y uruguayas, así como analizar las diferentes violencias de género que derivan de las prácticas masculinizantes, resultado de una sociedad que mantiene y reproduce las estructuras masculinas por medio de las relaciones sociales e institucionales. Pisani trae una reflexión sobre la importancia de pensar el género en el fútbol, no como un detalle, ni un tema periférico, sino como un eje central para comprender las disputas contemporáneas por reconocimiento, autonomía y justicia social. Al mismo tiempo, confirma la inspiración que investigadores, militantes, atletas y docentes continúan despertando, construyendo puentes entre campos que históricamente se han mantenido separados: fútbol y mujeres. También destaca la mercantilización del deporte, especialmente en el caso del fútbol y cuestiona ¿es posible una profesionalización que no sea mercantilizada? ¿cómo ecuacionar mercantilismo y feminismo? ¿se puede crear un fútbol de mujeres que no sea una copia del fútbol practicado por hombres? ¿se puede jugar con técnicas que no sean masculinizadas? ¿existe algo en el fútbol que sea particularmente femenino? Es fútbol.... reformulando estas interrogantes: ¿qué es lo que el fútbol practicado por mujeres le puede aportar al feminismo?

El I Coloquio Internacional Ciencias Sociales y Fútbol, en Montevideo, contó con diversas actividades que reunieron investigadores, estudiantes, practicantes deportivos y participantes

de proyectos de extensión interesados en el tema del fútbol. El evento promovió la presentación de estudios, investigaciones, abordajes, experiencias de investigación y extensión universitaria en el campo de las Ciencias Sociales sobre Fútbol en América del Sur y Europa. Además, les proporcionó a los participantes una inmersión en la cultura futbolística uruguaya, innovando en el estilo y la forma de fomentar intercambios científico/académicos.

Agradecemos especialmente al CNPq por su apoyo y por el financiamiento del evento, así como también a toda la red latinoamericana de investigadores que se reunieron para presentar y debatir estudios y trabajos de investigación que buscan estrechar lazos y vínculos para componer una red cada vez más fuerte que sea proporcional a la pasión por el fútbol y su estudio.

Prefácio

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

INCT Futebol¹

Este livro nasce de um encontro, o *I Coloquio Internacional Ciencias Sociales Y Fútbol - Intercambio Y Perspectivas Sudamericanas*, realizado em Montevideu, de 12 a 14 de outubro de 2024, na Universidade da República (Udelar). Mais do que reunir trabalhos, a obra constrói um percurso através das ideias, paixões e contradições que fazem do futebol um tema central das ciências

¹ Agradeço ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – que financiou minha participação no Colóquio na origem desse texto. E aos colegas Fábio Machado Pinto (Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas); Luiz Carlos Rigo (Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas); Liber Benítez (Instituto Superior de Educación Física, Universidad de la República do Uruguay); Luciano Jahnekca (Instituto Superior de Educación Física, Universidad de la República do Uruguay) e Rodrigo Piriz (Instituto Superior de Educación Física, Universidad de la República do Uruguay) pela organização do evento.

sociais no continente. O título do colóquio era amplo demais para ser tratado em uma só sessão – quem sabe nos próximos, como estes que realizaremos em Portugal e na Argentina, o assumo como tema central. Participei do colóquio com uma conferência final: “*Diálogos Futebolísticos no Sul da América*”. O texto que segue, como foi o da apresentação, é um sobrevoo pessoal sem a pretensão de ser um levantamento bibliográfico exaustivo do que tem sido escrito sobre futebol nas ciências sociais, na América do Sul. Muitos levantamentos bibliográficos já foram feitos, com maior ou menor precisão. Por ora, compartilho aqui uma leitura panorâmica que parte de uma pergunta prévia, mas essencial: quais as fronteiras do futebol no Sul da América?

Para a Federação Internacional de Futebol de Associação (FIFA), a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) é a entidade que representa o futebol na América do Sul. Formada inicialmente por Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, em 1916, durante a primeira Copa América, logo, incorporou outros países do continente. Hoje, é a menor das seis confederações continentais da FIFA, com apenas 10 membros². Pequena em número, mas gigante em títulos: 10 Copas do Mundo, dois a menos do que a UEFA que tem 55 países afiliados.

Uma primeira constatação: as fronteiras futebolísticas não coincidem com as geográficas. Guiana, Suriname e Guiana Francesa, por exemplo, estão na América do Sul, mas participam da Confederação

2 Bolívia, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Venezuela completam os seus integrantes.

das Associações de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF). E, se a lógica é menos geográfica e mais cultural e política, então talvez o sul da América comece no México. Afinal, na fala dos emigrantes latinos, “a América” corresponde aos Estados Unidos, e os “sudacas” são todos os que vivem ao sul da “América”, os “latinos” como aparece nos formulários identificatórios estadunidenses. Nesse jogo de identidades, a América Latina, como uma entidade, é unificada pelo olhar externo e, talvez, pela experiência comum de exclusão, migração, resistência e criatividade. Pouco importa que, ao sul da “América”, nossa relação com os romanos – os latinos, precisamente – tenha se perdido na memória de uma colonização feita a ferro e fogo por espanhóis e portugueses. O nome permanece, agora em disputa, pois já temos uma denominação de origem local para o continente: Abya Yala.

Nesse espírito, vale perguntar: o que disseram sobre o futebol nossos antepassados “sudacas”, os clássicos? Chamo de antepassados aqui mais por respeito e por serem inspiração do que por distância cronológica, pois muitos ainda estão vivos, escrevendo e ensinando.

Duas linhas teóricas principais marcam o início dos estudos sobre futebol e estiveram presentes também entre nós: uma mais crítica, de matriz marxista, que via o futebol como ópio do povo, instrumento do capital que por meio do entretenimento criava massas passivas de consumidores; outra que, sem ignorar as estruturas econômicas e políticas do capitalismo, buscava compreender o significado do futebol como sendo uma das paixões elementares do povo, para usar a expressão de Gramsci, o pensador italiano que muito escreveu sobre os folhetins e nenhuma linha sobre futebol.

Essa segunda abordagem do futebol tem origens diversas. Por exemplo, Max Gluckman, antropólogo sul-africano, radicado na Inglaterra e torcedor do Manchester United, enxerga no futebol um sentimento de pertencimento capaz de unir torcedores de origens diversas. Em seu ensaio *How Foreigner are you?* (1959), descreve como ele, um estrangeiro na cidade de Manchester, ao torcer junto a outros torcedores do United, tornava-se parte de uma comunidade³. Sem ter se dedicado a pesquisar o futebol, Gluckman registrou suas impressões em textos e nas diversas entrevistas à rádio BBC, onde o futebol seguidamente aparecia como tema. E um dos seus alunos incluiu um capítulo numa tese sobre um vilarejo. Mas muitos reconhecem que a inspiração de Victor Turner – um dos seus alunos arrastados para as arquibancadas do United – para o seu conceito de *communitas* estaria exatamente no que Edith Gluckman, esposa de Max Gluckman, chamou de uma *spectatorship zone*, um estado de semitranse, no qual entravam os torcedores durante os jogos de futebol.

3 “Embora possa parecer um clichê, é importante enfatizar que o sentimento de ‘pertencer’, em oposição a ser um estrangeiro, sempre define a pertença a um grupo em contraste com algum outro grupo. Quando assisto ao Manchester United jogar contra o Manchester City e torço pelo United com meus companheiros de arquibancada, não importa que eu tenha vivido em Manchester por apenas alguns anos, que eu seja judeu, que venha da África do Sul, que seja professor universitário: estou em comunhão com a multidão de outros torcedores do United de diferentes origens étnicas, diferentes crenças religiosas e diferentes ocupações.” Max Gluckman, *How Foreigner are you?* 1959, p. 100. [minha tradução]

No Brasil, o futebol foi tema de debate e interpretação de proto-antropologias jornalísticas muito cedo e antes mesmo de tornar-se objeto de pesquisa acadêmica. Desde as crônicas de João do Rio⁴ (1910), passando por Coelho Netto, que via no futebol um instrumento de “regeneração racial”, até o escritor Lima Barreto (1922), o futebol dividiu opiniões. Para Coelho Netto (1920), o futebol era capaz de aperfeiçoar a “raça brasileira”, criando um homem forte e robusto. Noutro sentido, no de uma oposição clara ao futebol, temos Graciliano Ramos (1921) e, também, Lima Barreto (1922), este fundador nada mais nada menos do que de uma “Liga Brasileira Contra o Football”. Barreto opunha-se ao futebol por muitos de seus aspectos: pela discriminação racial e de classes sociais que verificava nas políticas restritivas dos clubes; pela violência entre os jogadores e pela rivalidade entre as equipes. Escreveu a propósito de um jogo entre um clube de Recife e um do Rio de Janeiro: “longe de tal jogo contribuir para o conagração, para uma mais forte coesão moral entre as divisões políticas da União, separava-as”. Era contra por considerá-lo uma importação barata, ordinária, para divertir burgueses ricos. Ideias que poderiam estar na origem de uma visão do futebol nas ciências sociais brasileiras como o “ópio do povo”, aludindo-se à matrix marxista. Em oposição a essa, temos o poeta Olavo Bilac ou o escritor Machado de Assis que, embora sem discorrer especificamente sobre o futebol, elogiaram outras modalidades esportivas:

4 João do Rio é o pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, jornalista e teatrólogo.

“O literato identificou e, em alguma medida, até concordou que a conformação de algumas modalidades era uma tentativa de sintonizar a cidade com um novo padrão civilizacional, sendo de toda forma uma expressão da nova excitabilidade pública, que marcava a capital brasileira na segunda metade do século XIX. De outro lado, identificava – e de forma habilitada mesmo denunciava – os limites dessa apreensão civilizatória, especialmente no que tange àquelas práticas que faziam uso de animais.” (Melo 2016: 137)

Também Mario M. Rosa (1944 apud Giglio e Spaggiari 2010: 295) referiu-se ao esporte no seu caso, ao futebol, acentuando a dimensão mágica do jogo: a bola entra ou não, o gol no último minuto, o azar, a sorte, a crença. Um espaço no qual também habitam os santos, os despachos, as mandingas. Contemporâneo de Rosa, o jornalista Mário Filho deixou marcas mais evidentes, presentes ainda hoje nos estudos sobre futebol. O seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947) trouxe à luz o papel central dos negros na formação do que considerava um estilo brasileiro de futebol, um ensaio que resistiu às críticas, e continua sendo usado por muitos como referência para entender não apenas o futebol, mas o Brasil⁵.

Nessa mesma linha de buscar especificidades na prática do esporte no Brasil, temos Gilberto Freyre, que foi pioneiro ao

5 Uma das principais fontes de Mário Filho foi o jogador Mendonça. Bernardo Buarque de Hollanda (2025) pesquisou as duas entrevistas dele guardadas no Museu da Imagem e do Som (MIS) em SP e RJ.

interpretar o futebol como expressão de uma identidade brasileira: mulata, gingada, espontânea. Para ele, o estilo brasileiro contrastava com o futebol europeu, anguloso e mecânico. Essa oposição encontrada em Freyre, entre um futebol-arte (o brasileiro) e um futebol-força (europeu), marcará as reflexões mais sólidas e interessantes na antropologia, estabelecendo toda uma escola que acionará o futebol metonimicamente para pensar o Brasil décadas mais tarde. Em uma passagem bem conhecida, Freyre escreveu:

“O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual (...). Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, ou alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatíssimo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.” (Freyre 1945: 421-422).

A visão de um futebol-arte será retomada e transformada em objeto de estudo sistemático nas décadas seguintes, especialmente por Roberto DaMatta. DaMatta viu no futebol um "dispositivo didático", um espaço de regras fixas no qual, por 90 minutos, reina a igual-

dade. Um campo no qual não há marcas de distinção como "você sabe com quem está falando?", porque ali todos se submetem às mesmas regras, vestem uniformes iguais e têm que provar seu valor com os pés, não com o sobrenome ou com o cargo que ocupam. Durante os 90 minutos, o jogo cria um espaço em que a autoridade não se impõe por status, mas se conquista na bola, pela habilidade, esforço e entrega. Um universo regulado, em contraste com a sociedade brasileira, marcada pela pessoalidade e pelo privilégio. O futebol brasileiro é malandro no estilo, mas segue regras nem sempre presentes nos outros campos sociais. E é de tal modo diferenciado que DaMatta retira-o do campo do "esporte" e o inclui no do "jogo".

Na Argentina, Eduardo Archetti (1999) vai desenvolver ideia semelhante de uma especificidade do estilo, mas com outra imagem: a do futebol "criollo", que ele encontra nas narrativas de jornais argentinos, como o *The Standart*. O futebol na Argentina seria forte, viril, como a nova raça de cavalos surgida na América do Sul. Vale distinguir aqui criollo de mulato ou crioulo, pois embora ambas as palavras remetam a uma mistura racial, o mulato, ou crioulo, de Freyre é negro e branco, cruzamento humano. O mulato encontra paralelo no malandro de DaMatta, referindo-se a um jeito de ser próprio dos brasileiros. Já Archetti busca no surgimento de uma nova raça de cavalos na América, a raça criolla, o termo para caracterizar o estilo argentino de jogar. Diferente do mulato, do crioulo, de Freyre, o criollo é um estilo resistente e determinado, corporal, mas não cerebral como o inglês, que usa o cabeceio mais do que o drible como arma de jogo, conforme os cronistas que ele analisou.

Nos anos 1980, os estudos ampliam-se. Simoni Guedes, Leite Lopes, Benzaquem Araújo trazem a classe social, o trabalho, a trajetória dos jogadores para o centro das análises. Antunes (1994) aborda “O futebol nas fábricas”. É de Guedes também a primeira dissertação sobre futebol no Brasil (1977). O livro *Universo do Futebol* (1982)⁶, coorganizado com DaMatta, marca esse momento e o início de pesquisas mais sistemáticas sobre o futebol como fenômeno social, econômico e político, além de cultural. Novas perguntas começam a ser feitas e trabalhos apresentados em congressos já não são apenas na área de Educação Física, mas de antropologia, história, sociologia, relações internacionais, colocando o Brasil, ao lado da Grã-Bretanha, como um dos centros de onde emana o maior número de estudos sobre o futebol. Com a diferença de que lá – e, também, na França, onde o estudo mais lembrado é o de Cristhian Bromberger (*As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia*) – a preocupação inicial era sobre torcidas, enquanto do lado de cá

6 Este livro se constitui em um dos pilares que sustentaram os estudos recentes nesse campo. O outro impulso para estes estudos foi a Reunião Brasileira de Antropologia em Brasília, no ano 2000, quando se organizou o primeiro Grupo de Trabalho sobre Futebol em congressos de Ciências Humanas, denominado de F28 *Imagem e Futebol*, organizado por mim e José Sergio de Leite Lopes, iniciando uma rede nacional de pesquisadores de futebol que a partir dali continuaram a se reunir em congressos como a ANPOCS, RAM, e SBPC. Participaram desse GT, entre outros, Simoni Guedes, Anderson F. Cavalcanti, Arlei Damo, João Guilherme da Cruz, Mariana Costa Aderaldo, Giralda Seyferth, Danilo de Assis Climaco, Luiz André Soares, Tércio Nascimento; Mário da Silva Miranda. Um ano antes, sob a liderança de Pablo Alabarces, a CLACSO instituiu o Grupo de Trabalho *Deporte y Sociedad*.

do Atlântico é sobre nossas especificidades, sobre o que revela o futebol sobre uma identidade nacional. Também temos focado os torcedores (Toledo 1994), mas expandimos para uma diversidade de tópicos como a carreira e a profissionalização (Damo 2005, Conceição 2017), futebol comunitário (Lopes 1994, Pinto 2020) os megaeventos (Damo e Oliven 2014), a mídia, Gastaldo (2009), Silva (2001), Helal (1996), Rial (2003) e a mobilidade internacional (Rial 2008), o racismo (Soares 1999), a religião (Rial 2012), entre os que marcaram as primeiras décadas do século XXI, para as relações de gênero e sexualidade (Goellner 2005, Pisani 2021, Almeida 2019, Rial 2024, Brito 2021, Rigo et al. 2008); estádios e infraestruturas (Mascarenhas 2013), museus, globalização e aliança entre clubes (Santos e Ferreira 2024), e se unem a temas bem explorados anteriormente como a questão da raça, da classe social, da violência⁷. Vemos as temáticas renovarem-se, e os cerca de 100 trabalhos apresentados em 20 grupos de trabalho no I Encontro Nacional do INCT Futebol, em Florianópolis em 2024, mostram isso.

Seria longo nomear nossa rica produção sobre futebol na América do Sul e, inicialmente, centrada nas *hinchadas*, nas torcidas, na masculinidade e nos sentimentos — o *agente*. São estudos nos quais as pesquisas de Pablo Alabarces se destacam.

Sua internacionalização, no entanto, vai de par com a internacionalização das ciências humanas em geral no sul do

7 Os autores aqui citados nem de longe esgotam a relação dos que têm trabalhado sobre o tema. O Gefute, liderado por Sílvia Ricardo da Silva, realizou um mapeamento desses trabalhos, e o INCT Futebol tem em andamento uma atualização dos dados da pesquisa do Gefute.

continente: que ainda engatinha. Na Antropologia brasileira, que tomo como exemplo, apesar de termos criado uma revista muito precocemente, em 2004, a *Vibrant*, que publica artigos em inglês, francês e espanhol, e termos uma das mais importantes produções antropológicas do mundo, somos pouco lidos e citados. O primeiro artigo publicado na França sobre futebol foi *La disparition de ‘La joie du peuple’*, de autoria de José Sergio de Leite Lopes e Sylvain Maresca (1989) — republicado, posteriormente, na própria *Vibrant* (2009) — e antes, apenas Archetti (1999). E, embora o enorme interesse pelo futebol na Europa, só anos mais tarde, tivemos um artigo publicado na Espanha (Alabarces et al. 2019, Rial 2006), em Portugal (Rial 2009) e um livro dedicado exclusivamente ao futebol brasileiro na França (Piradeau 2014), de autores brasileiros. A segunda metade do século XXI tem sido um pouco mais fértil, com publicações de sul-americanos em diversos países, como por exemplo⁸: França (Buarque de Hollanda, Damo, Rial), Holanda (Rial 2013), Inglaterra (Alabarces et al. 2001, Rial 2014 e 2015a e 2015b), Estados Unidos (Rial 2015), e Itália (Rial 2022).

Os capítulos neste volume organizam-se em torno de três eixos temáticos reunidos em sessões do livro, que refletem a diversidade e vitalidade do campo. Em *O futebol no campo das ciências humanas e sociais* encontramos análises consolidadas, que discutem a historiografia desse campo a partir de olhares comparativos e inter-

8 A relação certamente é bem mais extensa, diversificada e mereceria uma pesquisa. Registro apenas o que lembro de memória.

disciplinares, que mapeiam os estudos em três países: Brasil, Uruguai e Portugal. A segunda parte do livro, *Atos subversivos: enfrentamentos dentro e fora do campo de futebol* cruza futebol e política. Já a terceira parte, *Gênero e futebol de mulheres*, aponta para um dos movimentos mais promissores dos estudos atuais: a incorporação crítica das questões de gênero, que desafiam não só os preconceitos do campo esportivo, mas também os limites dos próprios marcos analíticos tradicionais. O futebol de mulheres nos dois países é abordado desde uma perspectiva histórica e etnográfica.

O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) busca incrementar a internacionalização da produção brasileira sobre futebol, estabelecendo diálogos com as produções de outros países. O colóquio em Montevideu foi uma etapa importante nessa trajetória. Espera-se contribuir com essa publicação para um campo em constante renovação, homenagear a nossos precursores e, ao mesmo tempo, dar as boas-vindas aos que estão chegando. Que prossigamos, juntos, no jogo e no pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABARCES, Pablo. 2022. “Diego Maradona: mito, héroe, símbolo de la subalternidad”. *Eracle – Journal of Sports and Social Sciences*, (4)2.

ALABARCES, Pablo, Alan Tomlinson e Christopher Young. 2001. “Argentina versus England at the France ’98 World Cup: Narratives of Nation and the Mythologizing of the Popular”. *Media, Culture & Society* (23)5: 743–761. <https://doi.org/10.1177/016344301023005001>.

ALABARCES, Pablo Alejandro, Lluís Bonet e Héctor Schargorodsky. 2019. “Sports exchanges between Europe and Latin America: Flows, migrations and indifferences”. In: *The Challenges of Cultural Relations between the European Union and Latin America and the Caribbean*, 387-404. Barcelona: Quaderns Gescènec.

<https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/133340>.

ALMEIDA, Caroline Soares de. 2019. “O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, (4)1: 72-87, jan./abr.

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14658>.

ANTUNES, Fatima M.R.F. 1994. “O futebol nas fábricas”. *Revista USP – Dossiê Futebol*, São Paulo, 22: 102-109.

ARAMBUENA, Rita Lorena. 2024. “Ser y parecer profesionales: La construcción de la imagen pública de mujeres futbolistas de dos clubes platenses (Argentina)”. *Avatares de la Comunicación y la Cultura*, Santiago del Estero, 27: 1-18.

<https://ludopedio.org.br/biblioteca/ser-y-parecer-profesionales-la-construccion-de-la-imagen-publica-de-mujeres-futbolistas-de-dos-clubes-platenses-argentina/>.

ARCHETTI, Eduardo P. 1999. *Masculinities: Football, Polo and the Tango in Argentina*. Oxford: Berg.

BARRETO, Lima. 1922. “Bendito football”. *Careta*, Rio de Janeiro, 7 jan. In: Barreto, Lima. 1953. *Feiras e mafuás*. Rio de Janeiro: Graphia. 270-272.

BRITO, Leandro Teófilo de. “Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte.” *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, e79309, 2021. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279307>.

BROMBERGER, Christian. 2003. “As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, (14): 41-60.

COELHO NETTO, Henrique. 1920. “Males incuráveis”. *Athletica*, 5 jun. In: Fernandez, Renato Lanna. 2011. “Coelho Netto: um intelectual a serviço do esporte”. *Mosaico*, (3)5: 22-34. <https://doi.org/10.12660/rm.v3n5.2011.62796>.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. 2017. “Com a bola no pé e o lápis na mão: o estudante-atleta em formação no futebol”. In: Welter, Tânia, Miriam Grossi e Mareli E. Graupe (org.). *Antropologia, gênero e educação em Santa Catarina*. Florianópolis: Mulheres. 117-137.

DAMATTA, Roberto (org.), Luiz Felipe Baêta Neves, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel. 1982. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke.

DAMO, Arlei Sander. 2005. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. <http://hdl.handle.net/10183/5343>.

DAMO, Arlei Sander e Ruben George Oliven. 2014. *Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico*. Campinas: Armazém do Ipê.

- FILHO, Mario. 1947. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: [s.n.].
- FREYRE, Gilberto. 1945. “Foot-ball mulato”. In: Freyre, Gilberto. [s.d.]. *Casa-grande & senzala*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- GASTALDO, Édison. 2009. “‘O país do futebol’ mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil”. *Sociologias*, Porto Alegre, (11)22: 1-22. <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/9651>.
- GIGLIO, Sérgio e Enrico Spaggiari. 2010. “A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil (1990-2009)”. *Revista de História*, 63: 293-350.
- GLUCKMAN, Max. 1959. “Analysis of a Social Situation in Modern Zululand”. *American Anthropologist*, (61)2: 315-317.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. 2005. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. *Revista Brasileira de Educação Física*, São Paulo, (19)2: 143-151, abr./jun. <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>.
- GUEDES, Simoni Lahud. 1977. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- HELAL, Ronaldo. 1996. “Futebol, cultura e cidade”. *Logos: Comunicação & Universidade*, Rio de Janeiro, (3)2: 1-3.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. 2025. “Memory displacements and persistence: a reading of goalkeeper Marcos Carneiro de Mendonça’s testimonies (1967-1982) given to the Museum of Image and

Sound”. In: 2025 World Congress of Sociology of Sport, Seul.

LOPES, José Sergio Leite e Sylvain Maresca. 1989. “La disparition de ‘La joie du peuple’”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, (79): 21-36.

LOPES, José Sergio Leite. 1994. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, (22): 64-83.

<https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26960>.

LOPES, José Sergio Leite. 2009. “The People’s Joy Vanishes: Considerations on the Death of a soccer player”. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, (6)2: 122-152, jul./dez.

MASCARENHAS, Gilmar. 2013. “Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol”. *Revista Cidades*, (10)17: 105-123.

<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12020>.

MELO, Victor. 2016. “Olhares irônicos: Machado de Assis e o esporte”. *Aletria*, Belo Horizonte, (26)3: 123-140.

MOREIRA, Verónica. 2018. “Fútbol, modelos jurídicos y mercado: el dilema de los clubes en Sudamérica”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, 116: 135-154, jul. <http://journals.openedition.org/rccs/7327>.

PINTO, Fábio Machado. 2020. “‘Bueno, é golo’: lembranças de um projeto e desejo de ser jogador”. In: Richter, Ana Cristina e Jaison José Bassani (org.). *Memórias do futebol: infâncias em jogo*. Curitiba/PR: Brazil Publishing. (1): 31-48.

PIRAUDEAU, Bertrand (org.). 2014. *Le football brésilien: regards anthropologiques, géographiques et sociologiques*. Paris: L'Harmattan.

PISANI, Mariane da Silva. 2021. “Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, (29)2.

<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279331>.

RAMOS, Graciliano (J. Calisto). 1921. “Traços a esmo”. In: *O Índio*, Palmeira dos Índios, AL, 10 abr.

RIAL, Carmen. 2003. “Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa”. *Antropolítica*, Niterói, 14: 61-80.

RIAL, Carmen. 2006. “Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém...”. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, Madrid, (61)2: 163-190. Número especial: Culturas deportivas y mercados globales y locales.

RIAL, Carmen. 2008. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. *Horizontes Antropológicos*, (14)30: 21-65, jul./dez. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>.

RIAL, Carmen. 2009. “Porque todos os ‘rebeldes’ falam português? A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos no exterior, ontem e hoje”. In: Carmo, Renato Miguel do e José Alberto Simões (org.). *A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajetos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais – ICS. 203-224.

RIAL, Carmen. 2012. "Banal religiosity: Brazilian athletes as new missionaries of the neo-Pentecostal diaspora". *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, (9)2: 128-159, jul./dez.

<https://vibrant.org.br/issues/v9n2/carmen-rial-football-and-religion/>.

RIAL, Carmen. 2013. "The 'Devil's Egg': Football Players as New Missionaries of the Diaspora of Brazilian Religions". In: Rocha, Cristina e Manuel Arturo Vasquez (org.). *The Diaspora of Brazilian Religions*. Leiden: Brill. (1): 66-91.

RIAL, Carmen. 2014. "New frontiers: The transnational circulation of Brazil's women soccer players". In: Agergaard, Sine e Nina Clara Tiesler (org.). *Women, Soccer and Transnational Migration*. London; New York: Routledge.

RIAL, Carmen. 2015a. "Circulation, bubbles, returns: the mobility of Brazilians in the football system". In: Elliot, Richard e John Harris (org.). *Football and Migration: Perspectives, Places, Players*. London; New York: Routledge. 61-75.

RIAL, Carmen. 2015b. "Neo-Pentecostals on the Pitch: Brazilian Football Players as Missionaries Abroad". In: Needell, Jeffrey (ed.). *Emergent Brazil: Key Perspectives on a New Global Power*. Gainesville: University of Florida.

RIAL, Carmen. 2015c. "From 'Black Kaká' to Gentrification: The New Motilities of Expatriate Brazilian Football Players". In: Gledhill, John (org.). *World Anthropologies in Practice*. London; New York: Bloomsbury. 77-94.

RIAL, Carmen. 2022. “‘El Diego de la gente’: the most human of the football Gods”. *Eracle – Journal of Sports and Social Sciences*, (4)2.

RIAL, Carmen e Caroline Soares de Almeida. 2024. “O ‘gênero da bola’: mulheres e futebol na mídia”. *Revista ALCEU*, Rio de Janeiro, (24)52: 84-119, jan./abr. <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/417>.

RIGO, Luiz Carlos, Flávia Garcia Guidotti e Larissa Zanetti Theil. 2008. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, (29)3: 173-188.

RIO, João do. 1910. *Dentro da noite*. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro-Editor.

ROSA, Mário M. 1944. “O papel da magia no futebol”. *Sociologia*, São Paulo, (6)4: 295-304.

SANTOS, Irlan Simões dos, Jonathan Ferreira e João Ricardo Pisani. 2024. “Finanças, mídia e futebol: o modelo de multi-club ownership e inserção dos fundos de private equity”. *Revista ALCEU*, (24)52: 199-217. <https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed52.2024.408>.

SILVA, Silvio Ricardo da. 2001. *Tua imensa torcida e bem feliz... da relação torcedor com o clube*. 130 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1589775>.

SOARES, Antonio Jorge. 1999. “O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade”. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, (13)1: 119-129, jan./jun. <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.1999.137764>.

TOLEDO, Luiz Henrique de. 1994. “Transgressão e violência entre torcedores de futebol”. *Revista USP*, São Paulo, (30): 51-67.

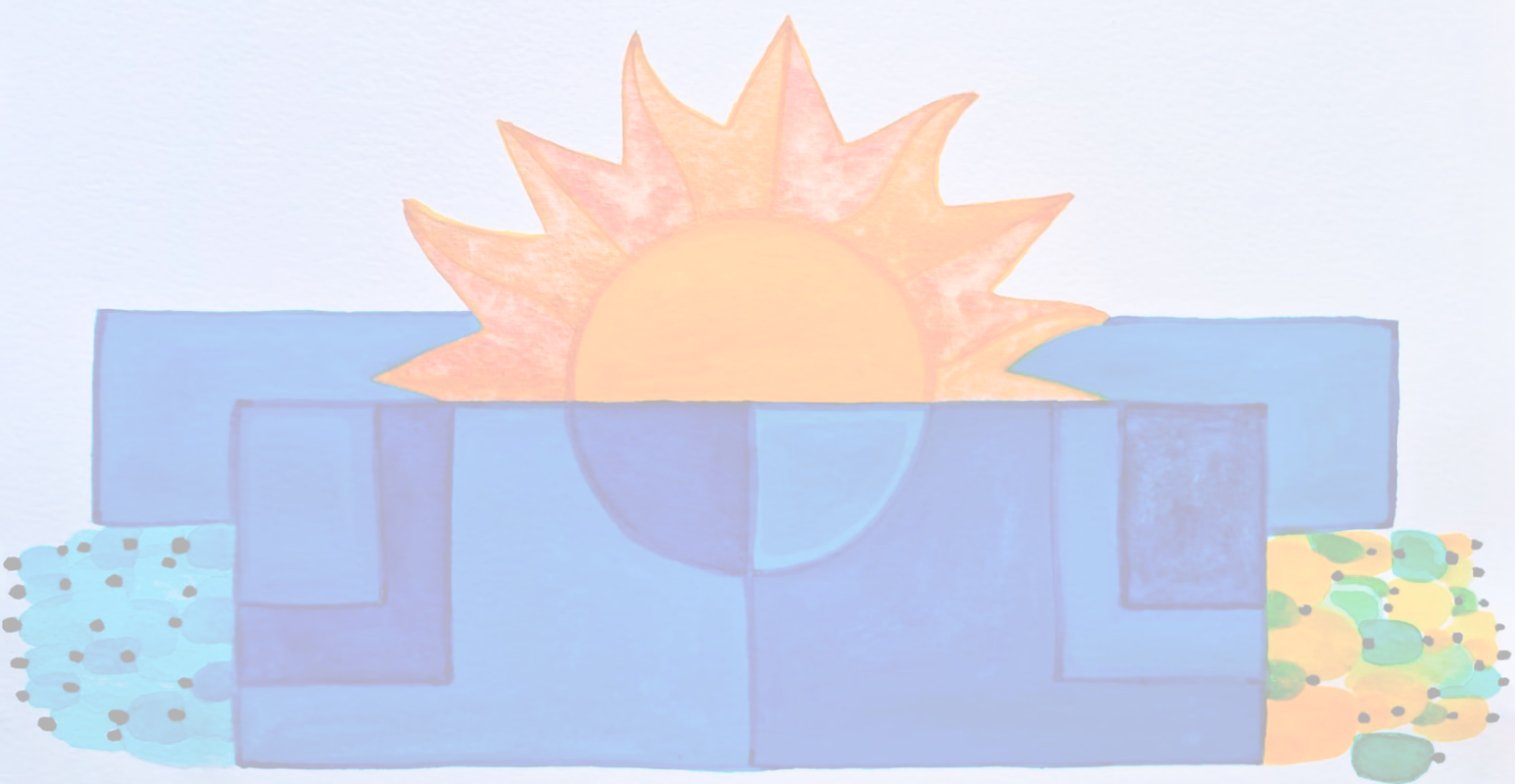
<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26962>.

VILLANUEVA BUSTOS, Alejandro. 2013. “Hinchas del fútbol, academia y nuevas emergencias urbanas”. *Revista Colombiana de Sociología*, (36)1: 93-108.

<https://revistas.unal.edu.co/index.php/recs/article/view/39667>.

PARTE I

O futebol no campo das ciências humanas e sociais



CAPÍTULO 1

La importancia de estudiar la Historia del Fútbol en Uruguay: de las crónicas iniciales a los abordajes historiográficos

Arnaldo Gomensoro

Universidad de la República, Uruguay

Gastón Laborido

Universidad de la República, Uruguay

RESUMEN

El fútbol llegó a Uruguay en la segunda mitad del siglo XIX, cuando fue traído por la colectividad inglesa junto con sus mercancías. Inicialmente era practicado en el interior de esa colectividad, pero progresivamente la práctica del fútbol se fue extendiendo y popularizando. Desde inicios del siglo XX el fútbol se transformó en un fenómeno de suma importancia para la sociedad uruguaya, articulándose con las demás esferas de la vida cotidiana. Este trabajo tiene dos propósitos: a) presentar un breve recorrido por la historia del fútbol uruguayo, teniendo en cuenta sus principales etapas y sucesos significativos; b) analizar y visibilizar la importancia de

estudiar la historia del fútbol en Uruguay, mostrando cómo se llegó a la configuración del campo historiográfico en nuestro país. La idea es incentivar el estudio histórico del fútbol en Uruguay.

Palabras clave: fútbol, Uruguay, estudios sociales, historia, historiografía

ABSTRACT

Football arrived in Uruguay in the second half of the 19th century when it was brought by the English community along with their merchandise. Initially, it was played within that community, but gradually, the sport spread and became popular. Since the beginning of the 20th century, football has become a phenomenon of utmost importance to Uruguayan society, becoming intertwined with other spheres of daily life. This work has two purposes: a) to present a brief overview of the history of Uruguayan football, taking into account its main stages and significant events; b) to analyze and highlight the importance of studying the history of football in Uruguay, showing how the historiographical field in our country came to be. The idea is to encourage the historical study of football in Uruguay.

Keywords: football, Uruguay, social studies, history, historiography

INTRODUCCIÓN

El fenómeno deportivo tal y como hoy lo concebimos nació entre fines del siglo XVIII y albores del siglo XIX en Inglaterra, cuna de la Revolución Industrial, espacio representativo del modo de

producción capitalista y adquirió una enorme complejidad social y cultural a partir de la segunda mitad del siglo XIX. Desde esta perspectiva, el deporte moderno como institución y fenómeno de las actuales sociedades es producto de una ruptura histórica.

Desde ese momento es el deporte que ha estado presente hasta nuestros días, como fenómeno sociocultural adquiriendo en el correr del tiempo, enorme relevancia ya que por su carácter multifacético incide en diversos ámbitos y esferas de la vida cotidiana. En términos de Miguel Ángel Esparza Ontiveros (2010), en algunos países se configuraron “*sociedades deportizadas*”:

(...) los deportes como una expresión socio-cultural de las actividades humanas actuales se encuentran presentes en algunos de nuestros intereses más importantes como la política, la economía, incluso, la religión, con lo cual, podemos manifestar que la era actual puede ser descrita como la era deportiva o de las sociedades deportizadas. (Esparza Ontiveros 2010: s/d).

El caso uruguayo es particularmente llamativo a nivel continental y mundial, pues el fútbol se transformó en un fenómeno de suma importancia para la sociedad de este país. Destacamos el período de tiempo que comprende el primer tercio del siglo XX, en donde las relación del fútbol con las demás esferas de la cotidianeidad fueron profundamente modificadas. En ese período ocurrieron dos fenómenos que ayudan a comprender la particularidad uruguaya. Por un lado, en los primeros años del siglo XX el fútbol comenzó a

extenderse y popularizarse de forma progresiva y como se observará fue visto como una pérdida para las elites locales. Por otro lado, la relación existente entre el fútbol, la política y la construcción de identidad se estrecha entre 1916 y 1930. En este sentido, en el caso de la historia del Uruguay, el fútbol fue uno de los elementos catalizadores en la forja de la identidad nacional.

Si bien es cierto que el fútbol uruguayo durante el siglo XX tuvo un modelo exitoso y fue pionero en conquistas internacionales a nivel de selección (dos medallas de oro en Juegos Olímpicos y dos Mundiales de Fútbol), y a nivel clubista (consiguió ocho copas Libertadores entre los principales equipos, Nacional y Peñarol); se han tenido que esperar prácticamente cien años para que las ciencias sociales en Uruguay produzcan discursos explicativos e interpretativos, sobre el fútbol, en clave histórica.

Los primeros trabajos académicos fueron producidos en los años setenta y ochenta, a partir de una perspectiva sociológica. En los años noventa hubo un aumento de producciones, también desde la sociología y desde la antropología. Finalmente, a inicios del siglo XXI aparecieron las primeras producciones historiográficas propiamente dichas. Estas nuevas perspectivas y enfoques han generado que en algunos artículos y libros específicos, el fútbol sea tomado como objeto de estudio.

Este trabajo tiene dos propósitos: a) presentar un breve recorrido por la historia del fútbol uruguayo teniendo en cuenta sus principales etapas y sucesos significativos; b) analizar y visibilizar la importancia de estudiar la historia del fútbol en Uruguay, mostrando cómo se llegó a la configuración del campo historiográfico en nuestro país.

BREVE HISTORIA DE LOS ORÍGENES Y DESARROLLO DEL FÚTBOL URUGUAYO (1870-1930)

El fútbol llegó a Uruguay y a la región traído por la colectividad inglesa junto con sus mercancías. Esta colectividad se fue instalando en el Río de la Plata desde principios del siglo XIX a partir de las llamadas “Invasiones Inglesas” (1806/07).

Dentro de un núcleo cerrado integrado por comerciantes, saladeristas, altos funcionarios de la banca y estancieros, se comenzó a practicar el *football* en un club de cricket, el Montevideo Cricket Club (fundado el 18 de Julio de 1861), que ya había dado entrada a otros deportes como atletismo, tenis, remo, entre otros. En ese proceso colaboraron oficiales de las tripulaciones de los barcos de la escuadra inglesa que protegía el tráfico comercial del Atlántico Sur y que tenían su asentamiento en el Puerto de Montevideo. Es así que en 1878 se produce el primer encuentro entre equipos de Montevideo Cricket y de oficiales de esos buques militares.

Poco después, el deporte se expande a un club de remeros, el Montevideo Rowing Club (fundado el 8 de mayo de 1874) que se enfrenta repetidas veces con el Cricket. También hay sucesivos enfrentamientos entre un representativo de estas instituciones con sus similares de la cercana Buenos Aires, alternando la localía.

En el correr de los siguientes veinte años, este deporte se fue extendiendo muy lentamente dentro de la elite montevideana, que tenía relación comercial y social con esos ingleses, todos jóvenes procedentes de las clases altas y medias de la sociedad criolla.

Para ello se crearon en varios puntos de Montevideo distintas canchas (por ejemplo en Punta Carretas y Peñarol) respondiendo a las necesidades de esos nuevos equipos como el Albion, el Uruguay Athletic y el Deutscher Fussball Klub. Un rol importante le cupo a otro club de cricket, institución de los altos funcionarios de la empresa de ferrocarriles de propiedad inglesa, el Central Uruguay Railway Cricket Club (fundado el 28 de setiembre de 1891 en Villa Peñarol), que luego se transformaría en el Club Atlético Peñarol.

En marzo de 1900 el fútbol se había difundido entre las clases altas montevidéanas y se funda la Uruguayan Association Football League (UAFL), integrada por cuatro equipos de esta extracción social (Albion Football Club -quien envió las invitaciones a los demás clubes-; Central Uruguay Railway Cricket Club; Deutscher Fussball Klub y Uruguay Athletic). La UAFL tuvo actas y estatutos en inglés, lo que demuestra su raigambre extranjera. La asociación tenía como objetivo organizar las competencias de fútbol entre los equipos.

Progresivamente, estas prácticas se van extendiendo y popularizándose, no sin resistencias y empieza a ser percibida como una pérdida para las elites. Esto se refleja en la prensa, donde las elites (“la sociedad elegante”) se ven obligadas “a compartir con todo el pueblo” estas “luchas atléticas”. Esta es la crónica que así lo demuestra:

Los juegos populares.

Football – Partido internacional.

(...) Los grandes partidos, como los grandes espectáculos teatrales, llevan á las canchas inmensa concurrencia, entre la

que desfila **nuestra sociedad elegante, que va acostumbrándose á compartir con todo el pueblo, las emociones de esas luchas atléticas.** -El football está, pues, consagrando fiesta de todos y para todos. (...). (El subrayado es nuestro). (Rojo y Blanco n° 4, 8 de julio de 1900, p. 76).

Estas dificultades llegaron a fraccionar a clubes de primera línea, como sucedió en 1911 en el Club Nacional de Fútbol fundado en 1899 por estudiantes de educación secundaria de la Universidad de la República y el más importante rival del CURCC, donde la mayoría de los jugadores del plantel principal se retiraron del equipo por no aceptar compartir la práctica del deporte con los “mugres” (sucios, desprolijos). El enfrentamiento fue tal, que la prensa calificó a este grupo de aristocráticos como los “cuelludos” o “cajetillas”, por su vestimenta característica.

Sin embargo y a pesar de esa resistencia, el fútbol se fue extendiendo inconteniblemente a los estratos populares, fundándose entre fines del siglo XIX y comienzos del XX, cientos de clubes dedicados al fútbol en Montevideo y en casi todas las localidades del interior del país (Luzuriaga 2009). Por otro lado, la Uruguayan Association Football League poco a poco va agrupando un mayor número de equipos, organiza los torneos nacionales y ejerce la representación del país. En 1905 castellanizó su nombre a Liga Uruguay de Football. Posteriormente, en 1915 pasó a llamarse Asociación Uruguay de Football, lo que refleja un proceso paulatino de “nacionalización” de la organización.

Hasta 1915 el deporte prácticamente se enmarcó en una actividad absolutamente privada, sin intervención importante del Estado, aun

cuando cuatro años antes, en julio de 1911, ya se había fundado la Comisión Nacional de Educación Física. Este era un organismo oficial dedicado a la promoción de la cultura física donde el deporte tenía un lugar preponderante, pero el fútbol se mantuvo alejado de la acción de esta entidad.

En 1916 se realiza el Campeonato Sudamericano de Football, que fue conquistado por Uruguay y organizado por el gobierno argentino para rememorar los hechos de Tucumán de un siglo antes. A partir de este evento se organiza en Buenos Aires la creación de la Confederación Sudamericana de Fútbol, a partir de una iniciativa del delegado uruguayo, Héctor Rivadavia Gómez. A fines de ese año se reúne la Confederación en Montevideo y resuelve realizar, al año siguiente, su primer campeonato en Montevideo, disputando una “Copa América”. Inmediatamente la Asociación Uruguaya de Football (AUF), al no tener un escenario acorde para celebrar el torneo, le solicita apoyo al Gobierno.

La Comisión Nacional de Educación Física asume el compromiso de erigir un “Field Oficial” (Terreno Oficial) para ese importante evento. El ex Presidente de la República José Batlle y Ordóñez había ingresado a la Comisión Nacional de Educación Física poco después de terminar su segundo mandato, en 1915. Como no contaban con los fondos necesarios, se gestiona la solicitud de un importante préstamo con un banco privado, lo que permite construir en el central Parque Pereyra, un “Field Oficial” de fútbol, con una gran tribuna principal parcialmente techada y dos tribunas adicionales, con un aforo de 40.000 espectadores. Allí se va a disputar esa I Copa

América, a partir del 30 de setiembre de 1917, con la participación de selecciones de Argentina, Chile y Brasil, junto a la locataria, que a la postre resultaría campeona.

A partir de entonces, al obtener relevantes resultados tanto en las Copa América como en encuentros amistosos, Uruguay se convierte en actor principal del fútbol sudamericano.

Algunos años más tarde, en la década del veinte, se produjo en Uruguay un proceso conocido como el “Cisma”. Este proceso provocó una fuerte división y acompañaba la acción que se había dado también en los clubes argentinos. No se puede desconsiderar que en ese conflicto incidieron fuertemente las confrontaciones internas en el partido político gobernante, el Partido Colorado, y fueron las que determinaron que los apoyos estatales no estuvieran cuando, en 1924, la facción oficial representada por la Asociación Uruguaya de Football, participó en los Juegos Olímpicos de París, obteniendo la medalla de oro. El “Cisma” recién se superaría al año siguiente, a través del laudo Serrato de 1925, que requirió la participación directa del propio Presidente de la República.

Esta situación permitiría que, en 1928, la representación uruguaya reiteró su performance, ganando nuevamente el Campeonato Mundial de Fútbol en los Juegos Olímpicos de Ámsterdam. Al año siguiente, cuando la FIFA resolvió hacer su propio campeonato mundial, se elige Montevideo como sede para esa primera oportunidad a desarrollarse en 1930.

Con no pocos detractores desde posiciones políticas contrarias al partido gobernante, el Estado asume el gran esfuerzo necesario

para financiar que las delegaciones comparezcan al evento, así como para construir un estadio que llevaría el nombre “Centenario” por conmemorarse los cien años de la Jura de la Constitución en Uruguay, el 18 de Julio de 1830.

En la primera edición del Campeonato Mundial de Fútbol organizado por la FIFA, realizado en Montevideo, Uruguay volvió a alcanzar el primer puesto, cerrando un período de gran relevancia en la conformación de un espíritu coherente con el proyecto político que presidió este período, que buscaba – según su máximo impulsor, José Batlle y Ordóñez – “constituir un pequeño país modelo”, que podría llegar a “organizar los juegos olímpicos”¹.

Por otro lado y a pesar de la menguada asistencia de equipos europeos, el torneo constituyó un gran mojón inicial de una secuencia de confrontaciones internacionales que, con la interrupción durante la II Guerra Mundial, conforman el mayor espectáculo de repercusión mundial en la actualidad.

De acuerdo con el planteo de A. Gomensoro (2015), hay una serie de factores que ayudaron a que Uruguay en el deporte (y no sólo en el fútbol) tuviera un temprano desempeño destacado a nivel regional y mundial. Sintéticamente, pueden mencionarse como ventajas comparativas, que tuvo nuestro país en ese período, las siguientes:

a) Un país educado, bien alimentado, de fácil comunicación, homogéneo culturalmente.

1 Batlle, París, carta a Arena y Manini, 7 de febrero de 1908. Archivo Batlle. (Citado en Vanger 1991:49).

- b) Organización precoz del deporte.
- c) Multiplicidad de clubes, plazas de deportes y otras instalaciones adecuadas, con gran cantidad de dirigentes y voluntarios comprometidos.
- d) Elusión de las dos grandes guerras mundiales.
- e) Gran repercusión social del deporte, lo que determinó un importante apoyo al deporte desde el Estado y la sociedad civil.

En síntesis, según Pablo Alabarces (2018) en los éxitos deportivos de Uruguay durante el primer tercio del siglo XX “no hay milagro, entonces, ni casualidad, ni error, sino una serie de disposiciones estructurales que permitieron la explosión popular de la práctica (...)” (Alabarces 2018: 73).

LAS PRIMERAS NARRATIVAS SOBRE EL FÚTBOL EN SU ETAPA INICIAL Y FUNDACIONAL (1880-1930)

Como fue mencionado, los primeros encuentros futbolísticos que se desarrollaron en Uruguay fueron dentro de la colectividad inglesa, a partir de fines de la década del 70 del siglo XIX. La información que se difundió a la población se hizo por medio de los pocos periódicos que existían en el momento, incluyendo aquellos que respondían a la propia colectividad deportiva y que estaban escritos fundamentalmente en inglés. Eran informaciones muy reducidas y abordaban aspectos sociales del nuevo fenómeno, llamado “bola al pie”, en su traducción literal.

Repasemos dos crónicas que aparecieron en agosto de 1880 en el periódico *El Siglo*:

El 25 del corriente tendrá lugar en el Cricket inglés, cerca de la Unión, un gran partido de Football, compuesto de 13 orientales y argentinos contra igual número de ingleses (...) Sabemos que este partido ha despertado mucho interés entre las señoritas, por la novedad del juego y también porque la mayor parte de los jóvenes que frecuentan el Club Uruguay piensan presenciar la fiesta para animar a nuestros compatriotas. La entrada al terreno es libre y hay un palco destinado al bello sexo. (*El Siglo*, 22 de agosto de 1880).

El local del Montevideo Cricket Club fue favorecido anteayer por una concurrencia inusitada. Se trataba de un espectáculo nuevo para nuestras distracciones; extraño para nuestros hábitos y originalísimo para el carácter de nuestras recreativas costumbres. El foot-ball no solo había sido la novedad de la víspera, sino que también era entonces la ansiosa expectativa del momento (*El Siglo* 27 de agosto de 1880).

Los autores de estas gacetillas eran cronistas que abarcaban distintos eventos sociales que ocurrían en la época. Será recién a partir de principios de siglo XX, ya organizado el fútbol uruguayo, que aparecerán progresivamente en los medios escritos de entonces, los primeros periodistas especializados. Sin embargo, tuvieron que esforzarse para ir haciéndose un lugar entre los avisos necrológicos, la publicidad inmobiliaria y los telegramas que llegaban del extranjero.

Entre 1908 y 1912, la prensa se abre al fútbol y los diarios comenzaron a reservar espacios cada vez mayores a su actividad. Este fenómeno produjo la aparición de los primeros cronistas deportivos.

Esos cronistas carecían de espacio en las redacciones y escribían en mesas de café. Entre ellos encontramos a figuras como: Celestino Mibelli, Lorenzo Batlle Berres, Manilo Vitale D'Amico, Rafael Mieres, Justo Darritchon, Pedro J. Fruniz, Eduardo Arechavaleta, los hermanos Pereira Bustamante, Arturo Michel, Serafín Baleiton y José Otero.

El Día, periódico que respondía a las orientaciones políticas del dos veces presidente de la República, José Batlle y Ordóñez, ha sido considerado uno de los más importantes periódicos de la historia del Uruguay. Ya comenzaban a hacerse sentir los efectos de la alfabetización masiva iniciada unas décadas antes y este diario, buscando a través de la prensa generar una cultura de masas, se transformó en el compañero típico del domingo de los sectores populares. Los ideales políticos democráticos, la sección para la mujer, el suplemento dominical y la página deportiva fueron elementos centrales de la divulgación. La importancia del diario *El Día* radica en que, a su modo, era el encargado de estimular el imaginario del fútbol uruguayo a través de su página deportiva. En 1908, apareció por primera vez en ese periódico la página deportiva. De esta manera, fueron los que empezaron a moldear la opinión pública mayoritaria. Así, para el caso uruguayo, la prensa tuvo una influencia decisiva en la literatura que genera el fútbol (Laborido 2019).

A partir de 1922 durante los siguientes dos años comenzaron las transmisiones de radiotelefonía en directo desde los propios escenarios deportivos. La incorporación de este nuevo medio hizo posible que numerosos periodistas, ex deportistas y dirigentes incursionaran en la comunicación sin una formación profesional

previa. Así aparecieron los que se transformaron en figuras muy populares, entre los que se destacaron personalidades como Ignacio Domínguez Riera, Ricardo Lorenzo “Borocotó”, Emilio Elena, Raúl Fontaina, Luis Sciutto, Eduardo Pellicciari, Griselda Zani, Luis V. Semino, César L. Gallardo, Carlos Solé, Franklin Morales y Duilio De Feo. En 1964 se incorporará la televisión con partidos transmitidos inicialmente por el Canal 10 de Montevideo.

DEL DESARROLLO AL ESTANCAMIENTO DEL FÚTBOL URUGUAYO (1930-1970)

Como expusimos anteriormente, el éxito del deporte uruguayo durante los primeros años del siglo XX se explica en gran medida por un conjunto de ventajas comparativas. Las ventajas comparativas anteriormente mencionadas, sumadas a la crisis europea y a las guerras, ayudaron a que los uruguayos compitieran en igualdad de condiciones en los Juegos Olímpicos y Mundiales de fútbol. También fueron importantes otros deportes con los que se lograron triunfos significativos, lo que demuestra que el deporte uruguayo tuvo un importante crecimiento durante todo ese período. Los éxitos continuaron con el Mundial de fútbol de 1950. “(...) Para estos resultados influyó seguramente el desarrollo deportivo experimentado, el buen momento económico que vivía Uruguay y la debilidad de los países participantes en la II Guerra Mundial (1939 – 1945)” (Gomensoro 2015: 29).

Por otra parte, el modelo del deporte uruguayo también tuvo éxito debido al auge que había tomado la organización deportiva cimentada en el funcionamiento de clubes pequeños, medianos y grandes en todo el país. Esos clubes eran conducidos por una gran

cantidad de dirigentes voluntarios, con federaciones emprendedoras que los congregaban, en un contexto internacional donde el profesionalismo y la especialización no habían aún llegado a la mayoría de los deportes (Gomensoro 2015).

El pujante modelo deportivo de la primera mitad del siglo XX, ya en la década del cincuenta mostraba signos de agotamiento. Desde la perspectiva de Ricardo Piñeyrúa (2008), hubo dos momentos de cambio que relegaron a Uruguay y a países similares. En primer lugar, una vez finalizada la Segunda Guerra Mundial, y sobre todo a partir de 1947 con el inicio de la Guerra Fría y el traslado del deporte a nuevos planos, los grupos socialistas y capitalistas, entendieron que los resultados obtenidos internacionalmente en el deporte eran elementos relevantes para la propaganda de sus regímenes. En segundo lugar, también influyó el desarrollo de los medios de comunicación, la globalización y la transformación del deporte a entretenimiento masivo (Laborido 2021).

El proceso de la modernización del fútbol tuvo como modelo el formato y la organización del fútbol europeo. Esto generó que pasara por una serie de cambios: en los modelos del juego, su consumo y organización, su difusión mediática, y su afición. Estas transformaciones se insertan en los procesos de mercantilización, hipermediatización y transnacionalización. Se trata de un fenómeno que es global, que tiene que mantener su contenido estético y lúdico para atraer la atención de los espectadores, y generar íconos para consumir y no cansar.

Frente a este fenómeno, Uruguay mantuvo su funcionamiento y organización anterior, basado en la matriz originaria batllista de

corte amateur, desorganizado, no planificado, que depende de la improvisación. La modernización fue dejando afuera a los países pequeños o en desarrollo, que no podían invertir en entrenamiento ni en instalaciones o equipos muy costosos. La infraestructura deportiva pasó a ser determinante y las viejas Plazas de Deportes no pudieron competir, ni siquiera en la región. “Por este motivo, junto a la crisis económica, la Dictadura y el poco interés que se aplicó al deporte, los resultados internacionales empezaron a ser cada vez más discretos, perdiendo el lugar de privilegio de etapas anteriores” (Gomensoro 2015: 32).

En síntesis, el contexto mundial de la segunda mitad del siglo XX está marcado por el comienzo de transformaciones profundas, dando paso a la modernización del y en el fútbol. A su vez, los procesos de globalización acentuaron más esas transformaciones en los setenta y ochenta, al adquirir nuevas características con enormes tentáculos que abarcaban diversos aspectos. La consecuencia directa en Uruguay y en general, en América Latina, terminó siendo el debilitamiento de la articulación entre fútbol y nacionalismo que tanto funcionó en la primera mitad del siglo XX.

INTENTOS POR ESCRIBIR UNA HISTORIA DEL FÚTBOL URUGUAYO: LOS MITOS FUNDACIONALES Y EL “SENTIDO COMÚN FUTBOLÍSTICO” (DÉCADA DEL SESENTA Y SETENTA DEL SIGLO XX)

Con el correr del tiempo los cronistas comenzaron a escribir algo más que análisis inmediatos. Así, en la órbita del periodismo deportivo, se producían narrativas con un profundo énfasis en semblanzas

o ficciones sentimentales memorísticas antes que una Historia del fútbol con rigor científico. Al igual de lo que ocurrió en el resto de la región, algunos periodistas produjeron ensayos y monografías en los que solían incorporar muchos datos históricos.

Un exponente de este tipo de narrativas es la obra *Historia del deporte en el Uruguay, 1830-1900*, escrita por los periodistas José Luis Buzzetti y Eduardo Gutiérrez Cortinas (1965). Se trata de un libro que se basa en elementos cronológicos, más que en una investigación historiográfica. De alguna manera, este tipo de concepción de la historia del deporte se debe a que nacieron bajo la influencia de la Historia tradicional, positivista. A su vez, muchas de esas narrativas estaban en manos de periodistas que en su mayoría pertenecían a ámbitos fuera de los circuitos académicos.

Simultáneamente, comenzaron a publicarse numerosos textos sobre la historia del deporte en formato de suplementos de diarios y semanarios o en colecciones independientes escritas por esos y otros periodistas. De esas publicaciones merecen destacarse, entre otras, el *Diccionario Biográfico del Deporte Uruguayo, Capítulo Oriental, Nuestra Tierra y Estrellas Deportivas*.

Esa coyuntura tuvo como protagonista al periodista² deportivo Franklin Morales (1933-2022), que se destacó sobre todo por sus libros y textos. Uno de sus principales aportes fue la colección

2 Además de Franklin Morales, también escribieron en la colección: Carlos Soto, César L. Gallardo, Dionisio A. Vera (“Davy”), Eduardo Gutiérrez Cortinas, Carlos Manini Ríos, Ricardo Lombardo, Ulises Badano, Julio Bayce, Nilo J. Suburú, A. Eduardo Bing, Rafael Bayce, Carlos Martínez Moreno, Carlos Loedel, Raúl Brengio Brito, Carlos Lorenzo, Sergio Decaux, Alberto Silvio Montaña, Lorenzo J. Pino, Luis Esteva Ríos, Carlos Andrés Naya y Erasmo A. Fried.

que organizó, compuesta por 27 fascículos escritos por distintos periodistas. La colección *100 años de fútbol* (1969-1970) fue la primera historia editada del fútbol uruguayo.

Sin embargo, junto a los aportes debidamente fundamentados de algunos periodistas, hubo una recurrente caída en la banalización, el populismo, la espectacularización y un reiterado abordaje desde lo que Alabarces (2004) ha denominado acertadamente “el sentido común futbolístico”. Se trata de una sucesión de verdades unánimemente aceptadas pero nunca demostradas, que se repiten en el comentario o en el relato y se utilizan frecuentemente para saldar controversias superficiales como definir quién es el mejor. En algunos ámbitos también se los denomina “códigos”, afirmaciones incontrovertibles que se refieren a conductas a ser seguidas obligatoriamente por todos los actores. Si a ello le sumamos la muy habitual necesidad de popularización a través de un relato épico, el resultado es una distorsión más o menos importante de la realidad. En este sentido, el sociólogo François Graña (s/f) sostiene que:

La fetichización de las viejas proezas entorpece una consideración socio-histórica ponderada de aquellos desempeños deportivos, de las condiciones y circunstancias que se le asocian. El relato apologético y la distancia creciente entre pasado glorioso y presente frustrante, han contribuido a borrar los contornos de aquellas hazañas épicas, a desprenderlas de los contextos que las había tornado posibles. El estilo épico que anima ampliamente los relatos de los viejos triunfos futbolísticos, ha contribuido así a fetichizarlos. (s/d).

No es casualidad que, en el caso de Uruguay, la popularización del fútbol basada en un discurso patriótico y hegemonizante se dé a partir de esfuerzos presentes desde el momento en que el movimiento político denominado batllismo, incorporó al deporte como parte de su estrategia de llegar a un “pequeño país modelo”, dándole entonces relevancia a los aspectos que configuran un relato reivindicativo de una pequeña nación que se engrandece en las luchas deportivas como síntesis de su identidad.

LOS PRIMEROS APORTES ACADÉMICOS SOBRE LA HISTORIA DEL FÚTBOL URUGUAYO (DÉCADA DEL OCHENTA Y NOVENTA DEL SIGLO XX)

Mientras ocurría el proceso de eclosión de narrativas sobre el fútbol uruguayo en el propio ámbito académico, al deporte en general y al fútbol en particular se los consideraba sin valor económico y como algo vulgar. Desde ese punto de vista, el deporte era concebido como un objeto de estudio incapaz de mostrar las más mínimas representaciones de las relaciones sociales. Prácticamente hubo que esperar cien años para que las ciencias sociales en Uruguay produjeran discursos explicativos e interpretativos sobre la historia de su fútbol.

Uno de los primeros trabajos sobre deporte con una perspectiva sociocultural fue un artículo publicado por el sociólogo Rafael Bayce en 1983, *Deporte y sociedad*. En ese artículo, Bayce (1983) analizó las prácticas deportivas y el significado que se les atribuía dependiendo del estrato social en el Uruguay del período comprendido entre 1958 y 1983. En su texto planteó que existían varias razones que suponían un desafío y una gran responsabilidad escribir sobre el deporte como objeto de estudio y observaba:

La virginidad del tema en la literatura nacional, ya que sólo hay antecedentes en cuentos costumbristas, crónicas con sabor al contexto social futbolístico y recopilaciones no analíticas de carácter histórico. Hay que esperar casi hasta la década del 70 para que se trascienda el enfoque meramente deportivo o histórico-literario del deporte en un análisis del fútbol uruguayo como hecho social cuasi-científico. (Bayce 1983: 49).

Como se observa, en este abanico de comunicación deportiva, se les comenzó a abrir paso a distintos trabajos sobre la historia del deporte desde diferentes perspectivas académicas, provenientes de investigaciones sistemáticas. Se puede afirmar que uno de los antecesores académicos de los estudios sobre el fútbol es otra obra de Rafael Bayce *La evolución de los sistemas de juego* (1970). Este texto formó parte de la mencionada colección *100 años de fútbol* (1969-1970). Le siguieron Carlos Arias y Arnaldo Gomensoro con distintos aportes a partir de 1986 en la revista *Nexo Sport*. A comienzos del siglo XXI realizó su aporte Andrés Morales en la revista digital *EFDeportes* (2003).

LA HISTORIA DEL FÚTBOL EN PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA: LOS APORTES DEL GREFU (GRUPO DE ESTUDIOS DE FÚTBOL DEL URUGUAY) EN EL SIGLO XXI

A partir de mediados de la década del sesenta del siglo XX, hubo un explosivo crecimiento de la producción de obras referidas al fútbol y al deporte, particularmente en el mundo anglosajón (Inglaterra y

Estados Unidos mayoritariamente). Desde ese momento, comenzó un proceso de institucionalización de los estudios académicos sobre el deporte. Este proceso fue el resultado de preocupaciones académicas de distintos investigadores, cuando se dieron cuenta del lugar y la importancia que tiene el deporte en la sociedad. Esos primeros abordajes académicos fueron realizados con perspectiva sociológica y antropológica. Si bien existieron algunos trabajos sobre el deporte en clave histórica, este campo profesional a nivel internacional se fue consolidando en las últimas décadas del siglo XX y en gran medida tiene relación con la configuración de la Nueva Historia Cultural.

Según Melo y Fortes (2010) la Historia del Deporte es “hija” de la Nueva Historia Cultural, pero afirman que se fue relacionando más a las premisas teóricas de la historia social. Así, los investigadores de historia del deporte pasaron a prestarle más atención a las potencialidades que brinda este campo, sobre todo considerando aportes provenientes de la Antropología. Este fenómeno se dio mayoritariamente en países centrales y comenzaron a concebir al deporte como objeto de estudio.

Para Esparza Ontiveros (2010), la historia del deporte es una subdisciplina reciente, que surge en la década del setenta del siglo XX. En este sentido, sostiene que:

(...) La construcción del campo de la historia del deporte responde a un esfuerzo realizado a partir de la década de 1960 dentro del english speaking world (mundo de habla inglesa) que fructifica significativamente hasta el año 1973, con la fundación de la North American Society for Sport History

(Sociedad norteamericana para la historia del deporte) y la publicación de la *Journal of Sport History* (Revista de historia del deporte). (Esparza Ontiveros 2010).

¿Podríamos hablar de un campo académico historiográfico en torno al deporte y al fútbol en Uruguay? Podemos asegurar que se trata de un campo incipiente, que se está configurando como tal. De hecho, en los últimos veinte años podemos observar un despegue de la historiografía futbolística. En este sentido se destacan una serie de trabajos en los que los autores tienen formación académica en el campo de las ciencias de la historia, desde un punto de vista conceptual y metodológico.

Uno de los pioneros de la nueva historia del fútbol uruguayo es Luzuriaga (2009 y 2019). El aporte de este autor radica en que su abordaje se apoya en herramientas teóricas de la historia social. En sus obras exploró la difusión del fútbol que se dio de la mano de los ingleses, los ferroviarios y con un gran predominio de las acciones que se desarrollaron en la capital del país.

Justamente fue Luzuriaga uno de los fundadores del primer grupo de investigación dedicado específicamente al estudio de la historia del fútbol. El 29 de diciembre 2011 se creó oficialmente el Grupo de Estudios de Fútbol del Uruguay (GREFU) en el seno de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de Udelar. Este grupo surgió por iniciativa del historiador Juan Carlos Luzuriaga (Facultad de Humanidades) y del profesor Pierre Arrighi (Université de Picardie, Francia).

Posteriormente, el GREFU fue nucleando a otros investigadores, como Andrés Morales, sobrino de Franklin Morales, otro de los

fundadores de la historiografía del fútbol uruguayo. La obra de Andrés Morales, *Fútbol, identidad y poder* (1916-1930) (2013) se transformó en uno de los primeros trabajos en problematizar y realizar un abordaje teórico y metodológico del lugar que ocupa el fútbol en la identidad nacional del Uruguay. El autor intentó dar respuesta a la relación existente entre el fútbol, la política y la construcción de identidad entre 1916 y 1930 y abrió el camino para que, posteriormente, otros investigadores tomaran el período 1900 a 1930 como objeto de estudio. Este trabajo es motivado por los triunfos de la selección uruguaya en los Juegos Olímpicos de 1924 y 1928, así como por la obtención de la primera Copa Mundial de Fútbol en 1930, desarrollada en Uruguay. Quienes han estudiado ese período se han preocupado por vincular las esferas del fútbol, la política y la sociedad, poniendo especial atención en los mecanismos de construcción de identidad nacional. En este sentido, en el caso de la historia del Uruguay, el fútbol fue uno de los elementos catalizadores de la forja de la identidad nacional (Morales 2013).

Otro de los investigadores asociados al GREFU es Arnaldo Gomensoro. Su obra *Historia del Deporte, la Recreación y la Educación Física en Uruguay* (2015) es un texto panorámico pero muy útil, ya que es uno de los primeros intentos de periodizar analíticamente la historia de la cultura física en Uruguay. Gomensoro (2015) reconstruye rasgos significativos de la historia del deporte, la educación física y la recreación. En sus distintas secciones coloca ejemplos de diversos deportes, entre ellos el fútbol, destacándose el interés del autor por visualizar las relaciones entre el fútbol y la política. En esta misma línea, Gomensoro (2020) publicó un artículo

en el que busca rastrear, a partir de la figura del mayor líder político de la primera mitad de siglo XX, José Batlle y Ordóñez, el origen de la organización estatal de la Cultura Física en Uruguay y su inicial desarrollo hasta la organización de la I Copa América realizada en Montevideo, en 1917.

CONCLUSIONES

Durante gran parte del siglo XX, los estudios académicos vinculados a la Historia del Deporte y al fútbol en particular, fueron prácticamente inexistentes, tanto a nivel regional como nacional. En parte porque los historiadores han considerado al deporte como un tema poco relevante o “vulgar”. Recién en los años sesenta y setenta, los investigadores (mayoritariamente sociólogos y antropólogos) se dieron cuenta del lugar y la importancia que tiene el deporte en la sociedad, pero fue en el último cuarto del siglo XX cuando aparecieron las primeras contribuciones historiográficas.

En el caso uruguayo, a comienzos del siglo XXI fue cuando algunos historiadores colocaron sobre la mesa diferentes preocupaciones sobre la historia del fútbol en Uruguay. Así, este trabajo tuvo el propósito de contribuir a la discusión sobre la importancia de estudiar la historia del fútbol en Uruguay. Hoy en día es fundamental ver el deporte como objeto relevante para entender a la sociedad. El deporte como fenómeno social se vincula a otras esferas de la vida cotidiana, por lo que también permite explicar relaciones sociales.

El deporte es por excelencia el objeto de estudio de la historia social y cultural. Sintetizaremos las posibilidades que tiene un

abordaje académico desde la Historia Social o de la Historia Cultural:

- a) Nos ayuda a entender a la sociedad;
- b) Nos ayuda a comprender mecanismos de construcción de identidad (nacional y local);
- c) Nos ayuda a explicar las relaciones sociales;
- d) Nos ayuda a identificar modelos de socialización y de conducta;
- e) Nos ayuda a comprender cuestiones simbólicas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABARCES, Pablo. 2004. “Entre la banalidad y la crítica: perspectivas de las Ciencias Sociales sobre el deporte en América Latina”. *Memoria y civilización*, 7: (1-33).

ALABARCES, Pablo. 2018. *Historia mínima del fútbol en América Latina*. Ciudad de México: El Colegio de México..

BAYCE, Rafael. 1970. “La evolución de los sistemas de juego”. In: F. Morales (dir.), *100 años de fútbol*. Montevideo: Editores Reunidos. pp. 507-527.

BAYCE, Rafael. 1983. “Deporte y sociedad”. In: *El Uruguay de nuestro tiempo 1958-1983*. Montevideo: CLAEH. pp. 49-72.

BUZZETTI, José y GUTIÉRREZ CORTINAS, Eduardo. 1965. *Historia del deporte en el Uruguay (1830-1900)*. Montevideo: Ed. De los autores.

ESPARZA ONTIVEROS, Miguel. 2010. “Sociedades deportizadas. Una aproximación a la historia del deporte”. *efdeportes.com Revista*

Digital, 15(144).

<https://www.efdeportes.com/efd144/una-aproximacion-a-la-historia-del-deporte.htm>.

GOMENSORO, Arnaldo. 2020. “Batlle, el batllismo y el fútbol”. *Encuentros Uruguayos*, 13(1): 83-107.

GOMENSORO, Arnaldo. 2015. *Historia del Deporte, la Recreación y la Educación Física en Uruguay. Crónicas y relatos*. Montevideo: IUACJ.

GRAÑA, François. s/f. Fútbol y mitos inútiles: la garra charrúa nunca sirvió para nada. *Insomnia*, 36.

LABORIDO, Gastón. 2019. “Origen del fútbol en Montevideo y la construcción de su espacio en la prensa”. *Recorde: Revista de História do Esporte*, 12(1): 1-18.

LABORIDO, Gastón. 2021. “La modernización en el fútbol uruguayo: tensiones surgidas en torno al deterioro de los clubes y al profesionalismo en la segunda mitad del siglo XX”. *Argumentos*, 18(2): 130-149.

LUZURIAGA, Juan Carlos. 2009. *El football del novecientos. Orígenes y desarrollo del fútbol en el Uruguay (1875-1915)*. Montevideo: Santillana.

LUZURIAGA, Juan Carlos. 2019. *Orígenes y desarrollo del fútbol en el Uruguay. Nuevas miradas (1870-1920)*. Montevideo: Alter.

MELO, Victor Andrade y FORTES, Rafael. 2010. “História do esporte: panorama e perspectivas”. *Fronteiras*, 12(22): 11-35.

MORALES, Andrés. 2013. *Fútbol, identidad y poder (1916-1930)*. Montevideo: Fin de Siglo.

MORALES, Franklin (dir.). 1969-1970. *100 años de fútbol*. Montevideo: Editores Reunidos.

PIÑEYRÚA, Ricardo. 2008. “Frustración inexplicable”. *Revista digital Vadenuevo*, (1).

VANGER, Milton. 1991. *El país modelo: José Batlle y Ordóñez, 1907-1915*. Montevideo: Ed. Arca /Banda Oriental.

CAPÍTULO 2

Futebol português, uma historiografia

Francisco Pinheiro

Universidade de Coimbra, Portugal

RESUMO

Este capítulo é uma análise da produção historiográfica sobre a história do futebol português, feita a partir de sete obras publicadas entre 1938 e 2024. Procurou-se observar algumas das mais importantes publicações produzidas sobre a história do futebol português, tendo em consideração facetas da escrita e investigação histórica, e os objetivos e características de produção destas obras. Analisou-se a narrativa e estrutura metodológica, as temáticas e o conteúdo, a autoria e o contexto que lhes deu origem. Como parâmetros comuns, identificou-se a predominância de uma narrativa e autoria (quase) exclusivamente masculina, a defesa de uma escrita histórica isenta e rigorosa (em oposição à “clubite” inerente ao futebol), o domínio de uma narrativa jornalística sobre a histórico-científica, a ideia de novidade em cada obra e a tentativa de abertura de novas linhas de investigação.

Palavras-chave: história, historiografia, bibliografia, futebol, Portugal

ABSTRACT

This chapter is an analysis of the historiographical production on the history of Portuguese football, based on seven works published between 1938 and 2024. The aim was to look at some of the most important publications produced on the history of Portuguese football, considering facets of historical writing and research, and the objectives and production characteristics of these works. The narrative and methodological structure, themes and content, authorship and the context in which they originated were analysed. The common parameters identified were the predominance of an (almost) exclusively male narrative and authorship, the defence of impartial and rigorous historical writing (as opposed to the “club views” inherent to football), the dominance of a journalistic narrative over a historical-scientific one, the idea of novelty in each work and the attempt to open up new lines of research.

Keywords: history, historiography, bibliography, soccer, Portugal

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) é uma agência especializada da ONU (Organização das Nações Unidas) que trabalha para promover a paz, o desenvolvimento humano e a segurança. E no âmbito das suas competências acabou por definir uma nomenclatura internacional para os campos da ciência e tecnologia, atribuindo códigos às diferentes disciplinas

e subdisciplinas. Assim, no âmbito dos ‘Códigos Unesco’¹, a História assumiu o código 55, com sete subáreas, nomeadamente: 5501-Biografias, 5503-História Geral, 5503-História de Países, 5504-História por Épocas, 5505-Ciências Auxiliares da História, 5506-História por Especialidades e 5599-Outras Especialidades da História. A ‘história do desporto’, enquanto área de especialização da história, deveria constar na listagem do campo 5506-Histórias por Especialidades, onde se encontram 31 variantes, começando pela 5506.01-História da Arquitetura e terminando na 5506.93-História da Igreja. Porém, o desporto, enquanto campo de investigação da história, é omissa nessa listagem, tal como a própria palavra desporto em si (totalmente omissa nos ‘Códigos Unesco’ para a ciência e tecnologia em 2024-2025), ficando assim a ‘história do desporto’ relegada para o código 5506.99-Outras.

Abro o capítulo com esta reflexão para enquadrar a ausência de um reconhecimento internacional sobre a área de especialização da história do desporto, um tema que já em fevereiro 1988 era abordado na revista portuguesa *Desporto e Sociedade*, publicada pela Direção-Geral dos Desportos. Na contracapa desse número surgia uma frase ilustrativa de como os historiadores encaravam o fenómeno desportivo:

“Relógios antigos, bolas e batatas têm beneficiado mais de estudos históricos do que os jogos e os desportos. Alguns

1 Cf. <https://www.um.es/documents/1235915/3330673/codigosUNESCO-ciencia-tecnologia.pdf/85d6ff59-e7bf-46a1-9619-fc33859e87c3>

jornalistas, psicólogos, sociólogos e os próprios desportistas têm escrito sobre desportos; os historiadores apenas se debruçaram casualmente sobre o assunto.”

No caso da historiografia portuguesa, esta reflexão era relativamente adequada no final do século XX e pouco se alterou no início do novo milénio. Nas primeiras décadas do século XXI, os contributos historiográficos sobre o desporto português continuaram centrados em abordagens biográficas (ou autobiográficas), assim como na história de clubes, instituições, competições, legislação e modalidades, com realce para o futebol. Mas esta produção historiográfica tem sido relativamente reduzida (um paradoxo, num país em que o futebol domina a narrativa mediática e a cultura popular), fruto, em parte, da ausência da disciplina de história do desporto nos departamentos de História e de Ciências do Desporto das universidades portuguesas, assim como a ausência da figura do historiador no âmbito das instituições ligadas ao mundo desportivo.

Deste modo, este capítulo irá abordar, a partir do futebol, a ideia do *Fazer História*, na versão portuguesa de 1981, ou *Faire de l’Histoire*, na versão original francesa de 1974, obra dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora e que viria a inspirar outros livros de história e revistas científicas². Como refere Torgal (2011: 11), nessa obra francesa, “procurava-se ‘fazer história’ sobre novos temas

2 Cf. *Revista Estudos do Século XX – Fazer história contemporânea*, n.º 11, coordenado pelo historiador Luís Reis Torgal e editado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

com novas metodologias, mas sem cair no modismo que destrói a originalidade e engana o leitor”. Novos temas, novas metodologias, novos desafios para a história e o historiador, reptos que o desporto (e o futebol em particular) apresenta, em especial tendo em conta os conceitos de “contemporâneo” e “tempo presente”. Como também sintetizou Torgal (2011: 11-12), “a historiografia do ‘contemporâneo’ em Portugal começou com o estudo do século XIX, já no século XIX, como se pode ver na historiografia e na historiografia ideológica, por exemplo, de José de Arriaga, Luz Soriano ou Oliveira Martins (autor precisamente de um livro chamado *Portugal Contemporâneo*, 1881).” No caso da historiografia do contemporâneo dedicada ao desporto português, remete já para o século XX, com uma das primeiras tentativas a ser feita em 1934 pelo médico e jornalista José Pontes, na obra *Quasi um Século de Desporto*, escrita em 11 dias (de 11 a 22 de maio de 1934), durante a preparação da Primeira Exposição Triunfal do Desporto (Pontes 1934: 41). Com uma narrativa autobiográfica, Pontes (1934: 41) traçou “um panorama rápido” da história do desporto português, desde meados do século XIX (fase de surgimento) até à década de 1920 (fase de popularização).

Este capítulo assume, assim, a intenção de refletir sobre o *fazer história* do futebol português, a partir das principais obras historiográficas publicadas na contemporaneidade. E procura entender cada obra selecionada como um objeto histórico, com uma estrutura, características e funções específicas, ao qual podem ser traçadas diversas vinculações com o contexto da sua autoria, produção e utilização. Pretende-se, deste modo, contribuir para uma história

da historiografia portuguesa sobre futebol, na linha proposta por Marques (1988) nos seus *Ensaio de Historiografia Portuguesa*. Entendendo, aqui, historiografia³ como “o estudo histórico e crítico acerca da história ou dos historiadores” (Ferreira 2004), possibilitando “a releitura das múltiplas leituras que o homem realizou do mundo e de si mesmo, no transcorrer da história” (Men e Neves 2005: 6). Recorre-se também a metodologias de análise de conteúdo, na linha proposta por Vala (2003: 101-128), nomeadamente “a descrição tão exaustiva quanto possível de um acontecimento, de um caso” (Vala 2003: 105) – neste capítulo aplica-se este objetivo aos livros de referência produzidos sobre a história do futebol português, os quais constituem o *corpus* da nossa análise. Coloca-se, então, nesta fase, a questão sobre o que se entende como livros de referência sobre a história do futebol português e quais assumem essas características. Para isso, partimos de quatro categorias de análise: a amplitude temporal do estudo, ou seja, o mais abrangente possível, desde as origens da modalidade até à data em que foi publicada a obra; o alcance temático, que aborde diversas facetas do fenómeno do futebol; o impacto historiográfico que teve na época da sua publicação; e o papel inovador que desempenhou, com a abertura de novas linhas de investigação sobre o tema. Ou seja, este estudo centra-se numa análise a obras de história do futebol português que assumam uma cronologia alargada e diferentes temáticas e que tenham tido impacto neste campo epistemológico, aliado a alguma inovação programática

3 Aponta-se a origem do termo para o Monge Tomaso Campanella, em 1638.

e de conteúdo histórico. Mas é um *corpus* delimitado, focado numa amostra que se pretende geral e de referência, mas assumindo que “não há modelos ideais” (Vala 2003: 126) de investigação e de constituição de uma amostragem com o perfil desta, dada a vasta produção historiográfica⁴ feita sobre o futebol português desde finais do século XIX até aos dias de hoje (2025).

UMA HISTORIOGRAFIA EM SETE OBRAS

A primeira tentativa de fazer uma análise histórica do futebol português surgiu em dezembro de 1938, Júlio de Araújo, num ano em que se comemoravam os 50 anos da modalidade em Portugal (introduzida entre os portugueses em 1888). A obra assumiu o título de *Meio Século de Futebol – Subsídios para a História do Futebol em Portugal*, escrita por um dirigente desportivo, com vasta experiência no jornalismo. Na abertura (p. A1), o autor apresentou uma breve nota biográfica, com seis referências curriculares⁵, iniciadas com a informação “Presidente do Sporting Club de Portugal” e encerradas com “Jornalista desportivo”. Mais à frente (p. A5-A10), o autor

4 Cf. *Catálogo Desporto & Letras*, lançado pela Biblioteca Nacional (Portugal) em 2004.

5 “Presidente do Sporting Club de Portugal; presidente do Club Desportivo de Palhavã; membro do Cons. Geral da Federação de Futebol; presidente da Assembleia Geral, membro da Direção e da Comissão Seleccionadora da Associação de Football de Lisboa; presidente da Assembleia Geral da Associação de Rugby de Lisboa; e jornalista desportivo em *Os Sports Ilustrados*, *Os Sports* e *O Sport de Lisboa*.”

escreveu uma espécie de preâmbulo, com a designação “Conversação Preliminar”, em que esclareceu “o que é a obra”:

“*Meio Século de Futebol* refere-se a todo o movimento futebolístico desde o longínquo ano de 1888 até ao próximo passado de 1938, mas somente quando Lisboa participou desse movimento com qualquer das suas categorias principais, grupos ou jogadores, no País ou fora dele.”

O autor sublinhou ainda (p. A5) que a sua investigação de 639 páginas “não aspira a ser uma obra completa, mas seguramente consigna tudo o que de mais importante aconteceu” na história cinquentenária do futebol português (sobretudo lisboeta). Esclarecia também que a obra foi redigida durante a sua estadia no Rio de Janeiro⁶ (Brasil), “longe das possibilidades de informação e de pesquisa”, e por isso mesmo “possui falhas” mas “marcará uma classe”, assegurando que “nada inventámos ou adulterámos”, colocando de parte “as nossas simpatias e antipatias” (de teor clubístico) durante a sua conceção e redação – defendia, deste modo, o rigor histórico da obra. E o estudo devia ser visto como “um ponto de partida para trabalhos de maior vulto e mais completos a que alguém um dia se abalance”.

Relativamente ao “processo da obra” (p. A6), Júlio de Araújo referiu que o mesmo assentou em documentação organizada “em mais de 2000 dossiers”, com “tudo quanto era necessário para uma

6 A parte “Conversação Preliminar” encerra com a nota “Rio de Janeiro 31 de dezembro de 1938.”

obra completa, sem falhas ou omissões”. E para isso “usámos a consulta a tudo quanto se publicou em livros, trabalhos avulsos, revistas, jornais da especialidade, secções desportivas dos diários e em Relatórios da especialidade.” Quanto às “deficiências existentes” (p. A6) na obra, o autor reconhece que a mesma “possui falhas e algumas omissões”, que resultaram “em parte da ausência de elementos de consulta e de esclarecimento”, apontando que “seria interessante ampliar o trabalho por forma a que nada ficasse fora dele”, sendo “possível admitir que entre os novos surja quem queira abalançar-se a tal trabalho” – lançava o reto de atualização da obra a futuros investigadores interessados na história do futebol português.

Na parte final da “Conversação Preliminar” (p. A7), o autor aborda três questões: “Do destino da obra”, “Da ordenação da obra” e “Do uso e da consulta”. Sobre o seu “destino”, Júlio de Araújo refere que “muitas vezes” parou “a pensar no ‘para que’ de tanta persistência” em fazer a obra, que lhe supôs “grande número de horas” e “largos meses” de investigação e escrita, reconhecendo que naquele contexto de final dos anos 1930 “nunca será possível editar-se” e “quando muito” poderia publicar-se em partes numa revista desportiva – o que não se verificou. E tirando a publicação em livro ou em fascículos, o “destino” da obra seria ter “um lugar reservado no cofre da Associação de Football de Lisboa” (o que acabou por suceder, nunca se chegando a publicar⁷). No respeitante à “ordenação” da obra, conjugou “o

7 Ainda hoje (2025) o trabalho original (volume único) se encontra no arquivo histórico da Associação de Futebol de Coimbra.

relato de acordo com a sequência cronológica” e “o agrupamento por espécies de provas” (ou seja, por temas), apresentando em termos de “uso” e “consulta” uma estrutura assente em cinco grandes capítulos: “Jornalistas Desportivos” (dedicado à história do jornalismo desportivo português), “Bibliografia” (análise da “quase totalidade das publicações desportivas editadas em Lisboa”), “Origem do Futebol”, “Resumo” (estudo da “evolução do futebol”, sobretudo em Lisboa, entre 1888 e 1938) e “Mapa Geral dos Campeonatos e Provas organizadas pela Federação Portuguesa de Football e Associação de Football de Lisboa” (incluindo provas nacionais e regionais (de Lisboa), assim como jogos internacionais, inter-regionais, interassociações, provas militares e policiais, digressões e listagem de clubes lisboetas). Concluída pelo autor, como referido, em dezembro de 1938, esta obra tinha um perfil comemorativo, evocando os 50 anos do futebol português (1888-1938).

Nesta primeira grande obra sobre o futebol português, Júlio de Araújo citaria de forma recorrente vários jornalistas desportivos, entre os quais três nomes que realizaram outro estudo de referência, com o título *História dos Desportos em Portugal*, publicado em fascículos pela Editorial Inquérito⁸, de Lisboa, entre finais dos anos 1940 e o início de 1953. Em 583 páginas, os jornalistas Tavares da

8 Com sede na Rua do Mundo, 100-2.º, em Lisboa, cabendo a impressão à Imprensa Libânio da Silva, também de Lisboa.

Silva⁹, Ricardo Ornelas¹⁰ e Ribeiro dos Reis¹¹ analisaram em profundidade a evolução do desporto português, centrando-se no futebol e adotando uma narrativa cronológica. A obra assumiu uma estrutura de três partes: “Capítulo Primeiro – A origem do futebol” (com 4 subcapítulos); “Capítulo Segundo – Internacionalização do futebol” (13 subcapítulos); e “Capítulo Terceiro – O futebol em Portugal” (79 subcapítulos). Este último capítulo, centrado exclusivamente no futebol português, apresentava uma estruturação cronológica, iniciada com a “Sua introdução em 1888” (Silva, Ornelas e Reis 1953: 147) e encerrada com a “Taça Latina” (Silva, Ornelas e Reis 1953: 571). E tinha como principal fonte de pesquisa a imprensa, como os jornais *Tiro e Sport*, *Vida Sportiva*, *Gazeta de Sport*, *Os Sports Ilustrados*, *O Século*, *O Sport de Lisboa*, entre outros, assim como documentos oficiais de instituições como a Associação de Futebol de Lisboa (AFL) e FPF. Uma obra que contava com um “Prefácio”, assinado pelos três autores, que defendiam a importância de fazer a história do futebol português, dada a relevância social, cultural e popular que tinha assumido na sociedade portuguesa contemporânea. Uma obra que, embora privilegiasse o enfoque da história do futebol lisboeta, apresentava reflexões sobre a evolução do fenómeno

9 Foi jogador de futebol, treinador, árbitro, seleccionador nacional de futebol, dirigente, jornalista e advogado. Cf. Coelho & Pinheiro 2002: 333.

10 Um dos jornalistas desportivos mais importantes da primeira metade do século XX português. Cf. Coelho & Pinheiro 2002: 417.

11 Militar de carreira, dirigente desportivo, futebolista, treinador, jornalista de grande prestígio (fundador do jornal *A Bola*). Cf. Coelho & Pinheiro 2002: 153.

do futebol noutras regiões, abrangendo a evolução institucional e competitiva, a formação de clubes e associações distritais, a criação dos clubes “grandes” e populares (FC Porto, SL Benfica e Sporting CP), as competições nacionais e a Seleção Nacional (masculina), a presença internacional do futebol português, entre outros temas. Mais sistematizada, apresentava uma análise histórica (embora numa narrativa descritiva e jornalística) mais rigorosa e cuidada que o contributo dado por Júlio de Araújo em finais de 1938.

A terceira obra analisada para este capítulo assumiu igualmente um perfil comemorativo, tal como a primeira obra de 1938. É o livro evocativo dos 75 anos (1914-1989) da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) e dos 100 anos do futebol luso (1888-1988), com o título *Os Anos de Diamante 1914-1989 no 1º Centenário do Futebol Português*, da autoria do jornalista Henrique Parreirão¹² e publicado em 1989, numa edição da FPF. Na “Nota do Autor”, Parreirão (1989: 4) sublinhou precisamente ambos momentos (“as bodas de diamante” da FPF e “o primeiro centenário do futebol português”) “coincidirem no mesmo ano de 1989”. E esclarecia que “toda a obra tem por base narrar de forma simples e objetiva o nosso futebol através dos tempos, com o registo dos nomes e números dos principais eventos”. A “elaboração deste trabalho”, segundo o autor, só foi possível “rebuscando” o que “já veio publicado em jornais e revistas de todos os tempos”, sendo

12 Um dos jornalistas desportivos de maior prestígio em Portugal na segunda metade do século XX, destacou-se no jornal Record. Autor de várias obras, colaborou também em dicionários, como a obra *António Reis* (ed.). 1990. Portugal Contemporâneo, Volume 2. Lisboa: Alfa.

essa (a imprensa) a “principal fonte na recolha de dados com o apoio dos arquivos federativos”. Assegurava também, dado tratar-se de uma publicação oficial da FPF, ter existido “independência e liberdade plena para planear e escrever”, reconhecendo ser “uma obra que poderá ser ampliada e melhorada em edições futuras”.

Apesar do seu perfil mais institucional, patente no primeiro capítulo “1. Abertura”, que contou com testemunhos de João Havelange (presidente da FIFA¹³), Jacques Georges (presidente da UEFA¹⁴) e Silva Resende (presidente da FPF), esta obra apresentava um pendor histórico nas restantes quatro partes: “2. Primórdios”; “3. Futebol organizado”; “4. Provas – Nível nacional”; e “5. Provas – Nível internacional”. Adotava, assim, uma estruturação temática e dentro desta uma ordenação que cruzava diferentes subtemas e uma narrativa cronológica, iniciando, por exemplo, o capítulo “2. Primórdios” com o subcapítulo “Nascimento do Futebol em Portugal e seu historial” (Parreirão 1989: 20-27). Uma obra de 320 páginas, ilustrada, dividida em cinco partes e com 65 subcapítulos, que apresentava breves análises a diferentes temáticas, juntamente, com estatísticas diversas e quadros de resultados de diferentes competições nacionais e internacionais (envolvendo os clubes portugueses e as seleções nacionais masculinas).

Esta última obra de 1989, juntamente, com as duas anteriores (1938 e 1953), seriam fontes de pesquisa (regularmente citadas) para

13 Federação Internacional de Futebol Associação.

14 Union of European Football Associations.

a quarta obra em análise, publicada em 2002 pelas Edições Afrontamento, no Porto, com o título de *A Paixão do Povo – História do Futebol em Portugal*, da autoria do sociólogo João Nuno Coelho¹⁵ e do historiador Francisco Pinheiro¹⁶. Era a obra mais extensa até então publicada sobre o futebol português, com 712 páginas, ilustradas (com cerca de 1500 imagens), e contava com dois prefácios, de Artur Agostinho (prestigiado jornalista) e Humberto Coelho (antigo jogador e selecionador nacional). Agostinho (2002: 7) definiu a obra como “única no género”, uma vez que retratava “de forma extremamente cuidada e minuciosa a História do Futebol em Portugal”. Na introdução “Planeta Futebol” (Coelho e Pinheiro 2002: 10-11), os autores referem que a obra pretendia “assumir um cariz único no nosso País, uma vez que reúne num só volume toda a história da modalidade entre 1888 e o início do século XXI”. E identificavam um vasto conjunto de autores de referência, cujas obras serviram de fonte de pesquisa, reconhecendo igualmente o papel da imprensa enquanto objeto primordial de recolha de dados históricos.

A estrutura de *A Paixão do Povo* é também descrita pelos autores na “Introdução”, sublinhando que “a lógica de organização” assenta “numa base cronológica ‘década a década’, num conjunto de dez

15 Licenciado e mestre em sociologia pela Universidade de Coimbra, comentador desportivo e autor de extensa obra sobre o futebol português e internacional.

16 Doutorado em história pela Universidade de Évora, com pós-doutoramento em história do desporto na Universidade de Coimbra, autor de extensa obra sobre desporto, futebol e imprensa.

grandes blocos, pautados por uma sistematização da informação”, conciliando “uma análise ano a ano” com um “conjunto de análises temáticas disseminadas por toda a obra”. Ao assumirem uma estrutura cronológica (entre 1888 e 2002), os autores foram sistematizando e organizando a informação, criando blocos por década para todo o século XX, conciliando uma análise geral a cada época desportiva¹⁷, com uma breve cronologia, destaques temáticos e uma biografia ou história de clube (rubrica “clubes históricos”). Definiram também temáticas estratégicas para entender o fenómeno do futebol, como “a evolução tática do futebol”, “arbitragem”, “imprensa desportiva”, entre outras. E criaram rubricas específicas, como “futebol nas regiões” (dedicado a analisar a evolução regional), “provas e instituições” (dedicado às competições e organismos), “tabela de resultados” (síntese de resultados das competições). Publicada já no século XXI (2002), esta obra apresenta na parte final as rubricas “tabela das provas nacionais” (com todos os vencedores), “«Campeonato de Sempre» do Século XX” (síntese estatística sobre a Liga Portuguesa) e “Participação dos clubes portugueses nas competições europeias no século XX”. Apesar da abrangência temática, esta obra manteve-se ainda omissa em relação a temas estruturais do futebol, como a dimensão feminina, a violência ou o racismo (abordados de forma genérica).

17 O futebol organiza-se por épocas (ou temporadas), habitualmente, balizada entre julho e junho do ano seguinte.

Cerca de seis anos depois, entre fevereiro e outubro de 2008, publicaram-se os cinco volumes da *Crónica de Ouro do Futebol Português*, num registo mais jornalístico e de perfil temático, editados pelo Círculo de Leitores e sob a direção do jornalista Joaquim Vieira¹⁸ e com textos de quatro jornalistas: António Tadeia, Bruno Prata, João Querido Manha e Joel Neto. A numeração dos volumes correspondeu a cinco temáticas diferentes da história do futebol português: “01. A Selecção” (224 pp., fevereiro de 2008); “02. Os Pioneiros” (216 pp., maio e junho de 2008); “03. A Internacionalização” (216 pp., junho de 2008); “04. A Consagração” (216 pp., agosto de 2008); e “05. Os 100 Mais” (216 pp., outubro de 2008).

A introdução à coleção foi feita pelo seu coordenador, Joaquim Vieira, no volume “01. A Selecção”, no texto de abertura “Campo de Paixões” (pp. 7-9), em que o resumo inicial justificava a sua pertinência editorial: “Não se trata de estar contra ou a favor, de ser ou não adepto, mas de constatar a realidade: o futebol mobiliza um povo, está incrustado na nossa existência, queira-se ou não” (p. 7). Além da extensa justificação sobre o papel social e popular do futebol, Vieira sublinhou que “Portugal ocupa um lugar na história da modalidade, e é da crónica do futebol luso, do percurso dos seus praticantes tanto a nível dos clubes como da selecção (...) que se ocupa a presente obra” (p. 9). Sublinhou em seguida a “vasta experiência e análogo saber” sobre futebol, por parte dos quatro jornalistas

¹⁸ Jornalista, ensaísta, escritor e documentarista, ocupou cargos diretivos no semanário *Expresso*, no canal televisivo RTP ou na revista *Grande Reportagem*.

que “investigaram e escreveram esta história nas suas mais variadas facetas” (p. 9). Passou depois a descrever os processos de elaboração das cinco obras que formam a coleção, esclarecendo que cada jornalista foi responsável pelo “texto principal” em cada um dos quatro primeiros volumes, “complementado por pequenos textos dos membros da equipa sobre determinados aspetos particulares da modalidade e por alguns quadros sinópticos finais.” O quinto e último volume seria “dedicado a apresentar as cem personalidades que, na perspetiva dos autores, mais contribuíram para a implementação e a evolução do futebol em Portugal” (p. 9).

Uma coleção, em cinco volumes, que correspondia a um total de 1088 páginas sobre a história do futebol português, adotando uma estrutura cronológica e temática ao longo de cada volume, profusamente ilustrado, com pesquisa e recolha de imagens em vários arquivos nacionais e coleções particulares (na linha de *A Paixão do Povo*). Na introdução ao último volume (“05. Os 100 Mais”, pp. 6-7), Joaquim Vieira abordava uma das questões centrais em termos de história do futebol português (e notória nesta coleção, tal como nas obras já analisadas), como era o “carácter eminentemente masculino de que se revestiu a modalidade durante mais de um século”. Assim justificava a ausência de mulheres entre “Os 100 Mais” da história do futebol português, não figurando nessa lista uma única mulher. Segundo Vieira (2008), “não haveria que distorcer a história, antes registá-la na sua crua realidade”, uma vez que “só há poucos anos” passou a haver “maior abertura à prática sustentada do futebol feminino, ainda com pouco relevo.”

A sexta obra em análise é a *História do Futebol Português – Uma análise social e cultural*, dividida em dois tomos – “Volume I – Origens, institucionalização e profissionalização” e “Volume II – Industrialização e Globalização” –, publicados originalmente em 2010 (1ª edição) e reeditados em outubro de 2014 (é nesta 2ª edição que centro esta análise), da autoria¹⁹ dos historiadores Ricardo Serrado²⁰ e Pedro Serra²¹, e edição da Prime Books. Tal como sucedera com as obras analisadas de 1938 e 1989, mais uma vez um evento comemorativo esteve na base da sua edição (neste caso a sua reedição), foi o centenário da Federação Portuguesa de Futebol (FPF), a 31 de março de 2014.

Na “Nota Prévia” (Serrado e Serra 2014: 25-27) do “Volume I – Origens, institucionalização e profissionalização”, assinada por Ricardo Serrado, o autor esclarece que “foi no âmbito do centenário da FPF que surgiu a ideia de fazer uma segunda edição (...), aumentada e atualizada”, reconhecendo a vontade de “operar algumas modificações a vários níveis” na obra. A atualização permitiu, por exemplo, cobrir o período até 2012 (a edição anterior terminava em 2006). Segundo o autor, a obra resultava de “cerca de 3 anos” de trabalho, envolvendo “cerca de 137 anos de história”. Estava “dividida em dois volumes mas correspondia, em rigor, a um só livro”,

19 Em ambos volumes surge a fórmula autoral “Ricardo Serrado com Pedro Serra”, existindo em cada capítulo a referência à autoria do mesmo.

20 Licenciado em história e mestre em história contemporânea, desenvolveu trabalhos diversos na área do desporto e futebol.

21 Doutorado em história contemporânea, autor de *António Fernandes Roquete* (1906-1995): Um “ídolo” do desporto nas polícias políticas do Estado Novo (tese de doutoramento, 2017).

centrando-se o primeiro volume (com 648 páginas) “nos processos evolutivos do jogo, entre 1875 e 1974: introdução, popularização, institucionalização e profissionalização da modalidade”. E o segundo volume (com 640 páginas) focava-se “na industrialização e globalização, entre 1974 e 2012.” Na mesma “Nota Prévia”, Serrado esclarecia que “esta obra não tem como objetivo contar a história do futebol português”, mas sim responder a questões, sintetizando-as na ideia: “o que é que, em suma, o futebol português representa para o país?”. E esclarecia que o “Volume I” correspondia ao período de introdução da modalidade em Portugal (1875 a 1894), para depois “se popularizar, institucionalizar e profissionalizar entre 1908 e 1960”. Defendia ainda ser “um livro realizado com independência e idoneidade (...), sem a intromissão da ‘clubite’”.

Quanto ao “Volume II”, na sua “Nota Prévia” (p. 19), Serrado sublinhava que a obra se debruçava sobre “o desenvolvimento da modalidade entre o final da ditadura e 2012: os processos que designamos de industrialização e globalização do futebol”. Reforçou a ideia de que a obra pretendia, sobretudo, “compreender a relação do futebol com a sociedade portuguesa”. Esperava que os dois volumes pudessem “ajudar o futebol a ser mais estudados no âmbito das universidades” e “que o seu mérito possa ser, sobretudo, o de levantar questões, abrir possibilidades e relevar a importância, bem como a necessidade, de se estudar mais frequente e, consistentemente, a história do desporto, neste caso concreto do futebol português.” Ambos volumes apresentam, como referido, uma estrutura cronológica, situando-se temporalmente o primeiro volume entre

1875 e 1974 e o segundo volume entre 1974 e 2012, enquadrando em cada período os temas que os autores consideraram mais relevantes para a compreensão da história do futebol português.

A última obra em análise (a sétima) enquadra-se, novamente, no perfil de estudos publicados por ocasião de datas comemorativas. Lançada pela Âncora Editora, em abril de 2023, a obra *História do Futebol em Portugal* era da autoria de Nuno Valério e Ana Bela Nunes, professores catedráticos do ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa. Na breve introdução à obra (Valério e Nunes 2023: 7), os autores começavam por reconhecer que era “indubitável a importância do futebol na vida social portuguesa” e este trabalho procurava ser “uma contribuição para um melhor conhecimento da história desse desporto em Portugal”. Com 258 páginas, sem ilustrações, a obra pretendia, na ótica dos autores, examinar “os primórdios da sua prática, os seus processos de institucionalização, profissionalização e diversificação, as principais competições oficiais e a projeção externa do futebol português”. Os dados apresentados diziam respeito ao período até 2021-2022, e o livro, “num certo sentido”, assinalava os “100 anos da existência da seleção nacional e de competições nacionais de futebol”.

Em termos estruturais, a obra divide-se em 11 capítulos (os últimos dois dedicados à bibliografia e aos anexos), adotando cada um deles uma matriz cronológica. Inicia com o capítulo “1. Visão Geral”, dedicado a analisar a evolução do futebol português, seguindo-se os capítulos “2. O futebol nas regiões”, “3. Competições nacionais de clubes”, “4. Seleção Nacional”, “5. Competições internacionais

de clubes”, “6. Futebol jovem”, “7. Futebol feminino”, “8. Futsal” e “9. Futebol de praia”. A centralidade destes capítulos vai para as competições (listagens sucessivas) e seleções nacionais respetivas (sínteses de resultados). Assume-se, sobretudo, como um repositório de dados (exaustivos) sobre o futebol português, com breves explicações de enquadramento histórico-social. Inovadora, a inclusão de informações sobre as variantes do futsal e futebol de praia, assim como a definição de um capítulo dedicado ao futebol feminino.

SÍNTESE COMPARATIVA

As sete obras analisadas enquadram-se, claramente, nas quatro categorias propostas na abertura deste capítulo – amplitude temporal; alcance temático; impacto historiográfico; papel inovador – e, deste modo, na caracterização de obras de referência (no sentido de ocuparem uma certa centralidade na análise ao tema) sobre a história do futebol português. Estruturalmente, apresentam similitudes, mas também assimetrias. A opção pela estrutura cronológica da narrativa é comum, mesmo nos casos em que a opção foi temática, como nas obras de Araújo (1938), Parreirão (1989), Vieira (2008) e Valério e Nunes (2023). Assim, a opção por uma narrativa cronológica, com a variante temática agregada ao longo da análise, integrou claramente as obras de Silva, Ornelas e Reis (1953), Coelho e Pinheiro (2002) e Serrado e Serra (2014).

Outra questão comum a praticamente todas as obras foi a utilização das mesmas fontes de pesquisa, recorrendo à imprensa da

época (generalista e especializada), a bibliografia específica sobre o tema e a arquivos históricos, quer nacionais (como a Biblioteca Nacional), quer institucionais (de associações de futebol distritais, clubes, FPF, entre outros), quer também particulares (como colecionistas ou estudiosos da área). E a generalidade dos autores defendeu o cariz de isenção e objetividade da escrita histórica da sua respetiva obra, acentuando tratar-se de uma investigação e análise independente (salvaguardando assim o rigor histórico), afastando a obra da denominada “clubite” – interessante como esta questão está presente nos sete estudos analisados, sendo uma questão intemporal entre 1938 e 2023.

O perfil dos autores é outro quesito que requer análise. Na realização destas sete obras sobre o futebol português, participou um total de 16 autores, 15 deles homens e somente uma mulher (Ana Bela Nunes, em 2023), denotando um quase exclusivo predomínio da masculinidade na escrita histórica sobre futebol. Em termos de perfil profissional foram dez jornalistas, três historiadores, dois economistas e um sociólogo. Sublinhamos mais uma vez este predomínio da masculinidade na escrita de obras sobre a história do futebol português, assumindo os jornalistas (nove deles oriundos do jornalismo desportivo) o papel de historiadores do futebol português. A escrita adotou, assim, uma narrativa mais jornalística que histórica ou científica, com uma clara ausência da mulher na sua conceção, o mesmo sucedendo em termos do conteúdo histórico patente nas obras (em que a temática feminina é quase ausente). Nas obras em que foi possível, por opção editorial (conceção visual), o uso da fotografia e de ilustrações acabou

por ter um papel importante na apresentação de uma certa estética sobre a história do futebol português, como sucedeu nas obras de Coelho e Pinheiro (2002) e de Vieira (2008).

Igualmente comum às sete obras, foi a necessidade de apresentar cada uma delas como um contributo para um melhor conhecimento da história do futebol português, abrindo novas pistas de investigação para futuras investigações. Ou seja, cada obra foi apresentada pelos autores como um ponto de partida para novas abordagens sobre a história do futebol português. Foi compreensível, por isso mesmo, que certos momentos comemorativos do futebol português potenciasssem alguns destes estudos, como sucedeu com Araújo (1938), por ocasião dos 50 anos do futebol português; Parreirão (1989), com o centenário do futebol português e os 75 anos da FPF; Serrado e Serra (2014), com o centenário da FPF; e Valério e Nunes (2023), com o centenário da Seleção Nacional (estreou em 1921) e o início das competições nacionais, através do Campeonato de Portugal (iniciado em 1922).

Apesar da tentativa de alguns autores de distanciar as suas obras das restantes, sublinhando o carácter inovador do seu trabalho em detrimento dos estudos publicados até então, essa acabou por ser uma característica comum às sete obras. Ou seja, o posicionamento de cada uma como obra inovadora e distinta das anteriores. Porém, como já vimos em termos de estrutura e narrativa, as sete obras têm, claramente, mais similitudes do que disrupções.

Na “apresentação” de *O Processo Civilizacional*, Norbert Elias, reconhecia que “o progresso do trabalho científico” é baseado “em grande parte no intercâmbio e na mútua fecundação dos trabalhos de numerosos colegas e no contínuo desenvolvimento de um capital de saber que é de todos” (Elias 2006: 19). Neste sentido, as sete obras aqui analisadas sobre a história do futebol português assumiram uma certa linha de continuidade, de uma mesma preocupação científica, que era contribuir para o conhecimento sobre a evolução histórica de uma determinada modalidade desportiva, numa sociedade em específico, como era a portuguesa. Mas não se tratou de uma modalidade desportiva secundária (do ponto de vista da prática, popularidade e mediatismo), mas sim da mais popular na sociedade portuguesa e ocidental, o chamado “desporto-rei” (o futebol). O próprio Norbert Elias juntamente com Eric Dunning viriam a cruzar o fenómeno desportivo, em particular o futebol, com o processo civilizacional, na obra *A Busca da Excitação* (1985), na qual afirmaram, na introdução, que ambos tinham “a profunda consciência de que a compreensão do desporto contribuía para o conhecimento da sociedade”. As sete obras analisadas neste capítulo têm esse princípio em comum: contribuir para a compreensão da sociedade portuguesa contemporânea a partir do futebol e do seu processo histórico.

Como referido no capítulo anterior (“síntese comparativa”), embora o arco temporal entre as obras seja alargado (1938 a 2023) e existam diferenças entre as obras (a vários níveis, como grafis-

mo, estrutura narrativa, estética visual, entre outros), existe todo um conjunto de características que as aproximam. Desde Júlio de Araújo (1938) a Nuno Valério e Ana Bela Nunes (2023), foi comum a procura dos autores em que os seus trabalhos fossem contribuições válidas e rigorosas para o conhecimento da história do futebol em Portugal – na aceção de Elias, para o conhecimento da própria sociedade. Comum, igualmente, aos autores a necessidade de apresentar estas obras, dedicadas a uma temática tão emotiva como é o futebol, com trabalhos isentos e objetivos, afastados da “clubite” (entendida como a relação afetiva com um clube) que domina muitas vezes certas publicações ligadas ao futebol português (com forte predominância de ligações afetivas aos “três grandes”: FC Porto, SL Benfica e Sporting CP). Mesmo Júlio de Araújo (1938), antigo presidente do Sporting CP, reforçou a ideia de isenção da análise histórica ao caracterizar o seu trabalho apoiando-se na objetividade da condição de jornalista (atividade que exerceu durante longo período).

O estudo destas sete obras permitiu também perceber que o perfil dos autores que escrevem sobre a história do futebol português foi relativamente limitado (dominado por jornalistas) e circunscrito (somente jornalistas (10), historiadores (3), economistas (2) e sociólogos (1)), e quase estritamente masculino (uma única mulher em 16 autores envolvidos). O memorialismo comemorativo exerceu, igualmente, um papel importante na conceção de várias destas obras, publicadas em datas comemorativas do futebol português – quatro destas obras tiveram esse condão (1938, 1989, 2014 e 2023). E, transversal a todos os estudos foi a tipologia de fontes de pesquisa e locais de investigação.

Analisando do ponto de vista do “contínuo desenvolvimento de um capital de saber”, a que se refere Elias, futuros trabalhos sobre a história do futebol português poderiam (e deveriam) incluir visões sobre temáticas ainda pouco exploradas, como o papel da mulher²² nesse processo histórico do futebol português (tema praticamente inexistente nestas sete obras). A questão racial no período colonial português, cruzando com as temáticas do racismo e discriminação no contexto nacional. Um aprofundamento das relações entre política e futebol durante a contemporaneidade da sociedade portuguesa, no contexto monárquico, republicano, fascista e democrático, na construção de uma história política portuguesa a partir da relação com o desporto, em especial o futebol. O papel do adepto e as relações afetivas e emotivas do português com o futebol, assim como a análise ao processo histórico da violência no âmbito do futebol português. Temas em aberto, a incluir em futuras investigações com o perfil das sete aqui analisadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAVV. 1988. *Revista Desporto e Sociedade*. Lisboa: Direção-Geral dos Desportos.

22 Cf. História do Futebol Feminino, de Mary Caiado (2024, ed. FPF), que aflora questões sobre este tema, mas centra-se no período a partir dos anos 70 do século XX à atualidade.

AGOSTINHO, Artur. 2002. “Uma obra única”. In: João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro, *A paixão do povo: História do futebol em Portugal*. Porto: Afrontamento. pp. 6-7.

ARAÚJO, Júlio de. 1938. *Meio século de futebol. Subsídios para a história do futebol em Portugal*. Lisboa: AFL (não publicada).

BURKE, Peter. 1992. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP.

CARBONELL, Charles-Olivier. 1987. *Historiografia*. Lisboa: Teorema.

COELHO, João Nuno e Francisco Pinheiro. 2002. *A paixão do povo – História do futebol em Portugal*. Porto: Afrontamento.

COELHO, Maria Helena da Cruz et al. 1991. “Historiografia portuguesa”. In: J. A. França (dir.), *Portugal moderno: Artes e letras*. Lisboa: Pomo. pp. 189-207.

ELIAS, Norbert. 2006. *O processo civilizacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2.^a edição (obra original de 1939).

ELIAS, Norbert e Eric Dunning. 1985. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL.

FERREIRA, Aurélio B. H. 2004. *Novo dicionário*. Curitiba: Opeg.

LE GOFF, Jacques e Pierre Nora (dir.). 1977. *Fazer História, novos problemas, novas contribuições, novos objectos*. Amadora: Bertrand.

MARQUES, A. H. de Oliveira. 1988. *Ensaio de historiografia portuguesa*. Lisboa: Palas.

MEN, Liliana e Fátima M. Neves. 2005. *Na história da educação: investigando o termo historiografia*. Brasil: Projeto de iniciação científica. https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/F/Fatima%20Maria%20Neves.pdf.

PARREIRÃO, Henrique. 1989. *Os anos de diamante 1914-1989 no 1.º Centenário do Futebol Português*. Lisboa: FPF.

PONTES, José. 1934. *Quasi um século de desporto*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia.

SERRADO, Ricardo e Pedro Serra. 2014. *História do futebol português: Uma análise social e cultural*, Vol. I e II. Lisboa: Prime Books.

SILVA, Tavares da; Ricardo Ornelas e Ribeiro dos Reis. 1953. *História dos Desportos em Portugal*. Lisboa: Editorial Inquérito.

TORGAL, Luís Reis (coord.). 2011. *Revista Estudos do Século XX – Fazer história contemporânea*. Coimbra: CEIS20/Imprensa da Universidade de Coimbra.

TORGAL, Luís Reis; José Amado Mendes e Fernando Catroga. 1996. *História da História em Portugal: sécs. XIX-XX*. Lisboa: Círculo de Leitores.

VALA, Jorge. 2003. “A análise de conteúdo”. In: Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (eds.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Ed. Afrontamento. pp. 101-128.

VALÉRIO, Nuno e Ana Bela Nunes. 2023. *História do futebol em Portugal*. Lisboa: Âncora Editora.

VIEIRA, Joaquim (dir.). 2008. *Crónica de ouro do futebol português, Volumes 01. A Seleção, 02. Os Pioneiros, 03. A Internacionalização, 04. A Consagração, 05. Os 100 Mais*. Lisboa: Círculo de Leitores.

CAPÍTULO 3

El Fútbol uruguayo en el campo de los estudios sociales y culturales: revisión de las producciones académicas

Liber Benítez

Universidad de la República, Uruguay

Diego Alsina

Universidad de la República, Uruguay

RESUMEN

Este artículo sistematiza producciones académicas sobre fútbol uruguayo dentro del campo de los estudios sociales y culturales sobre deporte. El fútbol es un fenómeno cultural de relevancia para la mayoría de la población uruguaya y supone conformación de imaginarios e identidades particulares que habilitan distintas perspectivas de estudio. El trabajo presenta una revisión a partir de conceptos clave en diversos motores de búsqueda especializados en la producción académica de la Universidad de la República (Udelar). Las publicaciones fueron organizadas en categorías temáticas que permiten analizar los enfoques abordados por la literatura sistematizada. Destaca la relación con perspectivas de género, la historia, el rendimiento, la política y la cultura. Se puede considerar

como principal resultado, la posibilidad de diálogo que aporta la sistematización de la producción académica Nacional con la de otros actores regionales e internacionales, al tiempo que puede ser el punto de partida de investigaciones pensando como eje al fútbol uruguayo.

Palabras claves: fútbol, Uruguay, producciones académicas, Ciencias Sociales, Udelar

ABSTRACT

This paper systematizes academic productions on Uruguayan football within the field of social and cultural studies of sport. Football is a cultural phenomenon of significant relevance to the majority of the Uruguayan population, shaping particular imaginaries and identities that enable diverse perspectives of study. The work presents a review based on key concepts using various search engines specialized in the academic output of the Universidad de la República (Udelar). The publications were organized into thematic categories that allow for the analysis of the different approaches found in the systematized literature. Notable themes include gender perspectives, history, performance, politics, and culture. As a main outcome, the systematization of national academic production fosters dialogue with regional and international actors, while also serving as a starting point for future research centered on Uruguayan football.

Keywords: football, Uruguay, academic productions, Social Sciences, Udelar

INTRODUCCIÓN

Este trabajo revisa las principales preocupaciones de las producciones académicas del fútbol uruguayo en el campo de los estudios sociales y culturales sobre deporte. El fútbol en Uruguay es un fenómeno cultural de gran relevancia cuyo comienzo puede remontarse a una preocupación estatal que se consolida a principios del siglo XX y a la creación, el 30 de marzo de 1900, de la *Uruguayan Association Football League*, actual Asociación Uruguay de Fútbol, nombre que adoptó recién en 1970. Sin embargo, el abordaje del mismo en la producción académica tiene un desarrollo reciente, más allá de que las primeras producciones de Franklin Morales hayan sido en la década de 1960. Recién a mediados de 1990 y principios de los 2000 comienzan a visualizarse más trabajos académicos que abordan esta temática. En este trabajo se presentan, a partir de una revisión bibliográfica, las principales preocupaciones que se evidencian en la producción académica nacional que refieren al fútbol uruguayo y sus prácticas desde lo que podemos denominar estudios sociales y culturales sobre deporte. Los resultados alcanzados muestran un desarrollo incipiente y un desafío en la organización y sistematización de la creación de conocimiento sobre la temática.

Este trabajo es el resultado de una búsqueda sistemática que reunió las producciones académicas sobre el fútbol uruguayo a partir de los conceptos claves Fútbol and Fútbol uruguayo y Fútbol and Uruguay and Ciencias Sociales y Humanas. Los motores de búsqueda utilizados fueron: BIUR (Biblioteca de la Universidad de la República),

Colibrí y Biblioteca Nacional. Se utilizó Google Académico para revisar la existencia de trabajos uruguayos de impacto a nivel regional o internacional no registrados en las bases de datos nacionales. A partir de ello, se han revisado aproximadamente 330 trabajos entre los que podemos encontrar tesis de grado (150) y de Maestría (20), artículos académicos, ponencias en eventos académicos, libros y capítulos de libros (160). Esto nos permitió agrupar las producciones en 4 apartados sobre estudios que abordan: 1 - el fútbol femenino y/o abordan los estudios sobre deporte desde una perspectiva de género; 2 - producciones que se enfocan en la historia del fútbol uruguayo; 3 - estudios sobre el vínculo existente entre el deporte y la cultura uruguaya, la política y la identidad; 4 - trabajos con un abordaje desde las Ciencias Biológicas y el rendimiento deportivo¹.

Por último, creemos importante señalar que las tesis encontradas surgen de distintos servicios y Facultades de la Universidad de la República (Udelar). Entre las que podemos destacar: Instituto Superior de Educación Física (ISEF), Facultado de Información

1 Es importante destacar que se incluye la perspectiva de las ciencias biológicas y del entrenamiento debido a que su producción académica tiene un impacto significativo en la comprensión del fútbol uruguayo como práctica corporal concreta. Lejos de considerarse en un plano exclusivamente fisiológico, las prácticas de entrenamiento están atravesadas por variables culturales, sociales e históricas que moldean la forma en que se conciben y desarrollan los procesos de preparación física. En este sentido, excluir las ciencias biológicas de una revisión sobre el fútbol sería negar parte de los dispositivos técnicos y simbólicos que configuran esta práctica en su totalidad (Wacquant 2006).

y Comunicación (FIC), Facultad de Psicología (PSICO), Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FHCE), Facultad de Ciencias Sociales (FCS), Facultad de Ciencias Económicas (FCE) y Facultad de Ingeniería (FI). Dentro del total de producciones revisadas (328) existen 150 tesis de grado y 20 tesis de maestría a la fecha de la revisión².

ESTUDIOS QUE ABORDAN EL FÚTBOL FEMENINO Y/O ABORDAN UNA PERSPECTIVA DE GÉNERO

En este grupo de estudios podemos encontrar los que abordan: la participación de las mujeres en el fútbol, la relación entre el fútbol y la identidad de género, la representación de las mujeres en el fútbol, la igualdad de género en el fútbol, la violencia de género en el fútbol, la historia del fútbol femenino y cómo las instituciones incorporaron el fútbol practicado por mujeres a sus agendas, así como estudios que abordan las masculinidades en el fenómeno deportivo. En este primer grupo de trabajos encontramos principalmente tesis de grado y de posgrado (FIC, ISEF y FCS), algunos artículos académicos y producciones en libros.

2 La revisión fue realizada en octubre de 2024. Actualmente se está trabajando en la identificación de producciones por servicio universitario, editoriales (libros de autores uruguayos), e intentando ordenar la producción científica en tipos de revista / listado de autores / y resúmenes para dejar un documento publicable que permita orientar en la temática, principalmente a jóvenes investigadores e interesados en la particularidad del estudio realizado.

En los trabajos de final de grado encontrados se observa que abordan principalmente problemáticas institucionales en la incorporación del fútbol practicado por mujeres según la ONFI, OFI y AUF. En estos se pueden observar cómo operan los estereotipos de género en la práctica, teniendo en cuenta condicionantes (biológicas, psicológicas, históricas y sociales) que les impiden a las mujeres elegir practicar fútbol y efectivamente practicarlo. A partir de esto se han podido identificar algunas producciones que evidencian cómo la brecha de desigualdad de género en la sociedad está presente (Alsina et al. 2021, Pimentel 2018, Prego 2014, Fossati et al. 2013, Lazo et al. 2023, Quintero 2023, entre otros). Así, podemos sostener que el fútbol femenino en Uruguay aún enfrenta desafíos y barreras para su desarrollo, como la falta de infraestructura y recursos, la discriminación y la falta de apoyo institucional. Dentro de esta línea de trabajo podemos señalar las producciones de Cuba (2017); López (2022) y Rebollo (2012), que destacan la importancia de la perspectiva de género y ayudan en la comprensión de la forma en que se percibe y se trata a las mujeres en el deporte, enfocando en los medios de comunicación.

Otro grupo de tesis permite identificar cómo el fútbol femenino en Uruguay ha experimentado un crecimiento significativo en las últimas décadas, con un incremento en la participación de mujeres en la práctica del deporte y la creación de equipos y ligas femeninas (Carvallo 2022, Ordoñez 2012, Bondelaz 2007, Barboza 2007, Piñeyro 2021).

Las tesis de Gervasini (2016); Alsina (2022) y López (2013) destacan la importancia de comprender la forma en que se construyen y negocian las identidades masculinas en el deporte, particularmente

el trabajo de Gervasini propone un análisis de la diversidad sexual en el fútbol y de qué modo repercute en los mecanismos de inclusión y exclusión en el deporte.

PRODUCCIONES QUE ENFOCAN EN LA HISTORIA DEL FÚTBOL URUGUAYO

Dentro del eje de producciones que se vinculan con la historia del fútbol uruguayo encontramos trabajos que indagan sobre la conformación de las instituciones y/o federaciones que regulan las competencias locales y regionales. En estos se aborda la participación de la selección uruguaya en mundiales y juegos olímpicos (principalmente en los años 1924, 1928, 1930 y 1950) y las tensiones surgidas entre el deporte y la política, particularmente durante las dictaduras en el país. En este grupo de trabajos encontramos tesis de grado y posgrado, principalmente de la FCHE, artículos académicos y libros.

En el primer grupo de trabajos podemos encontrar los que analizan de un modo amplio la historia del fútbol uruguayo, como ser la historia de su génesis a partir de las tensiones entre distintos grupos sociales teniendo en cuenta etnia, género y clase social. También encontramos producciones que investigan lo que significó el período batllista³ en Uruguay, así como lo ocurrido en

3 El batllismo es un período inspirado en las ideas y la doctrina política creada por José Batlle y Ordóñez, que fue presidente de Uruguay en los períodos 1903-1907 y 1911-1915. Los principales cambios llevados adelante en ese período fueron el crecimiento económico del país, gracias a que se favoreció la industria nacional, la nacionalización de empresas extranjeras, el sufragio

distintos momentos históricos de nuestro país en lo que se refiere a infraestructura deportiva. Las producciones que proponen un análisis de la génesis del fútbol en Uruguay plantean una posible forma de explicar la llegada del fútbol al país, el lugar que comenzó a ocupar en la sociedad uruguaya y cómo se popularizó rápidamente. Las principales explicaciones se centran en la idea expansionista de Gran Bretaña como potencia hegemónica a nivel mundial y en la capacidad de internacionalización que tuvo la práctica del fútbol, junto a aspectos relacionados con lo económico, lo social y cultural, las costumbres y los pasatiempos (Luzuriaga 2009). El fútbol pasa a ser una de las prácticas sociales de identificación colectiva más importante en el territorio uruguayo siendo un fenómeno que trasciende las expresiones características propias y se convierte en algo más amplio, generando manifestaciones en otros espacios sociales y funcionando como un fenómeno generador de hábitos, valores y sentimientos que conforman la propia cultura y crean numerosos lazos identitarios (Mazzuchelli 2019). En el caso de la historia del Uruguay, el fútbol fue uno de los elementos catalizadores en la forja de la identidad nacional. En este grupo de trabajos que abordan la historia del fútbol en Uruguay encontramos las producciones de: Prats (2001); Luzuriaga (2009); Relaño (2014); Laborido (2019); el libro de Mazzuchelli (2019); los cuadernos de

universal para todos los hombres, la nacionalización del Banco de la República Oriental del Uruguay, la creación de la Administración de Ferrocarriles del Estado, el ajuste de la jornada laboral máxima de 8 horas diarias y 48 horas semanales, entre otras.

historia publicados en 2013 por el GREFU⁴ y el Departamento de Investigaciones de la Biblioteca Nacional; Bonilla (2014); Inzaurrealde (2021); Hidalgo et al. (2015); Cocchi (1963); Brilev (2020); Gomensoro (2020) y Caetano (1992), entre otros.

En otro grupo encontramos producciones que analizan las victorias en los mundiales de fútbol de la FIFA de 1930 y de 1950 y las victorias en los juegos olímpicos de 1924 y 1928 y cómo estos hitos repercutieron en la identidad nacional y en la configuración del fútbol uruguayo. En este grupo podemos identificar las producciones de: Faccio (2003); Rinke (2014); Rinker y Faccio (2014); Do Cabo (2011); Morales (2019); Arrighi (2014); Santa María Catalan (2021); Jalabert (2017, 2018).

Dentro de este apartado también encontramos producciones que proponen un vínculo entre los medios de comunicación y el fútbol. Así, encontramos trabajos que analizan cómo se desarrolló la relación entre la cobertura mediática y la popularización del fútbol en Uruguay, en los que podemos encontrar los trabajos de: Rosenberg (1999); Etchandy (2003); Lombardo (1993, 2022); Torres (2015); Relaño (2014); y también identificamos trabajos de archivos audiovisuales como el de Islas (2011) sobre el mundial fútbol de Sudáfrica del 2010.

También aparecen trabajos que proponen indagar en la creación de distintas ligas de fútbol en el Interior (Organización de Fútbol del Interior - OFI), es el caso de los trabajos de: Silva (1975); Díaz (2024); Inzaurrealde

4 Grupo de Estudios del Fútbol Uruguayo, FHCE.

(2022); García (2006); Cabrera et al. (2022); en los que podemos observar el vínculo entre los pueblos y la popularización del fútbol.

En este último grupo de producciones podemos observar el vínculo entre la historia del fútbol y la construcción de una identidad nacional, estudios en los que este deporte ha sido visto como una herramienta para la promoción de dicha identidad, así como de cohesión social (Morales 2013; Caetano 1992; Bayce 2019). En este grupo encontramos algunos trabajos que hacen un recorrido por los principales hitos de la selección uruguaya de fútbol, prestando atención a la forma en que estos han servido históricamente para la construcción de un relato sobre una forma de juego particularmente uruguaya (característica tanto de la selección uruguaya de fútbol como de las ligas que configuran el fútbol uruguayo), la consolidación de un estilo de juego y su influencia en la construcción de una identidad nacional, Abella (2006); Sanz (2024); Jalabert (2020 y 2022). En la producción de Jalabert (2020 y 2022) también se plantean las repercusiones de la construcción del Estadio Centenario y cómo se configuró como parte de los hitos deportivos más importantes de nuestra historia. En este grupo también encontramos producciones que analizan la tensión entre la dictadura cívico-militar y el fútbol, por un lado, al plantear la utilidad del deporte como herramienta de poder por parte de los gobiernos dictatoriales en Maneiro (2013) y Magalhães (2019); pero también cómo esa intención termina siendo un lugar de fuga y resistencia de la población, en Mora (2019). También podemos observar los trabajos de Porrini (2012 y 2014), que muestran la relación y las tensiones entre las izquierdas uruguayas y el fútbol.

A partir de miradas y posturas teórico metodológicas, se conjugan trabajos desde una amplia gama de perspectivas históricas. Por un lado la de los grandes hitos y que reivindican los logros importantes del fútbol uruguayo, y por otro, las que aportan dinamismo, así como determinados ejes de diferenciación y una diversidad de actores (los clubes, las mujeres, las infancias) que precisan de otras herramientas conceptuales, teóricas y metodológicas⁵, más allá de las provenientes de los tradicionales paradigmas históricos.

CULTURA, POLÍTICA E IDENTIDAD

En este eje encontramos producciones que presentan la relación entre cultura, política e identidad con el deporte, en las que podemos considerar al fútbol en su condición de productor y reproductor cultural como espacio ideológico, e inclusive de participación ciudadana. En este grupo de trabajos encontramos tesis de grado y de posgrado (principalmente en ISEF, FCHE y FCS), artículos, libros y capítulos de libro con carácter académico.

5 En el curso de Historia del Deporte de la Licenciatura en Educación Física del ISEF, Udelar, se está trabajando en elementos que permitan identificar cómo es contada y realizada la práctica del investigador sobre historia, por lo que estas referencias suponen una posibilidad material de trabajo concreto en el curso. Las preguntas que orientan el análisis surgen del intercambio académico como ¿Quiénes escriben la historia?; ¿Sobre qué supuestos?; ¿Con qué fuentes y sobre qué archivos?; ¿Cuáles son las preguntas centrales que se realizan las y los investigadores?; entre otras que surgen del diálogo sobre la producción histórica.

El fútbol como fenómeno sociocultural permite interpretar cómo los diversos sectores de la sociedad interactúan y se ven afectados por factores políticos, económicos, sociales y culturales que se inmiscuyen en su práctica a la vez que el mismo produce cultura. La identidad cultural se presenta como escenario que convoca a un grupo social con el cual comparte, o no, rasgos culturales, costumbres, valores y creencias, permitiendo el análisis de trayectorias individuales y a la vez colectivas, deportivas y en las prácticas del deporte. Un primer conjunto de producciones se nuclea en torno a la consideración del fútbol como un rasgo central de la cultura uruguaya y analizan cómo se vincula con otras prácticas y elementos culturales. Permite evidenciar cuáles son los rasgos que, en ese sentido, se configuran en la identidad uruguaya. También entran en esta subdivisión los trabajos que comprenden el fútbol infantil como una potente herramienta socializadora, productora y reproductora de identidad; Cáceres (2017); Soria et al. (2014); Casartelli (2014), Penedo (2007); Arrambide (2002) y Garibotto (2002). El trabajo de Magnone (2015) vincula dos de las actividades culturales centrales en Uruguay: el fútbol y el candombe. El trabajo de García et al. (2012), analiza los EA Games en su función socializadora y su vínculo con el sistema deportivo. El trabajo de Astol et al. (2020) propone un análisis sobre el básquetbol en silla de ruedas y el de Peres (2020) la participación de los negros en el fútbol.

Luego, los trabajos de Idiarte (2017); De Boni (2016); Reye, (2015), (2019 y 2021); Piñeyrúa (2014); García (2023); Rebellato (2022); Venanzetti (2013); Faccio (2010); Montes (2008); Américo (2005);

Bayce (2003); Mendiando (2003); Braselli (2002); Gómez (1999); San Román (2005); Alsina y Mora (2018); Mora et al. (2022); Cristiano (2019); Mora et al. (2022); López (2012); consideran al fútbol como símbolo nacional y analizan distintos elementos que lo refuerzan, como la bandera y el escudo nacional como representaciones de la nación. Finalmente los textos compilados en *A romper la red*, de 2012, aportan a la idea de este conjunto de textos al considerar la dimensión nacional del fútbol uruguayo en la construcción de narrativas, historias y memorias como objeto de la producción.

Otro grupo de estudios se centra en la producción de identidades colectivas motivadas por el fútbol, y analizan la vital importancia que tienen esos procesos para comprender los fenómenos de violencia que se producen en el deporte; Briano (2015); Cristiano (2014); Casullo (2023); Morales (2012); De Lima (2022); Villar (2017); Faccio (2008); Mora et al. (2017); Piccoli (2017) y Arocena (2018).

En la articulación de los marcos referenciales que ofrecen los estudios sociales y culturales sobre deporte y la de aquellos que emergen de la discusión sobre lo político y las políticas públicas podemos encontrar un trabajo sistematizado sobre el fútbol infantil por parte del Grupo de Estudios Sociales y Culturales sobre Deporte. Dentro de este grupo de producciones encontramos las que se vinculan con las políticas deportivas públicas y privadas desde el punto de vista de su gestión, elaboración, puesta en práctica, interpretación y análisis. Los trabajos de Doldán et al. (2013); Belhot (2022); Benítez (2018, 2019, 2021, 2020 y 2021); Silva (2020) analizan la ONFI (Organización Nacional de Fútbol Infantil) como política deportiva en

el fútbol infantil; mientras que el trabajo de D'Acosta (2007) analiza la configuración de las divisiones juveniles de fútbol de Uruguay.

Por último, en las producciones que analizan los derechos de los futbolistas encontramos los trabajos de Panus (1988); FLACSO (2018) y De León (2021); mientras que los trabajos de Galluzo (2023); Bernao (2013) y Bentancor 2009 analizan la conformación y el modo de gestión de los clubes, principalmente las repercusiones de las Sociedades Anónimas Deportivas como entidad dirigente legal en el fútbol uruguayo desde el año 2002.

Para finalizar el eje presentamos un elemento que para el ISEF es central y se vincula directamente con producciones que trabajan con el abordaje de la enseñanza del fútbol. En este sentido, la cultura no solo se hace presente sino que se puede pensar en las nociones de herencia cultural, tradición y, sin lugar a dudas, también en la articulación de la cultura, lo político / las políticas y la identidad para enriquecer los enfoques cuya referencia como punto de partida es la didáctica. La posibilidad de pensar la enseñanza, la educación y lo didáctico como acontecimiento discursivo, puede ser un factor relevante a tener en cuenta en la base de autores referenciados.

Se pueden observar otros dos grupos de producciones: las que analizan el rol y el perfil de los orientadores o técnicos de fútbol infantil; Álvarez (2016); Cestari (2007); Hermida (2006); Troche (2004); Bailán et al. (2014); y por otro lado, las que se preocupan por elementos que componen la enseñanza del fútbol infantil, como analizar los métodos de enseñanza, la planificación, los contenidos según las edades, entre otras; Coimbra et al. (2014); Fadeuille (2022); Arda (2007); Cayaffa (2006); Blanchard (2021).

PRODUCCIONES CON UN ENFOQUE A PARTIR DE LAS CIENCIAS BIOLÓGICAS Y EL RENDIMIENTO DEPORTIVO

En este eje encontramos las producciones que abordan el estudio del deporte con un enfoque desde las ciencias biológicas y el rendimiento deportivo, se pueden observar principalmente tesis de grado y artículos académicos que se fundamentan en la necesidad de evaluar y mejorar el desempeño de los deportistas.

En el primer grupo de trabajos se encuentran los que analizan el rendimiento deportivo, principalmente a partir de la evaluación y la mejora de condicionantes físicas y del rendimiento, en esta categoría que se vincula con la salud y el rendimiento deportivo encontramos los estudios de: Borges (2016); Zárate (2015); Armand (2014); Bliman (2022); Badanian (2012); Izaguirre et al. (2011); Nantes (2021); Canale et al. (2022); González et al. (2019); Arcos (2018); Kapitán et al. (2020); Da Silva et al. (2012); Fernández (2014); Celaya (2012).

Luego encontramos las producciones que analizan las acciones técnicas y tácticas en entrenamientos y partidos, es el caso de: Dos Santos (2016); Alzamendi (2015); Cal (2022); Caquía (2022); Cardoso (2022); Carbajal et al. (2020); Inzaurrealde (2022); Mariño et al. (2021); De Pablo (2017). En este conjunto de producciones se destaca la opción metodológica derivada del video análisis y la estadística.

En otro grupo encontramos producciones que analizan las lesiones deportivas, en el que podemos observar estudios que analizan las repercusiones de las lesiones en el rendimiento, a partir de la afección en el cotidiano de los deportistas: Barlocco (2016);

Alvariza (2023); Ascorreta (2018); Masliah (2007), y también estudios que analizan las tendencias de las lesiones a partir de criterios como tipo de deporte, género, etnia: Ginspan et al. (2022); Panasiuk (2009); Dos Santos (2017).

Desde la Psicología del deporte emergen estudios que entienden que esta disciplina es fundamental para la mejora del rendimiento deportivo, vinculándola con la capacidad atencional, motivacional, el tiempo y la tomada de decisiones, entre otras: Costa (2014); Annia (2015); Roa (2015); Costa (2014); Rial (2007); y el trabajo de Cabrera (2024) que vincula las exigencias del deporte moderno con las tasas de suicidio.

CONCLUSIONES

Este trabajo de revisión bibliográfica de las producciones académicas relacionadas con el fútbol uruguayo en el campo de los estudios sociales y culturales sobre el deporte, ha permitido identificar un desarrollo incipiente y a la vez un desafío en la organización y sistematización de la creación de conocimientos sobre esta temática. Por medio de la revisión de 330 trabajos, se han identificado para este artículo 4 apartados que se vinculan con estudios que abordan: el fútbol femenino y/o abordan una perspectiva de género; la historia del fútbol uruguayo; la relación entre el deporte y la cultura, la política y la identidad, la enseñanza del fútbol; y las producciones con un enfoque en las ciencias biológicas y el rendimiento deportivo.

En el ámbito académico se ha evidenciado un tratamiento del deporte en el marco de diversos servicios o facultades de Udelar,

siendo el ISEF, la FIC, la FCHE y la FCS los que tienen una mayor producción académica al respecto, siendo que las temáticas más abordadas son el vínculo del fútbol con la identidad uruguaya y la historia del fútbol uruguayo. En los trabajos de seminarios de investigación y tesinas de grado en la Licenciatura en Educación Física del ISEF de Udelar, la producción se ha centrado en el rendimiento deportivo con un enfoque desde las ciencias biológicas y la mejora del rendimiento deportivo, mientras que se han observado producciones de maestría vinculadas a la perspectiva de los estudios sociales y culturales sobre el deporte, principalmente en el Grupo de Estudios Sociales y Culturales sobre Deporte creado en el año 2015. Estos trabajos se articulan con las producciones provenientes del área de las ciencias sociales y humanas consolidando un anclaje particular en la institución pública de formación universitaria del ISEF.

En términos temáticos se puede observar una gran distancia en las condiciones y posibilidades entre el fútbol masculino y el femenino en Uruguay, a partir de un conjunto de investigaciones que tratan la problemática actual sobre este tema. También vemos que la preocupación de las producciones académicas señala la importancia del fútbol en los procesos de socialización, así como en la cultura. En términos generales, más allá de las categorías utilizadas para el presente trabajo, vemos una polarización que marca la tensión en la definición del deporte como algo saludable *per se*, educativo y positivo y las producciones que habilitan desde sus marcos referenciales la posibilidad de problematizar al fútbol a partir del análisis crítico de sus elementos configurativos como el elemento social y el cultural.

Finalmente, las producciones vinculadas al ámbito del rendimiento deportivo y sus esferas de competencia federada se vuelven centrales considerando el peso que tienen en la configuración del objeto de estudio, por lo que excluirlas de una revisión sobre el fútbol dentro de los estudios sociales y culturales sería negar parte de los dispositivos técnicos y simbólicos que configuran esta práctica en su totalidad.

En los trabajos analizados podemos destacar tres ausencias que vale la pena referenciar. Por un lado, la escasa producción histórica sobre la participación de la mujer en el fútbol, elemento que se torna una preocupación central en las producciones sobre el deporte en general como fenómeno global. En segundo lugar, los pocos trabajos vinculados a la producción sobre el fútbol del interior, que hagan referencia a los campeonatos y ligas organizados fuera de la capital, Montevideo. Finalmente, la ausencia de producción sobre el fútbol practicado fuera de los parámetros de regulación estatal o federada, incluso del que se denomina fútbol de barrio, o fútbol popular y posibles expresiones del fútbol fuera de las hegemónicas tanto federadas, profesionales o amateurs.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELLA, R., D. Pérez y V. Sereno. 2006. *Los archivos del fútbol en Uruguay: un aporte a la historia y a la construcción de nuestra identidad*. Montevideo: EUBCA.

ALSINA, D. 2022. *Nací cantando gol: un estudio etnográfico de las masculinidades en un club de San Carlos a partir de la relación entre el fútbol y la murga*. Montevideo: Udelar; ISEF.

ALSINA, D. y Bruno Mora 2018. Yo nací cantando gol. Fútbol y murgas en Uruguay. Identidades y procesos colectivos en la ciudad de San Carlos de Maldonado. Revista de Ciencias Sociales. Vol. 27, N°. 41, 2018. ISSN-e 0718-3631

ALSINA, D. y H. Ruggiano. *Diseño metodológico para el fútbol infantil*. Maldonado: Udelar; CURE, 2011.

ALSINA, D., P. Echenique, M. Pastorino y F. Wainstein. 2021. Pica-ditos Etnográficos: relatos sobre un fútbol disidente en Uruguay. In: *Extensión en el ISEF hoy – entre la acción y la reflexión*, 117-136. Montevideo: Universidad de la República, Instituto Superior de Educación Física, Unidad de Apoyo a la Extensión.

ALVAREZ, S. y G. Silva. 2016. *El perfil del orientador técnico en el Baby Fútbol uruguayo: su formación, sus objetivos y sus significados*. Montevideo: Udelar; ISEF.

ALVARIZA, S. 2023. *Incidencia de las lesiones musculares en un equipo de fútbol profesional durante una temporada: estudio descriptivo*. Montevideo: Udelar; FM.

ALZAMENDI, J. 2015. *Efectividad en las góleras femeninas de la Liga Uruguaya de Fútbol*. Montevideo: Udelar; ISEF.

AMÉRICO, P. 2005. *Fútbol: pasión identitaria*. Montevideo: [s.n.].

ARDA, T. 2007. Metodología de la enseñanza del fútbol. Barcelona. Paidotribo, 2007.

ARMAND, N. 2014. *Análisis de la incidencia de los distintos terrenos de juego en la precisión del pase a nivel del suelo en fútbol*. Montevideo: Udelar; ISEF.

AROCENA, F. 2018. *Breve autoficción intelectual: ensayos de sociología de la cultura*. [s. l.] Estuario Editora.

AROCENA, F., J. Cristiano, P. Domínguez, R. Paternain y D. Traverso. 2019. *¿Qué significa el fútbol en la sociedad uruguaya? Ensayos sobre cultura, política, violencia y economía del fútbol*. [s. l.] Estuario Editora.

ARRAMBIDE, E. y C. Pereda. 2002. *El baby fútbol como espacio socio cultural: bases sociales y modalidades de participación comunitaria*. Montevideo: Facultad de Ciencias Sociales.

ARRIGHI, P. 2014. *1924: primera Copa del Mundo de Fútbol de la FIFA*. Colombes, Francia.

ARRIGHI, P., F. Faccio, J. Luzuriaga, L. Menciondo, J. Osaba, M. Reisch y M. Romano. 2012. Cuaderno de Historia 8: a romper la red. Abordajes en torno al fútbol uruguayo. In: *Biblioteca Nacional (Uruguay)*. <http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/2610>.

ASCORRETA, R., V. Campos, D. Fernández, A. Franco y M. Suárez. 2018. *Lesiones de ligamento cruzado anterior en el fútbol femenino*. Maldonado: Udelar; CURE.

ASTOL, F., F. Ferrer, G. Rodríguez, R. González y R. Martínez. 2020. *El retiro deportivo de futbolistas en Primera División de la Liga Departamental de Fútbol de Canelones*. Maldonado: Udelar; CURE.

BADANIAN, D. 2012. *Estudio sobre el desarrollo de la lateralidad en fútbol: análisis comparativo entre jugadores profesionales y no profesionales en la conducción del balón*. Montevideo: Udelar; ISEF.

BAILÁN, M., J. Cordero y M. Fernández. 2014. *Observaciones sobre la competencia y los docentes en nuestro baby fútbol*. Montevideo: ISEF; Udelar.

BARBOZA, G. 2007. *Representaciones de Género en el Fútbol Infantil*. Montevideo: Udelar.

BARLOCCO, M., C. Quimbo y N. Sena. 2016. *Prevención de lesiones de rodilla en juveniles del fútbol profesional uruguayo*. Montevideo: Udelar; ISEF.

BAYCE, R. 2003. Cultura, identidades, subjetividades y estereotipos: preguntas generales y apuntes específicos en el caso del fútbol uruguayo. In: *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*, 163-177. Buenos Aires, CLACSO. <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/11579/1/alabarcesFUT.pdf#page=152>.

BELHOT, S. 2002. *El fútbol: de un juego de 90 minutos al modelo de negocio 24/7*. Montevideo: Udelar; FIC.

BENÍTEZ, L. 2020. *Fútbol infantil y gobierno de la infancia: de la Comisión Nacional de Baby Fútbol a la Organización Nacional del Fútbol Infantil en Uruguay (1968-2015)*. Montevideo: Udelar-FP.

BENÍTEZ, L. 2021. *El fútbol infantil como fenómeno educativo, social y cultural*. Montevideo: Udelar; Red de extensión.

BENTANCOR, M., M. Delgado y M. Fodere. 2009. *Viabilidad de los clubes de fútbol en el Uruguay*. Montevideo: Udelar; FCEA.

BLANCHARD, E. 2021. *Fútbol: sus fundamentos, su enseñanza, su valor como juego educativo*. Montevideo: CNEF.

BLIMAN, F. 2022. *Asimetrías bilaterales y relaciones de fuerza ipsilaterales en un plantel de fútbol profesional de Montevideo*. Montevideo: Udelar; ISEF.

BONDELAZ, L. 2007. *La cotidianeidad del género en el fútbol infantil de niñas: visualización y propuestas alternativas*. Montevideo: Udelar; ISEF.

BORGES, A. y R. Caroprese. 2016. *El ciclo menstrual integrado a los entrenamientos de fútbol femenino*. Maldonado: Udelar; CURE.

BRASELLI, S. y S. Cardona. 2002. *Fútbol, tambor y drogas*. [s. l.] Ediciones de la Banda Oriental.

BRIANO, R. 2015. *La violencia en el fútbol: ¿expresión de la barbarie en el Uruguay del siglo XXI?* Montevideo: Udelar; FCS.

BRILEV, S., 2020. El primer Mundial rojo y la celeste obrera. Encuentros Uruguayos, 13(1), 129-145. Disponible en: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/encuru/article/view/1268>.

CÁCERES, I. 2017. *El fútbol infantil como actividad sociocultural: entre su base deportiva y su función socializadora*. Montevideo: Udelar; FCS-DS.

CAETANO, G., 1992. Notas para una revisión histórica sobre la cuestión Nacional en el Uruguay. *Revista de Historia*, (3), 59-78. Disponible en: <https://revela.uncoma.edu.ar/index.php/historia/article/view/814>.

CAL, G. 2022. *Análisis de las acciones técnico-tácticas de los porteros de fútbol en la Copa América 2021*. Montevideo: Udelar; ISEF.

CANALE, S. 2020. *Relación entre la asimetría de fuerza entre miembros inferiores y la velocidad en sprints lineales y cambios de dirección en jugadores de fútbol*. Montevideo: Udelar; ISEF.

CAQUÍA, M., P. Laguna y F. Pereira. 2022. *Análisis de las faltas cometidas en la Copa América de Fútbol 2021*. Montevideo: Udelar; ISEF.

CARBAJAL, J., L. González, C. Nassi, M. Schiaffino, D. Silva y E. Tabeira. 2020. *Secuencias y acciones previas al gol en el campeonato masculino de fútbol uruguayo*. [s.l] CURE; Udelar.

CARDOSO, L., C. Egaña, A. Martinez, M. Noble y Á. Varela. 2022. *Análisis del contexto técnico táctico de los goles en el fútbol masculino de Uruguay*. Maldonado: Udelar; CURE.

CARVALLO, K. 2022. *Mujeres que practican el fútbol amateur en la ciudad de Rivera, Uruguay*. Rivera: Udelar; Centro Regional Noreste.

CASARTELLI, B. 2014. *Fútbol infantil en San José: el rol actual de los clubes en la generación de capital social*. Montevideo: Udelar; FCS-DCP.

CASARTELLI, B. 2021. *Fútbol infantil y capital social en Uruguay*. Montevideo: Udelar; FCS.

CASULLO, F., S. Lago, D. Perrone y M. Sanguinetti. 2023. *Sensibilización y erradicación de la violencia en el fútbol*. Maldonado: Udelar; CURE.

CAYAFFA, F. 2006. *Los estilos de enseñanza en la iniciación deportiva del fútbol: (ámbito competitivo como no competitivo)*. Montevideo: Udelar; ISEF.

CESTARI, P. 2007. *La intencionalidad docente en el fútbol infantil*. Montevideo: Udelar; ISEF.

COCCHI, C. 1963. *Cuatro cetros del fútbol mundial: (Aurora triunfal y Embrujo del Balón en Sudamérica)*. Buenos Aires: Master Fer.

COIMBRA, L. 2022. *Las prácticas de enseñanza en el fútbol infantil en la ciudad de Maldonado*. Maldonado: Udelar; CURE.

COSTA, G. 2014. *Psicólogo del Deporte y fútbol juvenil*. Montevideo: Udelar-FP.

CRISTIANO, J. 2014. *La música de las tribunas. Identidad y violencia en los cantos de los hinchas de fútbol y básquetbol*. Montevideo: Udelar; FCS-DS.

CRISTIANO, J. 2019. *Fútbol, identidades y violencia*. Montevideo: Udelar; FCS-DS.

CUBA, S. 2017. *Estereotipos de género en la práctica del fútbol femenino: tratamiento de los medios de comunicación y gestión de la Asociación Uruguaya de Fútbol*. Montevideo: Udelar; FIC.

D'ACOSTA, M. 2007. *Las divisiones juveniles del fútbol uruguayo: un ejemplo de modernización*. Montevideo: Udelar; FCS-DS.

DA SILVA, M. 2020. *Liga Departamental de Fútbol de Rivera: 100 años*. Rivera: [s.n.].

DE BONI, I. 2016. *Periodismo deportivo: la industria cultural del fútbol uruguayo*. Montevideo: Udelar; FCS-DS.

DE LEÓN, L. 2021. *Fútbol juvenil: trabajo y educación*. Montevideo: Udelar-FP.

DE LIMA, G. 2022. *Consideraciones a las estrategias implementadas por los entrenadores frente a casos de violencia en las canchas de fútbol infantil de la ciudad de Rivera*. Rivera: Udelar; Centro Regional Noreste.

DÍAZ, D. 2024. *La historia del fútbol Maldonadense: sus historias, recuerdos y muchas cosas más*. Montevideo: [s.n.].

DOLDÁN, F., M. Ibarburu y T. Ormaechea. 2013. *Una mirada de la formación de orientadores de fútbol infantil desde la política pública*. Montevideo: Udelar; ISEF.

DOS SANTOS, N. 2016. *Análisis de la eficacia en el disparo de tiro libre directo en jugadores profesionales de fútbol uruguayo*. Montevideo: Udelar; ISEF.

DUARTE, S. y P. Green. 2016. *Estrategias cooperativas para un equipo de fútbol de robots humanoides*. Montevideo: Universidad de la República (Uruguay) – Facultad de Ingeniería, INCO.

ETCHANDY, A. 2003. *Memorias de la pelota : más de un siglo de fútbol uruguayo*. Montevideo, DEL CABALLO PERDIDO Editorial. ISBN:9974-7696-7-1.

FACCIO, F. 2010. *“Soy celeste”: el fútbol como espacio de producción de identidad*. Montevideo: Udelar: FHCE.

FACCIO, F., A. Morales y G. Adamo. 2003. *Los campeones del Centenario: análisis antropológico e histórico del Mundial de fútbol de 1930*. Montevideo: Central de Impresiones.

FADEUILLE, F. 2022. *La enseñanza del fútbol en el currículum de la Educación Física en la escuela n. 128 Barrio Mandubi, Rivera*. Rivera: Udelar; Centro Regional Noreste.

FOSSATI, E., F. Bauza, G. Ríos, S. Ríos, F. Barcia y J. Viola. 2013. *Fútbol femenino y discriminación por género*. Maldonado: Udelar; CURE.

GALLUZO, L. 2023. Regulación internacional del fútbol femenino. In: Dialnet, 74: 35-40. <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/674707>.

GARCÍA, C. 2006. *Recordar es volver a vivir: La historia del fútbol minuano – recopilación y estadísticas 1969/2005*. Minas: [s.n.].

GARCÍA, E., L. Suárez, F. Correa y H. Esquibel. 2023. *Fútbol femenino en Maldonado, una mirada puesta en el género*. Maldonado: Udelar; CURE.

GARCÍA, M. 2023. *Danubio Fútbol Club como la Universidad del Fútbol, más allá del fútbol*. Montevideo: Udelar; FIC.

GARCÍA, N., P. Lareo y M. Turcatti. 2012. *Sobre el juego del Play y el fútbol*.

bol en el tiempo de ocio: análisis cualitativo para un grupo específico de varones, adolescentes, liceales. Montevideo: Udelar. ISEF, 2012.

GARIBOTO, G. y K. Kuhlsen. 2002. *Armando el juego... El fútbol infantil en el Uruguay: un abordaje posible.* Montevideo: Facultad de Ciencias Sociales, 2002.

GERVASINI, D. 2016. *Por ese puto jugador: exploración sobre la inclusión de futbolistas abiertamente homosexuales en los equipos de Primera División del Fútbol Uruguayo, desde la perspectiva de los propios jugadores.* Montevideo: Udelar-FP.

GOMENSORO, A. 2020. Batlle, el batllismo y el fútbol. Encuentros Uruguayos, 2020, vol. 13, no 1, p. 83-107. Disponible en: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/encuru/article/view/1266>.

GÓMEZ, A. 1999. *Simplemente fútbol...: una visión social de un fenómeno “nuevo”.* Montevideo: Udelar; FCS-DTS.

GONZÁLEZ, I., B. Larrosa y R. Siering. 2019. *Periodización táctica: una metodología diferente. ¿Se aplica en el fútbol profesional uruguayo?* [s.l.] CURE Udelar.

HERMIDA, J. 2006. *Discurso y acción de los docentes responsables en el fútbol infantil: una aproximación al estudio de su coherencia.* Montevideo: Udelar; ISEF.

HIDALGO, E., P. Lescoulie y L. Viera. 2015. *Historia del fútbol sala: proceso de institucionalización en el Uruguay (1930-1965).* Montevideo: Udelar; ISEF.

IDIARTE, S. 2017. *Política y emociones: el caso del fútbol uruguayo*. Montevideo: Udelar; FCS-DCP.

ISLAS, S. 2011. El mundial 2010. Archipiélago. Revista Cultural De Nuestra América, 18(69). Disponible en: <https://revistas.unam.mx/index.php/archipelago/article/view/24321>.

INZAURRALDE, F., K. Meoni, P. Sosa y M. Rodríguez. 2022. *Aplicación de la táctica golero jugador en los equipos de primera división de fútbol sala masculino de la Copa Libertadores, Uruguay 2021*. Maldonado: Udelar; CURE.

INZAURRALDE, L. y G. Martín. 2022. *Historia oficial de la organización del fútbol del interior: 75 aniversario. 1946-14 de julio 2021*. Montevideo: OFI.

IZAGUIRRE, G. y C. Menchaca. 2011. *Periodización táctica y enfoque estructurado ¿posibles en el fútbol fernandino?* Maldonado: Udelar; CURE.

JALABERT, L. 2017. La lucha de clases ante el internacionalismo deportivo. La izquierda comunista uruguaya en tiempos del Mundial de 1930. In: *Conservaries Memorielles – Revista Transdisciplinaria*, 20.

JALABERT, L. L'Uruguay Et Sa Sélection, Histoire d'Une Idylle Précoce. In: Archambault, Fabien, Stéphane Beaud, et William Gasparini (éd). *Le football des nations*. Paris: Éditions de la Sorbonne. 45-65. <https://doi.org/10.4000/books.psorbonne.78089>.

JALABERT, L. 2020. Montevideo 1930: Reevaluación de la selección de la sede de la Primera Copa Mundial. In: *Soccer & Society*. Doi: <https://doi.org/10.1080/14660970.2020.1793621>.

JALABERT, L. 2022. Le stade Centenario de Montevideo. La naissance du doyen des Coupes du monde. In: *Football(s) Historia, Cultura, Economía, Sociedad*, HAL Id: hal-03868143.

KAPITÁN, M. y R. Fresia. 2020. *Estudio comparativo cineantropométrico entre dos planteles juveniles de fútbol uruguayo*. Montevideo: Udelar; ISEF.

LABORIDO, G. 2019. Origen del fútbol en Montevideo y la construcción de su espacio en la prensa. *Recorde: Revista do História do Esporte*, ISSN-e 1982-8985, Vol. 12, N°. 1, 2019.

LAZO, E., L. Guerra, B. Muñoz y G. Prego. 2023. *Las configuraciones sociales de género femenino en el fútbol profesional en relación al ocio en la ciudad de Montevideo*. Maldonado: Udelar; CURE.

LOMBARDO, R. J. 2022. *La conquista de París 1924: el fútbol como consagración de la uruguayidad*. [s.l.] Banda Oriental.

LÓPEZ, A. 2022. *El fútbol en versión femenina: desigualdad de género a nivel de juego y de las periodistas en Uruguay*. Montevideo: Udelar; FIC.

LUZURIAGA, J. C. 2009. *El football del novecientos: orígenes y desarrollo del fútbol en el Uruguay (1875-1915)*. [s.l.] Fundación Itaú.

LUZURIAGA, J. C. 2019. *Orígenes y desarrollo del fútbol en el Uruguay: nuevas miradas (1870-1920)*. [s.l.] Alter Ediciones.

MAGNONE, M. 2015. *Uruguayos cantores: el fútbol en la música popular uruguaya: historias sobre un vínculo profundo*. Montevideo: Ediciones B.

MANERIO, C. 2013. Fútbol y dictadura en Uruguay: El mundialito desde Bourdieu y Elías. *Revista de ALESDE*, 2013, vol. 3, no 2, p. 4-14.

MAGALHAES, L. 2019. Los campeones del Río de la Plata: Fútbol y dictadura en Argentina y Uruguay. *HISPANIA NOVA*. Segunda Época, (17), 470-493.

MASLIAH, R. 2010. *Aportes a la medicina nacional a través del fútbol (1959-1974): el año celeste (diciembre 2010)*. Montevideo: Bibliomedica.

MAZZUCHELLI, A. 2019. *Del ferrocarril al tango: el estilo del fútbol uruguayo, 1891-1930*. [s.l.] Taurus.

MENDIONDO, L. 2003. *Fútbol, una identidad colectiva tradicional operativa y su dimensión presente en el Uruguay de hoy (el caso Club Nacional de Fútbol/Club Atlético Peñarol)*. Montevideo: Udelar; FCS-DS.

MONTES, C. 2007. *Mercado deportivo, fútbol*. [s.l.] C&M Instituto Uruguayo de Deportología.

MONTES, C. 2008. *Espectáculo deportivo Uruguay*. [s.l.] Instituto Uruguayo de Deportología.

MORA, B., Rafael Mogni y Evelise Quitzau. 2022. DaMatta y la transformación del fútbol en objeto de estudio: aportes para el caso uruguayo. *Conexões*, 2022, vol. 20. Disponible en: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8667761>.

MORA, B. 2019. Deporte y dictadura: memorias del Mundialito de Fútbol de 1980. *ALESDE*, 2019, vol. 11, p. 36-51.

MORALES, A. 2013. *Fútbol, política y sociedad: las relaciones entre el poder político, la identidad nacional y el fútbol en el Uruguay 1916-1930*. Montevideo: Udelar; FHCE.

MORALES, P. 2012. El insulto como forma de violencia en los espectáculos de fútbol profesional de Montevideo. In: *Cuaderno de Historia 14 A romper la red. Miradas sobre fútbol, cultura y sociedad*. 151-165. Ministerio de Educación y Cultura, Uruguay.

ORDOÑEZ, M. 2012. *Fútbol playa femenino en Uruguay: perspectivas de una gestión*. Montevideo: FCEA.

PANUS, N. 1998. La obligación de seguridad en los contratos de afiliación deportiva: la indemnización por los daños y perjuicios sufridos por un jugador de fútbol aficionado. *Anuario de Derecho Deportivo*, 1(1): 157-195. https://pmb.parlamento.gub.uy/pmb/opac_css/index.php?lvl=notice_display&id=110681.

PENEDO, G. 2007. *La transmisión de valores en la iniciación deportiva del fútbol en los colegios de Montevideo*. Montevideo: Udelar; ISEF.

PERES SANTANA, W. 2020. *Futebol e racismo: um estudo da representação do negro no futebol de Rio de Janeiro (1919-1924)*. In: *Encuentros Uruguayos*, 13(1): 88-128.

PIMENTEL, L. 2018. *Volando sobre tierra: investigando sobre el fútbol practicado por mujeres en Uruguay*. Montevideo: Udelar: FCS-DS.

PIÑEYRÚA, R. 2014. *Fútbol y otros deportes*. Montevideo: IMPO – Comisión del Bicentenario.

PORRINI, R. 2014. Miradas y prácticas del fútbol desde las izquierdas uruguayas: Montevideo (1920-1950). Del football al fútbol/futebol: historias argentinas, brasileras y uruguayas en el siglo XX.-(Estudios AHILA de historia latinoamericana; no. 11), 117 - 131.

PORRINI, R. 2012. Izquierda uruguaya y culturas obreras. Propuestas al 'aire libre': el caso del fútbol (Montevideo, 1920-1950). Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, 16(1), 69-95.

PRATS, L. 2000. *La crónica celeste: Historia de la selección uruguaya de fútbol – triunfos, derrotas, mitos y polémicas (1901-2000)*. [s.l.] Editorial Fin de Siglo, 2000.

PRATS, L. 2017. *La era Tabárez: doce años que cambiaron el fútbol uruguayo*. [s.l.] Editorial Fin de Siglo.

PREGO, V. 2014. *El fútbol practicado por mujeres en Uruguay: una visión de la situación actual y sus posibilidades*. Montevideo: FCEA.

QUINTERO, G. 2023. *Problemáticas del fútbol femenino desde una mirada institucional y cultural*. Montevideo: Udelar; FIC.

REBELLATO, C. 2022. *Las voces del tercer tiempo: representaciones sociales sobre discapacidad, inclusión y deporte de la Selección Uruguay de Fútbol de Amputados*. Montevideo: Udelar; FCS-DTS.

REBOLLO, G. 2012. *El fútbol femenino en el Uruguay: en busca de una estrategia para masificarlo*. Montevideo: FCEA.

RELAÑO, A. 2014. Tantos mundiales, tantas historias: Claves, relatos y leyendas del mayor acontecimiento del fútbol. [s.l.] Roca Editorial.

REYES, A. 2012. El propio fútbol uruguayo: una guía ideal para comprender el fútbol más incomprensible del mundo. [s.l.] Editorial PalabraSanta.

RINKE, S. 2014. Globalizing Football in Times of Crisis. The First World Cup in Uruguay in 1930. En Wallstein Verlag, 2014. The FIFA World Cup 1930–2010: 47–65. Disponible en: <https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/9783835326064-47.pdf>.

RINKER, S. y Florencia Facchio. 2014. La globalización del fútbol durante la crisis de 1930: Uruguay y la primera copa del mundo. Del football al fútbol/futebol: historias argentinas, brasileras y uruguayas en el siglo XX.-(Estudios AHILA de historia latinoamericana; no. 11), 67-82. Disponible en: <https://www.torrossa.com/gs/resourceProxy?an=3578272&publisher=FZZ413>.

ROSENBERG J. 1999. Un grito de gol : la historia del relato de fútbol en la radio uruguaya. Montevideo, FUNDACION BANCO DE BOSTON: UCUDAL. ISBN:9974-653-61-4

SAN ROMÁN, G. 2005. *La garra charrúa: fútbol, indios e identidad en el Uruguay contemporáneo*. Bordeaux: Editions Biere.

SANTA MARÍA CATALÁN, F. 2021 El nacionalismo y su relación con los eventos deportivos: el caso del “Maracanazo” de Brasil en el Mundial de Fútbol de 1950. Disponible en: <https://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/184435/El-nacionalismo-y-su-relacion-con-los-eventos-deportivos.pdf?sequence=1>.

SANZ, M. 2024. Garra charrúa y otros mitos. Fútbol uruguayo e identidad nacional. Avatares de la Comunicación y la Cultura, ISSN-e 1853-5925, N°. 27, 2024

SILVA, A. 2012. *La gestión formativa de los clubes de fútbol de Uruguay: estudio de captación y desarrollo del talento deportivo*. Montevideo: FCEA.

SORIA, D., E. Cáceres y A. Baladán. 2014. *El fútbol como deporte para el desarrollo integral del niño*. Maldonado: Udelar; CURE.

SUÁREZ, Toni Ardá y Claudio A. Casal Sanjurjo. 2007. *Metodología de la enseñanza del fútbol*. Barcelona: Paidotribo.

TORRES, J. 2015. El maracanazo y la prensa. Revista Universitaria De La Educación Física Y El Deporte, n. 1, p. 32-38., 2015.

TROCHE, A. 2004. *Capacitación docente en el fútbol infantil*. Montevideo: Udelar; ISEF.

VENANZETTI, S. 2013. *Detrás de la pelota: Una mirada acerca de los jóvenes de las divisiones formativas de Danubio Fútbol Club – entre la moratoria social y la carrera de futbolista*. Montevideo: Udelar; FCS-DS.

WACQUANT, Loïc. 2006. *Entre las cuerdas: cuadernos de un aprendiz de boxeador*. Buenos Aires: Siglo XXI Ediciones.

ZÁRATE, F. 2015. *Análisis cuantitativo de signos de cohesión grupal en fútbol femenino*. Montevideo: Udelar; ISEF.

CAPÍTULO 4

Futebol nas Humanidades: trajetória, corpos, abordagens¹

Alexandre Fernandez Vaz

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

RESUMO

No presente texto, reconstruo algo da minha trajetória nos estudos sobre futebol, localizando as bases analíticas que me orientam e propondo alguns temas e abordagens que desafiam os estudos sociais e culturais do esporte: os corpos dos atletas e suas constituições e atravessamentos, inclusive no que se refere às formas de disciplinamento tecnológico, que sobre eles incidem; mais atenção ao que se passa no interior do campo, incluindo aquilo que diz respeito aos aspectos técnicos e táticos do futebol; a arte, em especial, a literatura ficcional e o cinema, como documentos para a pesquisa, principalmente, no que podem ter de expressão estética do tempo histórico

1 As reflexões aqui expostas derivam do programa de pesquisas Teoria Crítica, Racionalidades e Educação (estudos para a compreensão do tempo presente), apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Processos nº 408324/2023-6 e 312749/2021-0) – e pela Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC) – Edital 21/2024.

em que são produzidos. Defendo estudos que digam algo, por meio do futebol, a respeito da sociedade e de suas contradições.

Palavras-chave: futebol, corpo, arte, dialética, sociedade

ABSTRACT

This text reconstructs some of my think on soccer studies, circumscribing the analytical bases that guide me and proposing some themes and approaches that challenge the social and cultural studies of sport: the bodies of athletes and their constitutions, including with regard to the forms of technological disciplining that affect them; more attention to what goes on inside the sportfield, including with regard to the technical and tactical aspects of soccer; art, especially fictional literature and cinema, as documents for research, especially in what they can have as aesthetic expression of the historical time in which they are produced. I advocate for studies that say something, through soccer, about society and its contradictions.

Keywords: soccer, body, art, dialectics, society

1. FUTEBOL

Desde sempre tive relações estreitas com o futebol. Na minha infância, eram muitos os homens na família que gostavam do esporte e da cultura que o compunha, de maneira que na minha incerta socialização masculinista pude viver diferentes faces desse fenômeno. Entre as mulheres, duas primas paulistanas eram corintianas

praticantes, como o pai delas e o meu, e uma outra, vivendo desde sempre no Canadá, praticava esse esporte, regularmente, na escola, o que era para nós, meninos brasileiros, uma surpresa – assim como para ela parecia incomum que mulheres (quase) não o jogassem por aqui. Torcíamos, por tradição familiar, pelo Corinthians Paulista, reafirmando a máxima – cada vez mais relativizada, aliás – de que a afecção paterna prevalece entre os filhos. Cresci como torcedor de um time marcado por derrotas e por um jejum de mais de duas décadas sem títulos, cuja abstinência foi quebrada comigo ainda criança, mas já fã de futebol, na noite de 13 de outubro de 1977, com a conquista do Campeonato Paulista de Futebol. Foi numa quinta-feira, e era aniversário de meu pai.

Escutávamos pelo rádio as partidas em tardes de domingo, assim como, eventualmente, assistíamos às que as emissoras de Florianópolis retransmitiam a partir dos canais paulistas, o que não era o mais comum, já que a predominância eram os cariocas e a participação dos grandes do Rio no certame nacional. Das lembranças mais remotas, guardo principalmente as derrotas de 1974, no Paulistão, para o Palmeiras, e para o Internacional, no Nacional de 1976. Da última, ao menos havia um atenuante, que fora a vitória contra o Fluminense, a Máquina Tricolor, na semifinal do mesmo torneio, no Maracanã lotado, em tarde que ficou conhecida como da invasão corintiana: metade dos pouco mais de 140 mil presentes eram apoiadores alvinegros. A inclinação por um time, à qual me mantive sempre fiel, não me impediu de admirar outros quadros, a exemplo do próprio Colorado daqueles anos, o timaço liderado por Falcão, cuja escalação sei de cabeça (o

que inclui até mesmo alguns suplentes). O mesmo vale, por incrível que pareça, para o maior rival, o Palmeiras, ou para o São Paulo, igualmente, um adversário clássico, time pelo qual torcia o pai de meu pai.

A paixão pelo jogo foi alimentada pelo futebol de botão, que eu praticava com times diversos, com a esfinge e o nome de cada jogador, assim como pelas imagens do Canal 100 no prólogo dos filmes que assistia em tardes de sábado e domingo, nos cinemas do centro da cidade, e a leitura de jornais e de revistas, em especial a *Placar*. Os campos de futebol de mesa eram simples, ficavam geralmente sobre o chão, mas também podiam ser mais sofisticados, com cavaletes próprios, como o do vizinho flamenguista. Podia-se jogar com amigos, mas também sozinho, atuando pelos dois lados, mas, eventualmente, beneficiando o time da preferência, e, em um canto da casa mais ou menos plano, na falta do tablado de madeira verde envernizada. Não era incomum que as crianças vocalizassem as partidas, mimetizando o tom e as expressões dos narradores da TV e do rádio. Minhas equipes eram de plástico, já que nunca me adaptei ou mesmo me interessei pelas de acrílico, e os goleiros eu os construía com caixas de fósforo, fitas colantes transparentes e coloridas, arroz ou chumbo no interior, além do escudo do clube, que fora recortado de revista ou jornal. Estava feito o time, que vinha sempre escalado no 4×3×3, variando para o 4×2×4, ou ainda com um líbero, posição que se tornou famosa por causa do sucesso de Franz Beckenbauer, capitão da seleção alemã ocidental, campeã da Copa de 1974, disputada em seu país. Em tempos que zagueiros, em maioria, eram apenas marca-dores e rebatedores e não tinham técnica e habilidade para começar

as jogadas – o brasileiro Luís Pereira era exceção –, a de líbero era uma posição importante que, hoje, a dinâmica do futebol colocou em desuso.

As tardes de sábado e domingo, assim como as de dias da semana, nas férias de julho, principalmente, eram testemunhas das belas imagens do *Canal 100*, de Carlos Niemeyer, antecedendo a programação de cinema. Em maioria, eram sequências de clássicos cariocas, nas quais brilhavam Zico, Cláudio Adão, Roberto Dinamite, Doval, Rivelino, Mendonça, Paulo César Lima, Marinho Chagas, Carlos Alberto Torres, entre tantos outros. Não era incomum, tampouco hoje é, a identificação com equipes do Rio de Janeiro, principal ponto de irradiação do entretenimento transmissível, via Embratel, para o país. Não são nada desprezíveis os efeitos da Rádio Nacional, nos anos 1940, e da TV Globo, nos anos 1970, principalmente, levando à popularização dos clubes cariocas, em especial o Flamengo, que se destacou nos dois períodos. Os lances de jogo que assistíamos no cinema não eram os da TV, embora se tratasse das mesmas partidas. Na tela grande, havia closes nos jogadores e torcedores, ritmo alterado, pontos de vista que eram os dos repórteres cinematográficos de campo (eram muitos ao redor dos gramados), narração triunfalista e fundo sonoro de: *Na cadência do samba*, de Waldir Calmon. Era bonito.

Comecei a ler a *Placar*, semanalmente, aos nove anos, os exemplares que o pai me presenteava às terças-feiras, quando ficava disponível nas bancas de Florianópolis. Chefiada por Juca Kfoury, em cada número trazia informações sobre as recentes rodadas dos disputadíssimos campeonatos estaduais ou do nacional, assim como

reportagens longas e bem apuradas sobre temas diversos do universo futebolístico, do Brasil e do exterior. Foi nas páginas da revista que me familiarizei um pouco com o futebol jogado na Europa, assim como com rivalidades locais que eu não conhecia, a exemplo daquelas entre três equipes na mesma cidade, como em Belém (Remo, Paysandu, Tuna Luso) e em Recife (Santa Cruz, Sport e Náutico). Eram excelentes os textos do próprio Juca, mas também de Marcelo Rezende (sim, o sobrinho de João Saldanha, o mesmo que depois se notabilizaria pelos programas de crime na TV), José Maria de Aquino e Carlos Maranhão, que apareciam em parágrafos bem elaborados, informativos, analíticos, autorais. A *Placar* tinha ótimas fotografias, a tabela de vários campeonatos, matérias sobre atletismo – esporte que se tornaria muito importante na minha vida, inclusive, como atividade profissional durante vários anos –, automobilismo, natação e tantas outras modalidades, além de tratar o futebol como tema político e social, marcando posição editorial contra a ditadura e seus desmandos no futebol. De forma semelhante ao que fazia o *Jornal da Tarde* naqueles tempos, a revista exercitava o *New Journalism*, com textos tendendo ao literário e mesmo ao ensaístico. Ela me ensinou a ler e pensar melhor, não só sobre o futebol².

2 Ao lado da *Placar* estão, ainda, a *Manchete Esportiva*, que eventualmente chegava às minhas mãos, e também *El Gráfico*, que eu lia quando visitava a Argentina, país natal de minha mãe. Sobre a última, o papel era mais brilhante e o formato um pouco maior que as revistas brasileiras, além das manchetes mais extravagantes do que as das nossas publicações. A seu modo, era uma revista interessante e com ela aprendi muito sobre o *fútbol*. Anos mais tarde, li os instigantes trabalhos de Eduardo Archetti sobre *El*

Sem ter sido muito bom ou muito ruim tecnicamente, não deixei saudades em quem jogou comigo ou me viu jogar bola. Gostava de colocar o corpo nas disputas, apesar de, talvez, levá-las por demais a sério, mas sempre apreciei muito desfrutar do futebol assistindo-o, entendendo seu desenvolvimento e variantes, assim como em relação aos sentidos que sobre ele ou por meio dele podem ser socialmente construídos. Ademais, cedo parei com a coisa, dadas as obrigações que tive que começar a cumprir desde os meus 14 anos, quando me profissionalizei no atletismo. Não podia me colocar em risco de lesão, não devia me desgastar correndo atrás da bola ou marcando adversários, realizando movimentos que se supunha serem inadequados para músculos e ligamentos preparados para outro fim. Havia certo exagero, mas era o que se sabia, à beira da pista, décadas atrás.

Quando criança, gostava de ler histórias de futebol, assim como ouvir dos mais velhos suas experiências com ele, fossem como torcedores, fossem como jogadores de fração amadora. Com meu avô paterno aprendi, por exemplo, os termos em inglês, usuais em sua juventude, para determinar as posições em campo. Ele mesmo, segundo me contava, dera seus chutes como *center-half* (havia uma foto a indiciar a narrativa), palavra que pronunciava com um indefectível sotaque caipira³. Vi meu pai, já veterano, atuar como zagueiro central rápido

Gráfico, que hoje podem ser encontrados na excelente antologia (Archetti 2017) organizada por José Bengoa. A propósito, tomei conhecimento de seu trabalho na segunda metade dos anos 1990, muito por causa de um capítulo de livro na coletânea de Christiane Eisenberg (1997).

3 Meu avô paterno era torcedor fervoroso do São Paulo Futebol Clube, como

e técnico – o que compensava a pouca imposição física –, em partidas nos bairros ao redor da UFSC, Trindade e Pantanal, além de ouvir suas histórias sobre disputas aguerridas no interior de São Paulo e, literalmente, na várzea, às margens do Rio Tietê, na capital.

Foi assim que, sem perder a paixão – que, no entanto, oscilou um tanto ao longo da vida –, cheguei ao futebol como tema de reflexão mais fundo. O momento decisivo para isso foi, provavelmente, o fortuito encontro com o livro *Universo do futebol*, organizado por Roberto DaMatta (1982a). Eu havia lido algo do grande antropólogo na disciplina de Antropologia I, na UFSC, mas foi na biblioteca do Centro de Educação Física e Desportos da UDESC, Universidade do Estado de Santa Catarina, que me deparei, meio por casualidade, com o belíssimo volume em capa dura, numerado, com quatro textos excelentes e imagens de obras de Rubens Gerschman, em edição exclusiva e única. Havia dois exemplares, um deles para empréstimo, que, imediatamente, levei para casa⁴. Assim que foi possível, entrei

assinalei acima, mas, ao mesmo tempo, tão identificado com o estado de São Paulo que, ao contrário de quase todos os aficionados que conheci ao longo da vida, se seu time não jogava, ele apoiava outra equipe da capital ou do interior, fosse a partida contra equipe de outro lugar do Brasil ou do mundo.

- 4 Muitos anos depois, estive na mesma biblioteca, que eu visitara várias vezes antes e até poucos anos depois daquela vez, e já não encontrei os exemplares do livro, tampouco um dicionário Oxford de esportes e o livro *Psicologia do futebol*, do neerlandês F. J. J. Buytendij (1965), que mencionarei novamente mais adiante. A informação que recebi sobre o destino das obras, que até hoje fantasio que não seja verdade, é que todo o material com publicação de mais de 10 anos antes havia sido descartado.

em contato com a Editora Pinakothèque e adquiri o meu, aproveitando para também receber *Universo do Carnaval: imagens e reflexões*, igualmente de DaMatta (1981).

A leitura de DaMatta, Simoni Lahud Guedes, Luiz Felipe Baêta Neves e Arno Vogel foi para mim reveladora. Ao mesmo tempo em que tudo parecia fazer sentido, como se correspondesse aos sentimentos que eu carregava, era novo, tanto nas temáticas quanto na abordagem que elas sofriam. Acabei procurando o que o organizador do livro já escrevera sobre futebol, e passei a acompanhar suas manifestações sobre o tema na grande imprensa. Fui também buscar o clássico *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro* (DaMatta 1979), obra que sintetiza o argumento do autor e que sustenta muito daquilo que ele foi publicando nas décadas seguintes. Acompanho DaMatta desde então, e ao longo da vida, li praticamente tudo (ou tudo) o que dele encontrei. Pela admiração e respeito que a obra enseja, ocupei-me dela e, na exata medida de meu respeito por seu autor, critiquei-a em alguns de seus aspectos (Vaz 2002, 2004, 2021).

Penso que o incontornável trabalho que vê o futebol como drama de justiça social desconsidera, em boa medida, as dinâmicas que acontecem no gramado, tanto do ponto de vista técnico e tático, quanto no que se refere às complexas relações entre atletas, árbitros e *staffs* – e desses com os torcedores e torcedoras. Se as regras do jogo são conhecidas pelos que assistem à disputa (pelo menos por parte deles, já que há também aí muita idealização), não é possível dizer que o público de fato sabe muito do que ocorre entre as quatro

linhas (e nas beiradas) do campo. A movimentação de ocupação de espaços sem a bola, as coreografias que confinam atletas a uma parcela do retângulo, as diferentes condições orgânicas, medidas em detalhes em cada futebolista, tudo isso confere um quadro de ações que a maioria de nós, amantes do futebol, não percebemos. Um dos motivos é, aliás, o costume de assistir às disputas pela TV, um acontecimento muito diferente daquele que se dá no campo. Além disso, em quase nada dialogar com o que vem sendo, no mundo inteiro, produzido sobre o esporte em geral e o futebol em particular. DaMatta (1982a, 1982b, 1982c, 1994, 2006, 2025), entre tantos, mantém-se refém das próprias premissas, jamais revisadas, embora a modalidade tenha mudado muito, tanto a que é jogada no campo, quanto no que se refere às relações que torcedores, imprensa e demais interessados têm com ela.

Desde a primeira leitura de *Universo do futebol* até hoje, pesquisei e escrevi sobre futebol, mesmo que profissionalmente outros temas tenham comparecido de forma mais enfática em minhas investigações. A leitura dos bons textos da *Placar* levou-me ao mundo da literatura memorialística e ficcional sobre o tema que, junto com os prólogos cinematográficos do *Canal 100*, me conduziram ao cinema que se ocupa dos campos de grama e barro, seus atores, ações e narrativas. Esses têm sido temas importantes para mim. Cinema e literatura que encontram no futebol um ritmo próprio e a imaginação plasmada em letra, imagem e sonho, merecem uma atenção que tem sido prestada, mas que pode, nos labirintos da experiência estética, avançar muito.

Mas ainda há duas questões-chave para mim. Por um lado, me interessa esse jogo como suporte de memória e da história, o que abarca também o presente que se esvai com tanta velocidade, como hoje é nossa experiência. É nesse sentido que avança, por exemplo, minha contribuição quinzenal com a revista *Arquibancada*, do portal *Ludopédio*⁵. Por outro lado, estou atento ao esporte, tal como se desenvolve como empenho corporal em sucessivas sessões de treinamento e disputas intensas, controladas com cada vez mais detalhes por uma parafernália tecnológica que, se supõe, diz a verdade. Isso vale para os dispositivos imagéticos que compõem o VAR, como para aqueles que controlam o esforço e a condição de cada atleta, a cada momento, via GPS e outros meios. O erro faz parte do jogo, e isso vale para o árbitro, que às vezes acerta na marcação e, logo depois, se equivoca porque vai à tela e observa a jogada em câmera lenta ou de um ângulo em que algo que parece que aconteceu, de fato, só se realizou na imagem – ou vice-versa⁶. Dúvida por dúvida, por que uma é melhor que a outra?

5 Sou muito agradecido ao portal *Ludopédio*, na figura de seus editores, em especial a Sérgio Settani Giglio, e às pessoas com as quais tenho dialogado mais diretamente e, eventualmente, escrito no portal: Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, Antonio Jorge Gonçalves Soares, Daniel Machado da Conceição, Fábio Machado Pinto, Eduarda Moro, Vitor Steurer, Rodrigo Piriz, Ivan Marcelo Gomes, Felipe Quintão de Almeida e, muito especialmente, Danielle Torri.

6 A controvérsia em torno da atleta que deveria chegar à medalha de bronze (o ouro era de Rebeca Andrade e a prata de Simone Biles, não havia dúvidas) na prova de solo, na Ginástica Artística, nos últimos Jogos Olímpicos, ilustra bem o fato (Vaz 2024a).

Por outro lado, os corpos dos jogadores, em suas radicações de gênero, classe, etnia, geração e “capacidade”, são importantes como tema de estudo, assim como os investimentos estéticos e formas que com eles podem criar e expressar. Também me parecem importantes as relações com o treinamento corporal, um assunto antigo para mim, tanto como pesquisador (Vaz 1999 – esta é a demarcação mais precisa, mas as reflexões vêm de quase 10 anos antes), quanto na condição de competidor de alto rendimento, registro que, como acima anotado, vem quase da infância (este, aliás, também é um tópico sobre o qual venho pensando, o trabalho infantil no esporte). Os corpos de hoje, não apenas bem alimentados e hidratados, mas esquadrinha-dos, suplementados e, especialmente, selecionados a partir de suas características orgânicas e emocionais mais adequadas, são tornados capazes – são submetidos, seria melhor dizer – de suportar cargas e performances nunca antes imaginadas. Isso exige um processo, tem seu custo e corresponde a uma expectativa da sociedade. Afinal, a análise e a reflexão sobre o esporte não podem dizer algo apenas sobre ele mesmo, mas devem emergir como um conjunto de problemas que expressem a experiência social mais ampla, já que “A necessária recusa de discursos totalizantes que fazem o objeto desaparecer em seu interior, que o justificam ao invés de analisá-lo, não pode derivar em particularismo cujos resultados só interessem, quando muito, à comunidade que estuda esportes”. (Vaz 2020: 113).

No próximo subcapítulo, exponho alguns dos andaimes e balizas que conformam meu esforço de entendimento do futebol – e da sociedade –, para, logo após, expor três situações exemplares de

temáticas e abordagens que bem compõem (ou podem compor) o debate contemporâneo.

2. FUNDAMENTO: ESTUDOS SOBRE O FUTEBOL

Não demora muito o nascimento da sociologia e da psicologia do esporte, se considerarmos que as áreas que lhes dão origem, sociologia e psicologia, são frutos do final dos anos 1800. Sem as condições objetivas para que indivíduo e sociedade, por um lado, e algo como o funcionamento interno do sujeito que fosse imanente à sua existência, por outro, essas áreas de conhecimento não existiriam. Ao mesmo tempo, a presença das práticas esportivas e o fascínio por elas gerado, em um século que funda a desigualdade no mundo, vão rapidamente demandando como necessárias e interessantes as especificações que designam o que anos depois serão consideradas subáreas de conhecimento, sociologia do esporte e psicologia do esporte.

O século XIX viu o nascimento da sociologia, com os fundadores trabalhos de Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim e Auguste Comte, assim como a constituição da psicologia como ciência, com o Instituto de Psicologia da Universidade de Leipzig (1879), depois da publicação dos *Princípios da psicologia fisiológica* (1874), ambos perpetrados pelo alemão Wilhelm Maximilian Wundt. Poucas décadas depois, foi publicado o livro de Heinz Risse (1921), *Sociologia do esporte*, e estabelecidos os primeiros laboratórios que se ocuparam da psicologia da competição esportiva – logo começaram também os de fisiologia, nos dois casos inspirados pelos estudos sobre fadiga

e trabalho e sobre as condições para a guerra, dois âmbitos com os quais o esporte tem forte parentesco.

Como ensina Alson Rabinbach (1992), tratava-se, no primeiro caso, de medir com alguma precisão, nos séculos XVIII e, principalmente, XIX, os limites orgânicos e subjetivos de trabalhadores em atividades rotineiras enquadradas por tempo e espaço – portanto, disciplinadas, um ponto que será fundamental para o esporte de competição de alto rendimento –, desenvolvendo para isso instrumentos precisos de medição de esforço e cansaço. Afinal, era necessário regular o empenho do ser humano na jornada laboral para que ela pudesse ser repetida a cada dia. De certa forma, *The human motor*, o livro de Rabinbach (1992), mostra as respostas que o capitalismo e a ciência a ele alinhada deram para questões que estavam sendo também identificadas em chave crítica por Karl Marx (1982), em *O capital*, e por Friedrich Engels (2010), em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Em ambas as obras, as condições subjetivas e objetivas do trabalho são mencionadas e, em alguns casos, escrutinadas. O primeiro aborda, entre muitas outras situações, a subsunção do trabalhador ao ritmo da máquina, à expropriação de sua condição humana. Segundo Marx, a produtividade exacerbada que a forma automatizada da produção traz não corresponde à superior humanização, já que a organização política desse processo não atende a interesses emancipadores. O segundo pesquisa a situação degradante dos trabalhadores de Manchester, submetidos às piores condições sanitárias, de trabalho e de moradia. Isso inclui as dificuldades com os cuidados de si, entre os quais Engels destaca a fal-

ta de prática esportiva, que tão bem fazia, segundo assinala, para o bem-estar das pessoas. Observe-se que o parceiro de Marx era adepto dos esportes, em especial natação e equitação, como relata Edmund Wilson (2003). Tratava-se, então, de uma prática distintiva aristocrática que o socialista de origem nobre pretendia que fosse extensiva à classe trabalhadora.

No que se refere à familiaridade do esporte com a guerra – e, portanto, com seus métodos de preparação –, Paul Virilio (1977) lembra o quanto práticas como alpinismo e balonismo, cuja importância bélica foi enorme em tempos de tecnologia mais acanhada, alimentaram a relação entre essas duas esferas. Mas é evidentemente muito mais extensa essa relação, e, no Brasil, os exemplos abundam, como em outra ocasião já mencionei (Vaz, 2024b). Se os mais recentes se encontram no programa de incorporação de atletas pelas forças armadas (um terço da delegação olímpica em 2021 foi formada por castristas, alguns dos quais batendo continência ao chegar ao pódio), é nas instituições militares que o esforço esportivo nacional foi incrementado, a exemplo do Centro de Educação Física Adalberto Nunes (CEFAN), da Marinha, da Escola Superior de Educação Física, do Exército (EsEFEx), e do Instituto de Medicina Aeroespacial Brigadeiro Médico Roberto Teixeira (IMAE), da Aeronáutica, que já em 1951 tinha uma câmara hipobárica, instrumento para simular a escassez de oxigênio em grandes altitudes, essencial para o treinamento de pilotos de caça, assim como para esportistas em provas de longa distância. Lembre-se, ademais, a importância da *Revista de Educação Física do Exército*

Brasileiro para as ciências do esporte no país, bem como de oficiais como Cláudio Pêcego de Moraes Coutinho, preparador físico e depois treinador da seleção brasileira de futebol, nos anos 1970, tradutor de obras de Kenneth Cooper à língua portuguesa.

Trabalho e guerra estão na base do conhecimento que interessa ao esporte porque, fundamentalmente, as perguntas são as mesmas: o quanto alguém pode suportar, nos termos do treinamento e da competição, nos planos orgânicos e emocionais, que não são excludentes entre si, as demandas de treinamento e competição, as privações, os estímulos cada vez mais intensos, as dores e as pressões de todo tipo — entre outras, as que constituiriam em assédio moral em qualquer outro âmbito, mas que no esporte são muitas vezes consideradas como parte natural do processo de preparação e disputa. Dito de outra forma, o esporte exerce a dinâmica do trabalho para preparar para a guerra, que as práticas competitivas desde sempre simulam.

Então, temos no mundo mais ou menos 100 anos de pesquisa sobre o assunto, o que inclui a presença das Humanidades. Não é muito, mas também não é pouco, já há um acúmulo de estudos e não se pode dizer que os interesses das Humanidades estivessem ausentes, ao contrário, desde o início do esporte institucionalizado estiveram presentes, em suas variadas áreas. Elas foram se ocupando do fenômeno, em especial, afora aquelas praticadas nos Estados Unidos da América e no Canadá, em radicação mais específica: o futebol. Um dos trabalhos exemplares desse movimento — de importância como registro histórico, nada muito mais que isso, o que, no entanto, importa — é o do neerlandês Frederik Jacobus Johannes Buytendijk

que, em correspondência com outros grandes intelectuais, como Johan Huizinga — autor, entre outros, do clássico *Homo Ludens* —, se ocupou do jogo, de uma filosofia da fisiologia, e também do futebol: em 1953, ele publicou o pequeno livro *Psicologia do futebol*. Nele, já aparece, aliás, a suposta inadequação feminina ontológica para o jogo de futebol (Buytendijk 1965), mostrando, uma vez mais, que é longa a trajetória de exclusão de mulheres desse jogo.

No Brasil, há intentos de estruturar um pensamento (não acadêmico⁷) sobre o futebol desde muito, sendo Mario Filho (2003) e seu *O negro no futebol brasileiro*, publicado 1947, um marco essencial. Antes disso, grandes literatos mencionaram o esporte, prática social que já fazia parte do cotidiano de brasileiros de diferentes estratos sociais. A crônica foi um gênero que prontamente encontrou uma correspondência com o futebol, e o teatro ofereceu-se como um modelo interessante para pensar sobre esse esporte: Décio de Almeida Prado (1997) e Luiz Eduardo Soares (1976, 1979) são destaques e, sobre eles – e sobre todos – está o irmão de Mario, Nelson Rodrigues (1994a, 1994b, entre tantos).

Academicamente, as coisas começam a mudar, um pouco, mas não muito, com os pioneiros trabalhos de Simoni Guedes (1977) e de Roberto DaMatta (1982c). De lá para cá, muito se avançou, com pesquisas de todo tipo em múltiplas abordagens com diferentes pretensões e qualidade variável. Há brasileiras e brasileiros apresentando trabalhos e os publicando em várias partes do mundo, inclu-

7 Valem aqui as incontornáveis análises de Antonio Jorge Gonçalves Soares (1999).

sive, no próprio país, com financiamento para a pesquisa, linhas de investigação, o tema está mais ou menos consolidado como legítimo, ainda que seja visto, aqui e ali, em certa medida, como pitoresco. O futebol tornou-se um tema legítimo, importante, mais até que o esporte como um todo, para as Humanidades. Antes de uma sociologia do esporte mais avançada, temos algo como um conjunto extenso de estudos socioculturais que se ocupam de uma modalidade específica, já que as outras se encontram claramente ofuscadas pelo interesse futebolístico.

Hans Ulrich Gumbrecht, autor de importantes trabalhos sobre o esporte (2006, 2021), conta que em 1974, quando era professor-assistente na Universidade de Heidelberg, era tacitamente proibido falar, no Departamento de Literatura, sobre futebol, embora a Copa do Mundo estivesse sendo disputada na então Alemanha Ocidental. Era de mau gosto mencionar o assunto, enquanto o time da República Federal avançava para, liderado por Franz Beckenbauer, chegar à final e derrotar a revolução tática promovida pelo futebol dos Países Baixos, orientado fora das quatro linhas pelo treinador Rinus Michels e, no interior do retângulo, por Johan Cruyff. Embora nem tanto quanto em outros países, como França e Itália, o futebol, no *mainstream* intelectual germânico, é hoje tema mais recorrente, e Gumbrecht chega a afirmar que é um tema *hot* sobre o qual já não se pode deixar de dizer algo.

No mesmo contexto do mandarinato acadêmico teutônico, outro episódio merece ser citado. Há 55 anos, Gerhard Vinnai (1970) publicou seu *Fußballsport als Ideologie – Futebol como ideologia* – resultado de uma tese de doutorado defendida pouco tempo

antes em Frankfurt. Com a pretensão de ser uma análise no interior do que se convencionou chamar de Teoria Crítica da Sociedade, o texto provocou, no entanto, um duplo prejuízo. Por um lado, dado seu mecanicismo analítico, não traz grande contribuição para os estudos sobre o esporte em sua radicação social, por outro, evoca para si uma tradição da qual, enfaticamente, se afasta. Ele considera, corretamente, que o futebol é disseminador ideológico do capitalismo, reproduzidor de suas instâncias e relações de dominação, além de espetáculo para o consumo na dinâmica do espetáculo mercantilizado. Falta-lhe, no entanto, movimento analítico dialético, em especial no que poderia ter mobilizado das lições de seu professor, Theodor W. Adorno, no que se refere à especificidade dos fenômenos sociais, cujo modelo privilegiado é a singularidade da arte – esta tem os pés vinculados na época histórica, mas os olhos visando outro lugar, transcendendo-a (Adorno 1997). O momento de jogo presente no futebol e, principalmente, as características que lhe são próprias (*Eigenschaften*) e seu teor de conteúdo (*Sachverhalt*) precisam ser considerados, sob o risco da diluição da experiência social concreta – o futebol tal como jogado e vivido em cada circunstância – no que se supõe ser totalidade social, mas que é apenas imposição de uma receita preconcebida sobre qualquer que seja o objeto que esteja sob o manto da época histórica.

Uma década depois de seu surgimento na Alemanha, o livro de Vinnai (1974) foi publicado no México e, em sucessivas edições, disseminou-se por grande parte da América Latina. Com ele, entronizou-se a ideia segundo a qual uma perspectiva crítica sobre

o futebol seria essa, em formato apocalíptico (Alabarces 2021) à qual se oporia aquela construída por Roberto DaMatta e aqueles que nele se inspiraram. Não por casualidade, o título do texto deste último, presente em diferentes publicações no início dos anos 1980, e carro-chefe de *Universo do futebol*, é, na versão da revista *Novos Estudos*, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, o CEBRAP, *Futebol: ópio do povo × drama de justiça social* (DaMatta 1982b). De fato, são posições excludentes, mas trata-se de antagonismo que pouco ajuda na compreensão de tão complexo fenômeno social. O futebol não é uma coisa ou outra, mas uma coisa e outra. Seu caráter ideológico e reprodutor da lógica do capital é evidente, na maciça exploração do trabalho dos atletas, em sua constituição como mercadoria espetacular, na publicidade de produtos que causam dependência, como as casas de aposta, no reforço a estereótipos de masculinidade e heteronormatividade etc. Mas ele também é expressão cultural legítima e eventualmente emancipadora, seja por seu momento de jogo e expressão estética, seja por seu caráter aglutinador e de potencial ascensão social de minorias, por suas relações com os movimentos sociais, entre outros aspectos.

Uma visão equilibrada em relação ao futebol não significa isenção ou a procura de um meio-termo, mas analisá-lo em seu desenvolvimento contraditório e sem nele buscar uma essência ou coisa que o valha, mas sua radicação histórico-social. Um exemplo de como isso pode acontecer se encontra em análises de Detlev Claussen (2006, 2014), como esta:

Deduzir a analogia do futebol em relação à sociedade, e vice-versa, produz estupidez, porque não se reconhece o carácter genuinamente social do jogo. O futebol encerra a revolta de miúdos aristocráticos contra a educação escolar, assim como a revolução dos burgueses orientados para a vitória contra os aristocratas arrivistas, ou ainda a vontade de movimentação livre das classes que exerciam o trabalho fisicamente mais duro. Mas no futebol está também contido o oposto: controle, disciplina e esforço físico. Malgrado todo o entusiasmo, não deveríamos ignorar a dialéctica de progresso no futebol: a liberdade e a dominação entrelaçam-se no jogo e somente aquele que se submete à soberania de uma ordem no jogo pode sair do campo como vencedor. O carácter de compromisso que marca o curso normal das coisas burguesas também encontra expressão no empate. (Claussen 2006: 588-589).

Este é o espírito que me anima a seguir desfrutando do futebol e analisando a sociedade por meio dele. Passo agora, antes de concluir, a três abordagens que me parecem importantes para seguir pensando.

3. TRÊS TEMAS

Os estudos sobre futebol podem se ater um pouco mais ao tema do corpo, que inclui evidentemente tudo o que o constitui e o transversaliza, como gênero e etnia, eficiência na deficiência etc., mas também aquilo que se refere à dinâmica do treinamento, ao uso de suplementos, às regras de alimentação e de descanso, ao uso e abuso

de drogas legais e ilegais para o incremento do alto desempenho, às formas de controle exercidas sobre ele. Neste 2025, produziu-se um ponto de tensão entre o atacante Pedro e o treinador Filipe Luís, ambos do Flamengo, cujo ponto máximo foi desencadeado pelo pouco empenho do primeiro em sessões de treinamento, anunciado enfaticamente, em entrevista coletiva, pelo segundo. A prova cabal de que não passava de impressão clínica do comandante foi a informação de que havia dados do GPS indicando a falta de esforço do atleta que fizeram com que as pessoas ficassem crédulas de que o treinador, malgrado o possível mal jeito das declarações, tinha razão. Inclui-se nisso os investimentos sobre o corpo que podem o destruir, o que se coloca com mais ênfase no pós-carreira, mas não só. Esses são temas que devem ser pensados no contexto da sociedade que explora o corpo no trabalho — e subjetiva o mundo corporativo com a intoxicação da autoajuda, de palestrantes e coachs vindos do esporte —, assim como no do consumo de drogas, inclusive, de fármacos legais, em tempos de hiperconsumo de medicação psiquiátrica.

Nos estudos sobre futebol talvez se pudesse dar mais atenção ao que se passa no interior do campo, o que inclui aspectos técnicos e táticos. Isso permitiria, por exemplo, entender um pouco mais da dinâmica que faz de alguns futebolistas jogarem um futebol mais vistoso e se tornarem ídolos da torcida, além de incensados pela imprensa. Permitiria também saber como se dão formas de racismo tático, a exemplo das velhas crenças, que parecem já, em grande parte, superadas, sobre a inconfiabilidade do goleiro negro, ou sobre a

necessidade de ter um zagueiro forte⁸, negro, em parceria com outro, branco, mais técnico. Permitiria, ademais, saber um tanto mais sobre o estilo, observando o jogo para além do que a TV mostra – nosso olhar para ele é muito enquadrado, mesmo quando estamos no estádio, pela dinâmica da filmagem televisiva.

O último ponto que destaco faz referência à arte. Exemplifico com os filmes *Linha de passe*, de Walter Salles Jr. e Daniela Thomas (2008), *Alemanha*, de Sergio Oksman (2017) e *Campo de jogo*, de Eryk Rocha (2015). Todos têm no futebol o tema central, ou ao menos, o motivo que lhes dá impulso, mas, sobretudo, narrativas cujo encadeamento mimetiza o jogo, com suas tensões entre a previsibilidade e o acaso, a ocupação de espaços, o ritmo que parece encontrar um clímax na parte final do segundo tempo, mas com muitas idas e vindas durante seu transcorrer. O mesmo vale para os romances *O segundo tempo*, de Michel Laub (2006), e *O drible*, de Sérgio Rodrigues (2013). Talvez esse movimento possa dizer algo sobre o futebol e, também, sobre algumas obras artísticas, ambos pensados como expressões do inconsciente de nossa época (Adorno 1997), fazendo com isso, então, com que saibamos algo sobre ela e sobre a sociedade que temos construído.

8 Observe-se, por exemplo, o que o grande Darcy Ribeiro (1996) chegou a afirmar há alguns anos: “Não sei nada de futebol, só vejo as partidas das Copas e, agora, da Olimpíada. Mas o que vi não só me entristeceu, mas também me preocupou muito. Não sou racista, mas não está faltando negro no futebol brasileiro? Veja os negrões da Nigéria, não sabem jogar futebol, mas têm uma raça e uma alma que arrasaram os nossos moreninhos”. (Ribeiro 1996: 2).

6. FUTEBOL (II)

Graciliano Ramos, em 1921 (mesmo ano, destaque-se, do livro de Risse), assinando em jornal como J. Calisto, escreveu que:

O futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância. Não confundamos. As grandes cidades estão no litoral; isto aqui é diferente, é sertão. As cidades regurgitam de gente de outras raças ou que pretende ser de outras raças; nós somos mais ou menos botocudos, com laivos de sangue cabinda e galego.

Nas cidades os viciados elegantes absorvem o ópio, a cocaína, a morfina; por aqui há pessoas que ainda fumam liamba.

(...)

Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega.

Desenvolvam os músculos, rapazes, ganhem força, desempenhem a coluna vertebral. Mas não é necessário ir longe, em procura de esquisitices que têm nomes que vocês nem sabem pronunciar.

Reabilitem os esportes regionais que aí estão abandonados: o porrete, o cachação, a queda de braço, a corrida a pé, tão útil a um cidadão que se dedica ao arriscado ofício de furtar galinhas, a pega de bois, o salto, a cavalhada e, melhor que tudo, o cambapé, a rasteira.

A rasteira! Este, sim, é o esporte nacional por excelência! (Ramos 2005: 110).

Como podemos perceber, e tão bem colocaram Antonio Jorge Soares e Hugo Lovisolo (1997), há quase três décadas, autores com quem eu tanto aprendi, trata-se de uma profecia que não foi cumprida. Somos testemunhas e parte dessa experiência histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. 1997. *Ästhetische Theorie*. Frankfurt: Suhrkamp.

ALABARCES, Pablo. 2021. El fútbol y el deporte como política: la Fundación Simoni. In: Camargo, Wagner Xavier, Mariane da Silva Pisani e Luiz Fernando Rojo. *Vinte anos de diálogos: os esportes na antropologia brasileira*. Curitiba: ABA Publicações. 97-104.

ARCHETTI, Eduardo. 2017. *Antología esencial*. Buenos Aires: CLACSO.

BUYTENDIJK, Frederik Jacobus Johannes. 1965. *Psicologia do futebol*. São Paulo: Herder.

CLAUSSEN, Detlev. 2006. Sobre a estupidez no futebol. *Análise social*. Lisboa, (41)179: 583-592.

CLAUSSEN, Detlev. 2014. *Béla Guttmann: uma lenda do futebol no século XX*. Tradução de Daniel Martinsechen e Alexandre Fernandez Vaz. São Paulo: Estação Liberdade.

DAMATTA, Roberto. 1979. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.

DAMATTA, Roberto. 1981. *Universo do Carnaval: imagens e reflexões*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

DAMATTA, Roberto. 1982a. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothke.

DAMATTA, Roberto. 1982b. Futebol: ópio do povo × drama de justiça social. *Novos estudos CEBRAP*, (1)4: 54-60.

DAMATTA, Roberto. 1982c. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMatta. 1982a. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothke.

DAMATTA, Roberto. 1994. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, 22: 10-17.

DAMATTA, Roberto. 2006. *A bola corre mais do que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco.

DAMATTA, Roberto. 2025. Futebol encanta, mas faz sofrer. *O Globo*, 16jul. <https://oglobo.globo.com/opiniao/roberto-damatta/coluna/2025/07/futebol-encanta-mas-faz-sofrer.ghtml>.

EISENBERG, Christiane. 1997. *Fußball, soccer, calcio: Ein englischer Sport auf seinem Weg um die Welt*. München: DTV.

ENGELS, Friedrich. 2010. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Tradução de B.A. Schulmann. São Paulo: Boitempo. E-book.

GUEDES, Simoni. 1977. *Futebol, instituição zero*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. 2006. *In Praise of Athletic Beauty*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. 2021. *Crowds: The Stadium as a Ritual of Intensity*. Cambridge: Stanford Briefs.

LAUB, Michel. 2006. *O segundo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

FILHO, Mario. 2003. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MARX, Karl. 1982. *Das Kapital: zur Kritik der politischen Ökonomie*. Berlim: Dietz. v.1.

OKSMAN, Serio. *Alemanha*. Revista Piauí, 2017. 2min38s.

https://www.youtube.com/watch?v=NkH_sWi1Dk.

PRADO, Décio de Almeida. 1997. *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.

RABINBACH, Alson. 1992. *The human motor: Energy, Fatigue, and the Origins of Modernity*. Berkeley: University of California Press.

RAMOS, Graciliano. 2005. *Linhas tortas*. 21 ed. Rio de Janeiro: Record.

RIBEIRO, Darcy. 1996. Viva elas. *Folha de S.Paulo*, 5 ago., p. 2.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/8/05/opiniaio/6.html>

RISSE, Heinz. 1921. *Soziologie des Sports*. Berlim: Reher.

ROCHA, Eryk. *Campo de jogo*. Slater, 2015. 1h11min.

<https://www.youtube.com/watch?v=zGxeNNuUllo>.

RODRIGUES, Sérgio. 2013. *O drible*. São Paulo: Companhia das Letras.

RODRIGUES, Nelson. 1994a. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras.

RODRIGUES, Nelson. 1994b. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.

SALLES, Walter e Daniela Thomas (dir.). *Linha de passe*. Universal Pictures; Pathé Intenational, VideoFilmes, 2008. 1h43min. DVD.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. 1999. História e invenção de tradições no campo do futebol. *Estudos Históricos: esporte e lazer*, (13)23: 119-147.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves e Hugo Lovisolo. 1997. O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos. *Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro, 5: 7-20.

SOARES, Luiz Eduardo. 1976. Teatro e futebol são muito mais que isso. *Jornal mensal de artes visuais* (Galeria de arte moderna), 29: 10-13.

SOARES, Luiz Eduardo. 1979. Futebol e teatro: notas para uma análise de estratégias simbólicas. *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, 33: 1-23.

VAZ, Alexandre Fernandez. 1999. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos Cedes*, Campinas, (19)48: 89-108.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2002. DaMatta: futebol-arte, drama e o dilema brasileiro. In: PRONI, Marcelo Weishaupt e Ricardo de Figueiredo Lucena. (orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados. 139-164.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2004. *Sport und Sportkritik im Kultur - und Zivilisationsprozess: Analysen nach Horkheimer und Adorno, Elias und DaMatta*, ed. 1. Frankfurt am Main: Afra Verlag.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2020. Pesquisar esportes em Humanidades: abordagens, temas, possíveis ideias. *Novos Olhares Sociais*, (3)1: 111-126.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2021. Sport and Society in the Writings of Roberto DaMatta In: Giglio, Sérgio Settani e Marcelo Weishaupt Proni. (org.). *Football and Social Sciences in Brazil*. Campinas: Springer; EdUnicamp. p. 133-147.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2024a. Imagens (quase) sem objeto: Jogos Olímpicos entre telas e espectadores. In: Ibarrola, David, Elizabeth Oviedo e Juan Bautista Oviedo Paiva. (org.). *Juegos Olímpicos de París 2024: poder, desigualdades y exclusiones. Boletín 9 Deporte y política*, Ciud. Autónoma de Buenos Aires, CLACSO, p. 22-27.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2024b. Alemanha: esporte y sociedad (un comentario). In: Levoratti, Alejo (org.). *Cartografía de los estudios sociales sobre el deporte: debates clásicos y actuales*. San Martín: UNSAM Edita. p. 65-84.

VINNAI, Gerhard. 1970. *Fußballsport als Ideologie*. Hamburgo: Europäische Verlagsanstalt.

VINNAI, Gerhard. 1974. *El fútbol como ideología*. México: Sigo XXI.

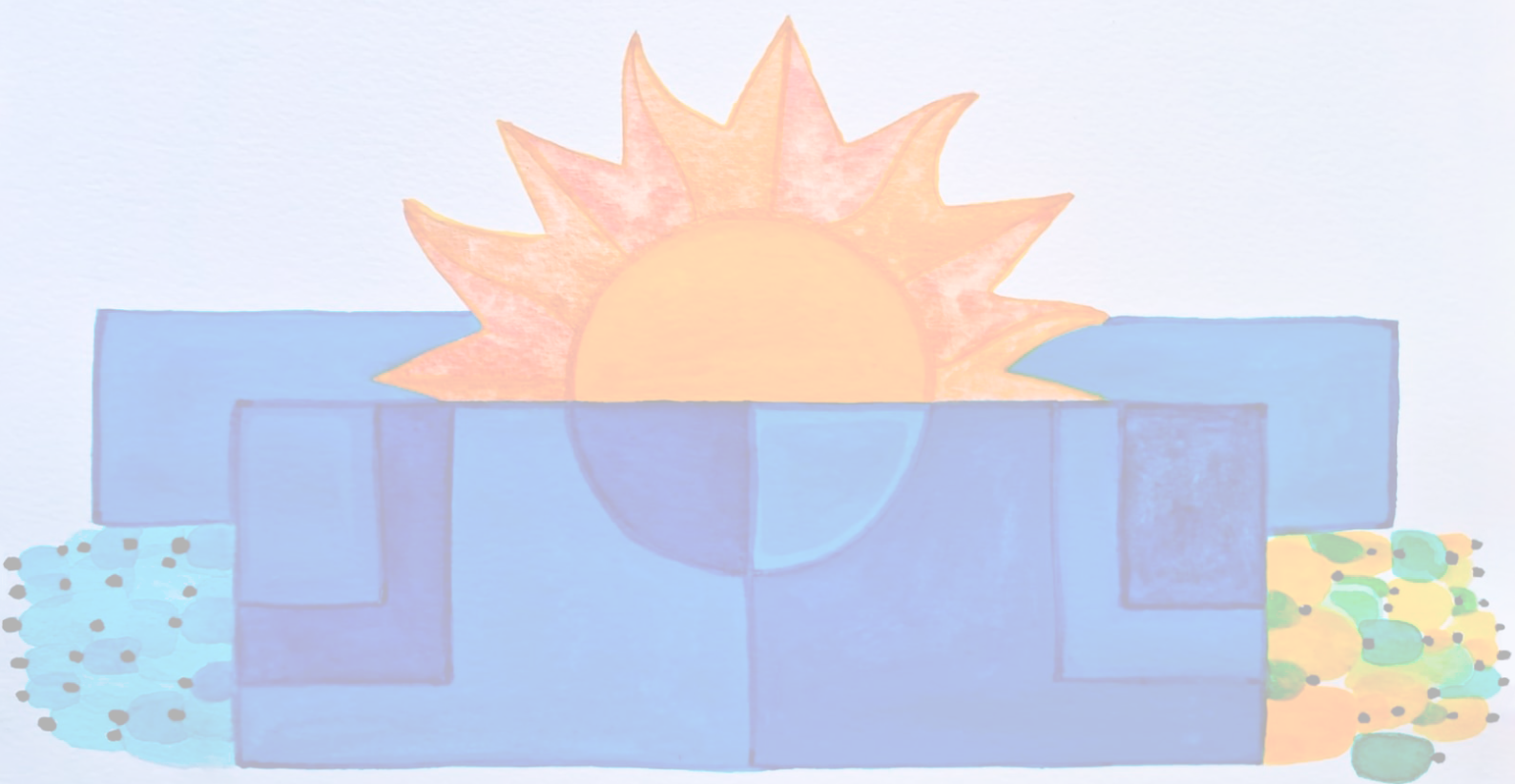
VIRILIO, Paul. 1977. *Vitesse et politique*. Paris: Éditions Galilée.

WILSON, Edmund. 2003. *To the Finland Station*. Nova York: NYRB Classics.

WUNDT, Wilhelm. 1874. *Grundzüge der physiologischen Psychologie*. Leipzig: Wilhelm Engelmann.

PARTE II

Atos subversivos: enfrentamentos dentro e fora do campo de futebol



CAPÍTULO 5

Futebol e política: uma relação realmente fora do jogo?

Igor Martinache

Universidade de Paris Nanterre, França

RESUMO

Ainda é comum hoje em dia considerar que futebol e política não têm nada em comum e que devem ser mantidos separados. Este capítulo questiona essa crença, mostrando que, pelo contrário, há muito tempo existem inúmeras interseções entre essas duas esferas. Com base em várias pesquisas históricas e sociológicas, principalmente, centradas no caso francês, este texto propõe uma revisão das diferentes dimensões políticas do futebol, seja o envolvimento dos jogadores e jogadoras, dos torcedores, a forma como o futebol interfere na política local e nacional, ou, ainda, as instâncias e as decisões que regem a organização desse esporte. Ao fazer isso, este texto, também, pretende ser um novo convite para levar o futebol a sério e, em particular, dar todo o espaço necessário às questões que o cercam no debate público.

Palavras-chave: futebol, política, torcida, mobilizações, socialização

SUMMARY

It is still common today to believe that football and politics have nothing in common and should even be kept separate. This chapter challenges this belief by showing that, on the contrary, there have long been numerous intersections between these two spheres. Drawing on various historical and sociological studies, mainly focused on France, this text reviews the different political dimensions of football, including the involvement of players and supporters, the way in which the beautiful game influences local and national politics, and the bodies and decisions that govern the organisation of the sport. In this way, this text also aims to encourage people to take football seriously and, in particular, to give the issues surrounding it their rightful place in public debate.

Keywords: football, politics, fan culture, protests, socialisation

“O esporte não deve ser politizado”¹. Essas foram as palavras do presidente francês, Emmanuel Macron, em 2022, pouco antes do início da última Copa do Mundo de futebol masculino no Catar. Vários escândalos cercaram o evento, relacionados às condições de trabalho análogas à escravidão dos imigrantes responsáveis pela construção

1 « Coupe du monde 2022 : "Il ne faut pas politiser le sport", affirme Emmanuel Macron », *Le Monde*, 17 de novembro de 2022 (tradução nossa).

das instalações para atender demandas turísticas e esportivas do torneio, ao impacto ambiental muito negativo e às suspeitas de corrupção em torno da atribuição da competição ao emirado árabe. O chefe de Estado francês não só viajou ao Catar, mas também se exibiu ostensivamente para a equipe nacional e para seu astro Kyllian Mbappé, como se tentasse conquistar parte de sua popularidade. Além de evidenciar uma contradição óbvia entre o que o presidente francês diz e o que ele faz, essa atitude revelou uma tendência mais profunda de compartimentar o esporte e a política, como se os dois fossem esferas mutuamente exclusivas. Longe de ser um fato “natural”, devido a suposta essência de uma ou outra atividade, esse é o resultado de um processo de autonomização de ambos os espaços, em grande parte decorrente do ativismo de líderes esportivos para se libertarem do controle das autoridades políticas. O sociólogo francês Jacques Defrance descreveu esse esforço deliberado como a “política do apolitismo” (Defrance 2000).

Na prática, os exemplos de transgressões desse limite são tão frequentes quanto seus lembretes e assumem uma ampla variedade de formas: tentativas de regimes políticos de explorar a organização de eventos ou os resultados de atletas nacionais – ou ambos ao mesmo tempo, como ilustrado pelo caso da Copa do Mundo masculina de 1934, na Itália (Sbetti e Serapiglia 2020), ou da Copa do Mundo de 1978, na Argentina (Fernandes 2023) –; demonstrações de proximidade com determinados atletas ou equipes² (o que pode chegar ao ponto de

2 O ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, levou essa lógica ao absurdo ao usar as camisas de mais de 86 clubes de futebol diferentes durante seu mandato (Figols 2022).

comprar um clube, como no caso de Silvio Berlusconi com o AC Milan (Borghini e Baldini 2011)); por outro lado, o apoio político ou a hostilidade demonstrada por certos jogadores de futebol em relação a líderes políticos ou candidatos a eleições³, o uso da plataforma proporcionada por sua fama para promover causas ou mensagens políticas (antirracismo com Lilian Thuram ou Vinicius Junior, por exemplo, igualdade de gênero e direitos das pessoas LGBTQIA+ com Megan Rapinoe, etc.) ou até mesmo o envolvimento direto de certos jogadores na arena política, geralmente, no final de suas carreiras⁴.

Essas várias transgressões da fronteira entre o futebol e a política – às quais devemos acrescentar o papel desse esporte nas relações diplomáticas (Dichter 2020) – que, no entanto, não são sistematicamente percebidas como desviantes, nos convidam a questionar ainda mais a relação entre esses dois espaços sociais. Em vez de reconhecer a existência de uma separação, ou mesmo de exclusão mútua, parece mais relevante considerar suas interseções na prática e os efeitos recíprocos que cada um tem sobre o outro. É isso que propomos fazer aqui, de forma não exaustiva, com base em uma certa quantidade de

3 Podemos pensar em Neymar, entre muitos outros jogadores de futebol, demonstrando seu apoio a Bolsonaro e, por outro lado, Raí e outros pedindo mobilização contra ele.

4 Ronaldo Fênomeno, por exemplo, tornou-se deputado federal no Brasil, mas há muitos exemplos menos famosos de todos os tipos de mandatos. No entanto, alguns casos, como a nomeação de Pelé como Ministro Extraordinário do Esporte por Fernando Henrique Cardoso entre 1995 e 1998, são um lembrete de que o cargo político pode ser ocupado de maneira bastante apolítica...

pesquisas existentes, no que é, acima de tudo, um convite aos colegas das ciências humanas e sociais para que continuem explorando a face oculta do futebol que constitui sua dimensão política. Também oferece uma oportunidade de dar uma nova olhada no significado, particularmente, relativo e, acima de tudo, relacional dessa noção.

OS JOGADORES DE FUTEBOL SÃO CIDADÃOS COMO QUAISQUER OUTROS?

Em julho passado, após o primeiro turno das eleições parlamentares na França, nas quais o *Rassemblement National* (RN) obteve altas pontuações, e enquanto a seleção francesa de futebol masculino preparava-se para as quartas de final do Campeonato Europeu de Futebol contra Portugal, seu capitão, Kyllian Mbappé, pediu que “a escolha certa fosse feita diante de ideias divisivas” após os “resultados catastróficos” do domingo anterior. Embora ele tenha se absterido de nomear o partido de extrema direita, ao contrário de seus colegas de equipe Marcus Thuram e Jules Koundé, o porta-voz do RN reagiu imediatamente com virulência, chamando o jogador de “multimilionário”, que estava “fraturando o país”, enquanto seu colega de equipe Adrien Rabiot disse que as eleições deveriam ser “deixadas de lado por um tempo”, e o presidente da Federação Francesa de Futebol (FFF) enfatizou o “dever de neutralidade” de sua equipe⁵. Esse episódio e, em particular, os apelos à ordem provocados pelas declarações cautelosas

5 « Kylian Mbappé appelle à voter contre le Rassemblement national, sans le citer », *Le Monde*, 4 de julho de 2024.

do astro dos “*Bleus*”, ilustram o fato de que os jogadores de futebol e, de modo mais geral, os esportistas não são considerados cidadãos de pleno direito. Ninguém sonharia em difamar um artista ou qualquer outro tipo de celebridade por ousar tomar uma posição política — mas pelo conteúdo de suas posições, sim!

À primeira vista, isso pode ser suficiente para explicar por que os jogadores de futebol geralmente se abstêm de assumir uma posição pública. Entretanto, na realidade, há muitos fatores mais profundos do que simplesmente o medo da estigmatização. Eles podem ser encontrados, em primeiro lugar, na socialização dos jogadores de futebol masculino e feminino. A origem predominantemente popular dos jogadores profissionais de futebol, combinada com uma carreira educacional curta, pode agir como um freio à expressão política, devido à existência de um “censo oculto” (Gaxie 1978), em que um baixo nível de “capital cultural” anda de mãos dadas com um sentimento de incompetência política. Esse fenômeno é ainda mais acentuado pelo fato de os jogadores de futebol serem socializados cada vez mais jovens para a sua profissão em instituições fechadas sobre si mesmas, conforme demonstrado pela pesquisa sobre os centros de treinamento dos clubes de futebol franceses (Bertrand 2012). Isso se aplica além da elite profissional masculina, como Christine Mennesson (2012) demonstrou ao perguntar “por que as esportistas não são feministas”. Com base em pesquisas realizadas no futebol feminino da França, a socióloga destaca o predomínio de normas sexistas no mundo esportivo, que incentivam as jogadoras a incorporarem conotações negativas associadas a ativistas feministas, con-

sideradas “agressivas demais” ou “extremas”. Mas, também, de forma mais ampla, a incorporarem lógicas hierárquicas, a começar pela dominação masculina e pela necessidade de responder às injunções de outras pessoas importantes, especialmente, treinadores, o que também é acompanhado por um sentimento de dívida para com os órgãos esportivos. No entanto, também há fatores ligados à forma como essas instituições operam, em que a cooptação é o modo normal de recrutamento, e a moderação e a atenção dadas à imagem projetada para o mundo exterior são fortemente enfatizadas, conforme ilustrado pela “política de alfaiataria”, em que a FFF impõe esse código de vestimenta às jogadoras do time de futebol francês para eventos públicos fora do campo.

Ainda não se sabe por que algumas jogadoras se envolvem politicamente apesar de tudo, como Nicole Abar, que criou a associação “*Liberté aux joueuses*” após a decisão da diretoria de seu clube em Plessis-Robinson, nos subúrbios de Paris, de dissolver o time feminino, conforme descrito por Christine Mennesson (2012). A socióloga faz uma retrospectiva da socialização que favorece o desenvolvimento de “disposições militantes”, por meio da experiência precoce de injustiça e, em particular, da experiência de discriminação sexista e racista. Entretanto, podemos observar que essas são condições necessárias ou, de qualquer forma, favoráveis, e não suficientes, e é importante estudar mais detalhadamente a trajetória social dos agentes envolvidos para entender melhor esse comportamento. Isso destaca outros fatores, como uma pequena quantidade de “capital cultural”, que favorece a fala ou o encontro com mentores, e, mais, fundamental-

mente, uma socialização plural e contraditória que leva à construção de um “habitus clivado” que, no entanto, deve atender a um contexto favorável ao compromisso político, como pudemos estudar nas nossas pesquisas (Martinache 2011), em particular usando o exemplo do ex-jogador de futebol da seleção francesa que recentemente concorreu à prefeitura de Paris sob as cores de *La France Insoumise*, um partido bem à esquerda do espectro político (Guéry e Martinach 2022a). Esse modelo “disposicionalista”⁶ nos parece, portanto, particularmente adequado para uma análise mais ampla de casos como o de Sócrates (Knijnik 2014) e, de forma mais ampla, a experiência da “Democracia Corintiana” em meio a uma ditadura militar, ou a de Afonsinho, lembrada neste livro⁷. Embora alguns desses fatores não sejam específicos do futebol ou do esporte, o apelo apolítico à ordem exercido pelo mundo esportivo e suas instituições parece, no entanto, exigir ainda mais recursos para transgredi-los. Outras questões também surgem, como a duração e as modalidades específicas do compromisso político de tais agentes, bem como a maneira pela qual eles imaginam seu próprio discurso. Seja como for, também, é importante mudar o foco e olhar para o número ainda maior de pessoas que assistem ao espetáculo esportivo, especialmente, os torcedores.

6 Na sociologia, essa é uma estrutura analítica que, na tradição do trabalho de Pierre Bourdieu e Bernard Lahire, tenta explicar o comportamento como o produto do encontro entre as disposições adquiridas por meio da socialização e um contexto específico que as ativa.

7 Não é insignificante que ambos os jogadores – uma raridade entre seus pares – tenham estudado medicina, que se caracteriza por um alto nível de capital cultural.

AS ARQUIBANCADAS SÃO POLÍTICAS? ANALISAR AS TORCIDAS ORGANIZADAS COMO MOVIMENTOS SOCIAIS

Reivindicando uma afiliação teórica com o freudo-marxismo, a Teoria Crítica Radical do Esporte vê o esporte como um fator maciço na despolitização das massas e como um, se não o, pilar fundamental da dominação capitalista (Martinache 2021). Em particular, seus autores retratam os torcedores de futebol como hordas de “bárbaros” movidos por impulsos de ódio e violência contra qualquer coisa “estrangeira” (Brohm e Perelman 2006). Essa abordagem, que faz dos recorrentes incidentes racistas e xenófobos nas arquibancadas uma revelação da lógica profundamente enraizada dessa “praga emocional”, favorece o controle de multidões em vez do mero desvio, de certa forma torna o torcer um ato político que ignora a si mesmo. Mas essa essencialização, que dispensa qualquer pesquisa de campo, também, ajuda paradoxalmente a despolitizar o esporte, ao negar a possibilidade de múltiplos usos e efeitos. Acima de tudo, ela se mostra insatisfatória, deixando de lado a prática majoritária do torcedorismo e o espetáculo do futebol em sua moderação, com a liberação controlada de impulsos violentos que ele encorajaria de acordo com a tese desenvolvida por Norbert Elias e Erich Dunning (1986), tornando o esporte parte do “processo de civilização” destacado pelo primeiro. Ela, também, não explica por que, longe de serem todos de extrema direita como pensam os defensores da Teoria Crítica Radical do Esporte, muitos grupos de torcedores, ao contrário, reivindicam valores progressistas ou até mesmo de extrema esquerda: antifascistas, antidiscriminatórios e até mesmo

anticapitalistas. Não apenas há muitos exemplos desse tipo, principalmente na Europa, até nas divisões mais altas, como, às vezes, eles até predominam entre os torcedores de determinados clubes, a ponto de dar a eles uma forte identidade política. Os exemplos mais conhecidos incluem o FC Sankt Pauli, em Hamburgo (Daniel e Kassimeris 2013), o Union Berlin, na Alemanha, o Rayo Vallecano, na Espanha (Spaaij e Viñas 2013) e o AS Livorno, na Itália (Doidge 2013), para citar apenas alguns⁸ – sem esquecer os muitos clubes criados, localmente, por ativistas de esquerda, como o Chico Mendes Football Club, fundado em 2014, em Paris, para conciliar futebol e ecologia popular⁹.

Com meu colega Valentin Guéry, analisamos em particular o caso do Red Star FC, na cidade de Saint-Ouen, nos “subúrbios vermelhos” de Paris¹⁰, que agora joga na segunda divisão do campeonato francês de futebol (Guéry e Martinache 2022b). Em particular, mostramos como esse clube foi assumido, há relativamente pouco tempo, por torcedores altamente politizados que “inventaram uma tradição” (Hobsbawm e Ranger 1983), não apenas jogando com a ambiguidade do nome do clube criado em 1897 por Jules Rimet — o

8 Esses grupos de torcedores também estão se organizando em redes, como a Football Against Racism in Europe (FARE), criada na década de 1990, e a Alerta Network, fundada em 2007 e que reúne grupos de ultras europeus antifascistas.

9 Barnabé Binctin, « Le Chico Mendès Football Club, l'écologie populaire par le football », *Reporterre.fr*, 12 de junho de 2014 [Online].

10 Essa expressão se refere a uma série de cidades originalmente habitadas por trabalhadores, localizadas nos arredores de Paris e que eram administradas pelo Partido Comunista Francês (algumas ainda são).

fundador da Copa do Mundo de Futebol — em torno de valores cristãos e não comunistas, mas também enfatizando a figura de Rino della Negra, um jovem trabalhador, filho de imigrantes italianos e membro do grupo de Resistência *Francs-tireurs partisans-Main d'œuvre immigrée* (FTP-MOI) liderado por Missak Manouchian, que foi capturado e executado pelos nazistas junto com seus companheiros. Em 2004, após a descoberta casual de sua história, os torcedores transformaram o jovem em um mártir da luta antifascista, embora seus ideais políticos e sua ação concreta na Resistência permaneçam difíceis de estabelecer, e em um símbolo de um clube pelo qual ele, na verdade, havia passado furtivamente. Todos os anos, os torcedores organizam uma homenagem no aniversário de sua morte e o incluem em suas músicas e em suas bandeiras e faixas. Eles, também, lideraram uma luta bem-sucedida para preservar o estádio histórico do clube, batizado com o nome de outro combatente da resistência local e ameaçado de destruição, e não hesitaram em criticar o fundo de investimento americano que comprou o Red Star, não sem contribuir para uma certa “gentrificação das arquibancadas” e mercantilização da memória inventada pelo clube.

Em termos mais amplos, vários sociólogos sugeriram que torcer deveria ser visto como uma forma específica de compromisso político. Esse é o caso de Nicolas Hourcade (2000), que se propõe a dissipar uma série de ideias preconcebidas sobre os torcedores “ultras” — de que eles são despolitizados ou de extrema direita e manipulados por grupos políticos. Pelo contrário, o pesquisador, que esteve imerso entre esses torcedores por muito tempo, mostra que eles são carac-

terizados por uma politização específica, baseada na mobilização em torno de slogans e causas, como a salvaguarda do futebol “autêntico” contra sua exploração comercial, e cumprem um papel social específico ao proporcionar aos seus membros uma sociabilidade calorosa, mas também ao abrir suas instalações, que desempenham o papel de um verdadeiro centro social em sua vizinhança, o que não impede a existência de grupos fascistas, embora eles estejam longe de ser a maioria. Essas observações foram confirmadas pela mobilização de vários grupos de apoiadores durante o confinamento causado pela pandemia da Covid-19¹¹. Ludovic Lestrelin (2015) nos convida assim a usar as ferramentas da sociologia dos movimentos sociais para estudar as atividades dos torcedores e mostra, em particular, que suas trajetórias podem ser analisadas como verdadeiras “carreiras militantes”. Elas envolvem fatores semelhantes e são caracterizadas por um compromisso duradouro, com ações coletivas organizadas em torno de um projeto e valores compartilhados, marcadas por forte solidariedade dentro do grupo e com a comunidade, denúncia da mercantilização do futebol e o aumento das políticas de segurança e repressão que sufocam a atmosfera nos estádios. Elas também mobilizam o repertório contemporâneo de protesto político: petições, manifestações, “greves” de apoio, o desenvolvimento de redes de associações e ações legais. Vale a pena observar, além disso, que essas demandas não se limitam ao mundo do futebol, como ilustrado

11 Pelo caso francês, ver o inventário elaborado em seu site pela Association nationale des supporters (www.association-nationale-supporters.fr) em 20 de março de 2020.

recentemente pelas faixas que surgiram em muitos lugares em apoio ao povo palestino sob bombardeio do exército israelense após os ataques terroristas de 7 de outubro de 2023. Quando estive no Brasil, em novembro de 2023, vi assim vários torcedores do Palmeiras se manifestando em frente à sede da CNN Brasil, na Avenida Paulista, em São Paulo. E, um ano depois, durante a campanha eleitoral municipal na capital paulista, os apoiadores do candidato de esquerda do PSOL, Guilherme Boulos, produziram milhares de adesivos com as cores dos três principais clubes da cidade (Corinthians, Palmeiras e São Paulo FC) permitindo que seus respectivos torcedores afirmassem que apoiavam tanto o clube quanto o candidato à prefeitura. Esses adesivos foram amplamente exibidos durante as manifestações, mas também por muitos transeuntes na cidade¹². Um exemplo claro de descompartmentalização, isto é, de como as barreiras entre o futebol e a política podem ser completamente rompidas. Mas isso não deve ser confundido com politização.

TO BOYCOTT, OR NOT TO BOYCOTT? A COPA DO MUNDO DE 1978 NA ARGENTINA

Na prática, a questão da separação ou da descompartmentalização do futebol e da política é mais complexa de analisar do que parece, especialmente, em termos da dinâmica da politização. Isso é o que os cientistas políticos Jean-Gabriel Contamin e Olivier Le Noé

¹² Diário de campo, anotações de 4 de novembro de 2023 e de 26 de outubro de 2024.

(2010) demonstraram ao retratar o espaço em que as posições foram tomadas em resposta aos pedidos de boicote à Copa do Mundo de 1978, na Argentina. A junta militar que havia chegado ao poder por meio de um golpe de Estado, dois anos antes, sob o comando do General Videla, suspendeu o estado de direito e se envolveu em uma feroz repressão à sua própria população. Ao mesmo tempo, porém, pretendia usar a organização da Copa do Mundo para melhorar a imagem de seu regime e, para isso, contratou uma grande agência de publicidade americana. Todavia, as violações dos direitos humanos e os crimes cometidos pela ditadura tornaram-se de conhecimento público, e foi lançada uma ampla campanha de boicote, sob a égide do Comitê de Boicote à Copa do Mundo na Argentina (COBA), criado em dezembro de 1977, com o apoio de várias personalidades do mundo das artes e da cultura e petições que reuniram centenas de milhares de assinaturas. Diante disso, várias organizações esportivas, sindicais e partidárias assumiram posições, expressando-se de forma mais ou menos explícita sobre a relação entre as duas esferas. Entretanto, como mostram os dois pesquisadores, as duas posições não se sobrepõem, ou seja, alguns rejeitam o boicote em nome da separação entre futebol e política, enquanto outros fazem o mesmo, mas rejeitando essa compartimentalização. No primeiro caso, encontramos representantes do mundo esportivo, tanto jogadores quanto dirigentes, jornalistas e alguns de seus colegas, não especialistas, de mídias conservadores¹³. No segundo

13 Isso é um lembrete de que o apolitismo é invocado principalmente pela di-

caso, encontramos sindicatos e partidos de esquerda que, embora reconheçam a natureza problemática da situação, consideram que uma convocação para um boicote seria ineficaz e defendem outras formas de ação, aproveitando a oportunidade oferecida pela competição para aumentar a conscientização sobre a situação na Argentina. Reciprocamente, os pedidos de boicote também podem ter sido motivados pela necessidade de romper as barreiras entre o futebol e a política. Por um lado, há os inspetores do Ministério da Juventude e do Esporte, bem como alguns jornalistas esportivos, para os quais os “valores” do esporte, especialmente os educacionais, não devem ser contaminados por polêmicas políticas. Por outro lado, há os ativistas da COBA e os defensores da Teoria Crítica Radical do Esporte, que, embora por motivos diferentes – para os primeiros, uma luta total contra a ditadura e, para os segundos, um desafio à natureza apolítica do esporte – acreditam que o futebol e a política não podem ser separados. Os autores concluem que a fronteira entre esporte e política não é dada de antemão, mas se desenvolve e muda de acordo com o contexto e os atores coletivos envolvidos, dependendo de seus interesses e de suas relações em uma determinada configuração. “Para o pesquisador, portanto, não é uma questão de perguntar se ou quando o esporte e a política constituem ordens separadas, mas sim quem, como e em que configuração contribui para a sua constituição como ordens separadas ou autônomas” (Ibid.: 45, tradução nossa). Essa é uma análise que se beneficiaria se fosse repetida em outras

reita do espectro político, especialmente no esporte.

situações críticas, como os pedidos de boicote à Copa do Mundo masculina a ser realizada no Catar em 2022, bem como em outros casos mais “comuns” em que o futebol e a política colidem, principalmente, quando os jogadores se expressam politicamente, ou os políticos falam sobre futebol.

O PAPEL DO FUTEBOL NA POLÍTICA NACIONAL E LOCAL

Se há uma dimensão política do futebol que não pode ser negada, é o seu papel na construção do sentimento nacional. De fato, o próprio futebol está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento do Estado moderno, ao qual nos referimos, significativamente, como Estado-nação. Vários estudos de casos¹⁴ mostram como, em diversos países, a criação de um campeonato nacional e os jogos da equipe nacional desempenham um papel crucial na criação e no desenvolvimento de um sentimento de pertencimento à “comunidade imaginada” (Anderson 1983), que é a nação, além da sociabilidade local. O mecanismo é bem conhecido, mas não é menos evolutivo ao longo do tempo e, acima de tudo, relacional: a identidade nacional também é, acima de tudo, construída por meio de rivalidades com outras nações, que podem mudar com o tempo. Apelidada de “a noite de Sevilha”, a semifinal da Copa do Mundo de 1982, perdida pela equipe da França para a República Federal da Alemanha nos

¹⁴ Para uma série de estudos de casos em francês, ver Archambault et al. (2016).

pênaltis, após uma agressão não sancionada do goleiro alemão a um atacante francês, continua sendo até hoje um grande trauma coletivo na França, assim como o “Maracanazo”, como os brasileiros apelidaram a final de 1950 perdida para o Uruguai. Todo país tem sua cota de eventos futebolísticos gloriosos ou vergonhosos, que moldam a consciência coletiva da mesma forma que as grandes batalhas do passado mais distante. Da mesma forma, nenhum evento gera tanto entusiasmo, marcado por grandes reuniões em que bandeiras, hinos e outros símbolos nacionais são exibidos com orgulho, quanto as principais competições internacionais de futebol, das quais os líderes políticos não são os últimos a tentar tirar proveito.

Dito isso, ao nos concentrarmos demais no nível (inter)nacional, esquecemos o papel não menos decisivo que o futebol pode desempenhar na política local. No entanto, esse papel é esclarecido por pouquíssimas pesquisas. Em um artigo que se tornou um clássico, Jean-Michel Faure (1989) analisa a história do clube de futebol de Voutré, um vilarejo no oeste da França. Fundado por trabalhadores de pedreiras locais, a maioria dos quais era imigrante, o clube desde o início personificou a divisão no vilarejo entre esses operários e os grandes proprietários camponeses locais, que eram católicos convictos. Originalmente, chamado de “*Club de la Kabylie*” — o nome da região da Argélia de onde vinha a maioria dos trabalhadores — o CA Voutré continuou, ao longo das décadas, a atuar como um “princípio organizador” da vida local, diz o sociólogo, enquanto se abria para outras profissões. Ele não apenas estrutura a vida social local, principalmente, nos dias de jogos, mas também atua como embaixador do

clube no mundo exterior, mantendo sua reputação como um clube “vermelho” em termos políticos. No entanto, embora as fileiras do clube sempre tenham incluído vários representantes do conselho municipal, o autor observa que, dentro do clube, todos guardam suas opiniões para si mesmos, como se quisessem evitar qualquer conflito interno: uma “evasão da política” (Eliasoph 1998) que destaca a complexidade dos processos de (des)politização. Com base em um estudo etnográfico de um vilarejo na região central da França, duramente atingido pela crise industrial, Nicolas Renahy (2001) mostra como o clube de futebol perpetua simbolicamente a identidade masculina da classe trabalhadora, apesar do desemprego em massa. Ele cristaliza a sociabilidade local nos jogos, inclusive fora de casa, onde mais de cem torcedores acompanham o clube em suas viagens. Até mesmo os treinos dos jogadores, nos moldes dos desfiles tradicionais que costumavam pontuar a vida local, ajudam a perpetuar um certo senso de unidade local. De acordo com o sociólogo, o futebol, portanto, “supera simbolicamente” a crise do mundo rural e da classe trabalhadora e mantém um certo orgulho que impede a desintegração da comunidade. Um papel que pode ser corretamente descrito como político, mesmo que não seja percebido como tal.

De forma mais ampla, o futebol é frequentemente uma questão política local importante, conforme analisado por Olivier Le Noé (2002). O cientista político distingue quatro dimensões: o peso das *propriedades culturais* do esporte; as *responsabilidades* que ele acarreta para as autoridades locais em questão; a *força da crença* no fato de que ele é um veículo essencial para imagens e identidades; e,

por fim, o fato de que ele dá origem a um *debate sobre sua utilidade social* em nível local. No que diz respeito aos primeiros, Le Noé ressaltava que o futebol, muitas vezes, desempenha um papel importante na estimulação da vida local e que é um elemento na “sublimação de questões territoriais”, que não apenas revive identidades sociais preexistentes, mas também contribui para a formação de um coletivo *sui generis*, “capaz de dar aos indivíduos, às vezes excluídos do jogo das principais instituições democráticas (escolas, política), a sensação de poder influenciar um futuro transfigurado pelo jogo do esporte” (Ibid.: 29, tradução nossa). As autoridades locais, lideradas pelos conselhos locais, têm um certo número de responsabilidades decorrentes da presença de um clube em seu território, o que, por sua vez, leva a decisões políticas. Essas responsabilidades vão desde o subsídio pago ao clube, cujo valor pode variar enormemente dependendo do grau de profissionalismo do clube e dos resultados esportivos por ele obtidos, mas também das escolhas políticas, até a segurança a ser oferecida nos jogos em casa, sem mencionar a manutenção do estádio, que pode exigir conhecimento técnico específico e funcionários dedicados. Frequentemente, isso leva à existência de um acordo entre o clube e a cidade, especificando as funções e os compromissos de cada parte, o que, por sua vez, pode levar ao envolvimento do clube em outras iniciativas municipais. Essas responsabilidades são justificadas por uma crença, amplamente compartilhada no poder simbólico do futebol. Os políticos locais geralmente consideram o futebol como um “foco identitário”, incentivando os moradores a abraçarem o território e a terem orgulho de pertencer

a ele, bem como uma vitrine para a cidade, contribuindo para sua reputação e, também, dando a ela uma imagem dinâmica por meio do esporte. Embora não possamos, realmente, medir a eficácia dessa crença, podemos estudar sua eficácia por meio do investimento dos representantes locais eleitos no clube, ressalta o cientista político. No entanto, embora esses benefícios em termos de imagem, raramente, sejam apresentados como tal, o compromisso público das autoridades locais com o apoio aos clubes de futebol da área geralmente é justificado por outros argumentos relacionados aos benefícios que a atividade traz para a comunidade. Esses incluem externalidades econômicas, como os empregos criados pelas atividades do clube ou a receita extra, gerada para as empresas locais nos dias de jogos, bem como benefícios em termos de saúde pública, prevenção de crimes e violência e, até mesmo, inclusão social para jovens de classes populares. Entretanto, esses vários “benefícios” que compõem a suposta “utilidade social” do futebol nem sempre estão isentos de debate quanto à sua real eficácia, o que também é um vetor de politização.

Em particular, a questão do financiamento e da localização de infraestruturas de grande escala, como estádios, está em dívida com essa dinâmica de politização e despolitização. É o que Frédéric Sawicki (2012) mostra, com base no caso da cidade de Lille, no norte da França, que abriga um dos principais clubes da Liga Francesa. Nele, o cientista político relata os protestos que surgiram contra os planos de expansão do estádio do time, localizado perto de uma antiga fortaleza classificada como patrimônio histórico, e dos quais ele próprio participou. Diante da crescente oposição dos moradores

locais, a cidade finalmente abandonou o projeto e decidiu construir um novo estádio em uma cidade vizinha, confiando a responsabilidade pelo projeto à metrópole urbana¹⁵ e organizando o financiamento por meio de uma parceria público-privada para despolitizar a questão, embora, paradoxalmente, com um custo adicional para o contribuinte. Esse caso é apenas um dos muitos exemplos de conflitos desse tipo que surgiram na França, e, também, no exterior, diante do desenvolvimento do espetáculo do futebol, e que, ocasionalmente, contribuíram para politizar a questão dos (grandes) estádios, sem, no entanto, torná-la um item de destaque na agenda política.

A ORGANIZAÇÃO DO FUTEBOL COMO UMA ATIVIDADE POLÍTICA E A OCULTAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER

Esse último é um lembrete de que, longe de ser um fenômeno “natural”, o desenvolvimento do espetáculo do futebol é, em si, o resultado contingente de um esforço coletivo de natureza altamente política. Isso é o que Manuel Schotté (2022) mostra com base em uma pesquisa sócio-histórica. Ele começa lembrando o papel decisivo desempenhado pela *Football Association* (FA) na Inglaterra, que, ao criar sua própria competição, a FA Cup, em 1871, e, sobretudo, ao

15 Tipo de autoridade local nas áreas mais densamente urbanizadas do país, agrupando várias cidades que lhe delegam determinados poderes. A lei francesa tornou esses agrupamentos intermunicipais obrigatórios em todo o país, em uma tentativa de corrigir a fragmentação muito significativa dos municípios do país, um legado da história.

impor sua preeminência, conseguiu unificar as regras do jogo, antes do surgimento do sistema de ligas, com a criação a partir de 1888 de várias ligas profissionais concorrentes, correspondentes a diferentes estratos da burguesia. O pesquisador, também, analisa as condições em que o esporte se difundiu internacionalmente, apontando a existência de condições específicas de recepção em cada país e a ação crucial dos “embaixadores da causa do futebol”. Com foco no caso da França, ele destaca a forma como a Federação Francesa de Futebol foi, gradualmente, conquistando o monopólio da organização do esporte, usando a profissionalização como alavanca para atingir as classes trabalhadoras e recebendo o apoio de empresários paternalistas e autoridades públicas, dos quais conseguiram obter o reconhecimento de uma identidade esportiva específica, principalmente no âmbito da União Europeia. Na tentativa de entender as razões para o investimento no futebol, especialmente por parte dos presidentes de clubes, o pesquisador mostra como, no caso da França, eles são muitas vezes “pessoas ricas sem qualificações”, com uma forte presença local, que, assim, encontram um caminho específico para a notabilidade. Ele, também, mostra que os clubes de futebol estão na encruzilhada de interesses políticos e econômicos e que, embora as autoridades locais não tenham obrigação de financiar essas organizações esportivas, que têm *status* privado, é preciso lembrar que o apoio ao futebol profissional é politicamente lucrativo para os representantes eleitos, pois “regido por uma postura de pretensa neutralidade, esse setor raramente dá margem a uma interpretação politizada. Como se baseia no princípio do bem comum, dificilmente é uma questão divisiva”

(Ibid.: 113, tradução nossa), portanto, há poucos riscos políticos e, ao contrário das derrotas, as vitórias têm um impacto positivo na imagem dos representantes eleitos. O autor também analisa o papel crucial desempenhado pela mídia na estruturação e consagração do espetáculo do futebol. Em particular, ele mostra que, tendo se beneficiado muito com a cobertura da imprensa e, depois, do rádio, os dirigentes de clubes e federações inicialmente desconfiaram da transmissão televisiva, temendo que ela esvaziasse os estádios, antes de compreenderem todo o seu potencial para o desenvolvimento do esporte e para seus próprios lucros.

Por fim, o autor examina de perto a estruturação e as transformações do torcedorismo, bem como a mudança de *status* dos jogadores. Os últimos estão adquirindo, não sem se mobilizar coletivamente contra o contrato vitalício que existia inicialmente¹⁶, uma crescente liberdade de movimento, consagrada em nível europeu pela decisão Bosman do Tribunal de Justiça da União Europeia em 1995, que pôs fim à cota de jogadores estrangeiros nos clubes da UE, mas que, paradoxalmente, contribuiu para transformar os jogadores em mercadorias por meio das taxas de transferência pagas pelos clubes. Este livro mostra que o futebol se tornou um espaço específico com

16 O mesmo autor também se refere especificamente à formação da União Nacional de Futebolistas Profissionais (UNFP) em 1961 na França, que conseguiu, em 1973, pôr fim ao contrato vitalício, comparando-o à escravidão de fato dos jogadores (Schotté e Noûs 2021). Também seria interessante comparar essa mobilização com aquela liderada por Afonsinho no Brasil, que resultou no “Passe Livre”.

suas próprias regras e órgãos, tanto em nível nacional quanto internacional, por meio de uma infinidade de mobilizações individuais e coletivas – raras, mas às vezes conflituosas – que fazem dele o que pode ser considerado um espaço político genuíno. Os raros episódios de conflito, como os que se referem aos direitos de movimento dos jogadores de futebol ou os que desafiam o domínio das federações sobre a organização do esporte, seguindo o exemplo do “Maio de 68 dos jogadores de futebol franceses” (Wahl 1990), durante o qual os jogadores amadores pretendiam devolver “o futebol aos jogadores de futebol”, nos lembram que a questão principal é, na verdade, saber “a quem pertence o futebol”. As tentativas atuais, principalmente, na Europa, de privatizar o futebol, confiando a transmissão dele a canais de TV pagos por assinatura, cada vez mais caros, ou de criar ligas fechadas, e, principalmente, os fortes protestos provocados por grupos de torcedores, são um lembrete de que essa é uma questão eminentemente política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa visão geral não exaustiva, procuramos mostrar que, longe de serem naturalmente exclusivos, o futebol e a política têm, na verdade, muitos pontos de interseção. Embora essas duas esferas de atividade tenham se tornado cada vez mais autônomas ao longo das décadas, elas ainda assim exercem influências recíprocas e estão sujeitas à circulação de agentes e representações. Portanto, é importante continuar investigando não apenas os usos políticos do futebol, mas

também os usos futebolísticos da política, e há muitas direções em que isso pode ser feito. As várias maneiras pelas quais o futebol é usado pelos líderes políticos, a expressão política e até mesmo a reconversão dos jogadores de futebol, as demandas políticas dos torcedores, a inclusão do futebol nas relações diplomáticas, na política nacional e local, e assim por diante. Além disso, há a necessidade de considerar o próprio futebol como um espaço político, observando como as regras são (re)definidas, quem exerce influência e quais são as relações de poder que moldam sua organização e determinam quem pode jogar ou assistir, quando e como. Em suma, a pergunta é: “A quem pertence o futebol?” Seus dirigentes? Seus financiadores? Aos que jogam? Ou aqueles que o assistem? A mudança que ocorreu durante a presidência de Cristina Kirchner na Argentina, entre 2007 e 2015, parece fornecer o início de uma resposta (Murzi 2024). Embora a lei “*Fútbol para Todos*” tivesse a intenção de tornar o futebol um bem público, em especial ao garantir a transmissão gratuita dos jogos do campeonato da primeira divisão em canais públicos, em contraste com a lógica de privatização em vigor no resto do mundo, o Estado passou a proibir a circulação de torcedores externos em nome da segurança. Essa aliança entre comercialização e segurança, que visa a tornar o futebol um espetáculo cada vez mais lucrativo, excluindo as classes trabalhadoras das arquibancadas e criminalizando os “ultras”, é, sem dúvida, a situação atual (Lestrelín 2022: 89-110). Mas, como qualquer processo político, ele não é irreversível...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. 1983. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso.

ARCHAMBAULT, Fabien, Stephane Beaud e Julien Sorez. 2016. *Le Football des nations: Des terrains de jeu aux communautés imaginées*. Paris: Publications de la Sorbonne.

BERTRAND, Julien. 2012. *La Fabrique des footballeurs*. Paris: La Dispute.

BORGHINI, Andrea e Andrea Baldini. 2011. On the logic of soccer patronage. *Soccer & Society*, 12(5): 569-585.

BROHM, Jean-Marie e Marc Perelman. 2006. *Le Football une peste émotionnelle*. Paris: Gallimard.

CONTAMIN, Jean-Gabriel e Olivier Le Noé. 2010. La coupe est pleine Videla! Le Mondial 1978 entre politisation et dépolitisation. *Le Mouvement Social*, 230: 27-46.

DANIEL, Petra e Christos Kassimeris. 2013. The Politics and Culture of FC St. Pauli: from leftism, through anti-establishment, to commercialization. *Soccer & Society*, 14(2): 167-182.

DEFRANCE, Jacques. 2000. La politique de l'apolitisme. Sur l'autonomisation du champ sportif. *Politix*, 50: 13-27.

DICHTER, Heather (org.). 2020. *Soccer diplomacy: international relations and football since 1914*. Lexington: The University Press of Kentucky.

DOIDGE, Mark. 2013. The birthplace of Italian communism: political identity and action amongst Livorno fans. *Soccer & Society*, 14(2): 246-261.

ELIAS, Norbert e Eric Dunning. 1986. *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process*. London: Blackwell.

ELIASOPH, Nina. 1998. *Avoiding Politics. How Americans Produce Apathy in Everyday Life*. Cambridge: Cambridge University Press.

FAURE, Jean-Michel. 1989. Les «fouteux» de Voutré. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 80: 68-73.

FERNANDES, Alessandro. 2023. Sportwashing e a Copa de 1978: Como Argentina usou a Copa do Mundo para esconder os crimes da sua ditadura militar. *Recorde, revista de história do esporte*, 16(2):1-21.

FIGOLS, Victor. 2022. As camisas de Bolsonaro (ou muito além de uma coleção de camisas de futebol). *História da Ditadura*, 29 ago. <https://www.historiadaditadura.com.br/post/ascamisasdebolsonarooumuitoalemdeumacolecaodecamisasdefutebol>.

GAXIE, Daniel. 1978. *Le Cens caché*. Paris: Seuil.

GUÉRY, Valentin e Igor Martinache. 2022a. Le sportif, le politique et le médiatique Vikash Dhorasoo, un habitus clivé pris dans la logique des champs. *Politiques de communication*, 19: 189-223.

GUÉRY, Valentin e Igor Martinache. 2022b. From Red Star to red poster: the multiple lives of Rino Della Negra. *Presentation at the 6th RERIS Congress*, Warsaw, September 27th.

HOBBSBAWM, Eric e Terence Ranger (org.). 1983. *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.

HOURCADE, Nicolas. 2000. L'engagement politique des supporters «ultras» français. Retour sur des idées reçues. *Politix*, 50: 107-125.

KNIJNIK, Jorge. 2014. Playing for freedom: Sócrates, futebol-arte and democratic struggle in Brazil. *Soccer and society*, 15(5): 635-654.

LE NOÉ, Olivier. 2002. Le football, enjeu local. *Pouvoirs*, 101(2): 27-38.

LESTRELIN, Ludovic. 2015. De l'avantage de comparer les carrières supportéristes à des carrières militantes. *Sciences sociales et sport*, 8(1): 51-77.

LESTRELIN, Ludovic. 2022. *Sociologie des supporters*. Paris: La Découverte.

MARTINACHE, Igor. 2011. Les entrées de sportifs en politique, entre réinvestissement et occultation, journée d'étude sur «La mobilisation du capital sportif», Université Paris-Dauphine, 16 mars.

MARTINACHE, Igor. 2021. Comment peut-on être anti-sportif? La théorie critique du sport au prisme de son principal entrepreneur. *Sciences sociales et sport*, 18(1): 65-92.

MENNESSON, Christine. 2012. Pourquoi les sportives ne sont-elles pas féministes? De la difficulté des mobilisations genrées dans le sport. *Sciences sociales et sport*, 5(1): 161-191.

MURZI, Diego. 2024. Del «Fútbol para Todos» a la prohibición del público visitante: análisis de la gestión de la seguridad deportiva durante los gobiernos de Cristina Fernández de Kirchner (2007-2015). *Delito y sociedad*, 58, e0121.

RENAHY, Nicolas. 2001. Football et représentation territoriale: un club amateur dans un village ouvrier. *Ethnologie française*, 31: 707-715.

SAWICKI, Frédéric. 2012. La résistible politisation du football: Le cas de l'affaire du grand stade de Lille-Métropole. *Sciences sociales et sport*, 5(1): 193-241.

SBETTI, Nicola e Daniele Serapiglia. 2020. Was football fascist? The 1934 World Cup in the postwar memory. *Soccer and society*, 21(8): 889-903.

SCHOTTÉ, Manuel e Camille Noûs. 2021. «Les footballeurs sont des esclaves». Les ressorts du succès de la mobilisation de l'Union nationale des footballeurs professionnels (1961-1973). 20 & 21. *Revue d'histoire*, 149(1): 47-60.

SCHOTTÉ, Manuel. 2022. La Valeur du footballeur. *Socio-histoire d'une production collective*. Paris: CNRS Éditions.

SILVA, Islan Lisboa da. 2024. Política e futebol não se discutem? Efeitos de sentidos e a ressignificação da camisa da seleção brasileira como simbologia política. *Leitura* (Maceió, Al.), 80: 83-96.

SPAAIJ, Ramon e Carles Viñas. 2013. Political Ideology and Activism in Football Fan Culture in Spain: A View from the Far Left. *Soccer & Society*, 14(2): 183-200.

WAHL, Alfred. 1990. Le mai 68 des footballeurs français. *Vingtième Siècle, revue d'histoire*, 26: 73-82.

CAPÍTULO 6

O Futebol entre Brasil e Uruguai: a formação e a pesquisa na periferia do futebol

Fábio Machado Pinto

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Gabriel de Leão Caldart

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ari Lazzarotti Filho

Universidade Federal de Goiás, Brasil

RESUMO

O futebol movimenta o imaginário, desperta o sonho, dialoga com a vontade, atinge o âmago das nossas intenções. Este fato social total, objeto de estudo de inúmeras disciplinas e campos do conhecimento, é um fenômeno que mobiliza aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos em diversos países. Este capítulo procura refletir sobre a pesquisa-formação realizada no âmbito do XIII Intercâmbio do Projeto InterPeriferias do Futebol, realizado em 2024, na cidade de Montevideu. Trata-se de um projeto de intercâmbio esportivo, cultural e artístico, articulador da pesquisa, do ensino e da extensão, que busca

promover relações dialéticas entre a universidade e a comunidade, o científico e o popular, o centro e a periferia. Problematicamos neste texto as dimensões formativas e investigativas, bem como as relações entre pesquisadores e participantes do projeto. Como resultado deste esforço coletivo entre pesquisadores/pesquisados, pudemos observar a promoção de uma diversidade de ações que dialogam com instituições profissionais e amadoras, acadêmico-científicas e comunitárias, de promoção do lazer, da saúde e do rendimento esportivo, e da reflexão crítica sobre o lugar que o futebol ocupa em nossas vidas/sociedades.

Palavras-chave: (auto)biografia, futebol, Brasil e Uruguai, intercâmbios, lazer

ABSTRACT

The Football between Brazil and Uruguay: Education and Research on the Periphery of the Game

Football stirs the imagination, awakens dreams, engages with desire, and touches the core of our intentions. This total social fact, the object of study in numerous disciplines and fields of knowledge, is a phenomenon that mobilizes cultural, social, economic, and political aspects across various countries. This chapter seeks to reflect on aspects of the training-research developed within the framework of the 13th exchange of the InterPeripheries of Football Project, held in 2024 in the city of Montevideo. This is a sports, cultural, and artistic exchange project that promotes and articulates research,

teaching, and outreach activities. It aims to foster dialectical relationships between university and community, scientific and popular knowledge, center and periphery. The chapter discusses how formative and investigative dimensions are configured, as well as the relationships established between researchers and project participants. As a result of this effort – as researchers and researched – we observed the promotion of a wide range of collective actions that engage with professional and amateur institutions, academic-scientific and community spaces; actions that promote leisure, health, athletic performance, and critical reflection on the role football plays in our lives and societies.

Keywords: (auto)biography, football, Brazil and Uruguay, exchanges, leisure

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, tomamos como objeto de estudo e de análise os processos de pesquisa-formação de/com jogadores de futebol amadores, veteranos, nas periferias do futebol profissional, de espetáculo e de alto rendimento. Trata-se de um esforço de investigação que ocorre durante intercâmbios formativos, nos quais interagem pesquisadores e jogadores de futebol veteranos. O presente estudo registra e analisa algumas atividades realizadas durante o XIII Intercâmbio Internacional InterPeriferias do Futebol¹, projeto que se dedica à for-

1 Projeto InterPeriferias do Futebol tem três núcleos: Florianópolis/SC-Brasil, Pelotas/RS-Brasil, Maldonado-Uruguai. Trata-se de um projeto de pesquisa vinculado ao INCT/CNPq Estudos do Futebol Brasileiro, coordenado pela

mação esportiva, cultural e artística. O evento foi realizado em Montevideu, no mês de outubro de 2024, articulado ao I Colóquio Internacional, promovido pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol).

O futebol, seja no Brasil ou no Uruguai, é considerado um dos principais vetores da formação da identidade nacional e mobiliza aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos da sociedade, mercado e governo de ambos os países (Guterman 2009, Helal 2003, Laub 2006). É um esporte que movimenta o imaginário, desperta o sonho, dialoga com a vontade, atinge o âmago das nossas intenções. Por isso, é considerado um fato social total², objeto de estudo de inúmeras disciplinas e campos do conhecimento, fenômeno que mobiliza aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos em

Dra. Carmen Silvia de Moraes Rial. O projeto de pesquisa a que este capítulo se vincula mantém relação com os programas de Pós-Graduação em Educação (CED/Ufsc) e o Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPICH/Ufsc) e pretende contribuir para a consolidação de uma rede internacional de pesquisadores sobre o futebol no campo das ciências humanas e sociais por meio de ações coordenadas pelo Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia — Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol), aprovado na Chamada Pública CNPq nº 58/2022, especialmente, da linha 4 – Futebol comunitário e de várzea, coordenado pelos colegas Luiz Carlos Rigo (UFPEL) e Mauro Myskiw (UFRGS).

- 2 Esta expressão foi cunhada pelo antropólogo francês Marcel Mauss (1936 – 1974). No Brasil, Cornelsen, Brinati, Guimarães (2020) fazem menção a ela referindo-se ao futebol e à sua importância na sociedade brasileira. O livro oferece ensaios críticos e de abordagem literária, representações e olhares diversos sobre o futebol, entre outras narrativas.

diversos países. Brasil e Uruguai protagonizam uma das relações mais intensas com esse esporte, com particularidades e (des)encontros que impactam a formação social e a identidade cultural de cada um dos dois países.³

Neste capítulo, refletimos sobre o potencial coletivo no âmbito da pesquisa e formação de jogadores amadores, mediados por uma experiência de jogos e evento acadêmico-científico, articulando elementos da (auto)biografia de como o futebol nos formou e o que fizemos com esse esporte em nossas vidas de pesquisadores e praticantes. Adultos que, desde criança, sonham e projetam se tornarem jogadores de futebol, mas que, agora, como adultos e veteranos,

3 As relações futebolísticas entre Brasil e Uruguai, seleções apelidadas carinhosamente de Canarinha e La Celeste em referência às cores de suas camisas, remontam à origem deste esporte nos dois países. É notável que em ambos os países o esporte bretão tornou-se paixão nacional e marca da identidade cultural, isso que está na base de uma das maiores rivalidades no meio futebolístico. Entre Brasil e Uruguai existe uma tradição de enfrentamento em jogos que remetem aos grandes confrontos e marcas que os mesmos deixaram nos dois selecionados nacionais e nos respectivos países. O primeiro confronto entre os dois selecionados nacionais data de 12 de julho de 1916, confronto vencido pelo Uruguai por 2 a 1. É extensa e conhecida a produção bibliográfica e em vídeo/cinema sobre a Copa de 1950 no Brasil. Filmes como *Maracanã* (2014), de Andrés Varela e Sebastian Bednarik; o curta-metragem *Barbosa* (1988), de Ana Luiza Azevedo e Jorge Furta-do, entre outros. Livros como os de Couto (2019), Muylaert (2018), Brinati (2016), Mariano (2015), Garrido (2014), Neto (2013), Heizer (2010), Perdigão (2000). Um dos importantes registros que marca a histórica rivalidade entre Uruguai e Brasil é, sem dúvida, a obra de Mario Filho (1943), *Copa Rio Branco: a biografia de uma vitória*, 32, com prefácio de José Lins do Rego.

atualizam o sonho por meio de práticas de lazer supostamente descompromissadas. O que permanece do sonho ou projeto de ser jogador? Como permanecem ou se manifestam dentro e fora das arenas, onde nos encontramos semanalmente para atualizar não apenas o nosso gosto, mas também nossos ressentimentos e frustrações, desejos não realizados que entram em campo e, a cada jogada, passe, drible, finalização e, mesmo, na “resenha” pós-jogo, se materializam das mais distintas formas? Afinal, qual o sentido destas experiências esportivas carregadas de narrativas de sociabilidade, de relações de amizade, de aprendizado permanente, de saúde e de performance? Esta pesquisa aproxima pesquisadores e pesquisados, promove os pesquisados a pesquisadores, assim como pesquisadores também se tornam pesquisados, numa perspectiva dialética entre a pesquisa e a formação, entre subjetividade e objetividade, entre o científico e o senso comum.

Ao tomar como objeto a periferia do futebol (várzea, amador, comunitário, colonial ou periférico, entre outros), observamos também o tecido das relações humanas que, nesses tempos e espaços, produzem inúmeras possibilidades de diálogo e intervenção, buscando “[...] conhecer o homem/mulher e compreender os fenômenos humanos desde as situações concretas e relacionais, indo do sujeito à sua época e da época ao sujeito – o que constitui o método biográfico sartriano.” (Pinto et al. 2022: 10^o). São múltiplas relações entre os sujeitos e a estrutura, demarcadas pela temporalidade, que analisa o presente como resultado de um movimento passado, mas que, assim como se materializa no presente, se projeta para um futuro, devir,

destino projetado. O futuro é o componente desta temporalidade que age como motor do tempo presente, puxando sujeito e grupos, pois é, simultaneamente, aquilo que fizeram de nós e aquilo que fazemos com o que fizeram de nós. Futuro é a expressão máxima da dialética sujeito e estrutura, algo que ainda não é, mas que se coloca como potência de ser, dos grupos, da sociedade.

[...] Não há interpretação a priori que defina uma existência, ela resulta das ações humanas e de sua imensa responsabilidade diante da sua própria vida e dos seus contemporâneos. O biográfico sartreano nos dá elementos para não cair no jogo da guerra de narrativas, em fazer concessões ao senso comum. A história social e de cada sujeito estão imbricadas, são passíveis de compreensão e conhecimento, ainda que a arte nos ajude a levar esse conhecimento cada vez mais longe, permitindo que a ficção expanda nossas possibilidades. Mas a soberania da vida concreta, dos sujeitos homens e mulheres, em si mesmo, é objeto do que podemos denominar de uma arte processual permanente, sempre em vias de se reinventar (Pinto et al. 2020: 90-91).

A pesquisa-formação é uma das abordagens da pesquisa (auto) biográfica (Abrahão 2016), ferramenta que nos permite o estudo sobre as narrativas articuladas a uma etnografia das sociedades complexas (Velho 2002, 2003, 2004), dos processos relacionais entre pesquisadores e participantes do projeto, neste ambiente interativo, colaborativo, social, esportivo, pedagógico e acadêmico-científico.

De 2012 a 2024, o Projeto InterPeriferias do Futebol passou a constar do calendário de atividades de extensão e de pesquisa de quatro importantes universidades federais, três do Brasil e uma do Uruguai. Criado por jogadores de comunidades de periferia do sul da Ilha de Santa Catarina, institucionalizou-se como atividade de extensão e de pesquisa por iniciativa dos professores de Educação Física, Educação e Serviço Social da UFSC, com o objetivo de promover o intercâmbio de jogadores de futebol amador de Florianópolis com comunidades da periferia de diversas cidades do Brasil e do exterior. De 2012 a 2018, ocorreram os primeiros intercâmbios nas cidades de Pierrefitte (França, 2012), Santarém (Portugal, 2013), Florianópolis (Brasil, 2014), Rivera (Uruguai, 2014), Florença e Bari (Itália, 2015), Brasília (Brasil, 2016), Frankfurt e Karlsruhe (Alemanha, 2017), Pierrefitte (França, 2017) e Montevideu (Uruguai, 2018). Na fase inicial, o projeto esteve vinculado apenas à UFSC e tinha como meta os intercâmbios realizados uma vez ao ano, entendidos como possibilidade de turismo esportivo (Carvalho e Lourenço 2009) para trabalhadores, promovendo laços entre clubes e atletas veteranos, aprendizado básico de língua e de cultura desses diferentes países e cidades, numa perspectiva de lazer vinculado à formação do trabalhador por meio da prática do futebol comunitário e da socialização de saberes e conhecimentos das comunidades de periferia. Desde sua origem, o InterPeriferias voltou-se, sobretudo, para as classes populares, ou seja, para a cultura

local de trabalhadores, que têm no lazer esportivo futebolístico uma forma privilegiada de lazer (Pinto, Lara e Bassani 2019).

O intercâmbio de 2018 marcou uma nova etapa para o projeto, em evento realizado no Uruguai, relatado por Pinto, Lara e Bassani (2019) como uma atividade organizada por professores da UFSC e da Udelar, que mobilizou ações esportivas e culturais, científico-acadêmicas e interdisciplinares, além de uma forte relação entre universidade e comunidades. A articulação do turismo, história, cultura e lazer esportivo em uma viagem internacional possibilitou a confraternização com atletas, moradores das comunidades e universitários. Entre as atividades desenvolvidas, foram apresentados trabalhos sobre sustentabilidade, agroecologia e exposição de obras artísticas dos atletas, que tiveram como tema o futebol e as cidades. Este conjunto de atividades reveste o projeto de uma nova perspectiva, a de aproximar a universidade das comunidades periféricas e da realidade social, complexa e contraditória.

O futebol oferece-nos um importante meio ou dispositivo pelo qual podemos melhor compreender, não apenas as comunidades e a sociedade, mas, também, o agir coletivo que intenciona mudanças e transformações. Concordamos com Wisnik (2008), para quem o futebol é um campo de aprendizado total, “[...] suportando a consciência daquilo que ele tem de alienante e manipulado em nome daquilo que tem de autêntico, memorável, apaixonante e inesperado – em outros termos, bem seus, naquilo que ele tem de popular e real.” (Wisnik 2008: 15). Isso expressa uma relação contraditória “[...] espécie de mais-valia às avessas, que tira seu lucro da falta.” (Wisnik 2008:

230). Esse futebol poético, jogado na periferia do alto rendimento e de espetáculo, e, portanto, imbricado ao centro, surge da criatividade, da improvisação, e que Pasolini (1999), encantado pela geração de jogadores como Pelé, Jairzinho, Tostão, Rivelino, Gerson e Clodoaldo, classificou como futebol-arte.

Após 2018, o Projeto InterPeriferias lança-se a novos desafios buscando se consolidar como um projeto acadêmico de pesquisa e de extensão, ao mesmo tempo que busca ampliar a rede de intercâmbio com camaradas espanhóis e portugueses, em evento que programamos para ser realizado nos primeiros meses de 2020. Contudo, a pandemia Covid-19 mudou, radicalmente, os planos não apenas para nosso projeto, como também para a vida das mais diferentes sociedades, comunidades, grupos, famílias, em todos os cantos do planeta. A pandemia gerou uma crise generalizada em todas as esferas da sociedade, sanitária, política, econômica, sociocultural, em praticamente todos os continentes. No entanto, surgiram novas possibilidades e perspectivas para a vida social e, eis que, em 2022, o projeto renasce em Pelotas/RS, na ESEF/UFPel, ampliando e consolidando a relação com a Udelar/Uruguaí, mantendo as atividades na UFSC, em Florianópolis/SC. Neste mesmo ano, depois de promover um intercâmbio entre projetos de Pelotas e de Florianópolis, realizamos o Intercâmbio em Maldonado (Pinto, Piriz e Benítez 2024) e, no ano de 2025, é criado um projeto na Universidade Federal de Goiás, no Centro Oeste do Brasil.

O Projeto InterPeriferias ressurgiu internacionalizado e com uma perspectiva dialética entre universidade e comunidade. Buscando aproximar e provocar trocas entre o científico e o senso

comum, entre a cultura erudita ou científica e a popular, o projeto integra seus pesquisadores com os agentes comunitários em atividades esportivas, artísticas e culturais, em que a arte de Carlos Páez Vilaró, por exemplo, é visitada e apreciada na mesma medida em que mergulhamos nas entranhas do município de San Carlos, periferia de Maldonado, para um festival de murga: “*Los Fantasmas se divierten*” (manifestação cultural popular uruguaia)⁴. Os jogos amistosos ocorreram no estádio Domingo Burgueño Miguel, que recebe jogos da Libertadores, mas também em campos de futebol amador da periferia, proporcionando aos jogadores uma experiência inusitada de vestiário, de campo e de sala de imprensa, a qual a maioria só teve acesso pelos meios de comunicação. Provocamos atravessamentos que, além de mobilizarem o sensível, a afetividade, contribuem para que a formação esportiva e cultural se torne mais significativa, provocando rupturas e/ou afirmações dos sentidos das experiências futebolísticas destes jogadores amadores veteranos.

Entre 2022 e 2023, realizamos diversas atividades acadêmicas, culturais e esportivas no Brasil, Uruguai, Portugal e França, que fortaleceram os vínculos institucionais, especialmente, pelo surgimento, em 2023, do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia — Estudos do Futebol Brasileiro. Com o apoio do INCT Futebol, realizamos

4 Inspirados em Machado e Pereyra (2021), em primoroso artigo sobre as relações entre a Murga e o Futebol, realizamos esta incursão na cultura uruguaia, que contou com inúmeras atrações e uma noite de convívio entre os participantes do projeto e a comunidade de San Carlo. Disponível em: <https://www.instagram.com/losfantasmasedivierten/>

encontros preparativos para os colóquios internacionais em 2024 em Montevideu/Uruguai e Paris/França, bem como para o lançamento do livro *InterPeriferias do Futebol: O que o futebol nos ensina sobre o viver em sociedade?* (Pinto, Lara e Vaz 2024), com textos de nossos colegas uruguaio Liber Benítez, Rodrigo Piriz e Diego Alsina. Nesta obra, sintetizamos todo o esforço de pesquisa e extensão que iniciamos em 2012, com um primeiro intercâmbio na França, numa comunidade da periferia de Paris. Os colóquios internacionais mobilizam a rede internacional de pesquisadores na área de ciências humanas e sociais, promovendo eventos, pesquisas e publicações. Estes eventos articulados proporcionam um programa de formação, lazer e socialização entre atletas amadores, moradores das comunidades e acadêmicos universitários do Brasil e do exterior, de diferentes áreas do conhecimento, especialmente, da Educação Física, Artes, Sociologia, entre outras.

Em 2024, às vésperas do intercâmbio de Montevideu, realizamos, em Florianópolis, entre os dias 3 e 5 de agosto, o XII Intercâmbio Internacional InterPeriferias do Futebol. Este intercâmbio proporcionou uma atividade no Centro de Formação e Treinamentos do Figueirense F.C e um jogo entre o Santa Cruz F.C e o InterPeriferias Pelotas/RS. Também participamos, integralmente, do I Encontro INCT Futebol: Produções e epistemologias futebolísticas. Vale, também, destacar a atividade realizada pelos jogadores veteranos e amadores no Centro de Formação e Treinamento do Clube Figueirense, no dia 3 de agosto. Nossa delegação foi recepcionada pela equipe técnica do clube, coordenada pelo Dr. Lucas Barreto Klein.

Os atletas do InterPeriferias foram apresentados à equipe técnica e tiveram uma introdução ao trabalho realizado no CFT. Depois, circulamos pela sala de fisioterapia, campos e vestiário, onde nos preparamos para o treino. Na sala de fisioterapia, fomos informados sobre o tipo de trabalho realizado e nos foram apresentados alguns jogadores da base em recuperação. Do vestiário, seguimos para o campo suplementar, onde o preparador físico procedeu uma atividade de aquecimento com mobilidade. Na sequência, o coordenador de performance realizou exercícios de domínio dirigido, passe e deslocamento. No campo, realizamos um minijogo entre três equipes, trabalhando passe e marcação em campo reduzido. Na sequência, tivemos dois tempos de coletivo com saída de bola em dois toques e ataque livre. A sessão de treinamento proporcionou aos atletas veteranos de clubes amadores uma experiência formativa em instalações profissionais, com equipe técnica e científica profissional.

A segunda atividade, com a equipe amadora do Santa Cruz F. C., foi realizada no dia seguinte, na sede do clube, e consistiu em um jogo, bem como em um almoço de confraternização seguido de roda de samba. A parceria com o Santa Cruz F. C. é antiga. Foi neste clube que, em 2012, nasceu o Projeto InterPeriferias do Futebol, primeiro como uma atividade clubística de amigos, que organizaram o primeiro intercâmbio em Pierrefitte, na França, na sequência transformando-se em um projeto de extensão do Centro de Educação da UFSC. Em 2012, o projeto contava com a coordenação de Fábio Pinto (Ed. Física), Volnei Pereira (sociólogo) e Gildo Ledra (Ed. Física) na realização de um evento na França com uma delegação de

26 atletas veteranos. Estas atividades consistem em processos que denominamos de pesquisa-formação, pois ao mesmo tempo que oportunizamos aos participantes atividades teórico-práticas de formação esportiva e cultural, também, aproveitamos para realizar uma etnografia com caderno de campo e entrevistas, que constituem um amplo arquivo que é objeto de estudo e pesquisa para TCCs, mestrados, doutorados e pós-doutorados.

INTERPERIFERIAS DO FUTEBOL 2024, MONTEVIDÉU: O ESTUDO DO JOGO E O JOGO DO ESTUDO

A experiência de Montevidéu, de 2024, nos dias 12 a 14 de outubro de 2024, articulou o XIV Intercâmbio Internacional InterPeriferias do Futebol juntamente com o *I Coloquio Internacional: Ciencias Sociales Y Fútbol – Intercambio Y Perspectivas Sudamericanas*, organizado pelo INCT Futebol com participação de inúmeras entidades do Brasil e do Uruguai, tendo o Projeto InterPeriferias da ESEF/UFPEL, ISEF/Udelar, CCE/UFSC como parte deste trabalho. O evento teve como objetivo promover o intercâmbio de estudos, pesquisas, abordagens e experiências de pesquisa e extensão universitária no campo das ciências sociais sobre futebol na América do Sul e na Europa.

Durante quatro dias, promovemos atividades relacionadas ao futebol, no Estádio Centenário e Museu do Futebol, na ISEF/Udelar e no Estádio Martínez Monegal, em Canelones, no qual jogamos com uma equipe formada pela Liga Master de Canelones, além de um agregado de jogadores, formado por estudantes e professores

da ISEF/Udelar. A comunicação de estudos e de pesquisas, assim como o debate entre perspectivas de investigação interdisciplinares, envolveu grupos de pesquisa e toda uma rede de pesquisadores do futebol do Uruguai, Brasil, Argentina, Colômbia, França, Portugal e Holanda, entre outros países que participavam de cada atividade, em ambientes diversos. Durante quatro dias, realizamos duas conferências, quatro mesas-redondas, visitação ao Estádio Centenário e ao Museu do Futebol, lançamento de três livros sobre futebol, atividades esportivas e culturais no Estádio Martínez Monegal em Canelones, pelo Projeto InterPeriferias do Futebol, além da oportunidade de assistir ao jogo entre Uruguai e Equador pelas eliminatórias da Copa do Mundo. Foram inúmeras as “resenhas” compartilhadas com camaradas jogadores, participantes do projeto, pesquisadores, estudantes, entre outros. Fomos envolvidos por uma atmosfera futebolística uruguaia que enriqueceu nosso repertório, ampliou nossa visão do jogo e da pesquisa sobre o futebol, promoveu a integração e a aproximação de pesquisadores com outros praticantes e interessados no esporte mais popular do mundo.

No dia 12 de outubro, depois de uma longa viagem entre Pelotas/RS e Montevidéu/Uruguai, nossa delegação chegou no Estádio Centenário para uma visitação que incluiu, também, o museu do estádio, este que foi palco da primeira Copa do Mundo de Futebol e sede oficial dos jogos da Seleção Uruguaia. Estudantes, professores, jogadores participantes do projeto e seus familiares foram recepcionados por historiadores e antropólogos que os guiaram durante duas horas pelo estádio e pelo museu e, na sequência, no auditório do

museu, realizaram uma mesa-redonda de abertura. Os historiadores Arnaldo Gomensoro e Gastón Laborido fizeram uma exposição sobre como o futebol chegou no Uruguai, na segunda metade do século XIX, por meio das coletividades de comerciantes ingleses que introduziram e mantiveram a sua prática até esse ser popularizado no território nacional. Assim como no Brasil, o futebol tornou-se um fenômeno de grande relevância para a sociedade uruguaia, articulando-se a outras esferas da vida cotidiana.⁵

Depois de um almoço coletivo no ISEF/Udelar, tivemos duas mesas-redondas que trataram dos temas *Estudios sobre el fútbol comunitario y periférico en Sudamérica*, coordenada pelo colega Rodrigo Piriz (Udelar/Uruguai), com exposições de Luiz Carlos Rigo (UFPel/Brasil), Liber Benítez (Udelar/Uruguai) e Verónica Moreira (Uba/Argentina), e *Actos subversivos: enfrentamientos en el campo de fútbol*, coordenada por Luciano Jahnekca (Udelar/Uruguai), com exposições de Afonsinho (Brasil), representado por Alvaro do Cabo (UERJ/Brasil), e do colega Igor Martinache (U. Nanterre/França).⁶ O fechamento das atividades acadêmicas ocorreu à noite, com uma caminhada pelo centro da capital uruguaia, onde tivemos uma agenda cultural, mobilizando a sociabilidade dos gru-

5 Esta apresentação sobre a história do futebol uruguaio, suas principais etapas e sucessos significativos, também, analisou e refletiu sobre a importância desse esporte ser estudado, especialmente, pelos historiadores. Neste volume, os autores tratam deste tema logo em nosso primeiro capítulo.

6 Todos os membros citados acima também compõem este volume com seus respectivos textos, os quais resultam de suas conferências no referido colóquio.

pos de pesquisadores, extensionistas e participantes, momento de confraternização e resenhas diversas sobre o futebol.

A atividade principal do InterPeriferias foi realizada no domingo, 13 de outubro, com uma agenda cultural e esportiva no Estádio Martínez Monegal, onde realizamos um jogo entre as equipes do InterPeriferias do Futebol VT50 com o Master da Liga de Canelones, e outra, entre o InterPeriferias de Futebol VT40 e um combinado do Projeto Uruguay Celeste Deporte y Diversidad (UCDD). Os jogos ocorreram no estádio com utilização dos vestiários, tribunas e grama-do principal. No pós-jogo, utilizamos o bar e refeitório do estádio para um lanche coletivo, oferecido pelos anfitriões, e aproveitamos, na sequência, para lançar três livros sobre futebol, num evento que contou com a presença de Igor Martinache (U. Nanterre/França), Ari Lazzarotti Filho (UFG/Brasil), Leonardo Costa da Cunha (IFSUL/Pelotas/Brasil), Alvaro do Cabo (UERJ/RJ/Brasil), Fábio Machado Pinto (UFPel/Brasil) e Liber Benítez (ISEF/Udelar). Nas apresentações, foram discutidos aspectos das obras lançadas, que refletiram sobre o futebol profissional e o amador no Uruguai, no Brasil e na França.

Após o evento, a comissão participou de uma visita no entorno do estádio, na periferia de Canelones, onde conhecemos a adega familiar Moizo, de origem italiana, imigrados em 1856 de seu povoado Montechiaro D'Aqui, Piemonte, Itália, para a zona de Juanicó, Canelones. A quinta geração destes imigrantes mantém a tradição familiar de produção de uvas e vinhos de alta qualidade. A bodega familiar artesanal foi fundada em 1954, hoje, mantida pela família de enólogos Sonia e Omar e seus três filhos: Fiorella, Antonella e Lucas. Conhecer aspectos

sociais, econômicos e culturais dos países e cidades onde jogamos é uma das nossas prioridades no projeto InterPeriferias. Nos relatos dos participantes, ficou registrada a importância deste momento de convivência, sociabilidade e formação sobre a produção local.

Nos dias seguintes, nossa agenda contemplou atividades acadêmicas na ISEF/Udelar, com a conferência de abertura do antropólogo Niko Besnier (Melborne/Austrália), duas mesas que trataram dos temas *¿Cómo estudiar temas de genero en el Fútbol?*, com Caroline Soares de Almeida (UFPE/Brasil), Martina Pastorino (Udelar/Uruguai) e Pia Echenique (Udelar/Uruguai) e comentários da antropóloga Susana Rostagnol (Udelar/Uruguai), e outro tema *Estudios en Ciencias Sociales sobre el fútbol en Brasil, Uruguay y Portugal*, com contribuições de Alexandre Fernandez Vaz (UFSC/Brasil), Diego Alsina (Udelar/Uruguai) e Francisco Pinheiro (U. Coimbra/Portugal), mediados por Fabio Machado Pinto (UFPel/Brasil). A conferência de encerramento do I Colóquio Internacional INCT Futebol foi proferida pela coordenadora do instituto, a professora Carmen Rial, que apresentou um panorama acerca dos principais estudos acadêmicos do futebol na América do Sul e mostrou suas pesquisas sobre jogadores profissionais no exterior.

Os participantes do InterPeriferias, pesquisadores, estudantes e professores, realizaram no dia 15 de outubro um *recorrido* pela cidade para conhecer a vida na capital uruguaia. Reunimo-nos no ISEF/Udelar e, à noite, assistimos a um espetáculo futebolístico dos mais interessantes, entre os selecionados de Uruguai e Equador, que se enfrentaram no Estádio Centenário pela eliminatória da Copa do

Mundo de Futebol 2026. Após o evento, que terminou empatado em 0 a 0, todos se encontraram no ônibus para retornar a Pelotas ou às suas respectivas cidades.

PESQUISA-FORMAÇÃO COMO NUM JOGO: “O CIENTISTA SOCIAL PRECISA IR AONDE O POVO ESTÁ”

O projeto unificado InterPeriferias promove o estudo, esta possibilidade de investigar, produzir dados, ou seja, pesquisar os processos formativos inerentes ao futebol de periferia, dos jovens aos veteranos, ao mesmo tempo em que proporciona a formação humana, numa perspectiva crítica, colaborativa, emancipadora e transformadora da realidade social. Configura-se numa pedagogia universitária/comunitária destinada aos amadores e adeptos do futebol, estes que se encontram na sua periferia, mais ou menos articuladas as matrizes futebolísticas que, Arlei Damo (2005) tratou de distinguir como bricolada, espetacularizada, comunitária e escolar.

O conjunto de atividades mencionado nos eventos anteriores, especialmente em Montevideu 2024, evidencia um conjunto de experiências formativas, teórico-práticas, que mobilizam a educação dos sentidos dos participantes, uma certa educação estética e imersiva na cultura local, no caso a cultura popular uruguaia. Cultura que tem no futebol uma forte identidade. Ao conhecer e viver situações cotidianas da prática futebolística uruguaia, os jogadores brasileiros, sejam eles estudantes ou professores pesquisadores, ou ainda agentes comunitários que participam do projeto, são imersos numa

atmosfera cultural desde o lendário Estádio Centenário, à importante Universidade Uruguaia (Udelar), ao histórico Estádio Monegal, num contexto de aprendizado, vivência do jogo e da confraternização, do aprendizado da história e da cultura, seja por meio acadêmico ou ainda pela visita a adegas tradicionais do interior do país, seja com a contemplação do espetáculo de um jogo de eliminatória da Copa do Mundo Fifa de Futebol, tendo como protagonistas dois selecionados latino-americanos, Uruguai e Equador.

A experiência acadêmica é para muitos participantes, agentes comunitários, um momento difícil e que exige uma certa disposição para escutar, por horas, exposições acadêmicas que utilizam uma linguagem e uma estética pouco comum em seu cotidiano. No entanto, observamos a participação ativa de muitos jogadores, permanecendo no local, atentos a cada fala, formulando perguntas, comentando aspectos das falas que lhes chamaram atenção. Como num pós-jogo, surgem curiosidades, críticas, uma certa “resenha” do que se passou no auditório. Surgem também comentários depreciativos, de quem entendeu e não gostou ou de quem sequer entendeu o que se passou ali. Também, percebemos que alguns desapareceram durante a atividade acadêmica, optaram por conhecer a cidade ou ter algum outro tipo de convívio com outros membros do grupo. Isso também é uma forma de resistência das classes populares para com aquilo que não consideram importante ou, ainda, que consideram desprezível. Parte desta dificuldade em construir pontes entre os universitários/acadêmicos com as comunidades e seus agentes é também responsabilidade dos primeiros, que pouco ou nada se preocupam em refletir

e propor ações que busquem adequar a comunicação e o respectivo conteúdo a processos formativos e interativos, como este que o InterPeriferias costuma cultivar. Contudo, a cada novo intercâmbio e à medida que vamos proporcionando novas experiências de formação que fomentam a socialização e o debate de pesquisas e estudos sobre futebol, promovendo a inclusão de não pesquisadores, participantes do projeto, vamos aprendendo e construindo formas de aproximar e trocas que enriquecem a ambos. Esta é uma dialética na relação teoria e prática pedagógica que interessa ao Projeto InterPeriferias, pois considera que “o cientista precisa ir aonde o povo está”. E saber dialogar com o povo é uma condição de possibilidade para a pesquisa etnográfica.

Além de trazer o nosso “objeto” de estudo para o nosso campo (acadêmico), também, se faz desafiador entrar em campo como “objeto”. Quando tratamos aqui de objeto não estamos evidentemente reificando os sujeitos estudados. Nosso objeto não são os sujeitos, mas os processos e lógicas sobre os quais nossos estudos se debruçam. Assim, o projeto InterPeriferias é ávido em criar estratégias para adentrar o campo, corpo/consciência na relação com o mundo, ou seja, a realidade social (subjetiva/objetiva), para estudá-lo por dentro e por fora, buscando compreender suas dinâmicas num contexto sócio-histórico. Os estudos etnográficos de Wacquant (2000) sobre o boxe e de Raseria (2016) sobre o trabalho do jogador de futebol nos inspiram, pois ambos buscam a convivência e as estratégias para construir a confiança, participar do cotidiano e produzir um conhecimento, também, da perspectiva do nativo do campo.

É neste contexto que a experiência de jogar num estádio profissional é, para muitos participantes de nossos projetos, inclusive para os próprios pesquisadores, um sonho realizado, a realização de um desejo projetado desde a infância. Trata-se de um momento de fruição, contemplação, que atravessa o sujeito por inteiro, portanto, formativo. Trata-se de uma experiência de viver a atmosfera do jogo e de tudo o que ocorre em seu entorno, como a preleção, o aquecimento, a entrada em campo, o cumprimento ao adversário e à torcida, a fotografia, a entrevista, as substituições, as relações com arbitragem, colegas de jogo, o jogo, seu término, o vestiário, a “resenha”. Esta artimanha da pesquisa vem sendo fomentada com frequência pelo InterPeriferias. Nos primeiros intercâmbios do InterPeriferias, a centralidade dos processos estava em cultivar a sociabilidade e o jogo. Assim, jogamos em estádios de periferia na França, Alemanha, Itália, Portugal, Uruguai, sem vínculo com o profissional, de alto rendimento e de espetáculo. No entanto, as visitas aos museus e aos estádios (Stade de France, Centenário, Fiorentina, Benfica), assim como a vida cultural das cidades, faziam parte das atividades fomentadas. Com a virada do projeto no pós-pandemia, além de fomentar atividades científico-acadêmicas com mais adensamento, também nos aproximamos dos clubes e das ligas profissionais, criando possibilidades de vivência no estádio e na infraestrutura profissional, como realizamos em Florianópolis com o Figueirense, em Maldonado no Domingo Burgeño e em Canelones e Montevidéu no Monegal e no Centenário. Aos poucos, vão surgindo possibilidades de estreitar a relação do amador com o profissional ao provocar experiências de

aproximação e reciprocidade entre o centro (futebol de alto rendimento e de espetáculo) e a periferia (futebol amador, periférico, de várzea, colonial etc.).

Nas cidades onde o InterPeriferias realiza atividades e mantém projetos institucionalizados como Floripa, Pelotas e Montevideu/Maldonado, esta relação tem se mostrado profícua. Até porque o futebol da periferia tem se mostrado o lazer, por excelência, das classes populares. Enquanto as elites migram para atividades ou esportes de lazer com características individuais, como a caminhada, a musculação, a corrida, o ciclismo, as lutas etc., as classes populares preservam o gosto pelo esporte coletivo, tendo o futebol como uma das principais, senão a mais importante, atividades social, esportiva e cultural das periferias das cidades e de cidades do interior. O futebol, além de se manter como um dos esportes mais praticados no Brasil, é também um dos mais acompanhados pelas mídias.⁷

Ainda que o futebol de espetáculo transforme a relação entre pessoas numa relação entre coisas (Matias 2020), “por sorte ainda aparece nos campos [...] algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade” (Galeano 2019: 10). Uma elipse, “[...] procedimento poético ao mesmo tempo geral e específico que marca como traço a singularidade do futebol brasileiro [...]” (Wisnik 2008: 309). Essa “[...]”

7 Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/05/14/pesquisa-volei-e-f1-sao-esportes-mais-acompanhados-no-brasil-apos-futebol.htm> Acessado em: 20/06/2025.

supressão de algum elo na linearidade discursiva [...]” (Wisnik 2008: 314) e que no futebol se expressa no drible. O inesperado, “[...] a junção improvável da eficácia com gratuidade, do utensílio com o inutensílio” (Wisnik 2008: 313), uma “[...] promessa de movimento *que não se dá se dando e se dá não se dando*, alusão a gestos que se insinuam e se omitem em fração de segundos, de modo a aproveitar a perturbação da expectativa provocada.” (Wisnik 2008: 311).

O futebol nos proporciona este potencial, capacidade de reunir tantas contradições, de espelhar a sociedade ao mesmo tempo que é, ele próprio, um dos importantes protagonistas de tudo que ocorre desde suas entranhas, do Brasil e do Uruguai profundos. Assim, faz todo o sentido acompanharmos de perto, por dentro, participar de atividades sociais e esportivas, como treinador, jogador, torcedor, em jogos amistosos, campeonatos amadores de várzea, praianos ou coloniais, no ganha e perde de cada partida, na resenha pós-jogo, escutando, registrando, entrevistando, acumulando dados e experiências de campo. Isso nos permite refletir e confrontar pesquisas em nossas revisões de literatura, debates acadêmicos, seminários e cursos em que podemos socializar e discutir nossos estudos. Neste ponto, o INCT Futebol tem nos proporcionado ampliar horizontes de pesquisa ao promover eventos e atividades formativas que reúnem um número cada vez maior de pesquisadores, no Brasil e no exterior, de diversas áreas científicas.

O estudo do jogo é, também, o jogo do estudo, e não que em nossas práticas não exista competição, mas em outros termos, buscamos, também, subverter, profanar o jogo por dentro, para

provocar-lhes rupturas: não se trata de pensar o ritmo próprio, individual, egocêntrico, mas de encontrar o ritmo do grupo, onde o colega consegue enxergar a beleza poética de um lance plástico do suposto “adversário”, pois o futebol ensina que “[...] o adversário de agora pode ser o parceiro do jogo seguinte. Constitui-se nisso uma cultura de competição, que a civiliza e lhe dá uma forma reconhecível” (Wisnik 2008: 59).

Afinal, “[...] jogamos não somente contra os outros, mas acima de tudo contra nós mesmos. Ou melhor: contra as representações e as imagens que fazemos dos outros [...]” (DaMatta 2006: 44). Esse simulacro de alto rendimento que coaduna a uma cobrança excessiva sobre a vida, sobre o lazer, sobre a amizade, sobre as trocas, é uma porta de entrada para entendermos o mundo. O tempo improdutivo da diversão tratado como inegociável, os valores atribuídos arbitrariamente a partir de ideais de superação contínuos, como se essa forma de se relacionar com o esporte produzisse saúde, e isso não é verdade. Não é algo que estudemos, e nem pretendemos aprofundar o debate, mas o legado do esporte de alto rendimento é a dor e a convivência com os traumas causados pelo excesso de sempre levar o corpo ao limite. As lesões são, também, frequentes na periferia do futebol. Mas nem todos têm a “sorte” de ter um plano de saúde. Diariamente, o José e o Marquinhos, trabalhadores, um terceirizado de um hospital universitário e o outro, mais um desempregado, participam de nossas atividades esportivas e preparam-se para jogar com uma proteção no joelho. Ambos convivem com a dor de uma ruptura no menisco e, apesar de um deles trabalhar num hospi-

tal, não têm acesso ao tratamento necessário.⁸ Esse tipo de futebol, jogado ao extremo, interessa-nos como pesquisadores e educadores comprometidos com a realidade social brasileira e uruguaia. Pois é assim que “[...] o futebol popular é invadido pelas lógicas hegemônicas do jogo.” (Spaggiari e Ribeiro 2024: 27).

“Pesquisar o futebol popular é explorar uma miríade de práticas, modos de vida, espaços e atores sociais que extrapolam os domínios esportivos para um campo de disputas constituído por diferentes experiências estéticas e políticas. As relações entre futebol e política, há muito observadas no universo esportivo, inclusive em suas manifestações mais informais, cotidianas e populares, carregam múltiplas agências, intencionalidades e discursividades que podem (e devem) ser inquiridas com mais apuro. As redes sociopolíticas que envolvem o futebol popular, mesmo quando locais e circunscritas, podem ser tão complexas quanto as que capitalizam as dinâmicas institucionais, extensas e globais do circuito espetacularizado. As mesmas práticas que, ao se alimentarem dos saberes e de modos de fazer cotidianos, colocam grupos, bairros, cidades e a própria sociedade em movimento, podem, em suas expressões mais estruturadas, apresentar gestões político-econômicas intrincadas e, por

8 Parte destas reflexões é oriunda dos estudos e observações de campo da dissertação em andamento de Gabriel de Leão Caldart, em sua pesquisa sobre os projetos sociais de futebol realizados pelo Departamento de Esporte, Cultura e Lazer da UFSC.

vezes, excludentes. São as flutuações por entre os vários espaços e tempos do jogo vivido que permitem compreender as inúmeras transformações pelas quais vem passando o futebol popular (Spaggiari e Ribeiro 2024: 48).

Esta imbricação do jogador-pesquisador ou pesquisador-jogador, em que o corpo do pesquisador se encontra em campo ou na casa-mata (como no Rio Grande do Sul chamamos o banco de reservas), mostra-se oportuna e necessária para uma etnografia militante, que busque aproximar e promover a alteridade com reciprocidade entre universidade/acadêmica e a periferia do futebol/cultura corporal e de movimento popular.

Faz-se necessário entender a importância do futebol a partir das suas potências. O lugar do encontro, o lugar do protagonismo, o lugar da alegria, do riso, do compartilhar, o lugar da realização. “Práticas que evidenciam a importância de uma compreensão mais abrangente do futebol como fato social, um fenômeno que se desenrola para muito além do espetáculo.” (Spaggiari e Ribeiro 2024: 27). Como diria Wisnik, “uma espécie de lugar do sem lugar que é o lugar”. Nesse sentido, “[...] é o caso de reconhecer que talvez seja difícil alguma coisa “de fato importante” acontecer se não formos sequer capazes de compreender o sentido da importância que o futebol ganhou no Brasil.” (Wisnik 2008: 402-403). Ora, “dentro de alguns jogadores joga uma multidão”. E que “[...] quando os discriminados, os desprezados, os condenados ao fracasso eterno se reconhecem no êxito de heróis solitários, em seus triunfos lateja, de alguma forma, a esperança coletiva” (Galeano 2019: 220-221). Talvez,

na Inglaterra de Nick Hornby, a seguinte afirmação faça sentido “[...] O esporte não permite sonhar da mesma forma que escrever, atuar, pintar ou administrar empresas permitem: com onze anos de idade eu já sabia que jamais jogaria pelo Arsenal. É muito pouca idade pra descobrir uma coisa terrível dessas.” (Hornby 2013: 347). E é de fato terrível quando essa ficha finalmente cai, de que o sonho de se tornar jogador não irá se realizar, nem mesmo para aqueles que já estão institucionalizados. Apesar das 5.600 horas dedicadas a treinamentos (Damo 2005), 80% desses jovens não conseguirão a tão sonhada profissionalização. Mas não são poucos os jovens com quem conversamos que sonham em ser jogador de futebol profissional, que mantêm a esperança, ainda que pouco provável, de um dia chegar aonde poucos conseguem chegar, num lugar de destaque profissional em que o prestígio, o reconhecimento e o retorno financeiro sejam as garantias de uma vida boa, seu projeto de futuro. E isso realmente importa e gera movimento, faz andar, “[...] torna possível em campo aquilo que a sociedade brasileira sistematicamente não realiza (democracia racial em ato, elevação dos pobres à máxima importância, competência inequívoca no domínio de um código internacional).” (Wisnik 2008: 408).

Pensar o futebol a partir da ruptura estrutural que ele promove, das possibilidades que ele nos traz. Do diálogo, da troca, do movimento. “[...] É necessário notar como o futebol popular tem lastro em uma discussão mais ampla sobre formas de organização e de experimentação do lazer pelas classes subalternas.” (Spaggiari e Ribeiro 2024: 30). E se “o futebol profissional não tem escrúpu-

los, porque integra um sistema de poder inescrupuloso que compra eficácia a qualquer preço” (Galeano 2019: 173), jogar uma bola com os amigos é “[...] uma das mais originais propostas do nosso esboço de civilização: a respiração fora do produtivismo sem trégua, a capacidade de comunicação entre lógicas múltiplas e a leveza profunda.” (Wisnik 2008: 430). Enfim, “que a glória do Brasil seja a glória dos humildes, dos fracos e dos pobres.” (DaMatta 2006: 78).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado deste esforço simultâneo e dialético como pesquisadores/pesquisados, pudemos observar a promoção de uma diversidade de ações coletivas que dialogam com instituições profissionais e amadoras, científico-acadêmicas e comunitárias; de promoção do lazer, da saúde e do rendimento esportivo e da reflexão crítica sobre o lugar que o futebol ocupa em nossas vidas/sociedades. Tudo isso num contexto de intercâmbio futebolístico internacional e periférico, nos dois países, Brasil e Uruguai, onde procuram despertar/incentivar ações coletivas por melhores condições e acesso aos espaços de lazer, a promoção do direito à cidade, dialogando com os movimentos sociais do campo e da cidade, pensando os sujeitos que compõem estes espaços.

Ambos cultivam a paixão pelo futebol e vivem o mesmo dilema das desigualdades sociais que permanecem, resultado do frágil avanço dos processos democráticos que não se efetivam por meio de políticas públicas que permitam a igualdade de chances e oportunidades

às classes menos favorecidas. O futebol, como parte deste sistema, encontra muitas dificuldades de romper a barreira que privilegia poucos em detrimento da maioria, trabalhadora, assalariada.

O futebol brasileiro é, por sua vez, o saldo ambivalente desse déficit, seu veneno e seu remédio prodigioso. Seria mais um mecanismo de fuga entre outros se não fosse, ao mesmo tempo, o campo em que a experiência brasileira encontrou uma das vias privilegiadas para atravessar o seu avesso e tocar as fraturas traumáticas que nos constituem e permanecem em nós como um atoleiro. Ele é a confirmação do paradoxo da escravidão brasileira como um mal nunca superado e, ao mesmo tempo, como um bem valioso em nossa existência, não pela escravidão enquanto tal — o que é óbvio e gritante aos céus —, mas pela amplitude de humanidade que desvelou. Por isso mesmo, ele figura como redenção e como falha irresolvida, como o remédio irremediável em que pendulamos, na incapacidade de estender os seus dons vitoriosos e potentes às outras áreas da vida nacional — em especial à educação e à política, com implicações para todo o resto. E a mesma cegueira faz com que se queira gozar os seus efeitos como se fossem dados de presente e desde sempre e que se recuse a reconhecer o custo permanente de sua construção (Wisnik 2008: 407-408).

Assim, o futebol de alto rendimento e de espetáculo continua a perpetuar uma lógica excludente e que fomenta a lógica de que é possível pelo mérito alcançar o topo, enquanto mantém um centro

(futebolístico) altamente hierárquico e para poucos. Ao buscar construir outras relações com saberes e práticas futebolísticas, o projeto InterPeriferias não somente provoca a reflexão, mas também uma formação crítica que busque estreitar as relações entre centro e periferia do futebol, promovendo trocas simbólicas, mas também culturais e econômicas, que permitam contribuir para diminuir as desigualdades, melhorar as condições e ampliar as possibilidades de lazer e de trabalho para todos/as.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. 2016. Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto)biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto et al. 2016. *Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba: CRV. p. 320.

AZEVEDO, Ana Luiza e Jorge Furtado (dir.). *Barbosa*. NGM Produções, 1988. Curta-metragem, 13 min.

BRINATI, Francisco Ângelo. 2016. *Maracanazo e Mineiraten*: imprensa e representação da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014. Curitiba: Prismas.

CALDART, Gabriel de Leão. 2022. *Futebol: o substrato da bola e o submundo do jogo*. 2022. 97 f. Monografia (Especialização) – Curso de Serviço Social, Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CARVALHO, Pedro Guedes de e Rui Lourenço. 2009. Turismo de prática desportiva: um segmento do mercado do turismo desportivo. *Rev. Port. Cien. Desp.*, (9)2: 122-132 [on-line].

CORNELSEN, Elcio Loureiro, Francisco Ângelo Brinati e Gustavo Cerqueira Guimarães. (org.). 2020. *Futebol: fato social total*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.

COUTO, Euclides de Freitas. (org.). 2019. *As Copas do Mundo no Brasil: memórias, identidades e diplomacia (1950-2014)*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras.

DAMATTA, Roberto. 2006. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre o futebol*. Rio de Janeiro: Rocco.

DAMATTA, Roberto. 1982. (org.) *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotek.

DAMO, Arlei S. 2005. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre.

FILHO, Mario. 1943. *Copa Rio Branco*, 32. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores.

FILHO, Mario Rodrigues. 2010. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad.

FREYRE, Gilberto. 2003. Prefácio. In: FILHO, Mario Rodrigues, *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad. 24-26.

GALEANO, Eduardo. 2019. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM.

GARRIDO, Atilio. 2014. *Maracanazo: a história secreta – da euforia ao silêncio de uma nação*. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados.

GUTERMAN, Marcos. 2009. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto.

HEIZER, Texeira. 2010. *Maracanazo: tragédias e epopeias de um estádio com alma*. Higienópolis: Mauad X. 24-26.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. *Alceu*, (7)4: 19-36, 2003. Disponível em: <https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu-n7-Helal.pdf>.

HORNBY, Nick. 2013. *Febre de bola*. São Paulo: Companhia das Letras.

LAUB, Michel. 2006. *O segundo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

MACHADO, Diego Martín Alsina e Bruno Mora Pereyra. 2021. Ah... Tas' loco. Aproximaciones a la relación entre fútbol y murga en San Carlos – Maldonado. *Revista Educación Física y Ciencia*, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación – UNLP, (23)2, e177, abril-junio. ISSN 2314-2561. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8936848>.

MARIANO. Vinícius Neves. 2015. *Empate*. São Paulo: Simonsen.

- MATIAS, Wagner Barbosa. 2020. *Futebol de espetáculo*. Curitiba: Appris.
- MAUSS, Marcel. 1936. Les techniques du corps. *Journal de Psychologie*, (32)3-4, 15 mars-15 avril.
- MAUSS, Marcel. 1974. *Sociologia e Antropologia*. Tradução de Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: Edusp. v. II.
- MORAES NETO, Geneton. 2013. *Dossiê 50: um repórter em busca dos onze jogadores que entraram em campo para serem campeões do mundo em 1950, mas se tornaram personagens do maior drama da história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Maquinária.
- MUYLAERT, Roberto. 2018. *Barbosa: um gol silencia o Brasil*. São Paulo: Sesi.
- PASOLINI, Pier Paolo. 1999. Il calcio 'è' un linguaggio con i suoi poeti e prosatori. In: PASOLINI, Pier Paolo. *Saggi sulla letteratura e sull'arte*. Milano: Meridiani Mondadori. v. 2.
- PERDIGÃO, Paulo. 2000. *Anatomia de uma derrota: 16 de julho de 1950 – Brasil × Uruguai*. Porto Alegre: L&PM.
- PINTO, Fábio Machado. 2004. Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas do CH/UFSC.
- PINTO, Fábio Machado, Ricardo Lara e Jaison José Bassani. 2019. Interperiferias do futebol: intercâmbio esportivo e cultural entre Brasil (Florianópolis) e Uruguai (Montevidéu). *Rev. Tempos Espaços Educ.*, (12)31: 49-66, São Cristóvão, Sergipe, out./dez. <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/12079>.

PINTO, Fábio Machado, Ana Claudia Wendt Dos Santos e Justina Inês Sponchiado. 2020. O biográfico em Sartre: noções e questões de método. *Cadernos de estudos culturais*, (1): 75-93. Campo Grande, MS. <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/13020>.

PINTO, Fábio Machado, Lara Beatriz Uck e Justina Inês Sponchiado. 2022. Pesquisa (auto)biográfica e o método progressivo-regressivo na história e sociologia da educação. In: PRETO, Zuleica et all (org.). *Existencialismo e Ciência: princípios metodológicos na Pesquisa*. Curitiba: Arco Editores.

PINTO, Fábio Machado, Ricardo Lara e Alexandre Fernandez Vaz (org.). 2024. *Interperiferias do futebol* [livro eletrônico]: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea? Pelotas, RS: Editora Ateliê da Casa. ISBN 978-65-990871-3-4. <https://www.ateliedacasa.com/interperiferias>.

PINTO, Fábio Machado, Líber Benítez e Rodrigo Píriz. 2024. Deporte, cultura y formación: Interperiferias del fútbol”. In: “STAPS” *Revue Internationale des Sciences du Sport et de l'Éducation Physique*. Edición Educación Física, prácticas corporales y experiencias decoloniales, HS, 2024. ISSN: 0247-106X, ISSN en ligne: 1782-1568. <https://shs.cairn.info/revista-staps-2024-HS1-page-11?lang=es>.

RASERA, Frédéric. 2016. *Des footballeurs au travail: Au cœur d'un club professionnel*. Marseille: Éditions Agone. 312 p.

RIBEIRO, Raphael Rajão, Enrico Spaggiari e Caroline Soares de Almeida (org.). 2024. *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio. 177-215.

UOL. Pesquisa: vôlei e F1 são esportes mais acompanhados no Brasil após futebol. May, 14, 2024. <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/05/14/pesquisa-volei-e-f1-sao-esportes-mais-acompanhados-no-brasil-apos-futebol.htm?cmpid=copiaecola>.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2021. Futebol brasileiro: deleite estético e paixão intelectual. *Cuadernos del Claeh*. Segunda série, año 40, 114: 117-134.

VELHO, Gilberto. 2002. *Subjetividade e sociedade*: uma experiência de geração. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar.

VELHO, Gilberto. 2003. *Projeto e metamorfose*: antropologia das sociedades complexas. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar.

VELHO, Gilberto. 2004. *Individualismo e cultura*: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar.

WACQUANT, Loïc. 2000. Putas, escravos e garanhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. In: *Revista Mana* 6(2): 127-146.

WISNIK, José Miguel. 2008. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

CAPÍTULO 7

La Nuestra Fútbol Feminista: colectivo por la equidad en el deporte¹

Verónica Moreira

Universidad de Buenos Aires, Argentina

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es analizar el caso de La Nuestra Fútbol Feminista que es una referencia en la lucha por la equidad en el deporte. La Nuestra es un colectivo formado por niñas, jóvenes, mujeres y personas LGBTQI+ que practican y enseñan fútbol en la Villa 31, en la ciudad de Buenos Aires. La singularidad de La Nuestra reside en la filosofía que sostiene, la metodología que propone y la articulación que construye dentro y fuera del barrio. La Nuestra ha transitado por diferentes etapas, desde la lucha que sus integrantes debieron enfrentar con los vecinos del barrio, pasando por el desafío de sostener el espacio de entrenamiento en contextos de adversidad,

1 Financiado por el proyecto UBACyT “Deporte, cuerpo y género: etnografías sobre fútbol, crossfit, running y boxeo en la ciudad de Buenos Aires” con sede en el Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires.

hasta el reconocimiento por parte del movimiento de mujeres y los feminismos locales. La Nuestra se presenta como representante de un “fútbol feminista, comunitario y villero”. Este trabajo analizará los sentidos que atraviesan dicha identidad.

Palabras claves: fútbol feminista, comunidad, Villa 31, mujeres, diversidades sexuales

SUMMARY

The objective of this paper is to analyze the case of La Nuestra Fútbol Feminista, a pioneering initiative in the fight for equity in sports. La Nuestra is a collective made up of girls, young women, women, and LGBTQI+ individuals who play and teach soccer in Villa 31, a neighborhood in Buenos Aires. What makes La Nuestra unique is its underlying philosophy, its proposed methodology, and the connections it builds both within and outside the community.

La Nuestra has gone through different stages—from the struggles its members faced with neighbors in the barrio, to the challenge of maintaining a training space in adverse conditions, and finally earning recognition from the women’s movement and local feminist groups. La Nuestra stands as a representative of “feminist, community-based, and villero (slum-born) soccer”. This work will explore the meanings behind this identity.

Keywords: feminist soccer, community, Villa 31, women, sexual diversity

INTRODUCCIÓN

El objetivo de este trabajo es analizar el caso de La Nuestra Fútbol Feminista que es una referencia obligada a la hora de hablar del derecho a este juego en Argentina. La Nuestra es un colectivo formado por niñas, jóvenes, mujeres y personas de la comunidad LGBTQI+ que practican y enseñan fútbol en la Villa 31, en la ciudad de Buenos Aires. La Nuestra es símbolo de lucha por la equidad, la igualdad y la diversidad en el deporte. Su singularidad reside en la filosofía que sostiene, la metodología que propone y la articulación que construye dentro y fuera del barrio. Esto atrae la atención de especialistas, académicos y de personas interesadas en conocer con mayor detalle el proyecto. Desde su inicio, en 2007, hasta el presente, La Nuestra ha transitado por diferentes etapas, desde la lucha que sus integrantes debieron enfrentar con los vecinos del barrio, pasando por el desafío de sostener el espacio de entrenamiento en contextos de adversidad, hasta el reconocimiento por parte del movimiento de mujeres y los feminismos locales. Un logro de este colectivo ha sido situar al fútbol como un fenómeno sociocultural de relevancia en la agenda de los feminismos para discutir temas relativos a las violencias y desigualdades de género, incorporando además una mirada interseccional. La Nuestra se presenta como representante de un fútbol feminista, comunitario y villero. Este trabajo aborda los sentidos que atraviesan dicha presentación.

La base que sustenta los argumentos presentados en este artículo son datos que surgieron de conversaciones informales con

algunas integrantes del proyecto en múltiples espacios y contextos compartidos, de observaciones realizadas en espacios públicos, de la lectura de fuentes –documentos, folletos, redes sociales– y de una entrevista en profundidad a una referente del colectivo.

TERRITORIO

Hablar del lugar donde se lleva a cabo el proyecto de La Nuestra es primordial para comprender de una mejor manera el proceso de apropiación de la reconocida Cancha Güemes, así como también los significados que componen el llamado “fútbol feminista, comunitario y villero”.

La Nuestra realiza sus actividades en la Villa 31, que también es conocida como el Barrio Padre Carlos Mugica. Se extiende por tres kilómetros de manera continua desde la Terminal de Ómnibus de Retiro hasta la calle Salguero en el barrio Palermo. No es la villa más grande de Buenos Aires, pero sí la más emblemática porque se encuentra en una zona céntrica, a escasos metros del Río de la Plata y de los barrios más cotizados de la ciudad.

Se originó en 1932 como un asentamiento informal posterior a la crisis del año 1929 y desde ese momento la población fue creciendo de manera exponencial, principalmente con la llegada de inmigrantes europeos y de personas provenientes de las provincias del norte argentino y de países limítrofes. En los años 50, 60 y 70, “el puerto era como una extensión de la villa. No solo por la gran cantidad de obreros portuarios que moraban en sus barrios, también por ser de

acceso cotidiano para uso recreativo, de paseo” (Vargas 2024). Dicha relación fue cambiando hasta convertirse en la situación actual en la que “el puerto es un espacio cerrado, casi infranqueable, distante pese a su cercanía” (Vargas 2024).

La de la 31 es una historia de resistencias, de no someterse a todas las formas de violencia que les fueron aplicadas: las económicas, sociales, las directas y cotidianas, de la violencia policial hasta la sistemática violencia estatal en los años del Terrorismo de Estado, tiempo que condujo a que su población, 50.000 habitantes distribuidos en los seis barrios de entonces, al llegar al inicio de la década del ochenta, fuera reducida a tan solo unos centenares de personas habitando entre escombros y yuyos, sin servicio alguno. Cuatro décadas después, la Villa 31 suma trece barrios internos y alrededor de sesenta mil habitantes (Vargas 2024).

A lo largo de décadas, la Villa 31 sufrió intentos sistemáticos de erradicación. La etapa más dura y violenta comenzó con los desalojos iniciados en 1974 a cargo del Ministerio de Bienestar Social, con el respaldo de la Triple A (Alianza Anticomunista Argentina), durante el tercer gobierno de Juan Domingo Perón y continuó con una fuerte represión ilegal después del golpe de Estado del 24 de marzo de 1976 (Vargas 2021). Como resultado de la erradicación forzada, quedó un puñado de cientos de personas. Como relata Mónica Santino una referente de La Nuestra²-, la Cancha Güemes, la más importante

2 Profesora Nacional de Educación Física y Ciencias Biológicas (Instituto José

de la Villa 31, se construyó en 1978 en un espacio libre que dejó la demolición de las viviendas³.

Creo que hay una cosa que ocurre en el barrio que tiene que ver primero con el espacio. Los espacios en los barrios son importantísimos. La gente vive en un lugar muy pequeño (...) y sobre todo en las grandes ciudades (...) en una pieza muy pequeña capaz viven ocho o diez personas. Entonces los espacios públicos por excelencia son las canchas de fútbol. Nada va a interrumpir ese espacio, ni la necesidad de vivienda en estas condiciones. Nadie va a construir una casa en medio de la cancha (...) Cuando vas a otros barrios populares de la Ciudad de Buenos Aires pasa lo mismo. Hay canchas de fútbol en lugares increíbles⁴.

La Nuestra posee un doble mérito: la creación de un espacio para dar clases de fútbol a personas a las que históricamente les

Ingenieros, 1987). Directora Técnica Nacional de Fútbol (Asociación de Técnicos del Fútbol Argentino, 2001), Periodista Deportiva (DeporTEA, 1995) y militante feminista. Jugadora de Fútbol de 1era división AFA (Club Atlético All Boys, 1997-1999).

3 En 1979, un grupo de vecinos perjudicados por los desalojos presentaron y ganaron un amparo en la justicia para detener ese proceso. En 1983, con el inicio de un nuevo gobierno democrático, comenzó el repoblamiento. En 2009 se sancionó la Ley de Urbanización del barrio, pero con los mismos problemas estructurales como la falta de servicios esenciales y la precariedad de las viviendas.

4 Fragmento de la entrevista realizada a la antropóloga Mariane da Silva Pisani (codirectora del INCT-Fútbol) en el barrio de Boedo el día 11 de febrero de 2025.

fue negada su práctica (niñas, jóvenes, mujeres y diversidades) y el hecho de que esto sea en un barrio popular donde las dificultades materiales perduran y crecen. Tal como señaló Jennifer Hargreaves, para acceder al deporte existe una distancia considerable entre las mujeres que tienen cargos jerárquicos o las que trabajan en el sector terciario y las trabajadoras obreras o informales de los barrios populares, quienes a menudo han experimentado una educación incompleta. Esta subrepresentación de las mujeres de la clase trabajadora se extiende también a niñas y adolescentes (Hargreaves 1993). Independientemente de la posición social, los varones siempre son más propensos a realizar actividad física o una disciplina deportiva.

Quienes habitamos los barrios populares y las villas de la Ciudad de Buenos Aires, nos encontramos con grandes obstáculos para acceder a los deportes, no solo porque son ambientes creados únicamente para los varones, sino también por las sistemáticas violencias a las que nos vemos expuestas en nuestra cotidianeidad. Los micromachismos en los deportes los encontramos en los insultos, las restricciones, y hasta en las disputas territoriales por el acceso a jugar en la cancha y a hacer deporte (Armando 2021).

La Villa 31 lleva actualmente el nombre Barrio Padre Carlos Mugica en honor al sacerdote católico que se comprometió con las luchas sociales y políticas de villas y barrios populares. Fue impulsor del movimiento de curas villeros, llamados también curas del tercer mundo. El 11 de mayo de 1974 murió asesinado por la Triple A, un

comando parapolicial que funcionaba en la clandestinidad. El padre Carlos Mugica compartió el trabajo comunitario con diferentes personas, entre ellas Lucía Cullén, una asistente social que fue víctima de la última dictadura cívico-militar (1976-1983). El polideportivo ubicado en el límite norte de la Villa 31, cerca de la Estación de trenes Saldías, donde La Nuestra, en ocasiones, realiza actividades –como la jornada de discusión sobre gobernanza feminista– lleva el nombre de esta dirigente social.

TEMPORALIDADES

La Nuestra transitó por diferentes etapas antes de convertirse en una referencia obligada de las luchas por equidad, igualdad y diversidad en el deporte. Una primera etapa se inició con la llegada de Mónica Santino a la Cancha de Güemes para reemplazar a una estudiante de Estados Unidos que había organizado un grupo de entrenamiento con las niñas del barrio y se encontraba en el período final de su estancia en Buenos Aires. Mónica tenía experiencia con la perspectiva de género y con equipos de fútbol femenino en villas y barrios populares. Fue un momento de acercamiento y conocimiento mutuo entre el pequeño grupo de niñas y adolescentes que jugaban en la cancha y las entrenadoras que poco a poco se fueron sumando al proyecto.

Ocupar la cancha para tomar y dictar clases de fútbol implicó una lucha constante con los varones del barrio que jugaban allí y que se negaban a ceder el lugar por unas horas. Ellos ignoraban los pedidos de las entrenadoras, seguían jugando, pateaban los conos que se usan

para los ejercicios técnicos, apagaban la luz de la cancha, gritaban frases tales como “andá a lavar los platos”. Hubo empujones y otros tipos de agresiones. Por eso, después del momento de confrontación, particularmente con los varones vecinos del barrio, el haber conseguido que la cancha sea para “pibas” dos veces por semana, sin ninguna intervención, se interpretó como “ganar la cancha”.

La pelea fue cuerpo a cuerpo y con códigos villeros. Y que un día levantáramos la vista, éramos todas mujeres, fue como la piedra fundacional. Y a partir de ahí, pensar en los cuerpos, en el derecho a jugar y el placer de poder correr las tareas de cuidado, decirles a los compañeros “ahora voy a jugar a la pelota yo”. Y me parece que toda esa cuestión, más el tipo de ejercicio que el fútbol te impone que es tener un objeto abajo de la planta del pie, pero a la vez mirar. Hay un montón de cuestiones que son importantísimas. Como buscar un punto de fuga, el eje en tu propio cuerpo, el agacharte un poco. Empezar a sentir que lo que hacés vale mucho. Entonces, con esa mirada es que vamos construyendo esa idea, lo mismo que el apoderamiento del espacio público (Entrevista a Mónica Santino).

Como han señalado las integrantes de La Nuestra en diferentes ocasiones, conquistar un espacio y horarios regulares para el entrenamiento en la cancha más emblemática del barrio, significó la puesta en común de estrategias colectivas para enfrentar estereotipos y prejuicios vinculados a un deporte y a un espacio que históricamente perteneció a los varones. En definitiva, el deporte desde la perspectiva feminista se trata de:

Un proceso de organización política a través de una práctica concreta (el fútbol), en la medida en que genera cambios en las relaciones de poder establecidas: así, el fútbol jugado por mujerxs rompe con estructuras culturales ligadas a la perpetuación de una práctica socialmente perteneciente a los varones (Documento “La Nuestra”. Sistematización de una experiencia de fútbol feminista en la Villa 31).

A los entrenamientos se les sumó un espacio colectivo de reflexión en el que las niñas, las adolescentes y las entrenadoras compartían experiencias de discriminación, tanto en el ámbito público cuando querían jugar, como en el ámbito de su vida privada cuando eran relegadas a las tareas domésticas y de cuidado. Como relata maravillosamente el antropólogo Martín Álvarez Litke en su etnografía dedicada a La Nuestra (Álvarez Litke 2021), la puesta en común implicó la incorporación de nuevos sentidos en el espacio privado y una reestructuración en la vida personal de las jugadoras.

La Nuestra politizó lo personal –los roles que las pibas debían cumplir en sus casas, porque eran ellas quienes lavaban los platos o cuidaban a lxs niñxs– y lo deportivo –la asignación de deportes para uno u otro género, la valoración desigual de los logros deportivos de hombres y mujeres, entre otros– (...) A partir de la reflexión colectiva en estos talleres, se produjeron cambios en la organización doméstica de las mujeres del equipo, que les permitieron asistir a los entrenamientos mientras otras personas quedaban a cargo de las tareas del hogar y del

cuidado de lxs niñxs (...) Fue en estos espacios grupales donde surgió la frase “Me paro en la cancha como en la vida”, que se volvió el lema de La Nuestra y condensa para las protagonistas la lucha, la resistencia y la superación de los obstáculos y de la discriminación, tanto en el ámbito deportivo como en lo personal (Álvarez Litke 2020: 92 y 93).

El 2018 fue un año singular en la historia del colectivo. El grupo pasó a llamarse La Nuestra Fútbol Feminista dejando atrás el uso de “Fútbol Femenino”. Al respecto, cabe señalar que en Argentina, a partir de la primera marcha Ni Una Menos, realizada el 3 de junio de 2015, se instaló masivamente la problemática de los femicidios y las distintas violencias de género en la agenda social y política.

En el año 2018 fue en el que el Parlamento debatió la Ley de Interrupción Voluntaria del Embarazo (Ley IVE) y miles de personas se manifestaron en las calles con los pañuelos verdes para reclamar por la emancipación de los cuerpos. Se alcanzó el pico más alto de un nuevo ciclo de movilización feminista que transcurrió entre 2015 y 2018 (Natalucci y Messori 2023), en el marco del cual los debates y las acciones por la ampliación de derechos para las mujeres y las diversidades sexuales se multiplicaron en todos los ámbitos de la sociedad.

El fútbol no fue la excepción. Las jugadoras de la Selección Nacional de Fútbol Femenino, que ya habían realizado reclamos a la Asociación de Fútbol Argentino pidiendo la mejora de las condiciones materiales y el reconocimiento de la disciplina, profundizaron sus demandas durante la Copa América disputada en Chile por medio

de acciones públicas que se viralizaron en las redes sociales y que llegaron a los medios de comunicación tradicionales.

La Nuestra acompañó esos reclamos, se sumó a las acciones de lucha en el espacio público y realizó actividades en apoyo a las jugadoras de la Selección. En este proceso:

(...) pasamos a llamarnos FUTBOL FEMINISTA. Lejos de ser un slogan o una frase de ocasión que encajaría justo en los tiempos que corren, es, para todas las integrantes de este proyecto una forma de identidad, de nombrarnos y pararnos en el mundo. Una denominación en construcción que no cierra ninguna puerta y nos sumerge en la compleja deconstrucción de géneros, diversidades y nos acerca a una trama que el deporte todavía no logra ensamblar, fundado en principios muy sólidos binarios e inscriptos en la cultura desde hace siglos. Llamarnos fútbol feminista nos desafía a seguir cuestionando, creciendo junto a otrxs colectivos de compañerxs, a usar lenguaje inclusivo en ámbitos deportivos, a luchar por las disidencias corporales y su acceso al juego y por sobre todas las cuestiones a seguir trabajando y soñando por un mundo más justo donde la equidad de género sea una realidad para todo el ámbito deportivo (Documento “La Nuestra”. Sistematización de una experiencia de fútbol feminista en la Villa 31).

En la actualidad, La Nuestra cuenta con personas que están a cargo de funciones específicas. La división social del trabajo permite

optimizar el tiempo y los recursos para mejorar las condiciones de entrenamiento para las casi 250 niñas, jóvenes, mujeres y personas LGBTQI+ que practican los días martes y jueves en tres canchas en simultáneo (incluida la emblemática Cancha Güemes). Hay cinco categorías: las minis de 5 a 7 años, las minis de 8 a 10, las cadetas de 11 a 14, las juveniles de 15 a 18 y las mayores de 19 años en adelante. La competencia de las mayores se lleva a cabo en una cancha de 11 y juegan todas las identidades sexo-genéricas menos los varones cis.

Las entrenadoras hablan de un cambio generacional y concretizan la incorporación de entrenadoras más jóvenes que anteriormente habían sido jugadoras. Esta nueva camada de jugadoras-profesoras más jóvenes, que son vecinas de la Villa 31, proponen y llevan adelante proyectos innovadores que surgen de la propia experiencia en el territorio. Así nació La Nuestra TV para “brindar herramientas para la producción de narraciones propias de las integrantes de La Nuestra”, “para aportar un nuevo punto de vista sobre temática normalmente contada por otrxs” y “acercar recursos expresivos y audiovisuales para personas excluidas de la educación formal” (<https://lanuestra.org.ar/la-nuestra-tv/>).

Finalmente, “Hagamos la nuestra” es un proyecto que hoy coordinan entrenadoras y jugadoras en el que se discuten las condiciones de construcción de una gobernanza feminista. El próximo gran objetivo de La Nuestra es participar en la competencia oficial de la Asociación de Fútbol Argentino con un equipo que esté dirigido en su totalidad por mujeres y diversidades sexuales en representación del primer club con estas características y con una dirigencia feminista.

La Nuestra rechaza la idea del deporte social y comunitario ligado al asistencialismo. Esto es: considerarlo como un emergente de una relación desigual entre personas ubicadas en distintas posiciones de la estructura social, en la que las más privilegiadas ofrecen favores, ayudas y servicios a otras que se encuentran en una peor condición. “Eso no es un grupo solidario”. “No es tirar la pelotita” y que las chicas jueguen. “Es pensar en el derecho al juego como un derecho humano” y. usando las herramientas de la Educación Popular “pensarse como agentes activas del cambio social”, considerando la producción de saberes y metodologías que surgen de las múltiples experiencias individuales y colectivas en los territorios. La co-construcción de saberes entre jugadoras y entrenadoras es un principio que estructura el trabajo diario.

El deporte social y comunitario “a priori parece tener menos importancia que el deporte de alto rendimiento, como si en este no existiera competencia”. La Nuestra participa en dos torneos de fútbol durante los fines de semana. Entonces, ¿cómo conciliar la noción de deporte social como un fenómeno que incluye a todos los cuerpos posibles –todos pueden jugar– con el valor de la habilidad, el talento y la destreza para ganar? Mónica aclaró que “no importa el nivel de juego. Algunas irán aprendiendo, las que juegan muy bien se encontrarán con otras...”.

Una diferencia con otras organizaciones feministas y futboleras es hacer que la competencia sea una parte de su identidad. Para La Nuestra, feminismo y competencia no son dos polos opuestos. Es

posible construir un fútbol feminista y tener al mismo tiempo el firme deseo de jugar y ganar; es posible establecer relaciones horizontales y diálogos fraternales con integrantes de equipos rivales y entrenar y planificar un partido para triunfar. Álvarez Litke presenta esto del siguiente modo:

Si la unión de las mujeres es necesaria para la lucha feminista. ¿La competencia –deportiva– entre ellas atenta contra esa unión? (...) Las entrenadoras de La Nuestra se distancian respecto de otras definiciones de fútbol feminista, que apuntarían a modificar los aspectos competitivos del fútbol, y denuncian un intento de imposición de esta manera de entender el fútbol. Justamente, a partir de estas discusiones, La Nuestra pasó a identificarse públicamente como una agrupación de fútbol feminista, villero y comunitario, diferenciándose de otras agrupaciones a partir del anclaje territorial y situado de su práctica deportiva, así como del clivaje de clase que atraviesa la disputa con otros modos de definir el fútbol feminista (Álvarez Litke 2020: 97 y 98).

La experiencia de los talleres sirvió para identificar las potencialidades de un juego en equipo, desactivar prejuicios y “sentir un orgullo por el barrio”. Las jugadoras aprendieron a empezar y terminar el entrenamiento con una ronda y a incorporar la idea de que “la otra no es enemiga”, “la compañera es importante” para jugar y también para construir un lazo social. Para Mónica fue importante “tirar por tierra que somos brujas, malas, envidiosas”

para desarmar un estereotipo que se construye por lo general en torno a las mujeres. Por otra parte, el valor de los intercambios y las redes entre pares se inscribió en una larga tradición de trabajo comunitario en la villa (Vargas 2021). Así, frente a la discriminación que suelen sufrir a diario las personas que viven en las villas y barrios populares, las jugadoras lograron revertir el estigma en un emblema y sentirse orgullosamente villeras, como ha quedado plasmado en la poesía *Yo Villera* de la integrante de LNFF, Lucy Martiarena.

“Yo Villera”

Sí, soy villera.

Sí, todavía me sigo poniendo nerviosa cada vez que lo digo.

¿Por qué?

Porque toda mi vida me hicieron creer que nosotras, nosotros y nosotres les villeres, estábamos mal.

Me creí todo lo que los medios de comunicación decían sobre que somos “vagos, chorros, sucios, objetos dignos de caridad”, entre tantas cosas que no nos representan ni un poquito. Y no, soy villera porque somos algo diferente a todo eso.

Soy villera porque me identifico con cada piba que tiene ganas de estudiar y se tiene que esforzar el doble porque en el medio hay ochenta mil cosas dando vueltas por la cabeza. Con cada piba que tiene ganas de jugar al fútbol, de soñar con ser jugadora profesional, de lo difícil que es y todo lo que representa.

Con esa organización villera, feminista que vive del amor a las pibas, al fútbol y la lucha por la equidad de derechos en todo sentido.

Y sí, soy villera porque sé lo que realmente para mí representa.

Soy villera porque soy mis amigas.
Soy villera porque soy hija de mi mamá jujeña y mi papá jujeño,
y villeres, aunque les cueste sentirse parte.
Soy villera porque vivo en Güemes, al frente de la cancha.
Porque quiero estudiar y cada vez me voy dando cuenta que
sigue siendo privilegio de algunos poder hacerlo.
Soy villera porque entendí que no solo soy de Retiro, que soy
Lucy, de la 31.
Sí, soy villera. Porque no soy lo que otros dicen, lo soy porque
decido llamarme así.

ACCIONES

La Nuestra llevó adelante el primer “Encuentro de mujeres que juegan fútbol” en 2014 en la ciudad de Salta, provincia del noroeste argentino, mientras se desarrollaba el XXIX Encuentro Nacional de Mujeres (ENM) en dicha ciudad. El evento se organizó nuevamente en los siguientes cuatro años en cada plaza central de las ciudades donde los ENM tuvieron lugar. A la planificación de estos encuentros futboleros, en los que se jugaba y se reflexionaba sobre injusticias y desigualdades, se sumaron otras organizaciones feministas como Abriendo la Cancha y Las Martas Fútbol Feminista, de las provincias de Córdoba y Santa Fe, respectivamente. Fue un período durante el cual comenzaron a vincularse diferentes grupos, equipos, organizaciones y personas que jugaban al fútbol de mujeres y disidencias.

Jugar en la plaza principal de la ciudad –donde se realizaron

los sucesivos ENM– fue una acción que permitió visibilizar que el fútbol era un tópico de interés. Las mujeres y personas del colectivo LGBTQI+ que eran amantes del fútbol en esos eventos oficiales estaban “pidiendo cancha”, estaban pidiendo ser escuchadas.

El Encuentro Nacional de Mujeres es un evento democrático, horizontal, heterogéneo, autoconvocado, autogestionado, federal y plural⁵. Desde el primer Encuentro realizado en la ciudad de Buenos Aires en 1986, estos encuentros se han realizado todos los años de manera ininterrumpida en distintas provincias del país. Entre las actividades que tienen lugar durante sus tres días de duración, se encuentran los talleres que funcionan como grupos de reflexión en torno a un tema-problema, en los que cada participante da su opinión y cuenta su experiencia. La antropóloga Laura Masson explica esto del siguiente modo: “De manera similar a los grupos de autoconciencia se busca descubrir que los problemas que antes eran considerados personales, son comunes a muchas otras mujeres, por lo cual pueden ser explicados y abordados colectivamente” (Masson 2007: 191). Cada taller elabora sus propias conclusiones, las que son documentadas y luego leídas en una reunión final junto a las conclusiones de los otros talleres. Dichos documentos pueden usarse como insumo para

5 Esta movilización pública y colectiva se fue transformando a lo largo del tiempo y desde 2019 lleva el nombre de Encuentro Plurinacional de Mujeres, Lesbianas, Travestis, Trans, Bisexuales, Intersexuales y No Binaries, para hacer referencia a identidades de distintos orígenes étnico raciales, migrantes y de los pueblos originarios y a las identidades del colectivo de la diversidad.

discusiones y formación en otros ámbitos y/o traducirse en acciones de incidencia política. Por ejemplo, los talleres sobre violencia contra la mujer, la trata de personas y el lesbianismo han tenido incidencia en la aprobación de leyes nacionales sobre femicidio, condena a la trata de personas y el matrimonio igualitario (Brugo Marcó 2014).

El fútbol logró ingresar al listado oficial de talleres de los ENM por primera vez en la edición de 2018 en la ciudad de Trelew, en la provincia patagónica de Chubut, con el nombre “Fútbol y mujeres”. Como resultado de este taller surgió la Coordinadora Sin Frontera de Fútbol Feminista: un espacio de articulación, visibilidad, promoción y denuncia de los diferentes obstáculos y problemáticas que experimentan las mujeres y personas LGBTQI+ en diferentes ámbitos futbolísticos y en el cumplimiento de diversos roles. La Nuestra es parte de la Coordinadora y es considerada una propulsora de las acciones de visibilidad, presión y discusión pública de los problemas de discriminación y desigualdad en el campo deportivo.

La acción de “llevar la cancha” al espacio público se replicó en manifestaciones masivas que fueron más allá de la problemática netamente futbolística. Así, los “picaditos” (fútbol improvisado) aparecieron en las distintas y extensas jornadas de lucha a favor de la aprobación de la Ley de Interrupción Voluntaria del Embarazo, en las marchas del 8M por el Día Internacional de la Mujer Trabajadora y en las marchas Ni una Menos. Esta acción fue valiosa porque durante mucho tiempo el vínculo entre fútbol y feminismo había sido inexistente. Como vimos, la organización del primer taller sobre “Fútbol y Mujeres” en los ENM se realizó recién en 2018. Esta fisura

entre la agenda de los feminismos y el deporte más popular del país para Mónica Santino tiene una explicación: el fútbol era una práctica principalmente de varones pobres y no se encuadraba en el listado de temas legítimos de las militantes de clase media, blancas y urbanas.

MEDIACIONES

La Nuestra es reconocida por diferentes sectores de la sociedad civil, el ámbito político y el académico. Ciertas integrantes como las entrenadoras Mónica Santino y Juliana Román Lozano⁶, por la posición que ocupan y el trabajo que realizan, funcionan como articuladoras de esferas de actuación distintas (Bourdieu 1997), facilitando la comunicación y el intercambio entre los diferentes campos. Generalmente, son convocadas para participar y trabajar en el diseño de programas y políticas públicas con perspectiva de género, tanto por departamentos u oficinas de gobiernos locales como de nivel provincial y nacional. La articulación se establece con los sectores del arco político más progresistas, que tienen las políticas de género como parte de su agenda.

Para mencionar solo algunos datos, Mónica Santino trabajó como asesora en el área de Género y Diversidad Sexual para Andrea Conde, legisladora de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires entre

⁶ Se presenta como “colombiana, migrante y feminista”: jugadora de fútbol desde 1993. Jugó en Suecia, en Colombia donde integró la Selección de Bogotá y en Argentina. Realizadora documental. Directora Técnica Nacional de Fútbol y estudiante avanzada de Ciencias Antropológicas.

2017 y 2021 y para Claudio Morresi que legisló entre 2019 y 2023 y que fuera Secretario de Deportes de la Nación entre 2004 y 2014 durante los gobiernos de Néstor Kirchner y Cristina Fernández de Kirchner. Mónica fue convocada durante las audiencias públicas del Congreso Nacional para hablar a favor de la despenalización y legalización del aborto. Por su parte, Juliana trabajó hasta 2024 en el Ministerio de Mujeres y Diversidad de la provincia de Buenos Aires.

Mónica y Juliana junto a otras compañeras de La Nuestra y funcionarias del Ministerio de Turismo y Deportes de la Nación (2019-2023) escribieron tres cuadernillos que dieron en llamar “Abrir el juego” en los que proponen “reflexionar sobre la dimensión política del deporte, en tanto constructo social en donde se evidencian y deben ser explicitados los conflictos, tensiones, inequidades y estereotipos que su práctica refuerza” poniendo “el énfasis en la potencia transformadora de las prácticas deportivas para luchar contra las violencias instituidas y naturalizadas y en el posicionamiento de todas las identidades sexogenéricas como sujetxs de derechos” (<https://lanuestra.org.ar/proyectos/>).

Por otra parte, desde 2020, Juliana y Mónica se desempeñan como profesoras de la Diplomatura de Género y Deporte de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires, para dictar el módulo “Perspectiva Feminista desde la Educación Popular en la práctica deportiva”, el único módulo dedicado a pensar casos a partir de la experiencia en los territorios. Un antecedente directo de esta experiencia fue la participación de ambas en la Red de Investigación sobre Fútbol y Mujeres en América Latina,

integrada por jugadoras, periodistas, árbitras y especialistas de la Universidad de Sheffield, la Universidad Federal de Río Grande do Sul y la Universidad de Buenos Aires. Ambas realizaron exposiciones y trabajaron como organizadoras de las cuatro reuniones de la red en las siguientes ciudades: San Pablo (2018), Buenos Aires (2018), Río de Janeiro (2019) y Medellín (2019).

Además, ambas son invitadas frecuentemente para dar charlas y entrevistas en clubes profesionales, organizaciones sociales, organismos del Estado y espacios de militancia en múltiples ciudades de Argentina.

PALABRAS FINALES

El caso de La Nuestra Fútbol Feminista representa una experiencia transformadora en la lucha por la equidad, la igualdad y la diversidad en el deporte. El mérito de La Nuestra ha sido construir un proyecto para brindarle clases de fútbol a una población que ha sido históricamente marginalizada, y que incluye calidad, planificación y contenido. A lo largo de su trayectoria, este colectivo no solo ha logrado consolidar un espacio de práctica y enseñanza del fútbol para mujeres, niñas y personas LGBTQI+ en la Villa 31, sino que también ha politizado el deporte, cuestionando las estructuras patriarcales y clasistas que siempre han excluido a estos grupos.

Después de varios años de lucha, la apropiación de la Cancha Güemes significó una conquista territorial y simbólica ante un sector que se negaba a perder el privilegio del dominio exclusivo sobre el

terreno de juego. Desde la práctica concreta en la cancha y mediante la Educación Popular como herramienta, La Nuestra convirtió el fútbol en un espacio de empoderamiento que discute las violencias de género, las desigualdades sociales y los roles impuestos, un espacio donde las protagonistas lograron congeniar el aprendizaje y la enseñanza de las habilidades técnicas –para jugar y competir– con la incorporación de principios que refuerzan las redes sociales horizontales.

El fútbol feminista es “una fuerza contrahegemónica” que disputa su lugar dentro de un campo de poder, es un movimiento dinámico en permanente construcción; un movimiento incierto y abierto que se enriquece y se tensiona con las experiencias individuales y territoriales. La Nuestra se convirtió en un referente de este fútbol feminista –comunitario y villero– y trascendió lo deportivo para establecer un diálogo con espacios académicos, organizaciones sociales y sectores con incidencia en la política pública. Su participación en los ENM, la Coordinadora Sin Fronteras del Fútbol Feminista, en marchas masivas y en debates legislativos ha demostrado que el fútbol puede ser un campo de batalla donde la lucha por el derecho al juego se entrelaza con la lucha por un mundo más justo e igualitario.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ LITKE, Martín. 2020. ““Me paro en la cancha como en la vida”: Un análisis del fútbol feminista en la Villa 31 desde las teorías de género”. *Zona Franca. Revista de Estudios de Género*. (28): 79-104.

ARMANDO, Viviana. Las pibas de los barrios populares y el derecho

al deporte. Voces de la ciudad. El Grito del Sur. 6/8/2021. Las pibas de los barrios populares y el derecho al deporte | VOCES DE LA CIUDAD <https://elgritodelsur.com.ar/2021/06/las-pibas-de-los-barrios-populares-y-derecho-al-deporte/>. Acceso 30 de marzo de 2025

BOURDIEU, Pierre. 1997. *Razones Prácticas*. Sobre la teoría de la acción. Barcelona: Anagrama.

BRUGO MARCÓ, Nina. 2014. Historia sobre los Encuentros Nacionales de Mujeres. Voces en el Fénix. 1/3/2014. (<https://vocesenelfenix.economicas.uba.ar/historia-sobre-los-encuentros-nacionales-de-mujeres/>). Acceso 1 de febrero de 2025.

HARGREAVES, Jennifer. 1993. "Promesa y problemas en el ocio y los deportes femeninos". In: BROHM *et al.* (org.), *Materiales de sociología del deporte*. Madrid: La Piqueta, pp. 109-132.

LA NUESTRA FÚTBOL FEMINISTA, La nuestra - La nuestra <https://lanuestra.org.ar/la-nuestra/>

MARIOTTO, Gabriel. Padre Mugica, el primer cura villero. 10 de mayo de 2020. <https://www.cultura.gob.ar/46-anos-del-asesinato-del-padre-mugica-el-cura-de-los-pobres-9005/> Acceso 6 de abril de 2025.

MASSON, Laura. 2007. *Feministas en todas partes. Una etnografía de espacio y narrativas feministas en Argentina*. Buenos Aires: Prometeo. 2007.

NATALUCCI, Ana y Florencia Messori. 2023. “El feminismo de masas: la movilización de las mujeres y diversidades en el ciclo de la marea verde (Argentina, 2015-2020)”. *Revista Punto Género*. Universidad de Chile. (20). Pp. 178-205.

VARGAS, Jorge, 2021. “La escuelita del barrio de los tanos, cuando resistir es permanecer Villas en Dictadura Córdoba, Rosario y Buenos Aires”. In: SNITCOFSKY, Valeria, Eva Camelli y Adriana Massinida (org.) *Villas en Dictadura: Córdoba, Rosario y Buenos Aires*. Editorial Café de las ciudades. Buenos Aires.

VARGAS, Jorge. Carlos Mugica: memorias desde paisajes y tiempos villeros de la 31 <https://panamarevista.com/carlos-mugica-memorias-desde-paisajes-y-tiempos-villeros-de-la-31/>. Acceso 6 de abril de 2025.

CAPÍTULO 8

Um futebol persistente: notas sobre o futebol de lazer no Brasil e no Uruguai – de São José do Norte e de Rivera

Luiz Carlos Rigo

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Leonardo Costa da Cunha

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Brasil

Luciano Jahnecka

Universidad de la República, Uruguay

RESUMO

Este ensaio teve como objetivo problematizar algumas reconfigurações do futebol de lazer sistematizado nas cidades de São José do Norte (Brasil) e Rivera (Uruguai). Com base em um exercício histórico cartográfico que incluiu dados e fotografias, o ensaio evidencia que, ao longo dos últimos anos, o futebol popular dessas duas cidades resistiu aos enfrentamentos capitalistas, que visavam a extinção de campos de futebol. A partir de uma estratégia de resistência, que ampliou a sua prática para indivíduos mais velhos (35 mais e 45 mais), ele mantém-se vigoroso e é uma das principais opções de lazer de finais de semana, que mescla diferentes gerações de praticantes não profissionais.

Palavras-chave: São José do Norte, Rivera, futebol popular, cartografia, lazer

ABSTRACT

This article aimed to problematize some reconfigurations of systematized leisure football in the cities of São José do Norte (Brazil) and Rivera (Uruguay). Based on a historical cartographic exercise that included football data and photographs, the essay shows that over the last few years, popular football in these two cities has resisted capitalist confrontations, which aimed to eliminate football pitches. Based on a resistance strategy that expanded the practice of football to older individuals (35 years old and over, and 45 years old and over), popular football in these two cities remains vigorous and is one of the main weekend leisure options that mixes different generations of non-professional footballers.

Keywords: São Jose do Norte, Rivera, popular football, cartography, leisure

INTRODUÇÃO: A TRADIÇÃO DO FUTEBOL NÃO PROFISSIONAL

Se fizermos uma busca na historiografia do futebol, facilmente, se perceberá o papel das práticas de lazer na construção de uma cultura futebolística brasileira, uruguaia e de outros países, nos quais este esporte ocupa um lugar de destaque. No Uruguai, parte dessas práticas recebe a denominação de futebol de bairro; no Brasil, essas práticas recebem distintas denominações, tais como futebol de

várzea, futebol amador, futebol popular, futebol infame, entre outras (Ribeiro, Spaggiari e Almeida 2024).

Apesar do consenso sobre a importância desse futebol na cultura dos dois países (Brasil e Uruguai), nos últimos anos, multiplicaram-se os discursos que falam do seu fim. A maioria dos discursos parte do pressuposto de que a extinção de muitos campos de futebol decorre das transformações urbanas e da especulação imobiliária capitalista, o que vem ocorrendo tanto no Brasil como no Uruguai.

Inserido nesse contexto que versa sobre as controvérsias referentes à atualidade do futebol de várzea e de bairro, nesse texto, iremos evidenciar que, apesar dos enfrentamentos e dos “ataques” estruturais capitalistas que se abatem sobre ele, o futebol popular brasileiro e uruguaio não morreu. Longe disso, a partir de alguns exemplos, fica evidente que ele resiste e, em alguns casos, está mais abrangente e mais inclusivo.

Para evidenciarmos algumas transformações do futebol de várzea/de bairro brasileiro e uruguaio, tomamos como exemplo algumas práticas de duas cidades, uma brasileira, São José do Norte, e outra uruguaia, Rivera. Essa escolha deu-se pelo convívio – que os autores possuem com o futebol dessas duas cidades.

2. SÃO JOSÉ DO NORTE E A CULTURA DO FUTEBOL AMADOR NORTENSE¹

Localizado no litoral sul do Rio Grande do Sul, em uma planície costeira de 1.072 km² (IBGE 2024), entre o Oceano Atlântico e a

¹ Gentílico dos nativos da cidade de São José do Norte.

Laguna dos Patos, com aproximadamente 110 km de litoral, São José do Norte caracteriza-se por ser uma península com uma população de, aproximadamente, 26 mil habitantes (IBGE 2024). A economia do município é baseada no setor primário: a agricultura, a pesca e a pecuária, com destaque, singular, para a produção da cebola (Machado e Rivera 1992, Muradás 2002).

São José do Norte possui uma posição geográfica próxima à cidade do Rio Grande, município mais antigo do Rio Grande do Sul (fundado em 19 de fevereiro de 1737), que possui um lugar de destaque na historiografia do futebol brasileiro. Uma mostra dessa tradição está representada nos três clubes profissionais da cidade: o Sport Club Rio Grande (19/07/1900)², o Sport Club São Paulo (04/10/1908) e o Football Club Rio-Grandense (11/07/1909) (Rigo 2004).

Mas, a construção da cultura futebolística rio-grandina não se restringe apenas aos três clubes profissionais da cidade, como evidencia a pesquisa de Correia et al. (2020). O estudo identificou que, entre os anos de 1900 e 1916, 47 agremiações de futebol da cidade foram citadas, ao menos uma vez, no jornal *Echo do Sul*³. Nessa mesma perspectiva, Mackedanz e Rigo (2021) destacam o papel que tiveram as Ligas Esportivas/Futebolísticas, que existiram na cidade no período de 1926 a 1930, época em que o futebol se consolidava em outras cidades da zona sul do estado, como em Pelotas, em Bagé e em Santana do Livramento (Rigo 2004).

2 O S. C. Rio Grande é reconhecido pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) como o clube de futebol brasileiro mais antigo em atividade.

3 Com sua fundação na década de 1850 e sua última edição na década de 1930, o *Echo do Sul* foi o jornal de maior longevidade na cidade do Rio Grande (Torres 2012).

Na cidade de São José do Norte, especificamente, Correia (2014) identificou a existência de partidas de futebol no ano de 1911. Entretanto, os registros apontam que foi a partir de 1930 que ele alcançou maior popularização, com a criação de uma série de agremiações. Até o final dos anos 1950, predominavam, no município, jogos amistosos, jogos improvisados e torneios. Posteriormente, a partir de 1959, além dos jogos amistosos, teve início na cidade o Campeonato Municipal de Futebol Amador, organizado pela gestão pública da administração local. Essa competição acontece todos os anos desde então e, com modificações no decorrer desse período, neste ano de 2025 está em sua 64^a edição⁴.

Cunha, Freitas e Rigo (2016) assinalaram que, desde a primeira edição do Campeonato Amador de São José do Norte até o ano de 2016, 49 diferentes clubes de distintas localidades, da zona urbana e da zona rural, participaram da competição. O maior número de equipes em uma mesma edição ocorreu em 1980, com 34 clubes na disputa. Abaixo, apresentamos uma tabela com alguns dados⁵ referentes aos clubes da cidade que já participaram do Campeonato Amador de São José do Norte.

4 A competição só não foi realizada nos anos de 2020 e 2021, devido à pandemia de Covid-19.

5 Não foi possível ter acesso ao nome completo e à data de fundação de alguns clubes, já que esses encerraram suas atividades há bastante tempo.

Tabela 1 - Lista de clubes de futebol amador da cidade de São José do Norte/RS

CLUBE E TÍTULOS MUNICIPAIS⁶	ANO DE FUNDAÇÃO	LOCALIDADE
Sport Club Barrense (8)	1931	Povoação da Barra
Grêmio Esportivo Cocuruto (1)	1933	Cocuruto
Liberal Foot-Ball Club (11)	1933	Cidade
Grêmio Esportivo Beira-Mar (6)	1938	Quinta Secção da Barra
Esporte Clube Oriente (8)	1938	Retovado
Esporte Clube Fortaleza (1)	1939	São Caetano
Esporte Clube Ari Barroso (4)	1942	São Caetano
Esporte Clube Bujuru (4)	1942	Bujuru
Esporte Clube Divisa (2)	1944	Divisa
Esporte Clube Tamandaré (1)	1947	São Caetano
Esporte Clube Olaria (2)	1947	Tesoureiro
Esporte Clube Bonsucesso (1)	1950	Barranco
Esporte Clube Guarani (1)	1954	Capão do Meio
Esporte Clube Vencedor	1954	São Caetano
Bento Gonçalves Futebol Clube (8)	1956	Cidade
Ferrari Futebol Clube (2)	1958	Cidade
Esporte Clube Passinho ⁷	1959	Passinho
Esporte Clube União do Gravata	1961	Gravata
Esporte Clube Internacional	1963	Estreito
Esporte Clube São José	1964	Capão da Areia
Esporte Clube Fluminense	1964	Contrato
Esporte Clube União Pontalense	1967	Pontal da Barra

6 Considerando os títulos de 1959 até a edição de 2024.

7 O clube foi fundado como Serramalte em 18/04/1959, mas em 17/07/1983 adotou a denominação da localidade que representa.

Esporte Clube Capivarense	1967	Capivaras
Associação Esportiva Varzense (1)	1968	Várzea
Esporte Clube União dos 4 Irmãos	1968	Gravatá
Flamengo Futebol Clube	1969	Turpim
Esporte Clube Lagomar (1)	1970	Estreito
Esporte Clube Bujuruense	1971	Bujuru
Esporte Clube União do Barranco	1973	Barranco
Esporte Clube Esperança	1975	Capão da Areia
Apollo Futebol Clube	1975	Cidade
Sociedade Esportiva e Recreativa Nortense	1978	Cidade
Associação Esportiva Internacional (1)	1981	Estreito
Camponês	-----	Retovado
Esportivo	-----	Retovado
Estrela Futebol Clube	-----	Retovado
Esporte Clube Ideal	-----	Retovado
Esporte Clube Vila Nova	-----	São Caetano
Vila Nova	-----	Vila Nova
Esporte Clube Juventude	-----	Tesoureiro
Novo Avante	-----	Várzea
Grupo dos 18 Assistencial e Esportivo	-----	Cidade
Atlântico Futebol Clube	-----	Cidade
Esporte Clube Marcílio Dias	-----	Cidade
Lagomar da Praia	-----	Praia do Mar Grosso
Pontal Futebol Clube	-----	Pontal da Barra
Esperança	-----	Capão do Meio
Esporte Clube Palmeiras	-----	Paurá
Esporte Clube Palmeiras	-----	Estreito

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

O Campeonato Amador de Futebol acontece uma vez por ano, com jogos realizados aos domingos, sempre em duas categorias – Primeiro Quadro (Principal) e Segundo Quadro⁸. Devido à extensão geográfica do município (cerca de 110 km de norte a sul), a fórmula da competição é elaborada, na primeira fase, de forma regionalizada, fazendo com que clubes de localidades mais próximas joguem entre si.

O campeonato envolve uma série de indivíduos durante a semana, ao longo de todo o ano, o qual abarca jogadores e dirigentes, geralmente, ex-futebolistas, que continuam vinculados aos clubes. Também, há os torcedores, homens e mulheres, de diferentes idades, que mantêm vínculos de pertencimento clubista com uma ou outra agremiação.



Imagem aérea no dia da final do Campeonato Municipal de 2022, entre as equipes do E. C. Olaria e E. C. Guarani. Percebe-se que o campo do E. C. Olaria está deslocado de uma comunidade habitada, a sede é uma edificação ao lado do campo, característica comum a todos os clubes de São José do Norte.

Fonte: arquivo pessoal de João da Silveira Alves.

8 Nas fases finais, os jogos do Segundo Quadro, por vezes, são realizados aos sábados.

O pertencimento clubista com as equipes amadoras está associado a diferentes fatores como: ser jogador ou ex-jogador; ter familiares ou amigos que jogam em algum time; participar de festas, bailes, bingos, almoços, jantares-dançantes, entre outras atividades de lazer na sede. Ou simplesmente morar na comunidade que o clube representa.

Todos os clubes que participam do Campeonato Amador de São José do Norte possuem campos e sedes próprios. A sede desempenha um papel importante nos vínculos estabelecidos entre o clube e os moradores da comunidade em que ele está situado e representa. Assim, o Sport Club Barrense é dos moradores da Povoação da Barra; o Grêmio Esportivo Beira-Mar, dos moradores da Quinta Secção da Barra, e o Grêmio Esportivo Cocuruto, da comunidade de Cocuruto.



Jogo entre as equipes do E. C. Lagomar e E. C. Divisa, válido pela final do Campeonato Municipal de 2024. A imagem mostra a sede do E. C. Lagomar junto a seu campo, a qual, além de um espaço de comércio de bebidas e de comidas, que é uma das fon-

tes de renda dos clubes amadores, também é um espaço de lazer e sociabilidade.

Fonte: redes sociais do E. C. Divisa.⁹

O Campeonato Amador de São José do Norte é um acontecimento que movimenta o lazer de muitos cidadãos nortenses, todavia, ele não representa todo futebol amador da cidade. Além dos clubes que disputam essa competição no município, também, existe um número significativo de times de futebol organizados que não participam do Campeonato Amador da cidade. Esses times estão espalhados por diferentes localidades da zona urbana e da zona rural do município e são constituídos por grupos de indivíduos que se auto-organizam com o objetivo de praticar futebol e jogar contra outras equipes, periodicamente.

Em geral, esses times são formados por uma mescla de futebolistas, que incluem jogadores mais velhos (veteranos), que deixaram de disputar o Campeonato Amador Municipal, jogadores que não atuam nos clubes que disputam o campeonato e alguns jogadores que disputam o Campeonato Municipal, mas também jogam nessas equipes. Diferente dos clubes amadores, essas equipes, geralmente, não têm sede social, algumas possuem campos e outras não.

9 Para mais ver: https://www.facebook.com/ecdivisa?locale=pt_BR, acesso em 7 maio 2025.



Equipe do Avenida F. C. após um jogo de sábado na zona rural de São José do Norte. Percebe-se a mescla de jogadores jovens com jogadores veteranos, o que é característico dos times de sábado.

Fonte: redes sociais do Avenida F. C. ¹⁰

Apesar de não possuírem a mesma tradição e longevidade dos clubes que disputam o Campeonato Amador da cidade, essas agremiações, que são chamadas de times de sábado¹¹, tendem a ser menos excludentes que os clubes que disputam o Campeonato Amador¹². Assim, com os jogos amistosos combinados entre diferentes

10 Para mais ver: <https://www.instagram.com/avenida.fc/>, acesso em 7 maio 2025.

11 Receberam este apelido por organizarem os jogos aos sábados e não aos domingos, como jogam os clubes que disputam o campeonato.

12 Diferente dos clubes que disputam o Campeonato Amador, nos times de sábado, não há remuneração financeira aos jogadores, isso faz com que

equipes da cidade e de outros municípios da região, principalmente da cidade de Rio Grande, os times de sábado oportunizam a prática do futebol de lazer para um grande número de cidadãos nortenses.



Equipe do Raça Jovem em excursão para Santa Catarina. Além de jogos com equipes de cidades da região, como Rio Grande, Pelotas, Tavares e Mostardas, viagens ao estado de Santa Catarina também são atividades que acontecem com alguns times de sábado, envolvendo as famílias dos jogadores.

Fonte: redes sociais do Raça Jovem.¹³

Entre os times de sábado em atividade em 2025 destacam-se: S. E. Marítimo, Guarani City, Raça Jovem, Avenida F. C., Galáticos F. C., E. C. Guarani, Master Club, Amigos do Peito Master, Deportivo Gálatas, Hawai F. C., Flopal Master F. C., Passinho Master, Master Varzense, Bujuru Master Clube, Capivarense Master, Ari Barroso Master¹⁴.

outros futebolistas participem das agremiações.

13 Para mais ver: <https://www.instagram.com/racajovem16/>, acesso em 7 maio 2025.

14 Algumas equipes de sábado mantêm vínculo com os clubes amadores mais

Vários desses times possuem vínculos orgânicos com os clubes amadores, que disputam o Campeonato Municipal. Alguns utilizam o mesmo uniforme, outros possuem o mesmo nome dos clubes amadores, acrescido do termo Master. Este acréscimo ao nome evidencia que nos times de sábado o protagonismo é de jogadores mais velhos, diferente do que ocorre nas equipes que disputam o Campeonato Municipal, no qual o critério principal de inclusão é o capital futebolístico¹⁵ do jogador. Ou seja, a sua qualidade técnico/física, priorizando assim o protagonismo de jogadores mais jovens.

Apesar de não caber uma generalização do cenário futebolístico de São José do Norte, o município não é um caso isolado. A vitalidade e a capacidade de resiliência do futebol popular, facilmente, podem ser visualizadas em outras cidades, como é o caso do município uruguaio de Rivera.

tradicionais, que disputam o campeonato da cidade, utilizando o mesmo uniforme, o mesmo nome e o termo Master.

15 O conceito de capital futebolístico é utilizado aqui inspirado em Bourdieu (1984; 1992), mais especificamente, em sua ideia alargada de capital, na qual além do capital “econômico” Bourdieu acrescenta a existência de um “capital cultural”; um “capital social” e um “capital simbólico” que se entrecruzam.

3. MARCAS DO FUTEBOL AMADOR DE HOMENS NA CIDADE DE RIVERA, URUGUAI: UMA PRÁTICA DE LAZER DISSEMINADA E CONSOLIDADA

Situada a uma distância aproximada de 500 km de Montevidéu, capital do Uruguai, Rivera é um município com, aproximadamente, 84.775 mil habitantes¹⁶ e conurbado, em uma fronteira terrestre, com a cidade brasileira de Santana do Livramento, a qual tem, aproximadamente, 84.421 habitantes, o que torna a região urbana de fronteira com um total ao redor 170.000 mil habitantes.

A presença do futebol na região de fronteira já foi retratada pelos intercâmbios históricos, culturais, sociais, políticos e econômicos (Rigo 2004). Rivera, localizada no extremo norte do Uruguai, foi e é marcada por um intenso trânsito de pessoas e mercadorias devido à sua localização e delimitação geográfica.

Histórica e culturalmente associada às práticas populares ao longo do século XX, a região fronteira de Rivera e de Santana do Livramento mantém uma forte relação com o futebol, organizado pelas associações esportivas, tais como os clubes e as ligas locais de ambas as cidades. Uma das primeiras atividades de que se tem registro a respeito da prática de futebol na região é *um partido* – denominação de um amistoso à época de 1902, conforme citado por Lucas (2022), entre o FC Juventud Riverse e o 14 de Julho Football Club. Desde então, o futebol na fronteira passou por processos

¹⁶ Dados do último censo nacional realizado no ano de 2023 pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

similares aos de outros centros urbanos, no princípio dos anos 1900: práticas esporádicas em espaços acondicionados para este fim, conformação de agrupações, institucionalização clubística, criação de ligas locais e/ou regionais.

A cidade de Rivera, naquele momento com o *status* de *Villa*, sinônimo de povoado, pelas características da época, teve seu envolvimento facilitado e estimulado com a prática do futebol, a partir da expansão ferroviária de ambos os países, tanto no caso brasileiro, quanto no caso uruguaio. Para esse último, a conclusão da ferrovia à *Villa* é datada de 1892. Ao longo do século XX, foram criados inúmeros *cuadros* - a tradução livre de times ou equipes - de futebol, entre eles alguns que reproduziram as denominações capitalinas de Montevidéu, como o Club Atlético Peñarol (fundado em 1912), o Nacional Football Club (fundado em 1913) e adotavam diversas nomenclaturas, como Foot-ball Club Juventud Riverense (fundado em 1902), o *cuadro* mais antigo registrado na região da fronteira.

Tal importância conferida ao futebol local também foi materializada nas construções de inúmeros estádios de futebol em ambas as cidades. Em Santana do Livramento (Brasil), encontramos os seguintes quatro estádios: João Martins, Miguel Coppati, Honório Nunes e Ari Rodrigues; já no caso uruguaio, em Rivera, encontramos os estádios do Club Atlético Peñarol, de Rivera; do Club Atlético Lavalleja; do Oriental Atlético Club e o Atilio Paiva Olivera. Entre os acontecimentos futebolísticos históricos de mais relevância, destaca-se o fato de, no ano de 1995, a cidade ter sido uma das quatro sedes da Copa América, que ocorreu no Uruguai (as outras três

foram Maldonado, Montevideu e Paysandú). Os jogos da competição ocorreram todos no Estádio Atilio Paiva Olivera.

Ou seja, sobram indícios históricos que mostram a importância do futebol para essas duas cidades. Outro exemplo que destaca o interesse futebolístico fronteiriço é a existência do Frontera Rivera Renegades Fútbol Club (fundado em 23/09/1973)¹⁷, sendo este o clube representativo do futebol profissional da cidade. Atualmente, disputa a terceira divisão do Campeonato Uruguaio.

Apesar da existência de clubes profissionais, a relevância do futebol para a cidade fica mais evidente quando observamos a aderência e o número de equipes que, nos últimos anos, disputaram o campeonato amador citadino. A competição é organizada, anualmente, pelas distintas ligas da cidade, que se estruturam a partir de uma lógica etária e geracional.

A Liga Departamental de Futebol de Rivera (fundada no dia 03 de março de 1913) é a responsável pela organização dos campeonatos *Mayores* (idade adulta, tanto de homens como de mulheres) e, atualmente (2025), possui 13 agremiações futebolísticas filiadas a ela, conforme tabela abaixo.

¹⁷ O referido clube é descendente de uma fusão de outros dois clubes históricos da cidade: o Club Social Rivera Chico (fundado em 1932) e o Club Atlético Frontera (fundado em 1944).

Tabela 2 – Agremiações futebolísticas afiliadas à Liga Departamental de Futebol de Rivera, Uruguai, no ano de 2025.

NOME DO CLUBE	ANO DE FUNDAÇÃO
Lavalleja Atletico Club	1908
Club Atletico Peñarol	1912
Oriental Atletico Club	1917
Club Social y Deportivo Artigas	1928
Club Atletico Huracan	1942
Club Atletico Plaza Carreta	1946
Club Deportivo Social Sarandi Universitario	1947
Club Atletico Cuñapiru	1956
Rivera Wanderers Atletico Club	1960
Ansina Fútbol Club	1966
Club Social y Deportivo Frontera Rivera Chico	1973
Bola Ocho Fútbol Club	2015
Club Deportivo Colina	Sem informação disponível

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

Além do *Mayores*, que se divide em duas categorias (*Primera División e Segunda División*), a Liga Departamental de Futebol de Rivera também é responsável pela organização dos campeonatos das seguintes divisões: Sub-20, Sub-17, Sub-15, Sub-14 e do futebol feminino. Esta última categoria reúne mulheres praticantes de futebol, mas possui somente um clube afiliado regularmente, o Lavalleja Atletico Club. Este, por sua vez, vem disputando ao longo dos últimos

anos campeonatos regionais com clubes de outros departamentos do país¹⁸, o que demonstra as assimetrias históricas, sociais e culturais vinculadas ao gênero na prática futebolística uruguaia.

A presença das práticas do futebol amador masculino na fronteira entre os dois países (Uruguai e Brasil) fica ainda mais evidente quando visualizamos a organização das ligas, fundadas ainda no século passado, que são responsáveis pela organização dos Campeonatos de Veteranos. Na cidade de Rivera, a Liga Riverense Máster + 45 (não dispomos de informação sobre a data de fundação) é responsável pela organização dos campeonatos de jogadores com 45 anos de idade ou mais, e a Liga de Amistad Senior (fundada em 10/02/1992) encarrega-se do campeonato para futebolistas que possuem 35 anos ou mais.

Tabela 3 – Lista de agremiações participantes do Campeonato de Veteranos + 45 da Liga Riverense Máster + 45 no ano de 2024.

NOME DA EQUIPE
Ansina
Artigas
Cuñapiru
Deportivo Floripa
Huracán
Juventus
Lavalleja
Libertad

18 O Uruguai encontra-se dividido em 19 departamentos, o que corresponde às divisões geográficas e administrativas, similares aos estados brasileiros, guardadas as devidas proporções demográficas e geográficas, além da configuração administrativa para a organização política.

Mundo Afro
Rebeldes
Rivera Master
Salidera
Sarandí
Universitario
Total de equipes: 14

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

O campeonato organizado pela Liga de Amistad Senior, que abarca futebolistas com 35 anos de idade ou mais, apresenta três divisões A, B e C, conforme a tabela que segue:

Tabela 4 – Lista de equipes participantes do campeonato de veteranos da Liga de Amistad Senior no ano de 2024.

Divisão	Agremiação
A	Águilas Azules
	Ansina
	Bangú
	Bayern
	Colina
	Deportivo Floripa
	Lavalleja
	Oriental
	Paysandú
	Peñarol
	Sabalero
	Salvador
	Sarandí
	Wanderers Rivera
Total de equipes divisão “A”	14

B	Amistad
	Cuñapirú
	Deportivo Rivera
	El Arca
	Frontera
	Monterrey
	Nacional
	Rebeldes
	Salidera
	Universitario
Total de equipes divisão “B”	
10	
C	Cuervos
	Deportivo Rivera Júniors
	Estrella Roja
	Independiente
	Itapevi
	Juventus
	Mandubí

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

A partir da sistematização dos registros sobre o futebol local praticado por homens na cidade de Rivera, percebe-se o significativo contingente de atores sociais vinculados às mais variadas configurações de sociabilidade, produzidas pelo futebol. Estima-se uma participação superior a 600 jogadores inscritos nas ligas riverenses, distribuídos em uma média de 20 a 25 jogadores por equipe.



Publicação sobre o campeão da fase Clausura (retorno) da Divisional B (divisão B) do ano de 2024 da Liga de Amistad Senior de Rivera, equipe do El Arca. Além da presença dos jogadores, também pode-se observar a sociabilidade em torno das redes familiares de parentesco.

Fonte: redes sociais da Liga Amistad Senior de Rivera.



Jogo noturno no estádio do Club Atlético Peñarol de Rivera, realizado durante o Campeonato de Veteranos da Liga Amistad Senior de Rivera de 2024.

Fonte: arquivo pessoal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: NOVAS CONFIGURAÇÕES DO FUTEBOL POPULAR DE LAZER

Anteriormente, procuramos trazer algumas evidências da vitalidade do futebol popular nas cidades de São José do Norte e de Rivera. Guardadas as peculiaridades futebolísticas dessas duas cidades, uma brasileira e outra uruguaia, em ambas o futebol destaca-se como uma opção de lazer.

O poder do futebol popular em arrebatador adeptos está associado à sua capacidade de criar “fortes emoções”, e produzir “excitações agradáveis” (Elias 1992). Ou seja, o futebol popular é capaz de criar engajamento emocional e produzir excitabilidade em indivíduos de diferentes idades, tanto naqueles que jogam como entre os que o assistem e/ou participam da sua organização.

Essa singular capacidade de produzir engajamento emocional fez com que a prática do futebol de lazer conquistasse novos adeptos e ampliasse o seu alcance populacional, mesmo em uma época de disseminação do entretenimento virtual e de um aumento das ofertas de lazer disponíveis nas redes sociais.

Se até há pouco tempo as competições de futebol de lazer eram dominadas por adultos jovens (categoria livre), atualmente, vemos um aumento no número de competições e de organizações futebolísticas (clubes e ligas) destinadas a indivíduos mais velhos, como é o caso, por exemplo, da cidade de Rivera, em que se destacam as ligas voltadas, especificamente, para futebolistas nas categorias de 35 mais e 45 mais. Junto a essa ampliação etária do futebol de homens,

em algumas cidades emergem competições destinadas às mulheres. Nos últimos anos, crescem as competições do futebol de lazer para mulheres em diferentes cidades.

O engajamento emocional/futebolístico e a ampliação do seu alcance populacional fazem com que o futebol popular se reinvente, se mantenha vigoroso, apesar da diminuição dos espaços públicos e da extinção de muitos campos de futebol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. 1992. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.

BOURDIEU, Pierre. 1984. *Questions de sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit.

CORREIA, Jones Mendes. 2014. *Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo: um estudo sobre a emergência e o processo de (des)elitização do futebol na cidade de Rio Grande – RS (1900-1916)*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CORREIA, Jones Mendes et al. 2020. A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do Jornal Echo do Sul (1900-1916). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, [s.l.], (42)1: 1-7.

CUNHA, Leonardo Costa da, Gustavo da Silva Freitas e Luiz Carlos Rigo. 2016. Entre a Laguna dos Patos e o oceano: notas sobre a

memória e algumas transformações do futebol amador de São José do Norte/RS (Brasil). *Licere*, Belo Horizonte, (19)4: 298-319.

ELIAS, Norbert e Eric Dunning. 1992. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial.

FACEBOOK. 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/ecdivisa?locale=pt_BR, acesso em 7 maio 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2024. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. São José do Norte (RS): estimativas da população residente com data de referência 10 de julho de 2024. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/sao-jose-do-norte.html>.

INSTAGRAM. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/avenida.fc/>, acesso em 7 maio 2025.

INSTAGRAM. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/racajovem16/>, acesso em 7 maio 2025.

LUCAS, Marco A. da Silva. 2014. *100 años de la Liga Departamental de Fútbol de Rivera*. Montevideo: Zonalibros.

LUCAS, Marco A. da Silva. 2022. *El fútbol de adentro*: La otra historia del fútbol uruguayo. [s.l.] Editorial GIEF.

MACHADO, Maria Elvira Silveira e Mara Rúbia Pinho Rivera (org.). 1992. *São José do Norte*: terra de águas claras e areias brancas. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de São José do Norte.

MACKEDANZ, Christian Ferreira e Luiz Carlos Rigo. 2021. “Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: notas sobre a liga esportiva rio branco (1926-1930). *Cadernos de História*, [s.l.], (22)37: 222-239.

MURADÁS, Jones. 2002. *A cultura da cebola no litoral centro do Rio Grande do Sul – análise de suas especificidades como subsídio para o desenvolvimento regional*. 176f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIBEIRO, Raphael Rajão, Enrico Spaggiari e Caroline Soares de Almeida (org.). 2024. *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio. 177-215.

RIGO, Luiz Carlos. 2004. *Memórias de um futebol de fronteira*. Pelotas: Editora Universitária UFPel.

TORRES, Luiz Henrique. 2012. *Rio Grande: 180 anos de jornalismo*. Rio Grande: FURG.

CAPÍTULO 9

Afonsinho: um craque em vários campos

Alvaro Vicente Cabo

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

INTRODUÇÃO

Escrever sobre essa grande pessoa, que, além de ex-atleta profissional de futebol, se destaca como médico e como um humanista convicto, é uma tarefa complexa, porém muito engrandecedora. Apesar de estarmos em uma importante produção acadêmica do INCT Futebol, o presente artigo sobre Afonsinho tem características distintas, que buscam combinar um relato memorialista com uma transcrição comentada de uma entrevista que fiz com ele no ano passado, por ocasião do primeiro Coloquio Internacional Ciencias Sociales y Fútbol, do INCT Futebol, realizado em Montevideu.

Acabei tendo a responsabilidade de substituí-lo no evento, pois, ele, o convidado especial, infelizmente, estava lesionado, precisando fazer uma cirurgia. Para representá-lo adequadamente, ele gentilmente me recebeu em sua casa em Copacabana, mais uma vez para conversarmos, porém agora de forma mais objetiva e específica.

Eu tive o prazer de conhecer Afonsinho em meados dos anos noventa do século passado, quando eu ainda era graduando de História, e participávamos de umas “peladas” nos saudosos campos da Praia Vermelha, na UFRJ. Como estudante do IFCS/UFRJ e morador da Zona Sul, apaixonado pela bola e pelos livros, consegui reservar um horário específico para o instituto, às sextas-feiras, quando reunia um grupo eclético de estudantes de História, Filosofia e Ciências Sociais, além de amigos “peladeiros” agregados, que, independentemente da intimidade com o futebol, se juntavam ao grupo, animadamente, para se divertir, disputar acirradas partidas e, depois, celebrar a juventude no clássico “Sujinho”, icônico bar do garçom botafoguense Tião, que serve, até hoje, refeições e bebidas aos estudantes do campus.

Em uma histórica sexta-feira, surgiu um homem mais velho, magro, tranquilo, humilde, com uma barba branca e olhos claros, uma maleta de médico e uma bolsa, e pediu para jogar conosco, fazendo a famosa “de fora”. Eu estava esperando e concordei, apesar de, arrogantemente, pensar: será que esse “senhor” de cerca de 45 anos vai aguentar a correria? Éramos todos mais jovens, muitos na faixa dos 20 anos. Simplesmente, o “coroa” acabou com os jogos, e eu ainda tive o privilégio de jogar do seu lado e receber diversos passes perfeitos. Não saímos mais do campo. No final do jogo, fomos cumprimentá-lo, e um dos jogadores, que era um pouco mais velho que a maioria, descobriu a identidade do anônimo craque. Bosco bradou: “Afonsinho do Botafogo e da Lei do Passe!”

Nesse dia, ele participou da nossa tradicional confraternização, e eu descobri que morávamos próximos um do outro, no Posto 6, em Copacabana. Passei a encontrá-lo e a encantar-me com a pessoa e com sua bela história, não apenas como grande futebolista, mas, também, como ser humano progressista e preocupado com as questões sociais e políticas do nosso país.

Alguns encontros casuais no Arpoador, onde ele jogava bola com seu neto, que hoje, atua em times de Portugal, os chopps no tradicional restaurante Adega do Cesare, mas também os planejados, em eventos acadêmicos, palestras escolares e atividades futebolísticas, principalmente, jogos contra a equipe do Biriba, de Pelotas, estabeleceram a construção de uma relação de amizade e admiração por esse cidadão ético e consciente.

Sua luta pelo Passe Livre acabou se transformando em uma bandeira dentro do futebol sobre as relações trabalhistas de exploração, que eram vigentes não só no esporte, mas no país de forma geral. Demanda individual, a princípio personalíssima, que se tornou um exemplo para outros atletas e para a própria sociedade.

Sua atuação como médico na rede pública, no Rio de Janeiro, e, depois, em Paquetá, demonstra um pouco da sua doação e caráter, além da sua consciência social. Um raro exemplo de engajamento político e social real, e não apenas verborrágico.

Sua habilidade com a bola, categoria e lucidez nos lançamentos, faltas, dribles etc., revelaram um grande craque que atuou, profissionalmente, em diversos grandes clubes brasileiros como: Vasco, Flamengo, Fluminense, Santos e Botafogo, e se destacou, inclusive, pelo modes-

to Olaria. Mesmo com as dificuldades administrativas do Botafogo no período e ele estando no auge da carreira junto com uma das maiores gerações do futebol brasileiro na década de setenta, Afonsinho brilhou no campo e fora dele. Seguiu jogando como veterano com maestria, pelo amor ao futebol, exerceu a medicina e virou, também, cronista em veículos de comunicação como a revista *Carta Capital*, substituindo, simplesmente, o emblemático Sócrates, após a sua morte.

Assim sendo, esta entrevista informal, na nossa opinião, é a melhor forma de apresentar este raro cidadão exemplar, com quem tenho o privilégio de ter encontros interessantes e marcantes ao longo da vida.

Neste sentido, metodologicamente, busquei transcrever a nossa conversa e fazer breves comentários pontuais a partir de uma perspectiva da história oral sobre as questões levantadas, apenas com o objetivo de esclarecer, reforçar ou problematizar alguma colocação feita pelo caríssimo Afonsinho.



Fonte: Acervo pessoal
(8 de outubro de 2024)

ALVARO – Estou aqui com Afonsinho, meu grande amigo de peladas, de eventos e até de chopes em Copacabana. Assumi a responsabilidade de representá-lo em um grande colóquio, fato que me honra muito e me traz aqui para revermos e reforçarmos algumas informações que apresentarei. Enfim, primeiro você poderia falar da sua

origem, da sua trajetória no futebol e, num segundo momento, falar da questão do Passe Livre, de como foi esse imbróglio e, no final, se você quiser complementar fique à vontade. Beleza?

AFONSINHO – O futebol eu comecei mesmo no quintal de casa em Marília, no interior de São Paulo, e, já em Jaú, então jogando o campeonato varzeano, acabei sendo aproveitado no amador do XV de Jaú, o clube da cidade e, logo em seguida, passei para o time profissional e a fazer viagens. Isso por volta dos meus 15 anos. Cheguei a disputar dois campeonatos da segunda divisão. O XV de Jaú tem uma história muito bonita, mas, na época, tinha caído em função da crise do café. A cidade gira em torno do café e, com a crise, o clube foi junto para a segunda divisão. Então, em seguida, comecei a ficar conhecido e acabei recebendo propostas de clubes maiores: do Fluminense, primeiro, e, depois, do Botafogo, para o qual me encaminhei em torno dos meus 17 anos.

Sobre a importância desse período na minha carreira, nessa passagem, é fundamental lembrar que um jogador amador atuando no profissional e registrado em uma federação do país já tinha um vínculo. Mesmo sem receber nada, já existia um vínculo que o obrigava, se quisesse mudar de clube, a fazer no mínimo um estágio de um ano, ficar parado um ano sendo amador, sem nenhum vínculo profissional. Olha como a coisa era... O meu pai foi muito importante, ele foi a figura mais importante para mim naquele momento, pois o que os clubes faziam era o chamado “contrato de gaveta”. Você jogava num clube profissional, ainda atuando como amador, e assinava

um contrato em branco, que ficava guardado como garantia do clube de que você não ia mudar, sair. Caso fosse chamado por outro, em qualquer momento, o clube registrava na federação e ficava caracterizado o vínculo definitivo chamado “Passe”. O meu pai, sendo de família de ferroviários, era telegrafista da Estrada de Ferro, participante dos encontros dos ferroviários, militava ali na Cooperativa Exposul, do sindicato. Na época da estatização, a Estrada de Ferro era dos ingleses e foi encampada. Eu era garoto, bastante novo, de 9 a 10 anos, ainda em Marília, e admirava algumas figuras, amigos do meu pai, que discutiam o assunto. Houve, inclusive, um período de greve. Então, o meu pai, com seu conhecimento, não assinou o “contrato de gaveta”. Esta foi a primeira marca da história da abolição do passe. Embora não significasse garantia, porque jogando pelo clube você tinha um vínculo automático, mas não tinha o formal. Meu pai muito inteligente, depois formou-se como professor escolar, acompanhando minha mãe, que era professora também.

COMENTÁRIO – É importante destacar a influência da figura paterna, ex-sindicalista, inclusive no próprio “enquadramento de memória”, no termo de Michael Pollack, para sinalizar o início da abolição da Lei do Passe. A referência aos contratos de gaveta, muito comuns naquela época, também é um aspecto importante para o tema. A fronteira entre o atleta amador e o profissional, no período, parece-me muito tênue em função da pobre legislação desportiva.

AFONSINHO – Aí, eu cheguei no Botafogo em 1965, após jogar muito tempo, acho que mais de um ano já nas equipes profissionais no XV de Jaú, pois antes eu era amador que, na época, era chamado de juvenil e, hoje, é juniores ou sub-20. No ano que cheguei, fui jogar nos juniores e começaram a me lançar, também, na equipe principal, no grande Botafogo daquela época. Então, na mesma situação que eu estava no XV de Jaú, eu fiquei no Botafogo, até que chegou uma hora que era preciso formalizar a profissionalização. Não tinha saída. Assinei o contrato e, mais adiante, dois anos depois, isso acabou virando um problema. Numa questão comum de relacionamento entre clubes, jogadores e treinadores, eu acabei sendo preterido. Aqui, no Brasil, era um período de Ditadura Militar. Era um tempo muito fechado, e eu já estava começando a estudar, tinha ingressado na Escola de Medicina. Foi um período muito fervilhante aqui no Brasil, e as coisas acabaram se misturando. Eu precisei ir à Justiça pois, em um primeiro momento fui impedido de treinar, o que era comum na época. Eu recebia propostas, estava valorizado, queria sair, e o clube não me deixava jogar por castigo, não me vendia e nem me emprestava. O tempo foi passando, e eu não tive outro recurso, senão ir à Justiça. Em última análise, ir à Justiça em busca do meu direito de trabalhar. A minha profissão era ser jogador de futebol. E, por conta desse momento turbulento da sociedade brasileira, esse caso foi tomando um vulto muito grande. A censura de imprensa era uma oportunidade também dos jornalistas relacionarem a questão política com essa questão profissional. Eu acabei obtendo meu passe na Justiça Desportiva. A gente achava que não ia ter nenhuma

chance na Justiça Desportiva, pois era uma Justiça completamente parcial, eram só dirigentes de clubes. Quando eu fui dar entrada no documento para pedir o passe, perguntei quem eram as pessoas que julgavam, e o funcionário falou, claramente, os juízes são fulano de tal do Vasco, do Flamengo, eram dos clubes. Assim era composto o tribunal. Não tinha nem representante de jogador, então, a gente não tinha esperança. Mas, com o vulto que tomou o caso, acharam melhor me liberar, e eu obtive o Passe Livre na Justiça Desportiva, mesmo antes de recorrer à Justiça do Trabalho. Aí, fui em frente, voltei para o Olaria, para onde, em um determinado momento, eu tinha sido emprestado, depois de um tempo longo. No começo de ano, numa mudança de gestão, o diretor novo foi me procurar para ver se tinha alguma maneira de resolver a questão de me reintegrar. Mas aí tinha uma exigência, queria que eu tirasse a barba. Eu tinha uma barbinha começando. Mas aí isso virou uma briga, uma queda de braço. Eu achei que era demais, principalmente, pelas minhas convicções, daquilo que eu achava correto. Não tinha sentido aquilo, aí acabei obtendo o passe.

Deixa eu falar uma coisa que é muito oportuna, sobre o momento da realização desse encontro lá (Montevidéu) porque, passadas décadas, em dias atuais, temos a situação do jogador Diarra, da Seleção Francesa, que ficou impossibilitado de trabalhar mesmo com as modificações que foram feitas na legislação, do futebol profissional, ou seja, isso também é uma questão fundamental, a proteção da segurança jurídica dos jogadores profissionais. A extinção do passe foi importante para o jogador enquanto categoria, pois os dirigentes

resolveram o lado deles imediatamente. Na prática, o que existiam eram os contratos de, no mínimo, três meses, que geralmente era a duração do campeonato estadual e, na melhor das hipóteses, o jogador era contratado e renovava por, no máximo, um ou dois anos. Você imagina que, em uma profissão de risco como é o esporte, o futebol no nosso caso, há uma insegurança muito grande, então era uma situação angustiante, e eu só fui entender isso depois, quando houve a conquista do passe. Muitos jogadores antigos, grandes jogadores como Zizinho e outros tantos, tinham esse anseio, era uma espinha atravessada na garganta, um problema muito sério. Jogador profissional dedicava-se aquilo, quer dizer virava a profissão dele, mas não tinha segurança, não tinha uma garantia.

COMENTÁRIO – Entendo que esse trecho é muito importante, pois relata o ineditismo da iniciativa dele ao lutar pelo seu direito de exercer a profissão de jogador de futebol, em uma conjuntura política e administrativa desfavorável aos atletas. De jovem promessa no Botafogo a atleta questionador na Justiça Desportiva e Trabalhista, justamente durante o ápice da repressão do período Médici, obteve o Passe Livre, que acabou sendo uma conquista simbólica para a categoria dos jogadores de futebol, a qual repercute na sociedade e na própria legislação até os dias de hoje.

ALVARO – Então, Afonsinho. Naquele momento, você era tão jovem. Você tinha a consciência de que aquele era um ato de resistência importante ou, ao longo da sua vida, você foi entendendo e amadurecendo a importância daquele ato? Você afirmou que teve uma importância muito grande na opinião pública, pois apesar de obviamente ter sido um jogador que estudou Medicina, que a princípio teria uma formação diferenciada da maior parte dos jogadores, você já tinha essa consciência ou, com os anos, você foi percebendo a importância da sua atitude? E, só para complementar, até que ponto essa situação prejudicou, ou não, a sua carreira, uma vez que muitos clubes, principalmente, naquele momento, não abriram as portas para você?

AFONSINHO – É, somente com o passar do tempo fui percebendo a grande importância daquele ato, que até hoje segue repercutindo. Naquele momento, como eu falei no início, eu tinha essa ligação muito forte com a questão social, de ter acompanhado, aos meus 10 anos, os sindicalistas da Estrada de Ferro. Admirava muito os amigos do meu pai que eram batalhadores. Tinha o Sr. Wilson, a figura dele nunca saiu da minha memória, era um homem, assim, com uma vida na maior intensidade, e eu era moleque, admirava os caras. Com esta influência do meu pai, e não sei se por características próprias, esse é o meu jeito de ser. Eu faço aquilo que eu acredito, acredito que seja correto. As coisas são assim: existe esta situação e essa outra, se eu acho que é esse caminho aqui, eu sigo. E existem consequências, mas isso para mim é algo que até hoje eu fico muito tranqui-

lo, sou assim na vida. Então, com essa formação e já começando o primeiro e o segundo ano da Escola de Medicina, eu frequentava a Assembleia da Escola, e, quando houve aquele momento da morte e da missa do Édson Luiz, eu cheguei a ir. Estava me encaminhando para a Igreja da Candelária, mas quando estava chegando perto, umas duas quadras, sei lá, aí veio a cavalaria. Era aquele negócio, as coisas naquele momento eram tensas, e eu não tinha implicação, acompanhava, atuava muito. Com mais alguns outros companheiros que faziam outros esportes, refundamos um departamento desportivo na Escola de Medicina, que estava desativado, então, eu me entendia muito bem com o pessoal. Nessa ocasião alguns foram presos, até alguns que estudavam junto com a gente, aquelas coisas de Anatomia e outras matérias. Nessa passeata e em outras manifestações, alguns colegas bem próximos e, principalmente, os que eram dirigentes do Centro Acadêmico acabaram detidos. Foram presos ali, mas eu não tinha assim uma participação direta, eu não era vinculado a um partido, nem uma coisa assim. Depois, essa história acabou implicando até em dossiê do DOPS, e me acompanhando, para saber onde é que eu andava, onde é que eu estava. Se eu acredito nisso, eu faço, o resto é consequência. O resumo é esse. Não sei se faltou alguma coisa da sua pergunta?

COMENTÁRIO – Nesse trecho, entendo que Afonsinho utiliza uma argumentação pautada no elemento “ethos” que atribui credibilidade a seu engajamento político na sua trajetória, em função da influência dos amigos sindicalistas do pai, do relacionamento com membros do Centro Acadêmico de Medicina e demais estudantes, da própria referência à sua tentativa de estar no velório do estudante Edson Luiz, brutalmente, assassinado pela ditadura, mas por outro lado começa afirmando que é com o tempo que a coisa vai repercutindo. Não dá para precisar se, apesar de toda a sua formação e histórico familiar, naquele momento ele já tinha uma consciência de ser um ato de resistência a tentativa de obter o passe na Justiça, na minha opinião.

ALVARO – Você acha que acabou sendo prejudicado? Que o fato de não ter chegado à seleção brasileira na Copa de 1978, que eu pesquisei, tem relação realmente com o fato de acabar sendo identificado, de certa forma, como uma pessoa que estava resistindo à ditadura. Você e o próprio Reinaldo são sempre muito identificados como “engajados politicamente” até mesmo, academicamente, em textos, artigos e livros.

AFONSINHO – Houve um posicionamento. Então, à medida que o tempo foi passando, isso veio sendo cristalizado. Passou a ser comentado: você devia ter sido convocado, podia ter ido na Copa tal, mas só

depois foi ficando claro para mim, à medida que foi passando o tempo, e eu vi que estava correto na minha opção, no meu posicionamento, entendeu? Porque se for prestar atenção, de 1970 até 1994, o Brasil não ganhou mais nenhuma Copa. Para todo jogador, não só é um desejo como é importante na história da carreira pertencer ao selecionado do seu país, do Brasil, então, mais ainda, porque é um país glorioso no futebol. Embora nós estejamos em um momento meio complicado, mas chegamos a ser chamados de o “país do futebol”. Nós temos, realmente, jogadores extraordinários, o futebol é uma parte muito forte da nossa cultura. Se ele é importante em praticamente todos os países do mundo, aqui no Brasil é notoriamente fundamental na cultura e na forma de expressão da gente brasileira. E, eu vivi aqueles momentos, tivemos apertos, principalmente, depois da Copa da Argentina. Na época da Copa do México, eu estava jogando no Olaria, acho que na segunda passagem depois do passe. Eu acabei no início daquele ano emprestado ao Olaria como castigo, era um time de menor investimento. E, o que seria um castigo, acabou sendo a minha redenção, pois às vésperas da Copa de 70, o Olaria fez um campeonato extraordinário, me destaquei muito, e nossa equipe acabou convidada, por ter sido o melhor dos times pequenos do Rio de Janeiro, ficou em terceiro lugar, a enfrentar a Seleção Brasileira B, na rodada de treinamentos antes de embarcar para a Copa. Foi até engraçado, porque o Olaria acabou vencendo de 1x0, com gol do Nado, aquele pernambucano. Então, eu fiquei nessa situação com o Passe Livre. Em termos de futebol, e, até hoje, com mais idade, eu nunca me senti arrependido, fiquei firme na minha convicção, o que vem é consequência. Você escolhe o

caminho e aguenta as consequências. É claro que, teria sido importante, muito bom para mim, ter sido jogador da seleção, poderia ter sido valorizado, essa coisa toda, mas o tempo vem me mostrando que eu estava correto na minha opção e que valeu a pena. O Brasil entrou em um período de baixa em relação a Mundiais, sempre com grandes jogadores, mas em termos de seleção sem conquistas, no período de 1970 até 1994, quando foi ganhar o outro título: o tetra. Então, foi uma das grandes vitórias da minha carreira ter o Passe Livre, que era uma prática que não existia, e ter jogado em clubes de primeira linha. Do Olaria, eu fui para o Vasco, os clubes tinham uma ligação por conta dos presidentes. Como o Olaria se destacou muito, nós fomos, quatro jogadores, para o Vasco. Depois, eu fui para o Santos, uma verdadeira seleção internacional, sem falar do Pelé. Estavam lá, também, o Serra, um goleiro argentino, Ramos Delgado, Clodoaldo, Carlos Alberto, capitão da seleção. Quer dizer, foi importante quebrar esse negócio, a exclusividade da vontade do clube, pois a ideia é que o jogador com passe livre seria isolado, ninguém iria querer aquilo. Agora, a questão principal, que eu já tinha começado a falar, é que com esta história da abolição do passe, o jogador tornou-se um profissional de fato, e os clubes, os dirigentes, resolveram, imediatamente, a situação deles. Passaram a fazer contratos longos, de, no mínimo, quatro ou cinco anos, às vezes, seis ou mais, isso dá uma estabilidade ao profissional como cidadão. Eles instituíram a multa contratual e resolveram esse problema. Vamos supor, o problema é defender o investimento do clube, que pagou o montante tal em determinado jogador. Tem uma multa contratual, não quer dizer que o clube não possa negociar no

dia seguinte, está garantido no investimento dele, mas para o jogador, para a classe do jogador de futebol, o jogador passou a ter — ainda não completamente pois é uma carreira muito curta e de muito risco — uma estabilidade muito maior, e isso ainda custou a acontecer, aqui no Brasil. O primeiro jogador que teve um contrato mais longo, me parece que de quatro anos, foi o Fred e, quando voltou da Europa para o Fluminense, continuava naquele negócio de contratos menores. Mas a realidade é essa, o clube resolveu o problema dele instituindo a multa contratual e ampliando o tempo de contrato. O jogador tem uma estabilidade, embora relativa, mas tem. É uma profissão que tem uma garantia um pouco melhor.

COMENTÁRIO – Nesse trecho acho importante destacar o orgulho que Afonsinho tem da sua carreira e das decisões que tomou, principalmente, com relação à batalha judicial pelo Passe Livre. Ele argumenta que, no período de 1970 a 1994, o Brasil não conquistou nenhum título e que a atitude dele foi importante para as transformações ocorridas durante o período.

ALVARO – Por falar em profissão, como é que você conseguiu conciliar a prática do futebol com a medicina? É mais uma curiosidade. A gente até já conversou sobre isso, mas para poder reforçar.

AFONSINHO – O próprio processo da conquista do passe me ajudou em relação a isso. Por quê? Primeiro eu fiquei em litígio com o clube

quase dois anos, então eu fui avançando na faculdade. Treinava, participava, mas não podia jogar, então eu fui avançando. No primeiro momento, depois da solução do passe, eu fui emprestado para o Olaria, que era um time com menos compromissos, menos jogos, o objetivo era o campeonato carioca e, ainda assim, eu me ambientei muito lá. Como eu disse, foi uma redenção e, ainda, conseguia fazer uma combinação. Primeiro, naquele tempo, só se treinava em um período, não tinha tempo integral e academia, esses negócios. Alguns clubes treinavam de manhã, outros à tarde. Às vezes, quando tinha algum jogo à noite, fazia um coletivo à noite, então, você tinha pelo menos uma parte do dia livre. E, lá no Olaria, indo para lá e sendo um jogador que estava valorizado, fiz uma combinação com eles que, quando fosse uma atividade coletiva, um treinamento coletivo do clube, eu daria prioridade, mesmo que tivesse que faltar a uma aula, quando era um treino físico, quando está rolando campeonato não tem muito tempo de treinamento. Cheguei até a dar alguns plantões no Hospital Getúlio Vargas. O médico do Olaria era lá desse hospital, e eu, ao invés de ficar na concentração na véspera do jogo, ia com ele para o Getúlio Vargas e, quando chegava próximo daquela hora do lanche na concentração, antes de dormir, na véspera do jogo, eu voltava, fazia o lanche e ia para o jogo. E assim pude levar. Teve um ano que a situação ficou impossível, quando eu fui para o Santos. Aí, o Santos viajava muito, o time não parava. Jogava domingo, viajava. Teve um mês que eu estive duas vezes na Itália, aí era impraticável, e eu tive que trancar matrícula. Um ano eu tranquei a matrícula. Eu fui diplomado um ano depois da minha turma original

por conta disso. Quando eu voltei, retomei e joguei mais uma vez no Olaria, que ficou como se fosse minha casa, além de ser um belo clube, fiquei muito integrado lá. Aliás, a segunda maior vitória da minha carreira foi ter me ambientado ainda com o Passe Livre, sem que o clube fosse o dono, os torcedores fossem donos de mim. Mas eu sempre tive um trânsito muito legal, até hoje sou chamado em todos os clubes por onde andei para uma comemoração ou outra atividade qualquer, principalmente, com os meus companheiros. Normal, pois, o meu ambiente sempre foi o futebol. Apesar de ser estudante universitário, nunca tive nenhuma distinção em relação a ninguém, eu sempre fui integrado não só no futebol, na profissão, mas também na cultura mesmo, cultura brasileira.

COMENTÁRIO – Nessa parte, eu pedi para ele explicar como teria conseguido conciliar a prática do futebol profissional com os estudos de medicina e é interessante que, mesmo nessa questão pessoal, ele destaca o episódio do litígio que levou a Lei do Passe como um elemento que indiretamente acabou ajudando na realização desse projeto pessoal. Também reforça seu carinho pela equipe suburbana do Olaria e a boa relação que cultivava com todas as equipes em que jogou.

ALVARO – Você sabe que até hoje você é referência lá em Pelotas, para aquele time, o Biriba Master, que existe até hoje, lembrando daquelas três partidas que a gente jogou contra eles contando contigo em nossa equipe.

AFONSINHO – Ainda mais Pelotas, eu tenho um carinho muito grande pela cidade por causa do Torino, o ponta-esquerda gaúcho que veio do Rio Grande para o Botafogo. A gente era compadre. No final, ele também foi emprestado para o Olaria e ia começar o campeonato, os clubes prepararam-se muito bem, emprestando jogadores, mas ele faleceu. Ele tem um filho que mora em Florianópolis e trabalha com futebol. Então, eu tenho um carinho grande por Pelotas por causa dessa amizade.

ALVARO – O último jogo que fizemos contra o Biriba foi em Paquetá, eles ficaram loucos em ir de barca, aquele “churrascão” no Clube Municipal. O Russo (Dirnei Bonow), meu amigo de faculdade, ainda joga, e essa iniciativa do INCT tem a ver com isso também, com o futebol master de várzea.

AFONSINHO – Então, nós ainda estamos lá. Acabamos de fundar o sub-100 (risadas). Como é que eu vou fazer?

ALVARO – Aquele primeiro jogo contra o Biriba, no CFZ, em 2008, foi o mais duro que a gente fez com eles. Foi 5×3. Vou te mandar o vídeo que um amigo, o Paulinho, recuperou. Depois no segundo, você até levou o Nei Conceição, mas foi um chocolate do time deles, lá em Manguinhos. E, o terceiro, aquele que você levou a gente para Paquetá. Agora, só para fechar, pois eu acho interessante falar disso também. Como é que você se descobriu colunista, militante, que escreve em uma revista progressista como a *Carta Capital*? Você começou a escrever antes no jornal *O Dia*?

AFONSINHO – Eu escrevia naquele jornal de economia *Valor Econômico*, não sei se teve alguma outra participação, você citou uma coluna aí. E agora eu escrevo na *Carta Capital*, mas é um negócio totalmente estranho, entendeu? Eu não tenho nenhum feedback. Lá, os caras são moços, estão me aceitando.

ALVARO – Você substituiu o Sócrates, não é?

AFONSINHO – É, o Sócrates faleceu, e me chamaram. E eu não tenho nenhuma avaliação, se é muito abaixo do nível da revista, se vale a pena.

ALVARO – Eu costumo ler e gosto muito.

AFONSINHO – Pois eu fico num ponto, será que eu continuo, não continuo? Pois eles continuam me pedindo. E é isso eu faço. Por que é uma revista que tem colunistas da área econômica e consciência social.

ALVARO – Afonsinho, muito obrigado mais uma vez por tudo. Foi, novamente, um grande prazer estar com você.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Afonsinho é um raro exemplo: de jogador, de cidadão e, principalmente, de ser humano. Difícil, porém, libertador escrever sobre ele.

Nunca tinha misturado experiências pessoais com um artigo. Humildade, tranquilidade e placidez são características importantes desse eterno craque.

Muito conhecido pela Lei do Passe, era uma referência futebolística e humana em um período “nebuloso” da nossa História. Se entendia ou não aquele momento não importa. É craque, médico e progressista. Uma bela história que precisa ser sempre resgatada.

Uma pessoa do bem. Um homem ético, que sabe viver intensamente suas convicções e joga muito futebol de qualidade. Obrigado, meu raro exemplo Afonsinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

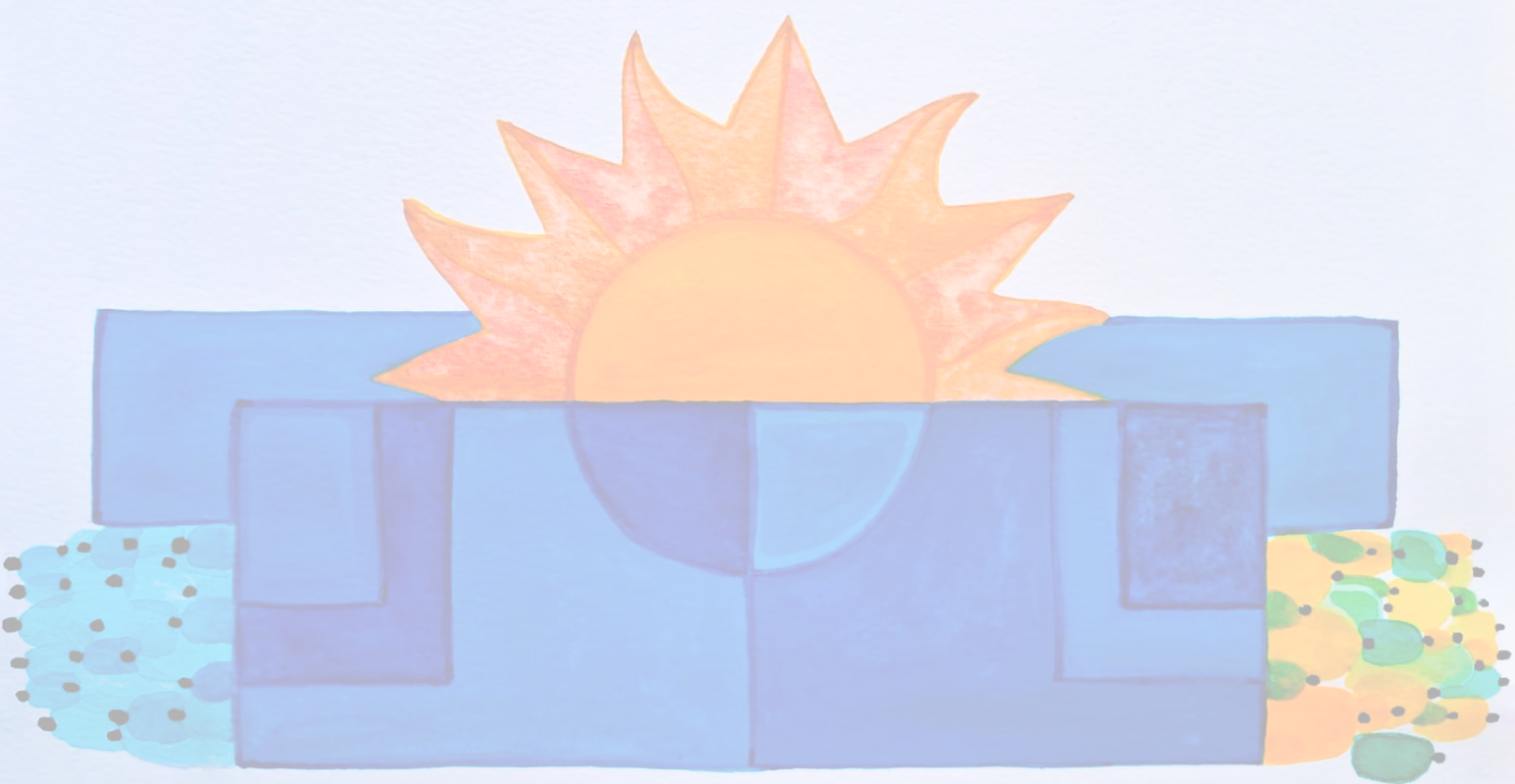
CABO, Alvaro Vicente G. T. P. do. 2018. *Argentina/78: uma copa do mundo política, popular e polêmica*. Curitiba: Appris.

COUTO, Euclides de Freitas. 2014. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Eduff.

COUTO, Euclides de Freitas. A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978). *Revista de História do Esporte*, (3)1, Rio de Janeiro jun. 2010. 22p.

PARTE III

Gênero e futebol de mulheres



CAPÍTULO 10

Mulheres e futebol no Brasil: invisibilidades e resistências históricas

Caroline Soares de Almeida

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

RESUMO

Este capítulo examina como a presença de mulheres foi, sistematicamente, invisibilizada e marginalizada ao longo do século XX. Com base na noção de “gênero da bola” (Pisani 2018), investiga-se de que maneira a participação das mulheres no universo futebolístico foi, historicamente, tratada como ilegítima. Por meio da análise de representações midiáticas e da recuperação de trajetórias silenciadas – como as de Cléo de Galsan, Carlota Rezende e Maria do Carmo –, o texto evidencia os esforços de resistência e afirmação protagonizados por elas nesse campo. Ao destacar as estratégias dessas pioneiras e os significados atribuídos às jogadoras ao longo do tempo – oscilando entre erotização, ridicularização e masculinização –, a reflexão propõe uma crítica às normas hegemônicas que definem quem pode ocupar legitimamente os espaços esportivos.

Palavras-chave: futebol feminino, Brasil, visibilidades, Cléo de Galsan, Carlota Rezende, Maria do Carmo Nóbrega

ABSTRACT

This chapter explores the systematic invisibilization and marginalization of women's presence in football throughout the 20th century. Drawing upon the concept of the “gender of the ball” (Pisani 2018), it examines how women's involvement in the football world has long been regarded as illegitimate. By analyzing media representations and recovering overlooked trajectories – such as those of Cléo de Galsan, Carlota Rezende, and Maria do Carmo – the text brings to light the forms of resistance and affirmation enacted by women in this domain. The chapter highlights the strategies employed by these pioneers and the shifting meanings attributed to female players, ranging from eroticization and ridicule to masculinization. It offers a critical reflection on the hegemonic norms that continue to shape who is deemed a legitimate participant in sporting spaces.

Keywords: women's football, Brazil, visibilities, Cléo de Galsan, Carlota Rezende, Maria do Carmo Nóbrega

INTRODUÇÃO

No debate “Como estudar temas de gênero no futebol?”, proponho uma reflexão sobre a participação das mulheres no futebol brasileiro ao longo do século XX, enfatizando os desafios enfrentados em um ambiente predominantemente masculino. O futebol brasileiro carrega uma dívida histórica com as mulheres, uma frase que deve

ser repetida incansavelmente. Embora já se tenham passado mais de quarenta anos desde a regulamentação do futebol feminino — e mais de oitenta desde a proibição inicial —, o universo do futebol ainda perpetua violências contra as mulheres: nossas opiniões são frequentemente desconsideradas, as jogadoras são mal remuneradas, as repórteres enfrentam assédio durante as transmissões, e todas estão vulneráveis a diversas formas de violência. Essa realidade é resultado de uma construção social que perpetua a ideia de que o futebol é um espaço exclusivo para homens, uma construção que a antropóloga Mariane Pisani denomina de “gênero da bola” (Pisani 2018).

Entre essas violências está a invisibilidade de mulheres brasileiras que atuaram no universo futebolístico. Ao enfatizar as histórias de vida e narrativas dessas mulheres, pretende-se destacar que, por mais que o futebol seja um fenômeno cultural permeado por pluralidades, ainda é preciso ampliar os estudos sobre suas diferentes manifestações e visibilizar a diversidade de personagens integrantes deste universo. Importante salientar que durante o século XX pouco espaço foi dado a essas personagens, cabendo à própria historiografia um papel relevante nesse apagamento.

Neste texto¹, apresento histórias de três mulheres em diferentes contextos futebolísticos, com base em registros encontrados em dois dos maiores acervos brasileiros, com os quais venho trabalhando ao longo dos últimos dez anos: a Hemeroteca da Biblioteca Nacional e o

1 Esta pesquisa foi desenvolvida com financiamento do Instituto de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT-Fut), por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Arquivo Nacional. Dada a distância temporal, é importante destacar que este levantamento apresenta lacunas e fragmentações. A narrativa aqui construída baseia-se exclusivamente nesses acervos e parte dela foi publicada no artigo “O gênero da bola: mulheres e futebol na mídia” (Rial e Almeida 2024), escrito em parceria com Carmen Rial.

UMA CRONISTA ESPORTIVA

Foi com as mulheres que o Brasil aprendeu a torcer. Brasileiras e brasileiros não são fãs, nem espectadores, são torcedoras. A palavra foi difundida por jornalistas, com flexão de gênero no feminino, ainda em meados da década de 1910 (Rial e Almeida 2024), e tornou-se sinônimo de afetos e sentimentos gerados por clubes de futebol. As jovens nas arquibancadas, torcendo lenços, luvas ou o que tivessem nas mãos, entraram para a crônica esportiva que surgia no país nesse mesmo período. Primeiro, como uma representação estética positivada - atraíam maior público para assistir às partidas e para aproveitar os flertes, como apontado pelo historiador Leonardo Pereira (2000), depois reduzidas a um mero “aspecto positivo do histerismo”, quando já não contavam com o mesmo entusiasmo, conforme lamentado por Nelson Rodrigues.

Naquele tempo tudo era diferente. Por exemplo: a torcida tinha uma ênfase, uma grandiloquência de ópera. E acontecia esta coisa sublime: quando havia um gol, as mulheres rolavam em ataques. Eis o que empobrece liricamente o futebol atual: a inexistência do histerismo feminino. Difícil, muito difícil, achar-se uma torcedora histérica (Rodrigues 1993: 12).

Aliás, também da crônica, nós fomos invisibilizadas. Sem o menor constrangimento, nos afastaram da história desse gênero literário. Haja vista Cléo de Galsan (Rial e Almeida 2024), mesmo escrevendo para a seção de esporte do jornal *A Gazeta de São Paulo* durante os anos de 1920, não fez parte da lista de cronistas do *Almanaque Esportivo* publicado, em 1928, por Thomaz Mazzoni — seu colega de redação. Dos 96 nomes que compõem essa lista, não encontramos nenhuma mulher. A cronista escolheu como pseudônimo a junção de seu nome, Maria Conceição Galvão, com o de seu marido, Leopoldo Sant’anna. Ele, presente na lista de Mazzoni.

Cléo de Galsan sustentava argumentos feministas ao advogar pelo direito das mulheres de praticar qualquer esporte, entre eles, o futebol. Afirmava: “o futebol, senhores, incompetentes, é o menos perigoso para os órgãos femininos que os movimentos executados em certas danças *rythmicas*” (Galsan 1924a: 3). Defendia que todas deveriam ter a liberdade de escolher a modalidade esportiva que lhes fosse conveniente, “de acordo com sua constituição *physica*, e também, logicamente, com seu gosto”.

O texto de Cléo foi uma resposta ao de Batepé, intitulado “O bicho de saias está se embandeirando”, no qual o também cronista d’*A Gazeta* comenta uma partida de futebol realizada na Inglaterra, em que homens e mulheres jogaram em times opostos. A desaprovação quanto à participação delas no esporte é acentuada pelo tom irônico do relato: “e o resultado da peleja foi o que seria de prever... pelos *psychologos* perspicazes: as onze amazonas venceram os onze centauros, venceram-nos redondamente, por 10 pontos a 6”

(Batepé 1924a: 3). A réplica de Cléo ocupou a edição seguinte de sua coluna: “Seria bello ver-se um grupo de guapas brasileiras vencer, por seu valor athletico, por sua força *physica*, um *seleccionado* de rapazes. É por *ahi* que começa a derrocada! (Galsan 1924b: 3)”.

O embate entre os colegas de redação ganhou fôlego e desdobrou-se em novas provocações. O futebol cedeu lugar ao boxe entre mulheres como tema das colunas (Batepé 1924b, Galsan 1924c, Rial e Almeida 2024), até que Cléo encerrou a polêmica com um argumento incisivo: “Bate o pé quanto *quizeres*... Pouco importa, pois que isto não impedirá as mulheres de levarem avante, com todas as probabilidades de *victoria*, a árdua tarefa que iniciaram com tanta dedicação e coragem a fim de quebrar os grilhões que as fazem escravas do homem” (Galsan 1924b: 3). Curiosamente, foi Batepé quem acabou eternizado no *Almanach Esportivo* de Thomaz Mazzoni (1928), como cronista do período.

O feminismo foi um ponto central nas publicações de Cléo, que, vale destacar, era irmã mais velha de Patrícia Galvão, a Pagu² (Rial e Almeida 2024). Ambas formularam críticas contundentes, em seus escritos, ao feminismo institucionalizado associado às elites. Para Cléo, a combinação entre ideias românticas e a valorização de um padrão corporal esguio e lânguido, promovido por certos segmentos do movimento, comprometia a possibilidade de uma luta igualitária entre homens e mulheres.

2 Patrícia Rehder Galvão, conhecida como Pagu, nasceu em 9 de junho de 1910, em São João da Boa Vista, São Paulo. Ela era filha de Thiers Galvão de França e de Adélia Rehder Galvão. Além de Conceição, nascida em 1903, tinha outros dois irmãos, Homero (1905) e Sidéria (1913).

Ellas [mulheres atletas] sabem que o esporte agirá forte e beneficamente sobre os seus organismos, desenvolvendo-os, dando-lhes vitalidade. Tornar-se-ão, assim, mulheres de verdade, formidáveis adversárias do sexo considerado forte, enérgicas batalhadoras pela igualdade de direitos, que saberão cumular, a par de seus ideais políticos, o de serem mães robustas, sadias, fortes, capazes de criar filhos que sejam homens de valor. (Galsan 1924b: 3)

Patrícia, por sua vez, defendia em sua coluna *A Mulher do Povo*³, no início da década de 1930, a inclusão das demandas das mulheres proletárias nas pautas feministas (Campos 1982). Outro ponto de convergência entre as irmãs é que Conceição passou a colaborar com *A Gazeta* no mesmo ano em que Patrícia iniciou suas primeiras publicações em um jornal do Brás⁴.

UMA PRESIDENTA DE CLUBE

Em 1940, durante o Estado Novo, o futebol de mulheres ganhou impulso no Rio de Janeiro, com destaque para a Zona Norte da cidade. Ao longo do ano, as partidas foram se tornando mais organizadas, e duas equipes cariocas receberam convite para uma disputa no recém-inaugurado Pacaembu⁵. Como era de se esperar, os jogos

3 Coluna assinada por Pagu no semanário *O Homem do Povo*, editado por ela e por Oswald de Andrade.

4 Bairro de São Paulo.

5 O jogo entre Cassino do Realengo e S.C. Brasileiro foi preliminar a uma dis-

entre mulheres não passaram despercebidos: a imprensa esportiva reagiu ao fenômeno, ora noticiando os confrontos, ora fazendo duras críticas (Almeida 2019, Bonfim 2019, Rial e Almeida 2024). A repercussão sobre esse evento impulsionou debates sobre a criação de uma liga na capital, e esse sucesso incomodou conservadores que viam no futebol de mulheres uma ameaça moral. Entre eles, José Fuzeira, conhecido moralista⁶ (Franzini 2005; Almeida 2019; Bonfim 2019). Logo após a divulgação da partida, ele publicou uma carta aberta ao então presidente Getúlio Vargas, pedindo a intervenção do governo diante do que chamou de “disparate sportivo⁷”. Em contraste, figuras proeminentes do futebol, como Leônidas da Silva – à época jogador do Flamengo –, demonstraram entusiasmo com o movimento: “Gostei do jogo das ‘garotas’. Até uma *bicycleta* a meia-direita do Cassino deu na minha presença, arrancando *applausos* da enorme assistência que enchia o Estádio Municipal⁸”.

puta entre São Paulo e Flamengo, pelo futebol de homens, ocorrida em 17 de maio de 1940.

6 Sabe-se que José Fuzeira, além de autor da carta aberta contrária ao futebol feminino endereçada a Getúlio Vargas, tinha acesso privilegiado à redação de jornais cariocas. Sua carta, intitulada “*Um disparate sportivo que não deve prosseguir*”, foi publicada no *Diário da Noite* (n. 3946, 7 de maio de 1940, p. 11–12). Fuzeira também escreveu textos de opinião para o jornal *A Noite*, como “*Por um discípulo de Jesus*” (n. 4279, 26 de outubro de 1923, p. 5), além de ter conseguido ali a divulgação de seu livro *Rompendo as Trevas* – obra voltada à formação moral e cristã da juventude (Almeida; Almeida 2020).

7 Fuzeira, José. “*Um disparate sportivo que não deve prosseguir*”. *Diário da Noite*, n. 3946, 07 maio 1940, p. 11–12

8 Para aplaudir as “*bicycletas*” das garotas do Primavera F. C. *Diário Carioca*, 5 de Jun. de 1940, p. 9.

É nesse contexto que surge o Primavera F.C., fundado no bairro de Pilares por Carlota Rezende. Há, até o momento, poucos registros disponíveis sobre a trajetória de sua fundadora e presidenta. Sabe-se, no entanto, que Carlota já atuava ativamente em outras equipes de futebol feminino e que era tia de três jogadoras de destaque da época: Nicéia, Salette e Aida. A estreia do Primavera mobilizou o interesse da cidade, chamando novamente a atenção de Leônidas: “estou com vontade de assistir à estreia das meninas do Primavera S.C. no campo do Parames, uma vez que o Flamengo não tem compromisso na próxima rodada. Se puder, não perderei este ensejo de ver jogar as minhas futuras rivais...⁹”.

Durante sua breve existência, o Primavera perdeu apenas um jogo. Seu bom desempenho chamou a atenção do empresário Affonso Doce¹⁰ que se dispôs a financiar uma excursão com jogos na Argentina e no Uruguai. Embora a prática de excursões internacionais fosse comum entre homens, a FIFA as desaprovava formalmente — e, no caso do futebol feminino, a proposta gerou forte reação negativa. A imprensa carioca, especialmente o jornal *O Imparcial*, liderou uma campanha difamatória (Bonfim 2019), acusando o envolvimento das jogadoras com cabarés e prostituição, com destaque para Carlota, retratada como aliciadora. Delegados de polícia do Rio de Janeiro

9 Para aplaudir as “*bicycletas*” das garotas do Primavera F. C. *Diário Carioca*, 5 de Jun. de 1940, p. 9.

10 Doce atuava há pelo menos duas décadas intermediando embates futebolísticos entre clubes do futebol de homens no Brasil, na Argentina e no Uruguai (Rocha 2019).

ro contrários à presença das mulheres no futebol, entre eles Dulcídio Gonçalves, atuaram para impedir a excursão e conseguiram barrar a viagem (Almeida 2019, Almeida 2020, Rial e Almeida 2024). No começo de 1941, Carlota foi presa acusada de lenocínio (Rial e Almeida 2024). A imprensa explorou o caso com sensacionalismo, levantando acusações morais e questionando a legitimidade do futebol feminino.

Após ser liberada pela polícia, Carlota Rezende saiu em defesa do clube que fundara. Em entrevista, atribuiu as acusações ao ressentimento provocado pelo desempenho do Primavera em campo:

Só posso atribuir a denúncia ao despeito, o “Primavera F. C” — veja bem, seu repórter, “F. C.” — apenas perdeu um jogo desde que existe. Foi o primeiro, contra outro clube local, mais treinado e mais experiente. Essa derrota inicial, porém, serviu de estímulo para as nossas pequenas que se meteram em brios e nunca mais perderam. Ora, as nossas vitórias sucessivas devem ter causado muitas mágoas e daí, talvez...¹¹

Apesar da ausência de provas concretas, como observou o colunista Ricardo Pinto no *Diário de Notícias*, os resultados da investigação nunca foram divulgados¹². A mesma imprensa, que inicialmente amplificou as denúncias sobre supostos abusos e escândalos nos bastidores do futebol feminino, optou pelo silêncio. Ainda assim, a Divisão de Theatro e Cinema, vinculada ao

11 Pinto, R. Futebol Feminino. *Diário de Notícias*: 22 de janeiro de 1941, p. 7.

12 Idem.

Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo Vargas, anunciou a censura a programas esportivos que exibissem partidas entre mulheres. A repressão culminou no fechamento da sede do Primavera por ordem policial¹³.

Concomitantemente, uma comissão vinculada ao Ministério da Educação e Saúde Pública – então sob comando do ministro Gustavo Capanema – foi instaurada com o objetivo de investigar a prática de diferentes esportes por mulheres. Justamente quando o futebol feminino começava a desenhar seus primeiros contornos rumo à profissionalização. Alguns esportes, incluindo o futebol, foram oficialmente declarados um atentado à natureza das mulheres¹⁴. As jogadoras passaram a ser classificadas como exibicionistas, degeneradas, imorais –, e o futebol, associado à prostituição. Os jogos eram descritos como fracos, desorganizados, carentes de técnica e dignos de atenção apenas sob uma ótica fetichista (Almeida 2019, Rial e Almeida 2024). Essa visão estigmatizante, construída e reforçada naquele contexto, atravessou décadas e ainda reverbera no presente, quando casos de assédio no futebol feminino rompem a barreira do silêncio e ganham espaço na mídia.

13 A censura não *aprovará* programas com partidas femininas. *O Imparcial*, 23 de janeiro de 1941, p. 15.

14 Em abril de 1941, com o Decreto-Lei nº 3.199, que criou as bases do Conselho Nacional de Desporto e regulamentou o esporte no país, foi publicado um ato que proibia às mulheres a prática de atividades físicas consideradas incompatíveis com aquilo que se chamava de “natureza da mulher” (Brasil 1941).

Com a revogação do Artigo nº 54 do Decreto-Lei nº 3.199/1941 e da Deliberação nº 7/65, que até então impediam a prática do futebol por mulheres, um novo desafio se impôs: encontrar estratégias eficazes para diferenciar o futebol feminino do futebol praticado por homens — e regulamentado pela FIFA. Embora a prática tenha sido formalmente permitida, a ausência de regulamentação específica, a proibição do uso dos estádios e a inexistência de campeonatos oficiais continuavam a restringir, significativamente, o desenvolvimento da modalidade, postergando ainda mais a profissionalização das jogadoras. Entre essas estratégias estavam a redução da duração das partidas, a realização de jogos em espaços alternativos, como campos de várzea e praias, e a apresentação das partidas femininas como “exibições”, muitas vezes realizadas como preliminares dos jogos masculinos em estádios.

A historiadora Giovana Capucim e Silva (2015, 2024) caracteriza o intervalo entre a revogação da proibição da prática esportiva por mulheres e a regulamentação oficial do futebol feminino, em 1983, como um período de clandestinidade. Em sua análise, a autora ressaltava a expressiva expansão do futebol praticado por mulheres no Recife no período, evidenciada, por exemplo, pela criação de uma coluna semanal dedicada ao tema no *Jornal do Commercio*. O *Diário de Pernambuco* — periódico mais antigo ainda em circulação no país — também dedicou atenção significativa ao futebol feminino, assumindo, em diversos momentos, um papel ativo na promoção da modalidade na capital pernambucana.

Mais do que qualquer outro fator, o protagonismo de Maria do Carmo Nóbrega, a Carminha, foi central para a projeção do futebol feminino no Recife nesse período. Idealizadora, coordenadora e relações públicas do time *Coisinha do Pai*¹⁵, Carminha não apenas articulava o funcionamento da equipe como, também, mobilizava redes de apoio locais, envolvendo, inclusive, empresários — o time era patrocinado pela marca de rum Bacardi¹⁶. Além disso, sua atuação junto ao *Diário de Pernambuco* revelou uma forma estratégica de inserção midiática: exercendo algum grau de acesso ao jornal, Carminha conseguiu emplacar matérias, notas e entrevistas que garantiram visibilidade ao time e à modalidade como um todo (Almeida, Pisani e Gomes 2024, Rial e Almeida 2024).

No início de 1980, a cidade do Recife contava com mais de 15 times formados por mulheres, alguns deles vinculados aos três grandes clubes locais – Sport, Náutico e Santa Cruz. Nesse cenário, os esforços de mediação empreendidos por Carminha foram fundamentais para a construção de um discurso público de valorização do futebol feminino, especialmente, em um contexto marcado por resistência e ausência de respaldo institucional. Ao lado de outras jogadoras e apoiadores, ela enfrentou as barreiras impostas em pelo menos duas ocasiões significativas.

A primeira delas ocorreu quando se deparou com os entraves relacionados à falta de regulamentação da prática junto à Federação

15 O nome foi uma referência à canção de Almir Serra, Jorge Cruz e Luiz Carlos Evangelista De Souza, lançada por Beth Carvalho no final de 1979.

16 Na época, a marca possuía uma fábrica no bairro do Pina no Recife.

Pernambucana de Futebol (FPF). Apesar do forte apoio da comunidade local — como aponta a própria Carminha, “os moradores do Pina, familiares e amigos, namorados, ajudam nos treinos, ensinam os passes e dribles”¹⁷ —, a realização das partidas foi dificultada pelas instâncias oficiais. “Soube pelos jornais, no dia seguinte, que a FPF não queria que o jogo fosse realizado. Queremos deixar bem claro que não estamos jogando para ganhar prêmios, mas para nos motivar e participar do esporte das multidões – um incentivo a mais ao futebol brasileiro”¹⁸, afirmou. Diante da resistência institucional, Carminha buscou esclarecimentos, diretamente, com a FPF sobre os limites e possibilidades legais para a prática: “Já nos informamos sobre a legalidade do futebol feminino e estamos cientes de que, na condição de amadoras, podemos atuar devidamente legalizadas, e nosso pensamento é nos inscrevermos na FPF”¹⁹. Sua atuação demonstra uma estratégia consciente de inserção e legitimação da modalidade dentro do sistema esportivo vigente, mesmo diante da ausência de normativas específicas.

O segundo momento ocorreu quando, diante das dificuldades em organizar campeonatos próprios e da recorrente inserção das partidas femininas como preliminares ou nos intervalos de jogos de homens, Maria do Carmo, em parceria com Ivani Barbosa, também jogadora do *Coisinha do Pai*, coordenou a criação de um grupo de trabalho voltado à realização do I Congresso de Futebol Feminino de

17 Coutinho, Valdi. “Futebol feminino no Recife pretende durar e ter sucesso”.

In: *Diário de Pernambuco*, 12 fev. 1980, p. 20.

18 Idem.

19 *Coisinha do Pai* está uma beleza. *Diário de Pernambuco*, 30 Mar. 1980, p. 35.

Pernambuco (Capucim e Silva 2015, 2024; Almeida, Pisani e Gomes 2024, Rial e Almeida 2024). A proposta buscava não apenas ampliar os espaços de diálogo sobre a prática esportiva das mulheres, mas também avançar na regulamentação do futebol feminino, de modo a adaptar a modalidade às especificidades biológicas atribuídas às mulheres, conforme era defendido à época.

Naquele momento, já existiam mais de 25 equipes de mulheres em atividade no estado, sem contar aquelas situadas no interior, ainda desconhecidas pelas organizadoras. Apesar disso, como destacou uma das participantes, “a prática do futebol feminino ainda é uma coisa clandestina, ilegal, tendo em vista uma portaria que proíbe essa atividade às mulheres”²⁰. As metas do congresso incluíam a discussão da portaria, a análise de sua possível anulação por vias institucionais, o estabelecimento de critérios para a prática da modalidade, a organização de uma estrutura administrativa e esportiva para os clubes e a criação de uma entidade legal que congregasse todas as equipes.

Na véspera do evento, o jornal *Diário de Pernambuco* anunciou²¹ com destaque a abertura do congresso, informando as presenças confirmadas do então governador Marco Maciel, do prefeito de Recife Gustavo Krause, além de autoridades da Federação Pernambucana de Futebol e representantes de clubes locais. O congresso foi realizado entre os dias 15 e 16 de dezembro, no Centro de Convenções, com

20 "Futebol feminino terá congresso em dezembro". *Diário de Pernambuco*, 5 Set. 1980, p. 21.

21 "Começa o I Congresso de Futebol Feminino". *Diário de Pernambuco*, 15 de dezembro de 1980, n. 341, p. 15.

apoio do Banco do Estado de Pernambuco (Bandepe), da Prefeitura Municipal e do próprio *Diário de Pernambuco*. No entanto, dos vinte conferencistas confirmados, apenas dois compareceram, e a adesão do público foi bastante reduzida. Ainda assim, um documento final foi elaborado e assinado pelas e pelos participantes, sendo posteriormente encaminhado ao Conselho Nacional de Desportos (CND). O descompasso entre a mobilização das organizadoras e o fraco engajamento institucional e do público foi rapidamente notado pela imprensa: no dia seguinte, o *Diário de Pernambuco* noticiou com ironia “Congresso de Futebol Feminino nem foi aberto: faltou gente”²².

A equipe *Coisinha do Pai*, por meio da liderança de Carminha, foi capaz de mobilizar, ainda que por um curto período, a pauta da regulamentação do futebol de mulheres na imprensa. Trata-se de um movimento pioneiro no cenário nacional. Para legitimar a prática, as integrantes recorreram a argumentos, historicamente, utilizados para justificar sua proibição no Brasil, como a noção de uma suposta “natureza” feminina e a necessidade de resguardar padrões morais:

Se é por causa do clima mais quente dos trópicos, vale a pena lembrar que o tempo de jogo no futebol feminino é bem menor, dá completamente para a nossa resistência, não vamos forçar, sabemos que a nossa constituição como mulheres é mais delicada e não vamos nos exceder. E, além disso, nosso estilo de jogo é mais ameno pela própria condição da mulher. [...] Não queremos jogar como homens, muito pelo contrário,

²² *Diário de Pernambuco*, 16 de dezembro de 1980, n. 342, p. 24.

demonstrar a graciosidade da mulher em campo, como ela realmente sabe jogar. As regras do jogo são as mesmas apesar de não haver a necessidade de usá-las todas, porque não somos violentas (Coutinho 1980).

Outro elemento importante na estratégia de afirmação do futebol praticado por mulheres no Recife foi a tentativa de desvinculá-lo dos movimentos feministas organizados. A esse respeito, a própria Carminha afirmava: “Não há nenhum propósito feminista, mas a ideia não pode deixar de lado tal hipótese que, se existe, é subconsciente por enquanto²³”. Em outro momento, reiterou: “nosso futebol não é um movimento feminista, é uma diversão”²⁴. Tal posicionamento revela os limites impostos às mulheres esportistas naquele período, quando a assunção de um discurso explicitamente feminista poderia significar a perda de apoios institucionais e midiáticos necessários à regulamentação da modalidade. Embora se reconhecesse que determinadas inquietações políticas pudessem estar presentes, ainda que de forma difusa, no imaginário e nas práticas das jogadoras. Apesar do esvaziamento deliberado do congresso, o evento representou uma iniciativa inaugural no processo de regulamentação do futebol feminino no país, no contexto da redemocratização pós-anistia.

23 Idem.

24 D'Oliveira. Fernanda. "Atenção galera, o Coisinha do Pai está em Campo". *Diário de Pernambuco*, 13 de julho de 1980, n. 187, p. 43.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para pensar a presença das mulheres no futebol ao longo do século XX, é fundamental considerar também as noções de clandestinidade — como propõe Giovana Capucim (2015) ao analisar as práticas de futebol feminino durante o período de proibição — e de agramaticidade, conforme refletido por Simoni Guedes, ao indicar como o futebol de mulheres segue sendo percebido como algo fora da norma, do esperado, do “gramatical” na linguagem esportiva hegemônica.

Apesar da presença constante e ativa de mulheres nos campos, nas arquibancadas e redações de jornais, desde o início, seu protagonismo foi, sistematicamente, invisibilizado. A historiografia do futebol tem sido desafiada por autoras como Simoni Guedes, Ludmila Mourão, Carmen Rial, Mariane Pisani, Soraya Barreto Januário, Silvana Goellner, Aira Bonfim e Giovana Capucim, entre outras, que têm contribuído para dar luz a essas trajetórias silenciadas. Neste contexto, o esforço de figuras como Cléo de Galsan, Carlota Rezende e Maria do Carmo foi absolutamente central. Dar visibilidade a essas mulheres nos obriga a reconhecer que o futebol feminino brasileiro é também resultante de suas trajetórias de resistência e coragem — mesmo quando fora da gramática dominante do esporte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Caroline Soares. 2013. *Boas de bola: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol durante a década de 1980 no Esporte Clube*

Radar. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina.

ALMEIDA, Caroline Soares. 2019. “Mulheres futebolistas: Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro”. *Lusotopie*, 18: 95-118.

ALMEIDA, Caroline S., Mariane S. Pisani e Maria C. S. Gomes. 2024. Do futebol clandestino à resistência: a luta de mulheres para a prática do futebol no Recife. In: Ribeiro, Raphael R., E. Spaggiari e Caroline S. Almeida (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio. 179-217.

ALMEIDA, Caroline S. e Thaís R. Almeida. 2020. “Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?: Histórias do futebol de mulheres no Brasil”. *ICSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 31: 168-191.

BATEPÉ. 1924a. “O ‘bicho’ de saia está se ‘embandeirando’.” *A Gazeta*, 5468: 3.

BATEPÉ. 1924b. “Frágil sexo”. *A Gazeta*, 5493: 3.

BONFIM, Aira F. 2019. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: Uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação (Mestrado em História), Fundação Getúlio Vargas.

BRASIL. 1941. *Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país*. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>.

CAMPOS, Augusto de. 1982. *Patrícia Galvão – Pagu: vida e obra*. São Paulo: Brasiliense.

CAPUCIM E SILVA, Giovana. 2015. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: Entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo.

CAPUCIM E SILVA, Giovana. 2024. *Futebol: substantivo masculino – disputas acerca do futebol de mulheres nas imprensas de Rio de Janeiro e Recife durante sua interdição (1941-1983)*. 2025. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

COUTINHO, Valdi. 1980. “Futebol feminino em Pernambuco pretende durar e ter sucesso”. *Diário de Pernambuco*, 42: 20.

D’OLIVEIRA, Fernanda. 1980. “Atenção, galera, o Coisinha do Pai está em campo”. *Diário de Pernambuco*, 187: 43.

ELSEY, Brenda e Joshua H. Nadel. 2019. *Futbolera: A history of women and sports in Latin America*. Austin: University of Texas Press.

FRANZINI, Fábio. 2005. “Futebol é coisa para macho? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. *Revista Brasileira de História*, 50: 315-328.

GALSAN, Cléo. 1924a. “A mulher e o esporte: o futebol feminino é o jogo recomendado à mocidade feminina”. *A Gazeta (SP)*, 5481b: 3.

GALSAN, Cléo. 1924b. “As melindrosas e o ... esporte”. *A Gazeta (SP)*, 5488: 3.

GALSAN, Cléo. 1924c. “Frágil sexo”. *A Gazeta (SP)*, 5487: 3.

GOELLNER, Silvana. 2015. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. *Revista Brasileira de Educação Física*, 19: 143-151.

MAZZONI, Thomaz. 1928. “Nossos chronistas”. In: *Almanach Esportivo*, 283-297. São Paulo.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. 2000. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

PISANI, Mariane. 2018. *Sou feita de chuva, sol e barro: O futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo.

RIAL, Carmen e Caroline Soares de Almeida. 2024. “O ‘gênero da bola’: Mulheres e futebol na mídia”. *Revista ALCEU*, (24)52: 84-119.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamarqui Soares Porto. 2019. *A dança das cadeiras: A eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)*. PhD diss., Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, Nelson. 1993. “Flamengo sessentão”. In: Castro, Ruy (org). *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras.

CAPÍTULO 11

Picaditos Etnográficos para reflexionar: disputas y conciliaciones en el fútbol femenino en Uruguay

María Pía Echenique Marrero

Universidad de la República, Uruguay

Martina Pastorino Barcia

Universidad de la República, Uruguay

RESUMEN

Picaditos Etnográficos es un proyecto de extensión universitaria que desde 2019 se ha propuesto la tarea de acercar las discusiones del proceso de profesionalización del fútbol femenino a las discusiones teóricas en el ámbito académico sobre el deporte, la cultura y la sociedad. Esto nos ha llevado a enfrentar una serie de discusiones, pero también nos ha definido, invitándonos a pensar nuevas aristas, a entrelazar problemas y diagramar soluciones. Nos ha obligado a ejercitar el diálogo social en el sentido más amplio, escuchando, escribiendo, registrando. En este trabajo ensayístico presentamos algunas de las discusiones que hemos enfrentado en estos años, desde la caracterización de la situación actual de las mujeres que juegan al fútbol en Uruguay, las brechas de género que hay hoy

en el fútbol uruguayo, hasta pensar los vínculos entre colectivos organizados feministas en Uruguay y colectivos de jugadoras. Dicho de otra forma, se busca responder a cómo se vinculan hoy el fútbol, los feminismos y la academia en nuestro país.

Palabras clave: fútbol, mujeres, etnografía, feminismo

ABSTRACT

‘Picaditos Etnográficos’ is a university social project, born in 2019, and its purpose is to bring the discussions of the professionalisation process of women's football closer to the theoretical discussions in the academic sphere on sport, culture and society. This has led us to confront a series of discussions, but it has also marked out the field, inviting us to think about new aspects, to interweave problems and diagram solutions. It has forced us to exercise social dialogue in the broadest sense, to listen, to write, to record. In this essay we present some of the discussions we have faced in these years, starting from the characterisation of the current situation of women who play football in Uruguay, the gender gaps that exist today in Uruguayan football, to thinking about the links between organised feminist collectives in Uruguay, and the collectives of women players, or in other words, how are football, feminism and academia linked today in our country?

Keywords: football, women, ethnography, feminism

INTRODUCCIÓN

EL FÚTBOL A LA URUGUAYA

El fútbol en Uruguay tiene una estructura claramente reconocible como patriarcal¹, con jerarquías que operan según normas tradicionalistas de clase y género. En otras palabras, el fútbol en Uruguay es gerenciado por los varones de las clases pudientes de este país, aunque cotidianamente pueda ser observado como un espectáculo popular que pone en escena un acto ficcionado en el que parece que las clases sociales, las jerarquías y las desigualdades desaparecen. Esta puesta en escena está muy bien cuidada para generar ese efecto difusor de las fragmentaciones sociales y eso se logra, en gran parte, por el modo en que se registra y relata el fútbol a nivel mediático:

El fútbol reúne, en este cuadro, varias condiciones fundamentales: su historia [...] su vinculación con una fundación nacional; su epicidad, su dramaticidad; su calidez, su desborde. Así se transforma en la mejor mercancía de la industria cultural. Y en particular, una mercancía drásticamente despolitizada, porque resiste a pie firme todo intento en ese sentido. Narra la nación como un repertorio

1 Aunque seguramente nuestro país no sea una excepción en el escenario mundial, nos limitaremos a comentar nuestra realidad, más allá de reconocer que hay mucho por aprender de los aportes de colegas de la región para pensar los casos concretos.

de consumos, no como un conjunto de determinaciones ni estructuras; como estilos expresivos, como elecciones estéticas, como afirmaciones pasionales; pero nunca, jamás, como un conflicto de dominación que no se reduce al resultado de un partido (Alabarces 2021, 12-13).

Es así que de forma muy meticulosa se ha ido consolidando la idea de que el Uruguay es un país futbolero y como respuesta a ello es posible relatar la historia nacional y los principales rasgos identitarios uruguayos a partir de los hitos del fútbol masculino (Pastorino 2021). Enfocando en el proceso de las disputas sociales, los conflictos de clase y particularmente los de género, se construye una especie de amalgama cultural, en la que parecería posible describir el “ser uruguayo” a partir de los relatos sobre el fútbol, deporte que practican y dirigen los hombres. El fútbol como metonimia de la identidad (Alabarces 2021), en este caso rioplatense, es el que segrega a mujeres y disidencias, es el que reafirma historias épicas, construye héroes ficticios y utiliza metáforas de guerra, reproduciendo y produciendo ideas sobre lo masculino (Pastorino 2021). En este contexto nos hemos preguntado una y otra vez, ¿cuáles son las relaciones entre el fútbol y las masculinidades? ¿cómo se vinculan las identidades del fútbol con las masculinidades? (Alsina 2022). Porque parece ser que el relato futbolístico responde a la construcción de ciertas masculinidades como modelo de referencia social. El fútbol, principal colaborador en el proceso de construcción identitaria nacional, se destaca con los relatos de lo heroico, los triunfos, los enfrentamientos épicos con cuadros de gigantes. Se trata de un relato construido por varones y para varones.

Es en este contexto nacional que cuando las mujeres empiezan a exigir un lugar para jugar a la pelota, aparecen los conflictos. Porque de alguna manera, cuando las mujeres juegan al fútbol sucede algo que de pronto tensiona un sistema que venía funcionando bajo ciertas reglas. Un sistema que venía siendo dominado por el mundo masculino, sus estructuras y normas, con su sistema de mitos y creencias. Cuando las niñas, adolescentes y mujeres empiezan a decir que quieren, pueden y deben jugar al fútbol, y se lanzan a ocupar espacios hasta ahora reservados para los varones, se ponen en tensión las tradiciones, los relatos sobre la identidad nacional y por qué no, la propia historia nacional. Esto pone al descubierto faltas y fallas en el modo en que hemos ido aprendiendo sobre nuestro país. Por ejemplo, el primer torneo de cuadros de fútbol femenino organizado por la AUF² se realizó en 1996, más de 90 años después de haberse organizado el homónimo para varones. ¿Esto significa que durante esas décadas no había mujeres que quisieran jugar al fútbol a nivel federativo? ¿Dónde estuvieron las jugadoras todo ese tiempo? ¿No había técnicas, juezas, periodistas? La respuesta a esas preguntas es casi una obviedad. Pero nos interesa poner el foco en intentar entender cuáles fueron, entonces, las razones de que durante tanto tiempo las mujeres estuvieran distanciadas de las canchas, cuáles fueron los límites que se les impusieron y cómo fueron influyendo para crear la posibilidad de integrarse a la práctica del fútbol en todos sus niveles. Es por esto que resultó —y sigue resultando—

2 Asociación Uruguaya de Fútbol

una preocupación central buscar respuestas, y con esas respuestas construir los relatos que faltan, rescatar las voces que se han callado durante tanto tiempo, hacer visible lo invisibilizado.

PICADITOS ETNOGRÁFICOS

Es así que nace Picaditos Etnográficos, un proyecto de extensión universitaria que, desde 2019, se ha propuesto la innovadora y desafiante tarea de acercar las discusiones del proceso de profesionalización del fútbol femenino a las discusiones teóricas en el ámbito académico sobre el deporte, la cultura y la sociedad. Esto ha llevado a enfrentar una serie de discusiones, pero también ha definido marcos, invitándonos a pensar nuevas aristas, entrelazar problemas y diagramar soluciones. Ha obligado a ejercitar el diálogo social en el sentido más amplio, escuchando, escribiendo, registrando. En este camino hemos logrado sistematizar algunos aportes teóricos concretos difundidos en diferentes espacios: en artículos de revistas académicas, en la prensa escrita, en medios radiales, en eventos con organizaciones sociales, en eventos académicos, e incluso en la propuesta de redacción de un libro sobre el proyecto. En esta instancia nos hemos permitido escribir, en formato ensayístico, algunas de las principales ideas que nacen del trabajo colaborativo y sostenido de Picaditos Etnográficos. Reflexiones que surgen de una preocupación inicial: la falta de relatos sobre el fútbol que juegan las mujeres y sus puntos de vista. Luego también se han ido entrelazando con otras venideras: el lugar de las mujeres en el deporte, la relación

entre fútbol e identidad nacional en Uruguay, el impacto de los relatos futbolísticos en nuestro país, la caracterización de la situación actual del fútbol femenino en Uruguay, el reconocimiento de las movilizaciones de jugadoras organizadas y, más recientemente, el vínculo entre el fútbol femenino y el feminismo como una tarea que nos convoca a seguir pensando la trama actual. Lejos de pretender establecer aquí reflexiones concluyentes, este texto sólo se propone dejar presentadas estas ideas que tienen por propósito seguir ampliando y profundizando el debate.

EL FÚTBOL FEMENINO EN URUGUAY

Pensar la historia del fútbol practicado por mujeres, en general, resulta un ejercicio minucioso, de búsqueda, construcción, reconstrucción, pero que es fundamental para comprender el recorrido histórico de las mujeres en el deporte y especialmente, para dar cuenta de un vínculo que existió pero que siempre ha sido negado y/u olvidado por las narrativas oficiales. Entre las coberturas mediáticas casi nulas, la censura de ciertos discursos y la escasez de archivos, documentos y relatos, la tarea se vuelve un desafío, como expresan Elsey y Nadel (2021), "La atención desigual que el deporte femenino ha recibido en la prensa hace que la búsqueda de su historia, y la creación de narrativas coherentes al respecto, sea similar a buscar una aguja en un pajar." A pesar de que en la última década, exista un mayor número de investigaciones y producciones orientadas a iluminar parte del vínculo histórico de las mujeres con

el fútbol en Latinoamérica, aún queda camino por recorrer y en nuestro país esta deuda permanece todavía sin saldarse.

En Uruguay, el fútbol practicado por mujeres tuvo su primer encuentro oficial³ en 1996, disputándose en 1997 el primer campeonato organizado por la AUF. Sin embargo, se reconoce que en 1970 se fundó la Asociación Amateur de Fútbol Femenino, encabezada por Zulma Palavecino —dirigente de Nacional—, disputando en 1971 el primer torneo, ganado precisamente por Nacional durante 4 años consecutivos (Rodríguez 2021). A pesar de ello, reconstruir qué ocurrió en las décadas anteriores en nuestro territorio, indagar cómo las mujeres jugaban al fútbol, dónde lo hacían y cómo se organizaban para hacerlo, es todavía un pendiente. Principalmente cuando se sabe que en la región, en países como Argentina, Brasil y Chile, algunas mujeres ya jugaban al fútbol en las primeras décadas del siglo XX, comenzando casi simultáneamente al fútbol masculino (Else y Nadel 2021).

En Uruguay, el fútbol federado está actualmente regido por una red de tres instituciones principales, la Organización Nacional de Fútbol Infantil (ONFI), la Asociación Uruguaya de Fútbol (AUF) y la Organización de Fútbol del Interior. La AUF regula la competencia de mayores, primera y segunda división, y las juveniles sub 19, sub 16 y sub 14 —en el territorio metropolitano—; mientras que la ONFI regula los campeonatos de sub 13 y sub 11. En la última década, la

3 Se trata del primer partido organizado por el ente regulador del fútbol en Uruguay: la AUF.

formación de categorías femeninas en los clubes y las competencias institucionalizadas han crecido rápidamente, con un aumento exponencial de niñas y mujeres que practican fútbol y/o demandan espacios para hacerlo. Esto se vio favorecido por un marco social local y regional particular, con diversas y multitudinarias movilizaciones de mujeres en América Latina —la viralización de la consigna #NiUnaMenos en 2015, el Primer Paro Internacional de Mujeres en 2017, las concentraciones masivas en los 8M, el movimiento de La Marea Verde y su lucha por la legalización del aborto, para nombrar algunas— que fueron poniendo en la discusión pública a las mujeres y construyendo escenarios favorables para la disputa de discursos históricamente sedimentados.

Al mismo tiempo, durante el 2018, la Conmebol promovió un conjunto de políticas que obligaba a los clubes a ir dándole espacio al fútbol femenino en sus instituciones: inicialmente con la creación de la categoría femenina y posteriormente, con el desarrollo de formativas y juveniles. Esto permitió, en la última década, que el fútbol femenino federado se expandiese en el país, consolidándose, además del campeonato de Primera División —en 2016 se suma la Segunda División—, los de categorías juveniles. En estos últimos años es innegable que el desarrollo del fútbol femenino en Uruguay ha dado un salto cualitativo y cuantitativo, sobre todo a partir de un contexto regional en el que las discusiones se han centrado en la profesionalización de esta práctica. También contribuyeron para este desarrollo algunos acontecimientos locales como: la celebración

de los primeros contratos⁴ en 2020 por parte del Club Nacional de Fútbol; el primer acuerdo para la televisación por parte de la AUF por medio de una plataforma propia en 2021 —a pesar de que los acuerdos por los derechos de imagen de las jugadoras aún hoy permanecen en discusión— y su posterior difusión por canales de televisión abierta y la organización de las jugadoras en movilizaciones que reivindicaban mejoras en las condiciones de prácticas y competencias.

En 2023 se destaca el primer paro en la historia del fútbol femenino de nuestro país —por tiempo indefinido—, en reclamo ante la medida impuesta por la AUF de jugar sin público (Burgell 2023). Un mes después se reunieron más de 300 jugadoras representantes de todos los clubes en la Mutual Uruguay de Futbolistas Profesionales —MUFP—, y leyeron a viva voz una proclama que establecía las condiciones que entendían que era necesario que les fueran aseguradas para el digno desarrollo de su práctica. En estos años, las luchas han estado marcadas por mejoras, tanto en las condiciones para el desarrollo de las prácticas, como en la organización de las competencias por parte de las instituciones. A pesar de ello, el carácter de nuestro fútbol continúa siendo amateur: un gran número de jugadoras perciben viáticos por parte de los clubes, pero no se registran contratos de trabajo. Las diferencias estructurales entre los clubes generan condiciones de prácticas dispares para las jugadoras repercutiendo directamente en la competencia. Por último, la

4 Contratos no profesionales: ya que no hay un estatuto de futbolistas mujeres que regule el ingreso, mientras que no alcanza el mínimo exigido por el estatuto de jugadores.

falta de organización de la AUF en la promoción de un campeonato competitivo —esto es, planificado—, conspiran contra el desarrollo, la difusión y la atracción de la disciplina. También son adversos los largos periodos de inactividad⁵, la incertidumbre año a año sobre el calendario de competencias y la escasa difusión de los espectáculos en las redes oficiales, entre otras.

¿CÓMO PENSAR EL FÚTBOL FEMENINO EN LA UNIVERSIDAD Y POR QUÉ HACERLO DESDE LA EXTENSIÓN?

Picaditos Etnográficos es un Espacio de Formación Integral (EFI) que se inscribe en el grupo de Estudios Sociales y Culturales sobre Deporte (GESOCUDE) del Instituto Superior de Educación Física (ISEF). Este proyecto surge a finales de 2018 a partir de un grupo de estudiantes y jugadoras del equipo de fútbol 11 de ISEF, que competían en el campeonato de Bienestar Universitario⁶. Las jugadoras comenzaron a reconocer organizaciones dispares en el mismo campeonato universitario respecto a sus homólogos masculinos: canchas desiguales para un campeonato y otro, premiaciones diferentes, coberturas nulas para el femenino y otras desigualdades que se sucedían partido tras partido. Pero principalmente identificaron que no conocían otra forma de jugar al fútbol que no fuera como varones: se nombraban como varones, festejaban como varones, intentaban jugar como ellos

5 En esta edición 2025 la primera división comenzará sus actividades el 26 y 27 de abril, tras más de 4 meses de finalización del campeonato anterior.

6 Único campeonato de fútbol 11 amateur en Montevideo que nuclea mujeres.

y además eran dirigidas por varones —cuerpo técnico y árbitros—. ¿Cómo podrían jugar si pocas veces habían visto y escuchado en televisiones y radios, en periódicos y redes sociales, a mujeres jugando, comentando, escribiendo, dirigiendo, hinchando, trabajando en el fútbol? En definitiva, pararse en una cancha siendo mujeres es enfrentarse a una historia de invisibilización, desplazamientos y violencias. Es hacerse presente en un escenario históricamente conservador y machista y reconocer en la dimensión deportiva una cultura patriarcal fuertemente instalada que excluye y violenta.

En 2018 encontrábamos una reducida producción académica sobre el campo del deporte femenino en nuestro país y sobre el fútbol en particular y con una producción más avanzada a nivel regional pero que partía de miradas masculinizantes donde las propias protagonistas permanecían invisibilizadas en sus relatos (Hang e Hijós 2018). Desde sus orígenes, el fútbol se ha constituido en un espacio reservado por y para varones, un espacio para su uso casi exclusivo en el que se producen, reproducen y legitiman las identidades masculinas dominantes y donde, consecuentemente, “esta condición masculina también se aplica a la construcción de narrativas, relatos e identidades nacionales” (Garton e Hijós 2017, 40). Así, en términos generales, uno de los objetivos de Picaditos ha sido ir al encuentro de las propias protagonistas para comprender cómo construyen sus experiencias como jugadoras: dialogar y construir nuevas narrativas sobre el fútbol y, concretamente, sobre el fútbol practicado por mujeres y disidencias. Se elaboran estas narrativas como alternativa a las del deporte massmediático y hegemónico,

esto es: masculino, binario y heteronormativo. Es por esto y con una preocupación por escuchar, relatar y visibilizar las historias de mujeres y otras identidades en el fútbol de Uruguay, que este proyecto se ha propuesto profundizar en la reflexión sobre la producción de identidades hegemónicas y disidentes en el fútbol, en particular las que subyacen a las relaciones de género y a las formas en que las lógicas del poder aseguradas por dicho sistema patriarcal y heteronormativo configuran ciertos discursos que legitiman y normalizan las prácticas. Se busca, entonces, problematizar el fútbol como un espacio donde históricamente han aparecido resistencias y luchas sociales: ya sea por mejoras en las condiciones de práctica/trabajo o reclamando formas alternativas de configurar el fútbol a nivel mundial, intentando discutir sobre las dicotomías que define el binarismo estructural del deporte, donde los equipos masculinos hegemónicos tienden a ocupar un espacio privilegiado de poder y obturan, de distintas formas, el acceso democrático a los ámbitos donde se practica/entrena/enseña/organiza el fútbol (Alsina et al. 2021).

En este escenario surgió la necesidad de construir un dispositivo de investigación que no nos desplazara del campo en el que históricamente las mujeres habían estado excluidas. Un dispositivo que permitiera ir al encuentro de otras mujeres, niñas y adolescentes que jugaban al fútbol; de rever sus historias, sus representaciones y sus motivaciones, y de reconstruir una memoria que las mostraba inexistentes en los relatos del fútbol de nuestro país. Se buscaba construir narrativas que surgiesen de la alteridad, del cuerpo a cuerpo, del relato y del intercambio. Y escuchándolas

analizar: qué es para ellas el fútbol, cómo es ser una mujer que juega al fútbol, cuáles son sus luchas, sus resistencias, cómo se construye performativamente una jugadora de fútbol. Dejar atrás aquel fútbol cargado de relatos heroicos masculinos y sustituirlo por uno propio, develar las configuraciones identitarias que se constituyen en estos espacios e intentar fortalecer nuestras propias experiencias y saberes en el diálogo con otros cuerpos, otras historias y otros relatos. Así, teniendo como referencia trabajos y producciones académicas que se habían propuesto investigar el campo de los estudios sociales del deporte desde la etnografía —Bruno Mora (2018); Gabriela Garton (2019); Nemesia Hijós (2019); Gastón Gil (2019); Juan Branz (2015); Verónica Moreira (2007); José Garriga Zucal (2007); entre otros— tomamos la decisión metodológica de adentrarnos en este campo. Fueron incorporadas algunas herramientas etnográficas de forma colectiva, entendiendo que “reconocer la reflexividad propia cuando se encuentra con otras reflexividades en el campo, ayuda, en suma, a entender que las ‘técnicas etnográficas’ son contexto-dependientes y en sí mismas el camino de la investigación” (Fasano, en Guber et al. 2014, 64). Entonces, la herramienta de trabajo que se configuró parte de una reflexión sobre la etnografía como metodología que nos permite analizar de forma profunda y en primera persona los procesos identitarios del fútbol practicado por mujeres y disidencias, nos acerca a los actores principales de este deporte: quienes juegan al fútbol. En este proyecto, dentro de las diferentes técnicas que componen un trabajo de campo etnográfico, utilizamos dos: la observación participante y la escritura o textualización etnográfica

(Cardoso de Oliveira 1996). Esta decisión metodológica, parte de entender y pensar la extensión universitaria como un espacio clave para fomentar procesos de diálogo, reflexión y transformación. Así, entendemos la extensión como:

El conjunto de actividades de colaboración entre actores universitarios y no universitarios, en formas tales que todos los actores involucrados aportan sus respectivos saberes y aprenden en un proceso interactivo orientado a la expansión de la cultura y a la utilización socialmente valiosa del conocimiento con prioridad a los sectores más postergados (Arocena 2011, 11).

Por ello, para realizar prácticas extensionistas es necesario generar espacios donde se conjuguen y dialoguen los saberes con producciones teóricas que propongan pensar un deporte a partir de estudios sociales y culturales, esto es, analizarlo como un deporte crítico y feminista, un fútbol con perspectiva de género que analice las violencias y las desigualdades, dialogando con los discursos cotidianos que emergen y acontecen allí donde se organiza y se produce el fútbol, en los clubes, los barrios, las plazas, las escuelas. Concretamente, comprender los significados que las y los propios actores elaboran y le atribuyen al deporte como espacio privilegiado en la estructuración de identidades, que permita el intercambio y la formación, pero también la disputa y la transformación de algunos sentidos:

Dar visibilidad a las desigualdades estructurales del fútbol en nuestro país (en particular desigualdades de género y clase), pero también a los procesos de configuración identitaria

de esta práctica y a la consolidación de proyectos barriales, sociales y clubísticos para ofrecer más y mejores espacios de práctica del fútbol para niñas, mujeres y adolescentes, implica que estos temas sean constantemente revisados, intercambiados e interpelados con quienes protagonizan estos proyectos, pero, además, y fundamentalmente, con quienes ponen el cuerpo en la cancha: las jugadoras. (Alsina et al. 2021, 127)

Así nacen los Picaditos Etnográficos. El proyecto se estructura a partir del encuentro con distintos equipos de fútbol. Un picadito es un partido de fútbol, es un encuentro entre el equipo invitado y el de estudiantes y docentes del ISEF y se conforma además por un tercer tiempo, un espacio de reflexión/taller en el que se discute y dialoga sobre temáticas actuales que rodean al fútbol y que interesan particularmente en la formación/discusión de los diferentes actores. El picadito es el dispositivo de investigación donde estudiantes y docentes participan y observan —observan y participan—, juegan y se involucran, dialogan, comparten, se conmueven y se dejan afectar: “la ‘participación’ pone el énfasis en la experiencia vivida por el investigador apuntando su objetivo de ‘estar adentro’ de la sociedad estudiada” (Guber 2011, 55). De estas observaciones y registros surge el cuaderno de campo, que posteriormente, a partir del trabajo en clase, la puesta en común y la reflexión conjunta se transforma en un relato, una forma de narrativa particular: a veces en cuentos o crónicas, a veces en formatos más teóricos reflexivos. Estos relatos pretenden poner en juego y en tensión las teorías de las

y los estudiantes, las jugadoras del proyecto y las de los jugadores y jugadoras que participan en cada picadito. Develar nuestras propias creencias y cuestionarlas, mirar con ojos extraños todo lo que sucede en ese recinto: códigos, vestimentas, usos del cuerpo y del lenguaje, emociones y sueños, motivaciones, ilusiones, violencias, desigualdades, rupturas y saberes. Pero también ir al encuentro de las otras, a visibilizar los espacios de prácticas locales y barriales, a escuchar qué sucede y cómo se vive —se construye— el fútbol; a reflexionar y pensar sobre las problemáticas actuales del fútbol en nuestro país, particularmente el de las mujeres, para reconfigurar juntas un fútbol que no deje en *off side* a nadie: “Que nunca se acaben las ganas de jugarse un picadito, que el fútbol nos dé eso, las ganas. Porque el resto, como todo, se construye” (Entrevistada 2, comunicación personal, 2019).

En estos años de construcción y proyección del EFI los encuentros han estado marcados por su heterogeneidad, se han realizado más de 20 picaditos en los diferentes territorios de Montevideo y Maldonado. Nos hemos encontrado a jugar y a pensar con niños/as, adolescentes, mujeres universitarias, mujeres privadas de libertad, varones disidentes y hegemónicos, jugadoras de fútbol y académicos/as. Hemos recorrido centros y organizaciones sociales y comunitarias, clubes de fútbol y equipos amateurs, unidades penitenciarias, centros académicos, instituciones departamentales, etc⁷.

7 Algunos de ellos: Fútbol 11 Udelar, Club Atlético Progreso, SACUDE, Instituto Nacional de Inclusión Social Adolescente (INISA), Instituto Nacional de Rehabilitación Unidad N° 5 Colón, Club Ituzaingó, Centro Comunitario Bella Italia,

Como parte de este largo proceso de trabajo, nos hemos encontrado debatiendo e intercambiando sobre diferentes aspectos que hacen a la práctica del fútbol femenino en Uruguay. O dicho de otra forma, nos hemos encontrado intentando comprender y describir los aspectos que impactan en la vida de las mujeres que deciden jugar al fútbol o trabajar con este deporte (como entrenadoras, juezas, preparadoras físicas, periodistas, etc.) y en este camino intentar dar explicaciones o buscar respuestas a interrogantes. Además de caracterizar en términos descriptivos el número de jugadoras, la situación contractual y la estructura organizativa, hemos ahondado también en la cuestión del lugar de las mujeres en el deporte, y eso indefectiblemente nos ha llevado a hacernos preguntas sensibles a las cuestiones de género, estructurales y simbólicas. Para ello, echar mano a las teorías feministas se volvió una condición obligatoria.

Las lecturas de las feministas clásicas al principio, y luego el acercamiento a teorías más recientes, incluso a trabajos regionales que abordan la cuestión del fútbol femenino, nos permitieron abrir el panorama de la discusión. Y ahí la primera pregunta que surgió

Centro Universitario Regional Este (CURE), Ellas Juegan, Mutual Uruguayaya de Futbolistas Profesionales (MUFP); Uruguay Celeste Deporte y Diversidad (UCDD), Plan Nacional de Educación en Cárceles del Ministerio de Educación y Cultura (PNEC-MEC), Club Gardel, Club Colón de San Carlos, Club San Martín, Club Piriápolis, entre otros.

fue ¿qué tiene el feminismo para aportarle al fútbol femenino? ¿qué podemos aprender de este movimiento? Esa es una pregunta que poco a poco se ha ido respondiendo lo que puede observarse en la literatura actual (Rial 2013; Hang e Hijós 2018; Garton 2019; Nadel 2021)⁸ . Sin embargo, lo interesante para pensar el caso particular uruguayo es la distancia entre los procesos de los colectivos feministas y el fútbol femenino. Mientras que en Argentina y Brasil, los movimientos de jugadoras estuvieron y están asociados a referencias políticas feministas (como política de visibilización o incluso como herramientas de acción social), el caso uruguayo es muy distinto. Por un lado, está claro que el auge de la práctica de mujeres en el fútbol, la organización de jugadoras y la movilización para reclamar por desigualdades coincide con un momento muy fermental del feminismo en Uruguay y el mundo, con avances claros en la agenda de derechos y la puesta en el centro del debate social de una sensibilidad más o menos feminista que, si bien lucha constantemente con los discursos reaccionarios conservadores, ha ganado lugares y sentidos claves para el cambio social. Sin embargo, estos dos procesos han sucedido casi de forma paralela. Es decir, las mujeres organizadas del fútbol en su mayoría se reúnen en torno a la Mutual Uruguay de Futbolistas Profesionales (creando un

8 Nombramos apenas algunas referencias posibles de la vasta producción de conocimiento de Argentina y Brasil sobre fútbol femenino. Hoy la lista es extensa y variada, dando cuenta del impacto de este fenómeno en el mundo académico. Algo que resulta mucho menos voluminoso (incluso en términos relativos) para el caso uruguayo.

Departamento de Fútbol Femenino), en organizaciones asociadas a clubes de fútbol (organizaciones de hinchas o comisiones de género de los clubes), o en organizaciones sociales espontáneas como en el caso del proyecto #EllasJuegan (Figueiredo 2018) y, más recientemente, el del colectivo Refuleras. Pero ninguno de estos colectivos pareciera tener vínculos específicos con organizaciones políticas y colectivos feministas del Uruguay.

Si bien este ensayo no pretende hacer una revisión histórica y política de fútbol femenino —tarea de investigación que aún queda pendiente— nos parece interesante ir dejando algunas reflexiones que surgieron de nuestra proximidad con los colectivos de jugadoras y, por lo tanto, con el proceso de profesionalización del fútbol femenino. Una tiene que ver con este vínculo poco resuelto entre fútbol y feminismo, e incluso entre fútbol femenino y academia. Ana Laura Di Giorgi (2020) ha trabajado en la caracterización del movimiento feminista en Uruguay y, en particular, con su vínculo con los movimientos políticos de izquierda. Aquí seguramente encontremos algunas respuestas sobre cómo está configurado el mapa de colectivos feministas en Uruguay y su caracterización a partir de los avances en términos sociales y políticos. A modo de hipótesis, sostendremos aquí dos posibles formas de explicar las distancias de los feminismos con el fútbol: una tiene que ver con el entendimiento histórico del fútbol como un bastión del patriarcado, ocupado por varones que ostentan y reproducen masculinidades hegemónicas. Por ello se da la imposibilidad o falta de interés en disputar un espacio que desde su origen parecería no ofrecer alternativas de transformación. La segunda tiene que ver con cómo es

el vínculo entre el fútbol y la academia. Como se ha dicho, el fútbol llega a estudiarse como fenómeno social de forma tardía en relación a otros fenómenos sociales, y este distanciamiento se explica por el carácter popular de esta práctica y así se da la imposibilidad durante décadas de pensarlo como un objeto de la ciencia social (Alabarces 2021). Los colectivos feministas en Uruguay, tienen una tradición de vincularse con los movimientos de izquierda, pero particularmente con determinado grupo intelectual asociado al ámbito universitario. Esto, que también podría explicar cierto distanciamiento entre la academia y el fútbol, podría también explicar cómo los movimientos feministas no han visto en el fútbol femenino su potencialidad como lugar de lucha.

Con apenas dos hipótesis formuladas, dentro de otras tantas posibles, dejamos aquí sentadas las bases para continuar profundizando en la relación del feminismo y el fútbol en Uruguay. Se busca con esto seguir incentivando el debate e las investigaciones que puedan refutar o reafirmar lo expuesto.

Ahora bien, otra pregunta que vale la pena hacernos es ¿por qué es necesario pensar sobre la relación fútbol-feminismo y academia? Y una pregunta que nos hemos planteado permanentemente en este tiempo de trabajo es ¿por qué las jugadoras deberían sentirse identificadas con ciertas ideas feministas? Por supuesto que ninguna de estas dos preguntas tiene respuestas únicas ni mucho menos sencillas. Lo que es cierto aquí, y cabe analizar en la historia de las organizaciones feministas en el mundo, es que el resultado de la problematización, la visibilización y la lucha organizada produce transformaciones sociales y conquistas sustanciales en pos de la equidad de género.

Por más conservador y mercantil que pueda resultar el ámbito de fútbol hoy, ¿no podría el feminismo ofrecernos respuestas sobre cómo transformar la matriz histórica del deporte? No solo por sus ideas sino también por sus modos de acción, porque predica, sustancialmente, la organización solidaria entre mujeres. Es decir, debemos adoptar una perspectiva ante este conflicto social, que suscite una sensibilidad para leer cómo se producen las desigualdades y las violencias y realizar una búsqueda incansable de hacer las cosas de una forma distinta. Pero debemos cuidar que, en el afán por conseguir y consagrar derechos, no estemos imitando ciertos modelos de funcionamiento del fútbol que son machistas. Y eso es lo que hoy se están proponiendo las jugadoras organizadas en el Uruguay, prefigurar un fútbol distinto, uno más justo, con menos violencia y discriminación.

Hay mucho que aprender del feminismo en el fútbol. Sin embargo, también cabe la pregunta ¿cuánto puede aportar el fútbol femenino al feminismo? Con su proceso de organización y visibilización, con la acción colectiva de mujeres jugando juntas y ocupando un lugar históricamente masculino, como ejemplos de lucha, como ejemplos de disputa. Seguiremos trabajando a partir de estas respuestas para afianzar aún más los vínculos entre fútbol, feminismos y academia.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABARCES, Pablo. 2021. Fútbol y patria: *El fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. N.p.: Amazon Digital Services LLC - KDP Print US.

ALSINA, Diego. 2022. “Varones estudiando varones. La etnografía como acto político.” *Narrativas Antropológicas* 3 (6): 17-28.

<https://revistas.inah.gob.mx/index.php/narrativasantropologicas/article/view/18028>

ALSINA, Diego, M. Echenique, M. Pastorino, L. Ruibal y F. Weinstein. 2021. “Picaditos etnográficos: relatos sobre un fútbol disidente en Uruguay”. En: *Extensión en el ISEF hoy. Entre la acción y la reflexión*. Compilado por Leticia Folgar y Camilo Ríos. Universidad de la República.

AROCENA, Ricardo. 2011. “Curricularización de la extensión: ¿por qué, cuál, cómo?” En R. Arocena et. al., *Cuadernos de Extensión N.º 1. Integralidad: tensiones y perspectivas*. Montevideo: CSEAM.

BRANZ, Juan. 2018. Machos de verdad: masculinidades, deporte y clase en Argentina: una etnografía sobre hombres de sectores dominantes que juegan al rugby. Malisia.

BURGELL, Jorge. 2023. “Las futbolistas exigieron igualdad de oportunidades y mejores condiciones para el fútbol femenino”. *La Diaria*, 4 de julio. <https://ladiaria.com.uy/usuarios/entrar/?article=109048>

OLIVEIRA, R. Cardoso de. 1996. El trabajo antropológico: mirar, escuchar, escribir. *Revista de Antropología*, 39(1), 13-37.

DI GIORGI, Ana Laura. 2020. *Historia de un amor no correspondido: feminismo e izquierda en los 80*. N.p.: Sujetos Editores.

FIGUEIREDO, Tiago. 2018. O Futebol Feminino No Campo Esportivo. En: Mora, Bruno. *DEPORTE Y SOCIEDAD: Encontrando el futuro de*

los estudios sociales y culturales sobre Deporte. Universidad de la República. Montevideo, Uruguay.

GARTON, Gabriela. 2019. Guerreras: fútbol, mujeres y poder. Buenos Aires: Capital Intelectual.

GARTON, Gabriela y Nemesia Hijos. 2017. "Fit girls". Corporalidad, identidad y género en las representaciones de mujeres futbolistas." Bajo Palabra. Revista de Filosofía. Año 2, n° 16. Madrid, 2017.

GARRIGA, José. 2007. "Entre piñas, piedrazos y patadas". Prácticas violentas y mecanismos de identidad de una hinchada de fútbol. Tesis doctoral. Universidad de Buenos Aires Facultad de Filosofía y Letras.

GUBER, Rosana. 2011. *La etnografía: método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Siglo XXI.

GUBER, Rosana; et. al. 2014. Prácticas etnográficas. Ejercicios de reflexividad de antropólogas en campo. Buenos Aires: Miño y Dávila.

GIL, Gastón. 2019. "Corredores y consumidores. Identidad y estética en el running en la Argentina contemporánea". *Cultura y representaciones sociales*, 14(27), 411-439. <https://doi.org/10.28965/2019-27-13>.

HANG, Julia; y Nemesia Hijós. 2018. "Ese juego que las hace felices". *Revista Anfibia*. <http://revistaanfibia.com/ensayo/juego-que-las-hace-felices/>.

HIJÓS, Nemesia. 2019. "La carrera de los runners: una etnografía en Nike+ Run Club de Buenos Aires". Tesis para optar por el título de Magíster en Antropología Social. Universidad de San Martín. Buenos Aires, Argentina.

MORA, Bruno. 2018. “De ir a cazar dragones te salen escamas. Estudio etnográfico sobre la producción de ethos en los clubes de la pelea”. Tesis de Maestría en Ciencias Humanas, opción: Antropología de la Cuenca del Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República. Montevideo, Uruguay.

MOREIRA, Verónica. 2007. “Etnografía sobre el honor y la violencia de una hinchada de fútbol en Argentina”. *Revista Austral de Ciencias Sociales*, 13, 5-20, 2007. <https://perio.unlp.edu.ar/catedras/mis/wp-content/uploads/sites/126/2020/04/P.3-Moreira-V.-Etnografia-sobre-el-honor-y-la-violencia.pdf>.

NADEL, Joshua H. y Brenda J. Elsey. 2021. *Futbolera: Historia de la mujer y el deporte en América Latina*. Chile: Ediciones UC. <https://ebooks.bookshop.com.uy/reader/futbolera-historia-de-la-mujer-y-el-deporte-en-america-latina?location=eyJjaGFwdGVySHJlZiI6ImFncmEueGh0bWwiLCJjZmkiOiIvNFtGVVRCT0xFUkEtZXB1Yl0vMltfaWRDb250YWluZXIwMjddLzE4LzM6NDMxIn0=>.

PASTORINO, Martina. 2021. “Futbolistas, la patria o la tumba.” *Cuadernos Del Claeh* 40 (114): 149-163. <https://doi.org/10.29192/claeh.40.2.10>.

RODRÍGUEZ, Fiorella. 2021. “Con María Ivone Mattos, jugadora de fútbol en los años 70.” *La Diaria*, 25 de marzo <https://ladiaria.com.uy/deporte/articulo/2021/3/con-maria-ivone-mattos-jugadora-de-futbol-en-los-anos-70/>.

RIAL, Carmen. 2013. “El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil.” *Nueva Sociedad* noviembre-diciembre (248): 114-124. www.nuso.org.

POSFÁCIO

Futebol, gênero e resistência: apontamentos desde Brasil e Uruguai

Mariane da Silva Pisani

Universidade Federal do Piauí, Brasil

Entre os dias 12 e 14 de outubro de 2024, realizou-se na Universidad de la República (Udelar), em Montevidéu, Uruguai, o *I Coloquio Internacional Ciencias Sociales y Fútbol*, que tinha como objetivo consolidar uma rede latino-americana de pesquisadoras e pesquisadores comprometidos com abordagens críticas e situadas sobre o futebol. Foi nesse contexto que se realizou a mesa-redonda *¿Cómo estudiar temas de género en el fútbol?*, que dá origem aos textos apresentados e escritos por Caroline Soares de Almeida (UFPE) e por María Pía Echenique Marrero e Martina Pastorino Barcia (Udelar).

Ambos os textos abordam a presença das mulheres no futebol — no Brasil e no Uruguai — mostrando como esta modalidade configura um campo de disputa simbólica e material, com as atletas enfrentando os silêncios impostos por uma longa história de exclusões, desigualdades e apagamentos. Ainda que se inscrevam em contextos nacionais distintos, as autoras partem de um mesmo ponto: o futebol tem operado como um dos mais potentes dispositivos de reprodução da ordem sexista na América Latina.

No capítulo *“Mulheres e futebol no Brasil: invisibilidades e resistências históricas”*, Caroline Soares de Almeida realiza um exercício de reconstrução da história do futebol de mulheres no Brasil, resgatando trajetórias esquecidas ou deliberadamente apagadas pela historiografia esportiva. Por meio das figuras de Cléo de Galsan, Carlota Rezende e Maria do Carmo Nóbrega, a autora revela como o futebol feminino brasileiro foi atravessado por censuras, moralismos e perseguições; mas também por práticas de resistência e estratégias de visibilidade. A autora ancora-se na noção de “gênero da bola” (Pisani, 2018), evidenciando como, mesmo em contextos de repressão, as mulheres brasileiras encontraram formas de disputar os sentidos do futebol e de afirmar sua legitimidade nos campos e nas arquibancadas.

Já no texto *“Picaditos etnográficos para reflexionar: disputas y conciliaciones en el fútbol femenino en Uruguay”*, María Pía Echenique Marrero e Martina Pastorino Barcia partem da experiência extensionista, desenvolvida junto ao projeto Picaditos Etnográficos, para refletir sobre o lugar do futebol feminino no Uruguai contemporâneo. O capítulo possui formato ensaístico e performativo, incorporando elementos de pesquisa participante, etnografia colaborativa e intervenção pedagógica. As autoras denunciam a persistência de estruturas profundamente hierárquicas no futebol uruguaio — regido por lógicas masculinas e elitistas — e indagam sobre a forma como o futebol tem sido utilizado para narrar uma identidade nacional excludente, centrada em mitos heroicos e viris. O futebol feminino aparece como potência crítica, afinal, ao entrar em campo, as

mulheres uruguaiaias não apenas reivindicam seu direito ao jogo, mas questionam os próprios fundamentos sobre os quais o futebol — e a nação — tem sido construído.

Pretendo, nesta apresentação, estabelecer algumas conexões entre os textos reunidos neste livro e minha experiência etnográfica junto ao coletivo *La Nuestra Fútbol Feminista*, na Argentina, vivida entre abril de 2024 e março de 2025. Ainda que situados em contextos distintos e mobilizando diferentes estratégias — reconstrução historiográfica, intervenção pedagógica e descrição etnográfica —, os capítulos de Caroline Soares de Almeida, María Pía Echenique Marrero e Martina Pastorino Barcia compartilham com a minha própria experiência etnográfica um mesmo horizonte político: o reconhecimento do futebol como campo de disputa simbólica, material e territorial, no qual mulheres e dissidências de gênero constroem formas de resistência frente às exclusões históricas que marcam o universo esportivo na América Latina.

No dia 21 de agosto, na Argentina, comemora-se o Dia Nacional da Futebolista. A data é um convite para celebrar e para resgatar a memória sobre uma partida disputada em 1971, na Copa do Mundo Feminina – campeonato não oficial da Fifa. Nesse dia, as argentinas golearam as inglesas por 4×1, e, ao final da competição, chegaram ao quarto lugar. Essa data, mais do que resgatar a memória de um momento histórico, nos convida a refletir sobre o que significa ser jogadora de futebol em um mundo onde o futebol ainda é marcado por desigualdades de gênero. Mais do que um esporte, para nossas *hermanas argentinas*, o futebol tornou-se um espaço de resistência,

de luta por autonomia e de reconhecimento. Foi nesse contexto que, ao longo do ano de 2024, durante minhas vivências na Argentina, pude enxergar o futebol para além da competição, como uma prática feminista, coletiva e profundamente política.

O *La Nuestra Fútbol Feminista* nasceu no ano de 2006, na Villa 31, uma comunidade popular localizada na cidade de Buenos Aires, com o objetivo de criar um espaço de lazer para meninas e adolescentes do bairro. Em 2007, a treinadora Mónica Santino assumiu o comando do projeto, que começou com apenas oito jogadoras na Cancha Güemes, um espaço, historicamente, dominado por homens. Com o tempo, o número de participantes cresceu, e outras treinadoras, como Juliana Román Lozano, passaram a integrar a iniciativa. Hoje, *La Nuestra* já impactou mais de 400 mulheres e conta com uma equipe técnica formada por mais de dez profissionais. Mónica Santino compartilhou um pouco das experiências iniciais com *La Nuestra Fútbol Feminista*:

Acho que há algo que acontece nos bairros na Argentina que tem a ver, em primeiro lugar, com o espaço. As pessoas vivem em locais muito pequenos, muitas vezes em condições de superlotação, com oito ou dez pessoas dividindo um único cômodo. Nessa realidade, os espaços públicos por excelência são os campos de futebol, que permanecem intocados, pois, mesmo diante da necessidade urgente de moradia, ninguém vai construir uma casa no meio de um campo. Atualmente, Villa 31 tem cerca de 10 ou 12 campos de futebol espalhados por sua extensão. Isso mostra a importância do futebol para

nós. Portanto, pensar que um fenômeno cultural de tamanha relevância, como é o futebol, exclui mulheres e diversidades LGBTQ+ é extremamente problemático. Assim, o primeiro grande passo para o empoderamento que demos foi dizer: “Bem, este campo, neste horário, duas vezes por semana, será para as meninas”. E assim elas começaram a chegar. Ocupar esse espaço foi algo central para nós. A luta foi direta, sempre seguindo os códigos da Villa 31. Houve um momento em que, ao levantarmos os olhos, percebemos que éramos todas mulheres. Esse foi o marco fundacional do projeto. (Mónica Santino, 11 de fevereiro de 2025)

Ao longo de todo ano de 2024 e parte de 2025, acompanhei de perto os trabalhos desenvolvidos pelas integrantes do *La Nuestra Fútbol Feminista*. Pude vivenciar treinos e jogos, momentos de celebração — como, por exemplo, a comemoração dos 17 anos do projeto —, momentos de formação das atletas, lançamento de livros sobre futebol feminino na Cancha Güemes. A partir da convivência com elas, pude perceber que as integrantes do *La Nuestra* reafirmam, cotidianamente, o futebol feminista como uma postura política, um campo de disputa que não pode ser separado da luta por direitos humanos mais amplos. Assim, ao longo da prática esportiva, elas fomentam estratégias de resistência diante do atual cenário argentino; questionam as relações patriarcais com clubes e instituições esportivas — indagando se é possível dialogar com essas estruturas ou se o rompimento é a melhor saída; debatem a urgência de construir uma agenda coletiva feminista dentro do futebol;

estimulam o cuidado coletivo e as redes de apoio entre elas como parte fundamental da militância feminista, garantindo assim que nenhuma companheira fique pelo caminho.

Não podemos mais chamar de futebol feminino, nem de futebol de mulheres. Precisávamos reconhecer todas as outras identidades [de gênero e LGBT+] e nomear esse processo de transformação vivido pelas meninas da Villa 31 e por todas as pessoas que vêm jogar conosco. Sentimos que essa mudança era uma adequação ao tempo e, também, uma forma de dar nome ao nosso trabalho e conquistas. (Mónica Santino, 11 de fevereiro de 2025)¹

A mobilização em redes sociais também é uma estratégia adotada pelas integrantes do La Nuestra, apontada como ferramenta essencial de visibilidade e pressão contra as violências. Ao perguntar o que representava a ideia de um futebol feminista, Mónica respondeu:

O futebol sempre teve uma identidade masculina muito forte, protagonizado por homens. Logo, a ideia de que podemos jogá-lo, organizá-lo, dirigi-lo e conduzi-lo é fundamental. Podemos assumir todos os papéis possíveis dentro do futebol: a direção técnica, a gestão de um clube, a carreira de uma jogadora. Mas tudo isso com um olhar e uma construção própria. Mesmo que o caminho nos leve também a fazer do

1 Agradeço, imensamente, à companheira Verónica Moreira que conduziu, junto comigo, a entrevista com Mónica Santino.

futebol um espetáculo, como acontece com os homens, partimos de outra concepção e construímos a partir de outro lugar. Agora nos atacam de todas as formas, nos tratam como se fôssemos uma seita. Em vez de dizer feminismo, falam em ideologia de gênero. Quando ouço uma companheira dizendo “ideologia de gênero”, penso: não! Esse é o discurso da extrema direita e do fundamentalismo evangélico. Somos feminismo, não somos ideologia de gênero. Chamar de futebol feminista representa toda essa transformação. Não é um capricho, não significa que vamos jogar sem camisa ou que todas vamos usar camisetas verdes². Nada disso. Trata-se de tomar um direito e torná-lo nosso. Quando dizemos futebol feminista, acho que é exatamente sobre isso que estamos falando. (Mónica Santino, 11 de fevereiro de 2025)

Mais do que um espaço de lazer, o futebol feminista, para essas mulheres, é um instrumento de transformação social e política, um lugar de resistência frente ao machismo, ao sexismo, às violências LGBTfóbicas e ao neoliberalismo que insistem em permear o universo do futebol.

O futebol feminista, como o praticado pelo *La Nuestra Fútbol Feminista*, transcende a esfera esportiva e firma-se como uma ferramenta política de resistência. Ele não apenas desafia a exclusão histórica das mulheres e pessoas LGBTQ+ dos gramados, mas também

2 Uma alusão aos lenços verdes, símbolo do movimento feminista argentino pela descriminalização do aborto.

propõe uma nova forma de viver e construir o esporte, baseada na solidariedade, na coletividade, na autonomia e na luta por direitos.

A experiência do *La Nuestra* na Villa 31 evidencia como a ocupação dos espaços públicos e a criação de redes de apoio podem transformar vidas, fortalecendo a ação feminista dentro do futebol. No atual cenário argentino, marcado por retrocessos e ataques às conquistas dos movimentos sociais, a mobilização dessas jogadoras torna-se ainda mais essencial. O que *La Nuestra* nos ensina é que o futebol feminista não é apenas sobre jogar — é sobre disputar territórios, afirmar existências e construir um futuro em que todas/todos/todes possam estar, resistir e jogar em igualdade.

Assim, ao articular os textos reunidos neste livro, com minha experiência etnográfica junto ao *La Nuestra Fútbol Feminista*, é possível reafirmar o futebol como uma prática profundamente política, que atravessa corpos, territórios e afetos. Embora distintos em formato, linguagem e metodologia, os textos de Caroline Soares de Almeida, María Pía Echenique Marrero e Martina Pastorino Barcia convergem em múltiplos pontos: ambos partem de uma crítica à historiografia oficial do futebol e seus respectivos países; ambos apostam na reconstrução de trajetórias invisibilizadas de jogadoras; ambos defendem que o futebol pode ser espaço de invenção política, formação crítica e produção de alteridade. Essa convergência não é casual, mas resultado de processos de pesquisa comprometidos com a transformação social e com a centralidade das experiências das mulheres e corpos dissidentes no campo futebolístico. Dessa forma, mais do que contribuir para o campo dos estudos esportivos, os textos são convites para pensar o futebol como local de luta.

Minha vivência com o coletivo *La Nuestra Fútbol Feminista*, em Buenos Aires, permite reconhecer na prática muitos dos elementos teóricos e políticos mobilizados pelos textos. A ocupação dos campos, a construção de redes de cuidado, os enfrentamentos cotidianos a instituições esportivas marcadas por lógicas patriarcais e elitistas, tudo isso se traduz em uma prática de resistência que transcende o futebol como mero jogo ou espetáculo. Assim como as autoras dos capítulos apresentados, pude testemunhar como o futebol pode tornar-se espaço de elaboração coletiva de sentidos, de fortalecimento de vínculos comunitários e de disputa por direitos em contextos de crise e retrocesso político.

Em tempos de avanço de projetos conservadores na América Latina, os estudos aqui apresentados — no Brasil, no Uruguai e na Argentina — não se limitam a contribuir para o campo acadêmico dos estudos esportivos, eles funcionam como ferramentas de intervenção e denúncia. Reafirmam que pensar gênero no futebol não é um detalhe, nem um tema periférico, mas um eixo central para compreender as disputas contemporâneas por reconhecimento, autonomia e justiça social. Que os textos de Caroline, María Pía e Martina inspirem pesquisadoras(es), militantes, atletas e docentes a seguirem construindo pontes entre campos que, historicamente, foram mantidos separados: futebol e mulheres. E que possamos seguir, desde diferentes localidades — geográficas, políticas, epistemológicas —, afirmando o futebol como um território legítimo de luta, memória e transformação.

Os autores/participantes do I Coloquio Internacional Ciencias Sociales y Fútbol – Intercambio y Perspectivas Sudamericanas

CARMEN RIAL

Profesora de la Universidad Federal de Santa Catarina e investigadora del CNPq. Dirige el Centro de Antropología Visual/Grupo de Investigación de Antropología Urbana (NAVI/GAUM). Fue presidente del Consejo Mundial de Asociaciones Antropológicas (WCAA), de la Asociación Brasileña de Antropología (ABA). Su trabajo se centra en los temas del deporte, el fútbol, la migración transnacional, el género y la globalización cultural. Coordina INCT Fútbol.

Professora da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadora do CNPq. Dirige o Núcleo de Antropologia Visual/Grupo de Pesquisa em Antropologia Urbana (NAVI/GAUM). Foi presidente do Conselho Mundial de Associações Antropológicas (WCAA) e da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Seu trabalho se concentra em esporte, futebol, migração transnacional, gênero e globalização cultural. Coordena o INCT Futebol.

ARNALDO GOMENSORO

Profesor de Educación Física, por ISEF (1968). Titular de “Historia de la Educación Física, el Deporte y la Recreación” de la Licenciatura en Educación Física, Facultad de Educación, Universidad de la Empresa, Montevideo. Titular de “Historia y Desarrollo del Deporte” en la Tecnicatura en Gestión de Instituciones Deportivas y Titular de seminario “Trabajo Final” en la Especialización en Dirección Estratégica del Deporte. Facultad de la Cultura Universidad CLAEH. Integrante del Grupo de Estudio del Fútbol Uruguayo. Centro de

Estudios Interdisciplinarios. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Udelar. Asesor de la Presidencia de la Comisión de Deporte y Juventud de la Cámara de Senadores.

Professor de Educação Física, ISEF (1968). Titular do programa de "História da Educação Física, Esporte e Recreação" na licenciatura em Educação Física, Faculdade de Educação, Universidad de la Empresa, Montevideu. Titular de "História e Desenvolvimento do Esporte" no Programa Técnico em Gestão de Instituições Esportivas e do seminário de "Projeto Final" na Especialização em Gestão Estratégica do Esporte. Faculdade de Cultura, Universidade CLAEH. Membro do Grupo de Estudos do Futebol Uruguaio, Centro de Estudos Interdisciplinares, Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação, Udelar. Assessor da Presidência da Comissão de Esportes e Juventude da Câmara do Senado.

GASTÓN LABORIDO

Profesor de Historia de enseñanza media –Uruguay (DGES). Profesor de Historia del Deporte, Ed. Física y Recreación (IUACJ). Integrante del Grupo de Estudios de Fútbol del Uruguay (GREFU-Udelar). Maestrando en Ciencias Humanas, opción Historia Rioplatense, en Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FHCE-Udelar), Uruguay.

Professor de História do Ensino Médio – Uruguai (DGES). Professor de História do Esporte, Educação Física e Recreação (IUACJ). Membro do Grupo de Estudos do Futebol Uruguaio (GREFU-Udelar). Mestrando em Ciências Humanas, com ênfase em História do River Plate, na Faculdade de Ciências Humanas e da Educação (FHCE-Udelar), Uruguai.

FRANCISCO MANUEL DE JESUS PINHEIRO

Profesor do Centro de Estudios Interdisciplinarios de la Universidad de Coímbra. Investigador asistente en CEIS20 – Centro de Estudios Interdisciplinarios de la Universidad de Coímbra. Doctor en Historia (2010), Máster en Estudios Históricos Europeos, Licenciado en Periodismo Internacional y Licenciado en Comunicación Social.

Doctora y becaria postdoctoral de la FCT. Autor de una vasta obra dedicada a la historia del deporte, el fútbol y la prensa deportiva, con énfasis en “A Paixão do Povo – História do Futebol em Portugal e História da Imprensa Desportiva em Portugal”.

Professor no Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra. Assistente de investigação no CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra. Doutor em História (2010), mestre em Estudos Históricos Europeus, licenciado em Jornalismo Internacional e licenciado em Comunicação Social. Doutor e bolseiro de pós-doutoramento na FCT (Federação Espanhola de Futebol). É autor de uma vasta obra dedicada à história do desporto, do futebol e da imprensa desportiva, com destaque para "A Paixão do Povo – História do Futebol em Portugal e História da Imprensa Desportiva em Portugal".

DIEGO ALSINA

Doutorando em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas, Brasil. Magister en educación física por la Universidad de la República (Udelar), Uruguay. Es docente asistente del Instituto Superior de Educación Física – Udelar (ISEF Udelar), actuando en el núcleo temático Deporte, Cultura y Sociedad del departamento académico educación física y deportes de ISEF Udelar. Investigador del Grupo de Estudios Sociales y Culturales sobre Deporte (GESOCUDE) del ISEF Udelar.

Doutorando em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas, Brasil. Mestre em Educação Física pela Universidade da República (Udelar), Uruguai. É assistente de ensino no Instituto Superior de Educação Física – Udelar (ISEF Udelar), atuando no núcleo de Esporte, Cultura e Sociedade do departamento académico de Educação Física e Esporte do ISEF Udelar. É pesquisador do Grupo de Estudos Sociais e Culturais do Esporte (GESOCUDE) do ISEF Udelar.

LIBER BENÍTEZ

Doutorando em Educação Física pela Universidade Nacional de La Plata, Argentina. Magister en derechos de infancia y políticas públicas por la Universidad de la República (Udelar). Profesor

Adjunto del Instituto Superior de Educación Física - Udelar (ISEF Udelar), actuando en el núcleo temático Deporte, Cultura y Sociedad del departamento académico educación física y deportes de ISEF Udelar. Responsable del Grupo de Estudios Sociales y Culturales sobre Deporte (GESOCUDE) del ISEF Udelar. Director de la línea Deporte y políticas (GESOCUDE) ISEF Udelar.

Doutorando em Educação Física pela Universidade Nacional de La Plata, Argentina. Mestre em Direitos da Criança e Políticas Públicas pela Universidade da República (Udelar). Professor Adjunto do Instituto Superior de Educação Física - Udelar (ISEF Udelar), atuando no núcleo temático Esporte, Cultura e Sociedade do departamento acadêmico de Educação Física e Esporte do ISEF Udelar. Chefe do Grupo de Estudos Sociais e Culturais sobre Esporte (GESOCUDE) do ISEF Udelar. Diretor do programa de Esporte e Políticas (GESOCUDE) do ISEF Udelar.

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ

Doctorado en la Leibniz Universität Hannover, Alemania, y es profesor titular de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC), donde trabaja en el Programa de Posgrado en Educación y en el Programa de Posgrado Interdisciplinario en Ciencias Humanas. En la UFSC dirige el Nucleo de Estudios e Investigaciones para la Educación y la Sociedad Contemporánea (NEPESC). Es investigador del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq) y columnista del portal Ludopédio (ludopedio.org.br).

Doutor pela Universidade Leibniz de Hannover, Alemanha, é professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Na UFSC, dirige o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC). É pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e colunista do site Ludopédio (ludopedio.org.br).

IGOR MARTINACHE

Doctorado en Ciencias Políticas por la Universidad de Lille (Francia) y profesor asociado de la Universidad de París-Nanterre (Francia), donde coordina el programa de maestría para profesores de educación física y deporte. Su investigación se centra en la politización de las actividades físicas y deportivas, especialmente el fútbol.

Doutor em Ciência Política pela Universidade de Lille (França), é professor associado da Universidade Paris-Nanterre (França), onde coordena o Programa de mestrado para professores de educação física e esporte. Sua pesquisa se concentra na politização das atividades físicas e esportivas, especialmente o futebol.

FÁBIO MACHADO PINTO

Profesor Titular de la Escuela de Educación Física y Fisioterapia de la Universidad Federal de Pelotas. Maestría y Doctorado en Ciencias de la Educación por la Universidad Saint-Denis/Paris 8. Máster en Sociología por la Universidad de Lisboa. Postdoctorado en Ciencias Humanas por la UFSC y Postdoctorado en Educación por la UFPel. Profesor del Programa de Postgrado en Educación de la UFSC. Nucleo de Estudios e Investigaciones en Educación y Sociedad Contemporánea (NEPESC). Investigador del INCT Fútbol. Coordinador del Proyecto InterPeriferias del Fútbol (ESEF/UFPel).

Professor titular da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Pelotas. Mestre e doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Saint-Denis/Paris 8. Mestre em Sociologia pela Universidade de Lisboa. Pós-doutorado em Ciências Humanas pela UFSC e Pós-doutorado em Educação pela UFPel. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC). Pesquisador do INCT Futebol. Coordenador do Projeto Interperiferias do Futebol (ESEF/UFPel).

GABRIEL DE LEÃO CALDART

Escritor, poeta, trabajador social, estudiante de maestría en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal

de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Becario del Departamento de Deporte, Cultura y Ocio (DECL) de SECARTE/UFSC, investiga y trabaja con fútbol comunitario y movimientos sociales en el campo y en la ciudad.

Escritor, poeta, assistente social e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Bolsista do Departamento de Esporte, Cultura e Lazer (DECL) da SECARTE/UFSC, pesquisa e atua com futebol comunitário e movimentos sociais no campo e na cidade.

ARI LAZZAROTTI FILHO

Profesor asociado de la Universidad Federal de Goiás y profesor colaborador de la Universidad de Brasilia. Doctorado en Educación Física por la Universidad Federal de Santa Catarina (2011) y pasantía Post Doctoral en la Universidad Libre de Bolsano - Italia. Es editor de la Revista Brasileña de Ciencias del Deporte, miembro del Comité de Ética en Investigación con Humanos de la UFG. Es Miembro Investigador del INCT Fútbol.

Professor associado da Universidade Federal de Goiás e professor colaborador da Universidade de Brasília. Doutor em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011) e com estágio de pós-doutorado na Universidade Livre de Bolsano, Itália. É editor da Revista Brasileira de Ciências do Esporte e membro do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFG. É pesquisador do INCT Futebol.

VERÓNICA MOREIRA

Doctorado en Ciencias Sociales por la Universidad de Buenos Aires. Investigador del CONICET y del Instituto de Investigaciones Gino Germani (FSOC-UBA). Docente de la materia Cultura Popular y Cultura de Masas (FSOC-UBA). Autora del libro Clubes argentinos: debates sobre un modelo, con Rodrigo Daskal. Coordinadora del GT Deporte, Cultura y Sociedad del Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). Universidad de Buenos Aires, Conicet.

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires. Pesquisadora do CONICET (Conselho Nacional de Ciências Sociais) e do Instituto de Pesquisa Gino Germani (FSOC-UBA). Professora de Cultura Popular e Cultura de Massa (FSOC-UBA). Autora do livro "Clubes Argentinos: Debates sobre um Modelo", com Rodrigo Daskal. Coordenadora do Grupo de Trabalho sobre Esporte, Cultura e Sociedade do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Universidade de Buenos Aires, CONICET (Conselho Nacional de Ciências Sociais).

LUIZ CARLOS RIGO

Futbolista Varzeano; Profesor de la Universidad Federal de Pelotas. Coordinador de la Línea Várzea y Fútbol Comunitario del INCT Fútbol. Licenciado y magíster en Educación Física por la Universidad Federal de Santa María; Doctor en Educación por la Universidad Estadual de Campinas (UNICAMP); Doctorado en Educación por la Universidad de Barcelona; Postdoctorado en el Programa Interdisciplinario en Ciencias Humanas de la UFSC.

Jogador de futebol varzeano; Professor da Universidade Federal de Pelotas. Coordenador da Linha da Várzea e do Futebol Comunitário do INCT Futebol. Possui graduação e mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria; Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Doutorado em Educação pela Universidade de Barcelona; e Pós-doutorado no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC.

LUCIANO JAHNECKA

Profesor Adjunto del Centro Universitario Regional Noreste, Universidad de la República, Uruguay e Investigador de la ANII. Responsable Académico del Polo de Desarrollo Universitario, Educación Física, Calidad de Vida y Salud y del Laboratorio Interdisciplinario de Estudios sobre Prácticas Corporales, Lúdicas, Deportivas, Ambientales y Alimentarias (LINTER) y participante del Espacio de Formación Integral "Prácticas Corporales en Clave de Integralidad" (EFIPCI). Doctor en Ciencias Humanas por la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC).

Professor Adjunto do Centro Universitário Regional Nordeste da Universidade da República, Uruguai, e Pesquisador da ANII. Responsável Acadêmico do Pólo de Desenvolvimento Universitário, Educação Física, Qualidade de Vida e Saúde e do Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre Práticas Corporais, Recreativas, Esportivas, Ambientais e Nutricionais (LINTER), e participante do Espaço Integral de Formação "Práticas Corporais em Chave de Integralidade" (EFIPCI). Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

LEONARDO COSTA DA CUNHA

Profesor del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Rio Grande do Sul – IFRS Campus Rio Grande. Investigador colaborador del INCT Fútbol. Doctor en Educación Física por la Universidad Federal de Pelotas.

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS Campus Rio Grande. Pesquisador colaborador do INCT Futebol. Doutor em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas.

ALVARO VICENTE CABO

Doctor en Historia Comparada por el PPGHC/UFRJ y profesor de la UCAM en los programas de Derecho e Historia. Profesor suplente en el programa de Comunicación Social de la UERJ. 2009. Máster en Comunicación Social por el PPGCOM-UERJ. Tiene experiencia en Historia, Comunicación, Derecho y Sociología, con énfasis en Historia de América, Historia Contemporánea y Relaciones Internacionales, disciplina en la que se especializa, y en investigación académica sobre deportes. Autor del libro Argentina 78 – Un Mundial Político, Popular y Controvertido (2018), de varios artículos académicos y organizador del libro "Mundiales. Comunicación e Identidad Cultural en el País del Fútbol" (EDUERJ-2014). Miembro de los grupos de investigación Deporte/UFRJ y LEME/UERJ.

Doutor em História Comparada PPGHC/UFRJ e docente da UCAM nos cursos de Direito e História. Professor substituto no curso de Comunicação Social UERJ. 2009. Mestre em Comunicação Social no PPGCOM- UERJ. Tem experiência nas áreas de História, Comunicação, Direito e Sociologia com ênfase em História da América, Contemporânea e Relações Internacionais, disciplina na qual possui Especialização e em pesquisas acadêmicas sobre esporte. Autor da obra *Argentina 78 - Uma Copa do Mundo política, popular e polêmica* (2018), de diversos artigos acadêmicos e organizador do livro *"Copas do Mundo. Comunicação e Identidade Cultural no país do futebol"* (EDUERJ-2014). Membro dos grupos de pesquisa Sport/UFRJ e LEME/UERJ.

CAROLINE SOARES DE ALMEIDA

Doctora en Antropología Social por la Universidad Federal de Santa Catarina. Es subcoordinadora del Núcleo de Antropología y Estudios de la Imagen Audiovisual (NAVI/UFSC), actuando principalmente en las áreas de deporte, globalización y género. Actualmente es estudiante de posdoctorado en el Programa de Posgrado en Antropología de la Universidad Federal de Pernambuco, trabajando en los temas de consumo y sostenibilidad. Coordina la línea de investigación "Fútbol Femenino, Indígena, Paralímpico y LGBTQIAPN+" del INCT Fútbol.

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, é vice-coordenadora do Núcleo de Antropologia e Estudos da Imagem Audiovisual (NAVI/UFSC), atuando principalmente nas áreas de esporte, globalização e gênero. Atualmente, é pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, com foco nos temas consumo e sustentabilidade. Coordena a linha de pesquisa "Futebol Feminino, Indígena, Paralímpico e LGBTQIAPN+" do INCT Futebol.

MARTINA PASTORINO BARCIA

Licenciada en Educación Física (ISEF - Udelar). Magíster en Educación Física (ISEF - Udelar). Docente del Departamento de Educación Física y Deporte del Instituto Superior de Educación Física (ISEF) en el Centro Universitario Regional Este. Integrante del Grupo de Estudios

Sociales y Culturales sobre Deporte. Coordinadora del Espacio de Formación Integral Picaditos Etnográficos.

Graduada em Educação Física (ISEF - Udelar). Mestre em Educação Física (ISEF - Udelar). Professora do Departamento de Educação Física e Desporto do Instituto Superior de Educação Física (ISEF) do Centro Universitário Regional do Leste. Membro do Grupo de Estudos Sociais e Culturais do Desporto. Coordenadora do Espaço Integral de Formação "Picaditos Etnográficos".

MARÍA PÍA ECHENIQUE MARRERO

Licenciada en Educación Física y Técnica en Fútbol, Instituto Superior de Educación Física, Universidad de la República (Uruguay). Integrante del Grupo de Estudios Sociales y Culturales sobre Deporte. Docente del Departamento de Educación Física y Deporte, ISEF, Udelar.

Graduada em Educação Física e Técnica de Futebol pelo Instituto Superior de Educação Física da Universidade da República (Uruguai). Membro do Grupo de Estudos Sociais e Culturais do Esporte. Professora do Departamento de Educação Física e Esporte do ISEF, Udelar.

MARIANE PISANI

Profesora en la Universidad Federal de Piauí. Coordina el Grupo de Investigación en Antropología Social e Interseccionalidades, donde realiza investigaciones sobre Género y Sexualidades, Antropología Audiovisual, Antropología del Deporte. Subcoordinadora general del INCT Fútbol. Está vinculada a la Asociación Brasileña de Antropología, donde actúa como editora jefa de la revista Novos Debates y Coordinadora del Comité Editorial de Revistas Científicas.

Professora da Universidade Federal do Piauí. Coordena o Grupo de Pesquisa Antropologia Social e Interseccionalidades, onde desenvolve pesquisas sobre Gênero e Sexualidades, Antropologia Audiovisual e Antropologia do Esporte. É também Coordenadora-Geral Adjunta do INCT Futebol. É filiada à Associação Brasileira de Antropologia, onde atua como editora-chefe da revista Novos Debates e coordenadora do Comitê Editorial de Periódicos Científicos.

N.E.: as informações e respectivas grafias foram validadas pelo coordenador editorial da obra.

